

ALGUÉM SOZINHO CONTRA O MUNDO
UMA HISTÓRIA REAL INESQUECÍVEL

Um
Longo
Caminho
em
Auschwitz

MAX EISEN

«Onde queimam livros,
no fim também queimarão pessoas.»

Heinrich Heine

alma
dos
livros

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

ALGUÉM SOZINHO CONTRA O MUNDO
UMA HISTÓRIA REAL INESQUECÍVEL

Um
Longo
Caminho
em
Auschwitz

MAX EISEN

«Onde queimam livros,
no fim também queimarão pessoas.»

Heinrich Heine

alma
dos
livros

MAX EISEN

UM LONGO CAMINHO EM AUSCHWITZ

Tradução de
Alexandra Cardoso

alma
dos livros

info@almadoslivros.pt

www.almadoslivros.pt

facebook.com/almadoslivrospt

instagram.com/almadoslivros.pt

© 2021

Direitos desta edição reservados

para Alma dos Livros

Copyright © 2014

Posfácio © 2016 by Amanda Grzyb

Pós-escrito © 2016 Piotr M.A. Cywiński

Nota sobre o autor © 2016 Eli Rubenstein

Todas as fotografias são cortesia do autor, exceto as indicadas de outra forma.

Citação das pp. 227-228 reproduzida com a permissão de Murray Dixon, *The Rebirth and Restoration of Israel* (Ellel, Lancaster: Sovereign World Ltd., 1988)

Tradução e carta das pp. 246-247 reproduzidas com a permissão de Thuringian Main State Archives, Weimar, J.A. Topf & Sons, Erfurt, no. 14, p. 85

Tradução e carta das pp. 249-250 reproduzidas com a permissão de Thuringian Main State Archives, Weimar, J.A. Topf & Sons, Erfurt, no. 14, p. 98

Mapas desenhados por *Larry Eisen*

Título: *Um Longo Caminho em Auschwitz*

Título original: *By Chance Alone*

Autor: Max Eisen

Tradução: Alexandra Cardoso

Revisão: Joaquim E. Oliveira

Paginação: Maria João Gomes

Capa: Vera Braga/Alma dos Livros

Imagem de capa: istockphoto/Ivan Miladinovic

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal: 481 024/21

1.^a edição: Maio de 2021

Todos os direitos reservados.

**Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na lei.**



Birkenau no fim da linha. Fotografia gentilmente cedida por Ian Jones.

Para a adorada família onde nasci, morta numa fúria de ódio, mas que me preparou um mapa para que eu o seguisse. Viverá no meu coração para sempre.

À minha dedicada e amorosa família atual. Anos antes, não podia imaginar que iria viver para a conhecer. É composta pela minha amada esposa, Ivy, pelos meus dois filhos, Edmund Irving e William Larry, e pelas minhas netas, Amy Tzipporah e Julie Leah, e por todos os meus bisnetos. Rodeiam-me de amor, estabilidade e grande alegria.

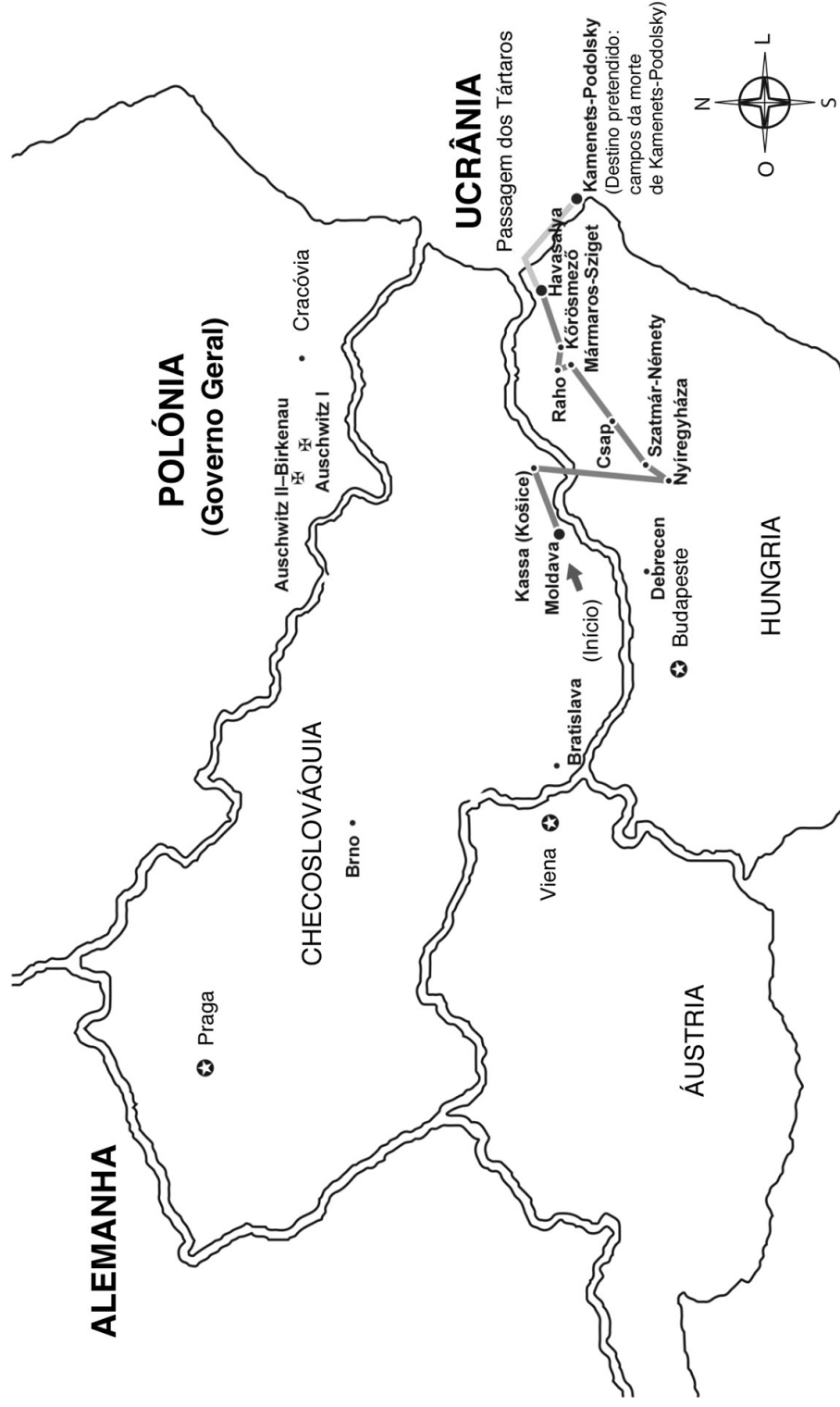
Aos inúmeros alunos que assistiram às minhas apresentações. Este livro é um lembrete para que fiquem alerta relativamente às ideologias radicais e para que nunca sejam meros espectadores. O seu respeito e elogios têm sido, para mim, uma grande inspiração.

No verão de 2012, após duas tentativas prévias, comecei a trabalhar neste livro com a assistência editorial de Amanda Grzyb, professora associada de Estudos de Informação e Meios de Comunicação na Universidade de Western Ontario e especialista em Genocídio Comparativo. Juntos, gravámos horas de entrevistas, as quais foram depois transcritas. No entanto, quando começámos a juntar as transcrições numa narrativa coesa, a história simplesmente não soava como eu tinha imaginado. Na primavera de 2014, decidimos pôr as entrevistas de lado e recomeçar. O processo foi meticuloso. Escrevi os capítulos a lápis em folhas de papel de 20,3 x 27,9 cm dobradas ao meio e, em seguida, a minha mulher, o meu filho ou a minha neta datilografaram-nas pacientemente no nosso computador. Entreguei cada capítulo datilografado a Amanda e ela editou-os e devolveu-os com perguntas e sugestões para revisões adicionais. Amanda e eu encontrámo-nos com frequência no ano seguinte e, em abril de 2015 – quase 70 anos após a minha libertação do campo de concentração de Ebensee –, eu tinha um rascunho concluído detalhando os meus anos de infância e a minha subsequente sobrevivência durante os dias sombrios do Holocausto.

As datas e os locais referidos neste livro são descritos conforme me lembro e quaisquer erros factuais são involuntários e da minha exclusiva responsabilidade. Após um lapso de 70 anos, escrevi as minhas memórias com a maior precisão possível.

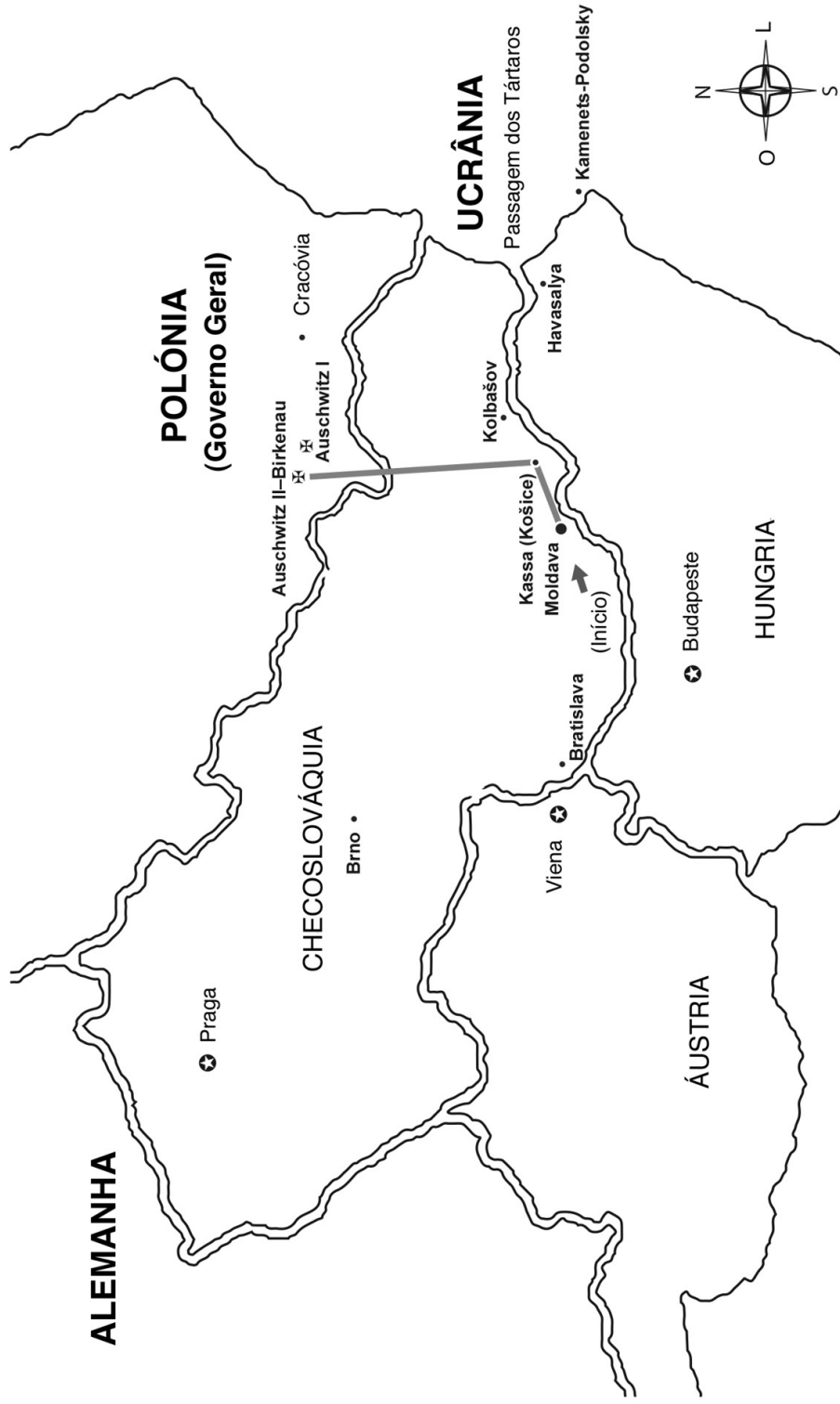
Deportação para Havasalya

Agosto de 1942



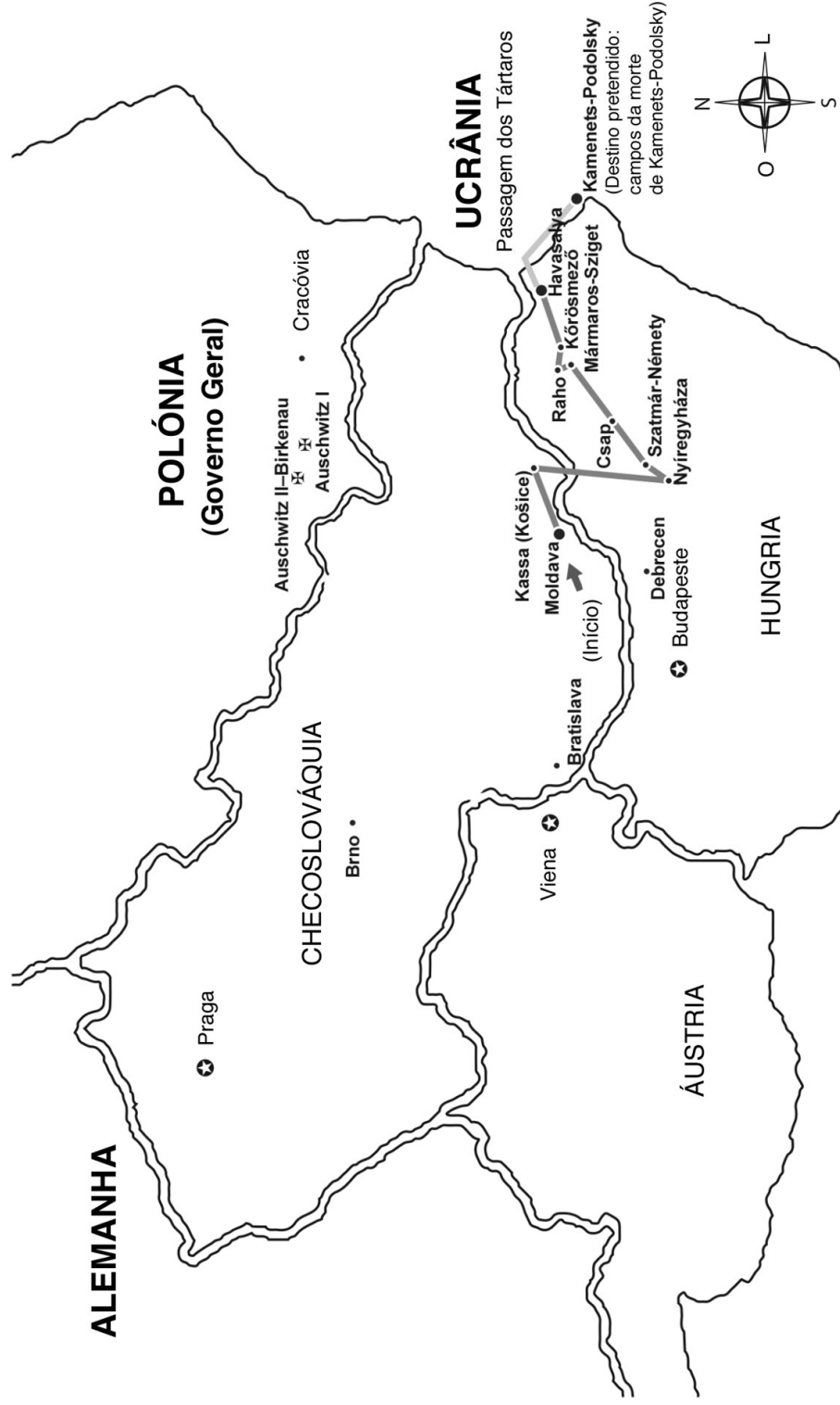
Deportação da Olaria de Kassa para Auschwitz II-Birkenau

Maio de 1944



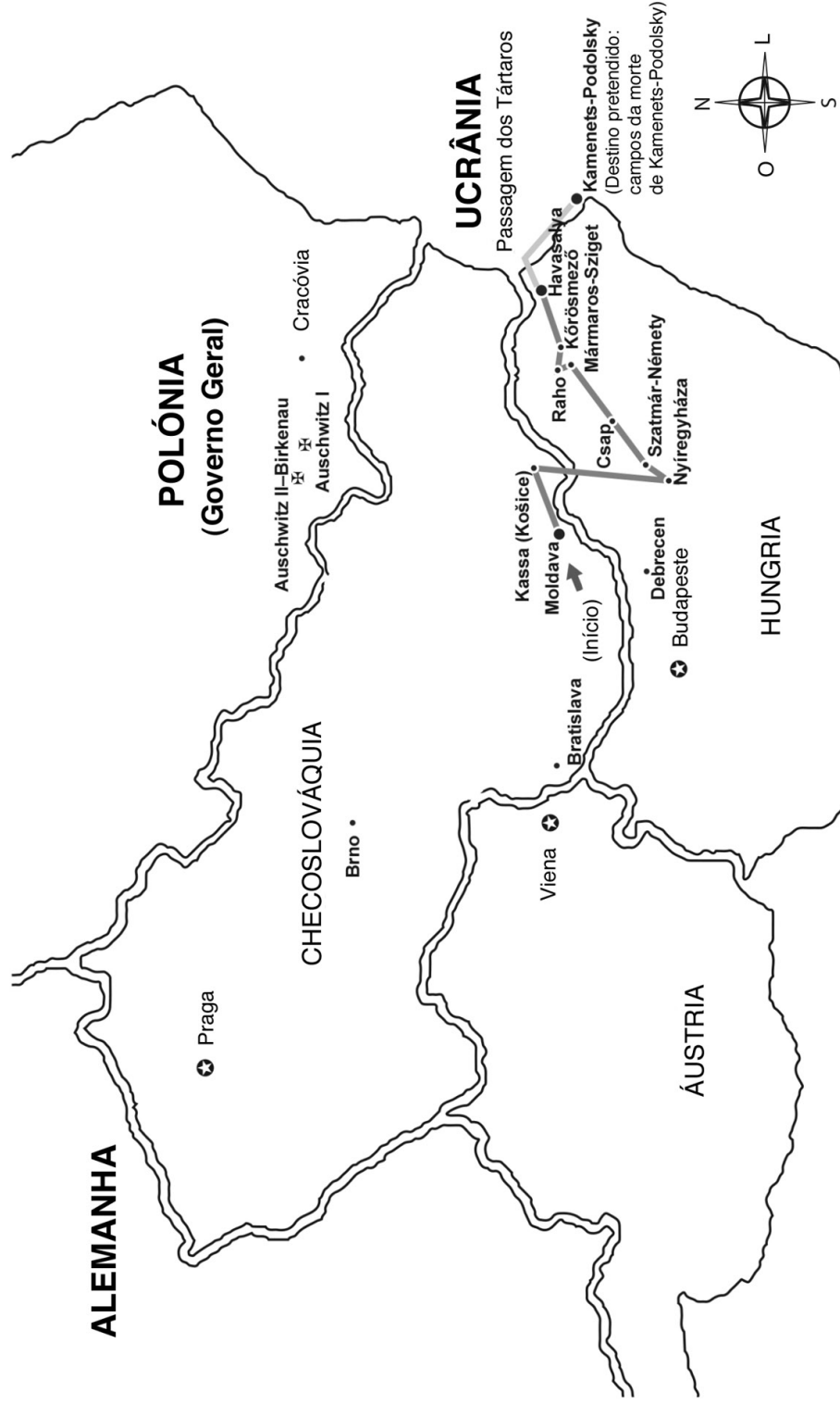
Deportação para Havasalya

Agosto de 1942



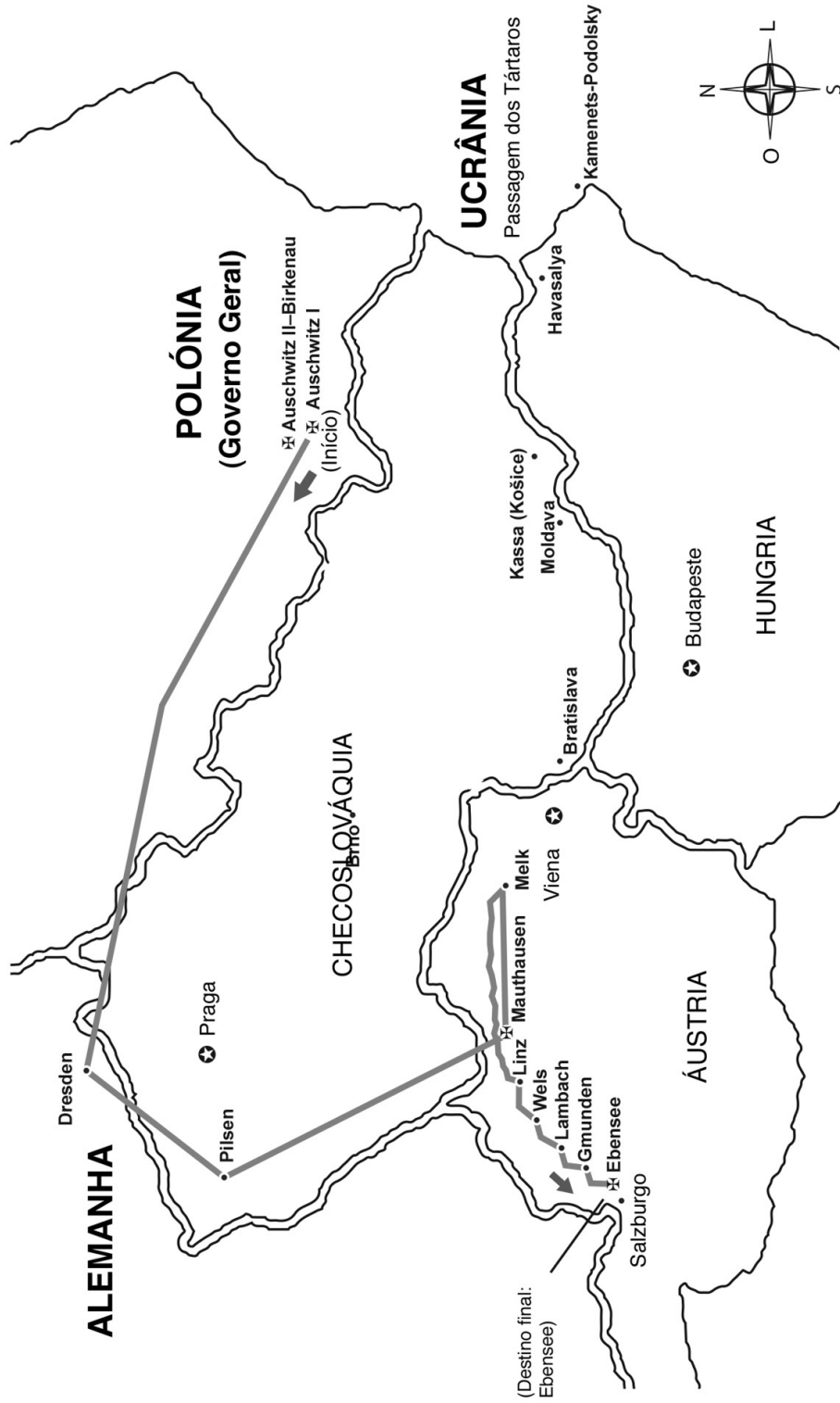
Deportação para Havasalya

Agosto de 1942



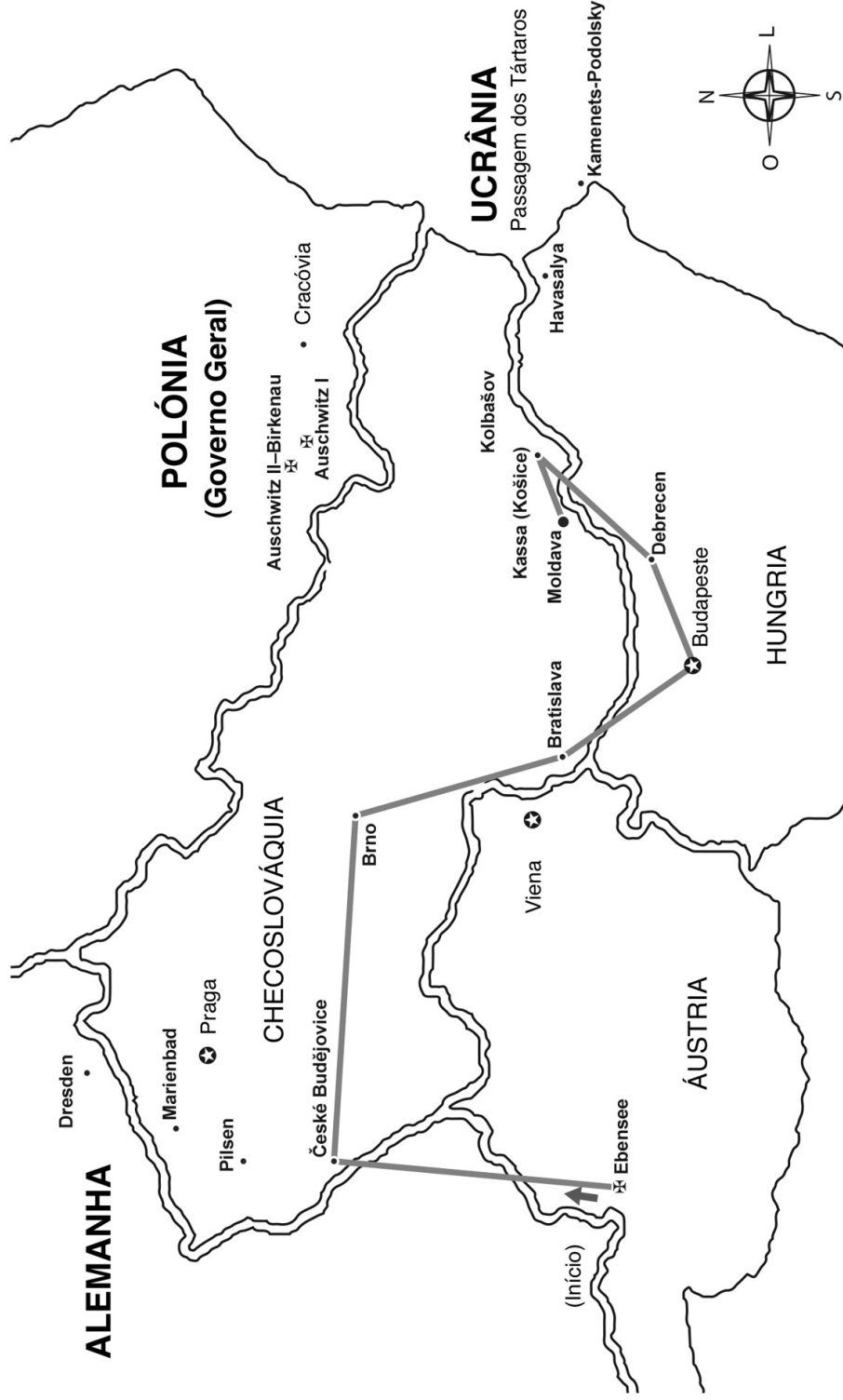
Marcha da Morte para Ebensee

Janeiro-Abril de 1945



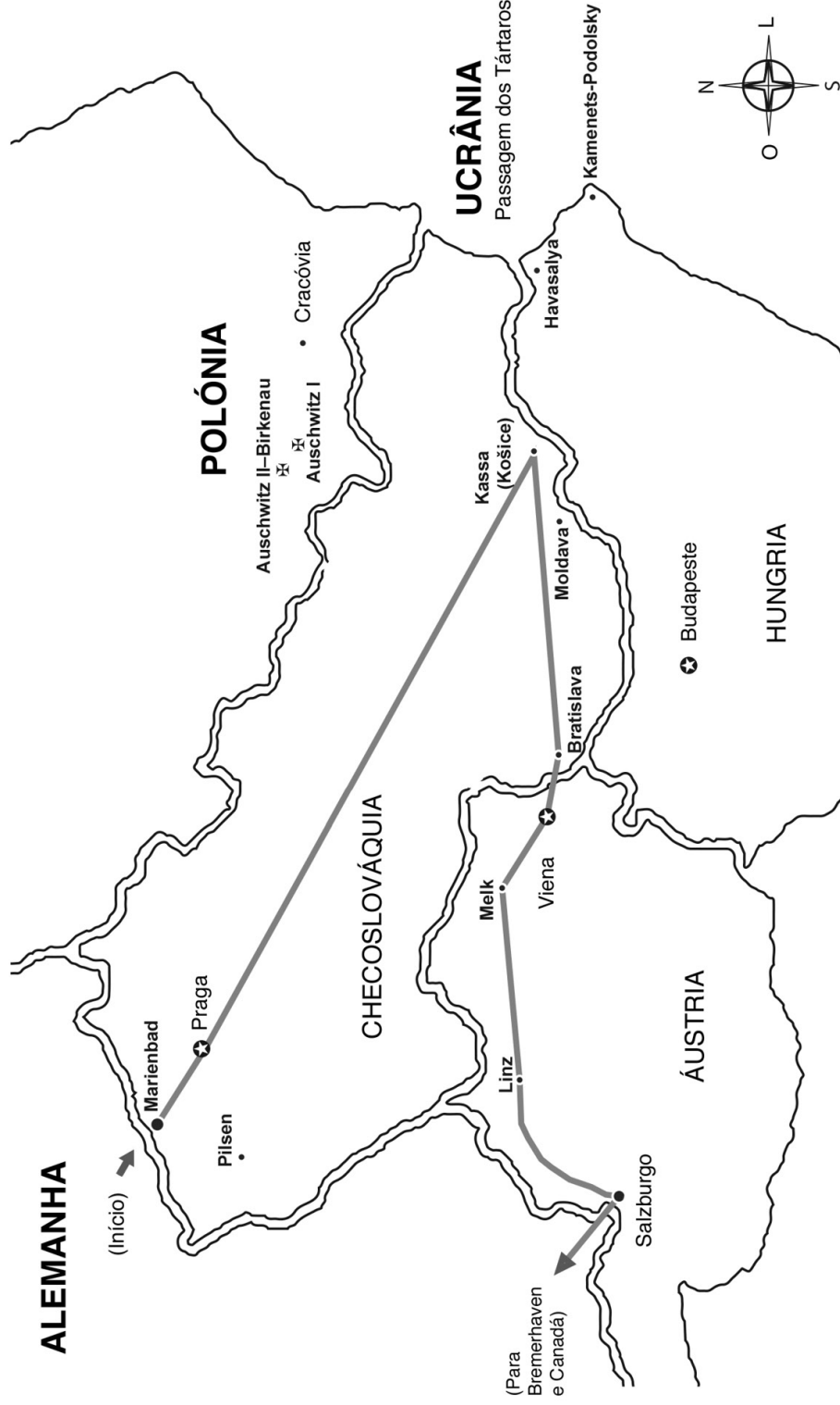
Após a Libertação

6 de Maio de 1945



Fuga para o Ocidente

Outubro de 1948





Com a minha neta Amy na Marcha dos Vivos, em 1998. Esta foi a primeira vez que voltei a Auschwitz desde a guerra.

Na primavera de 1998, fui convidado a acompanhar um grupo de 150 adolescentes de Toronto numa viagem à Polónia, onde iriam participar na Marcha dos Vivos, um evento anual que ocorre no *Yom HaShoah*, ou Dia da Memória do Holocausto. Todos os anos, dez mil pessoas de todo o mundo reúnem-se em Auschwitz I e marcham juntas até Auschwitz II-Birkenau, onde participam num serviço religioso em memória dos seis milhões de judeus assassinados pelos nazis e seus colaboradores. Amy, a minha neta mais velha, fazia parte desse grupo; aos 16 anos, tinha praticamente a mesma idade que eu quando entrei no campo em 1944.

Enquanto orador sobrevivente, fui incumbido de preencher as lacunas que faltavam, os sons, os cheiros e as sensações deste lugar. Pela primeira vez em 53 anos, ia entrar no campo de extermínio onde os nazis tinham assassinado tantos elementos da minha família e tantos amigos. Sem túmulos para visitar, isto era o mais perto que podia ficar dos seus espíritos e eu sabia que seria uma experiência emocionalmente difícil para mim.

A minha chegada a Auschwitz II-Birkenau, em maio de 1944, foi uma experiência aterrorizante. Quando saí do comboio, notei imediatamente quatro enormes crematórios muito perto da plataforma, aninhados no meio de algumas bétulas. Embora só tenha descoberto o seu propósito mais tarde, aquelas estruturas sinistras, com as suas enormes chaminés, vomitavam chamas e fumo, e a alvenaria estalava com o calor do uso contínuo. Lembro-me de ter ficado sem palavras e de me sentir sem fôlego, como se algo monstruoso me fosse engolir. Ao mesmo tempo que me alinhava na plataforma, separado da minha mãe e dos meus irmãos, via-me desamparado e sozinho, com medo do desconhecido. Os soldados das SS que controlavam a plataforma tinham uma aparência brutal e o símbolo da caveira e dos ossos cruzados que traziam nos bonés causava-me pânico. Quando voltei a Auschwitz II-Birkenau, em 1998, já não havia sinais imediatos das enormes chaminés ou dos edifícios que outrora tinham abrigado as câmaras de gás e os crematórios. As SS destruíram-nos antes de

abandonarem o campo, em janeiro de 1945, e as estruturas jaziam agora em escombros. As bétulas tinham crescido e, onde antes existia lama, havia agora uma cobertura de erva verde. O cheiro a carne queimada e os prisioneiros magros com os seus trajes andrajosos, acossados pelos guardas das SS, tinham desaparecido. O lugar parecia-me agora estranhamente benigno, e senti-me impressionado principalmente pela sua imensidão, pelas ruínas dos blocos e pelo arame farpado. A alguns quilómetros dali, em Auschwitz I, vi o bloco onde passei tantas noites, os locais onde fui forçado a ficar de pé no *appel* durante horas a fio e o sítio onde a orquestra tocava. Lembrei-me da fome, do terror e da exaustão constantes, mas também me lembrei de alguns momentos críticos de conselhos, de pequenos atos de generosidade, de conversas com os meus colegas prisioneiros e do hospital do campo, que se tornou uma parte tão importante na minha história.



Numa breve palestra diante da clínica onde trabalhei, no Bloco 21, em 2014.

Sherri Rotstein, uma das organizadoras do contingente canadiano da Marcha dos Vivos, lembra-se de me ter visto naquela tarde rodeado por participantes do programa. Disse que eu estava a olhar para longe e interrogou-se sobre quais seriam os meus pensamentos. Ela sabia que eu

tinha voltado atrás no tempo – emocional e fisicamente –, que rumara a um lugar muito escuro, mas sentiu-se animada pelo facto de eu estar rodeado de jovens judeus, do futuro judeu. Era verdade que estar de volta ao campo me enchia de tristeza, mas também me senti confortado por ver a Amy deixar uma fotografia da minha família perdida nas ruínas do Crematório II. Eu sabia que eles estavam connosco em espírito. E a Amy representava as gerações de filhos e netos que prosperaram após o Genocídio.

A minha primeira peregrinação de regresso a Auschwitz II-Birkenau deu-me força para ver, sentir e transmitir os atos horríveis que os nazis ali perpetraram. Foi nessa viagem que voltei a comprometer-me com a tarefa de orador e educador sobre o Holocausto, um trabalho que tinha iniciado seis anos antes. Desde então, mantive uma agenda rigorosa de apresentações em escolas e noutros eventos, e regressei a Auschwitz várias vezes. Numa dessas viagens, a minha outra neta, a Julie, juntou-se a mim. Disse-me que se lembrava de ouvir as histórias sobre os campos de extermínio quando era pequena, mas que só depois de percorrer os terrenos de Auschwitz compreendeu realmente o nível das mentiras dos nazis e a extensão da destruição de vidas humanas. Descreveu o impacto de ver o meu bloco, o meu beliche e os lugares onde trabalhei. Sempre me considerara um homem forte, feliz e cheio de energia, nada marcado pelas tragédias que se tinham abatido sobre mim e a minha família. Disse-me quanto respeitava a minha missão pessoal de educar o maior número possível de pessoas sobre o destino dos judeus durante o Holocausto.

Fiz a minha primeira apresentação pública perante um grupo de alunos do 13.º ano da escola secundária católica de St. Joseph, em Barrie, no Ontário, em maio de 1992. Estava nervoso e dei por mim a arfar à frente deles, enquanto contava rapidamente a minha história. Não tinha competências de palestrante que me permitissem transmitir a minha apresentação com facilidade. Depois de terminar, disse a mim mesmo que nunca mais o voltaria a fazer, mas, alguns dias depois, o professor enviou-me uma nota de agradecimento, declarando que os alunos tinham gostado muito da minha franqueza e que agora entendiam muito melhor o Holocausto. Este *feedback* deu-me a confiança de que precisava e continuei a falar por convite noutros lugares.

Daquele dia em diante, embarquei numa jornada de aprendizagem contínua e aperfeiçoei as minhas capacidades de comunicação perante grupos de diferentes idades. Hoje falo para estudantes do 5.º ano até à universidade. Viajei por todo o Canadá, das Províncias Marítimas à Colúmbia Britânica, dando palestras e dirigindo-me a audiências grandes e pequenas, umas do tamanho de uma sala de aula e outras com quase dois mil alunos do ensino secundário num grande auditório.

Numa ocasião, durante uma sessão numa escola primária em Sudbury, no Ontário, fui recebido à porta por um grupo de alunos do 5.º ano e vi que todos usavam autocolantes com a estrela de David ao peito. Perguntaram-me se eu também queria um. Apliquei o meu e eles acompanharam-me até à sala de aula, onde estavam reunidos 80 alunos. A professora informou-me que eles tinham lido um livro intitulado *Number the Stars* e que tinham ficado sensibilizados com a dor da discriminação. Passei duas horas com eles e contei-lhes a minha história. Eles tinham escrito várias perguntas em folhas de papel e fiz o possível para lhes dar resposta. Quando terminámos, puseram-se todos em fila e quiseram que eu assinasse os seus papéis com as perguntas e que escrevesse um comentário. Alguns deles até tinham papéis extras para eu assinar para levarem para as famílias. Poucos meses depois, recebi uma encomenda enviada pela escola. Esta continha uma manta de retalhos de feltro com 20 painéis que retratavam o que os alunos tinham aprendido com a minha apresentação. Um painel representava uma locomotiva a puxar vagões de gado; outro mostrava pequenos barcos de pesca a transportar judeus dinamarqueses para a Suécia; outro ainda tinha uma imagem da minha família, incluindo os meus dois irmãos, de mãos dadas. A manta era um verdadeiro projeto memorial notável e reforçou, em mim, a importância de uma aprendizagem de envolvimento total sobre a História.

Muitos dos alunos com quem falo estão no 10.º ano, porque esse é o ano em que é ensinada a História da Segunda Guerra Mundial. Desafio-me a prender-lhes a atenção durante hora e meia, bem como durante o período de perguntas e respostas subsequente. Com frequência, os alunos abordam-me após as minhas palestras para fazer comentários, tirar fotografias ou pedir o meu autógrafo. Professores e diretores dizem-me muitas vezes que

ficam maravilhados com o nível de concentração dos alunos enquanto eu falo. As muitas cartas que recebo, dos alunos e dos seus professores, são testemunhos de que eles entendem, de facto, a importância da história do Holocausto. Deixa as suas próprias dificuldades em perspectiva, incentiva à proteção de uma sociedade democrática e ajuda-os a pronunciar-se quando são testemunhas de injustiças.

Além de falar em escolas primárias e secundárias, tenho feito apresentações frequentes (às vezes anuais) em muitas universidades e faculdades, incluindo Lakehead, Trent, Ryerson, Brock, a Universidade de Northern British Columbia, a Universidade de Alberta, a Universidade de Manitoba, a Universidade de Regina, St. Francis Xavier, Western e Seneca. Também discurssei para os cadetes de polícia da região de York, para a Polícia da Província do Ontário e para o Canadian Forces College, em Toronto. Fiz apresentações em igrejas, sinagogas, bibliotecas e centros comunitários durante a Semana de Educação Sobre o Holocausto. Os meus compromissos fora da cidade são muito intensos; às vezes chego a fazer cinco apresentações em três dias. Estas viagens podem ser físicas e emocionalmente esgotantes, mas sinto que são necessárias. E, apesar da natureza exigente do trabalho, fico sempre contente por conhecer pessoas diferentes de todo o país. Se estiver disponível, nunca recuso um pedido para falar.

Embora doloroso, o meu trabalho como educador do Holocausto também renovou o meu espírito. Acredito que a nova geração pode identificar-se com o Holocausto e com as suas lições, compreendendo como o mal pode operar quando não é controlado. Tenho a esperança de que os alunos com quem me encontro combatam o racismo e a intolerância onde quer que os vejam e que se manifestem e façam uma diferença positiva na sociedade canadiana. Depois de muitos regressos a Auschwitz, também consigo ver que os remanescentes físicos do Holocausto continuam a deteriorar-se e que as testemunhas diretas, como eu, estão a avançar na idade. Reconheço a enorme importância de os sobreviventes contarem as suas histórias e de honrarem e recordarem as pessoas e o potencial humano que se perdeu. Este volume é a etapa final na minha viagem como educador do Holocausto e representa a minha própria contribuição permanente para esta história e

para a memória dos meus entes queridos, que se perderam neste horror.

Infância na Checoslováquia

Quando nasci em Moldava nad Bodvou, na Checoslováquia, em 1929, os meus pais não podiam ter previsto o perigo e a destruição que haviam de cair sobre a nossa família apenas uma década depois.

A nossa cidade tinha cerca de cinco mil habitantes, a maioria católicos e cristãos reformistas. Havia também cerca de noventa famílias judias, não chegando às quinhentas pessoas. A cidade tinha um ambiente seguro e eu tinha muitos amigos, tanto judeus como não judeus. Numa das pontas da praça principal ficava a igreja católica, e, na outra ponta, a igreja reformista. Construída na vigência do Império Austro-Húngaro, a escola primária pública, em estilo barroco, e o posto do correio também ficavam perto da praça principal. Havia uma escola secundária nas proximidades.

Eu vivia com a minha família imediata – o meu pai, a minha mãe, os meus avós, o meu tio e a minha tia – numa grande casa, e cada um tinha a sua divisão. Os negócios da cidade eram operados principalmente por comerciantes judeus, incluindo a confeitaria, um grande armazém geral, duas padarias, dois bares, várias lojas para produtos e materiais de jardinagem, um vidraceiro e uma ervanária. O meu pai era dono de um bar chamado Cellar, frequentado por pessoas que lá iam beber um copo e confraternizar, e onde ele fazia e vendia uma variedade de licores engarrafados com sabor a menta, a damasco e a chocolate. Havia um talho judeu e uma loja de bicicletas gerida por uma família que também tinha uma concessão da Shell Oil para venda de gasolina. A clínica médica da cidade incluía dois médicos judeus, o Dr. Fried e o Dr. Laszlo, e dois dentistas judeus, um dos quais, o Dr. Gertner, era o nosso dentista de família. Dois outros bares e um talho pertenciam a residentes não judeus e eram por eles geridos. O governo da cidade era supervisionado pelo equivalente a um presidente da câmara, o qual também era o chefe do distrito de Abaúj-Szántó. Também havia uma esquadra de polícia.

A minha mãe, a minha tia e a minha avó, tal como o resto das mulheres

judias da cidade, eram pessoas inteligentes, educadas, capazes e participativas. Todas faziam trabalhos de voluntariado, como a confecção de enfeites para a sinagoga e a prestação de ajuda aos pobres. Também deixávamos que os necessitados colhessem dos pomares da nossa propriedade. Quando os vestidos de malha se tornaram moda, as mulheres começaram também a tricotar, fazendo roupas para si e para as filhas.

A minha família alargada incluía o meu avô Raphael, a minha avó Malvina, a minha tia Bella, o meu tio Eugene, que era irmão do meu pai, e a sua mulher, Irene. Embora todos me tenham moldado a infância, o meu avô ensinou-me muitas aptidões importantes para a vida, que ainda uso hoje, e eu tinha um respeito especial por ele e valorizava a atenção que me dava. O meu pai tinha outra irmã, que morava numa cidade chamada Almás com o marido e os filhos. O seu apelido era Lazarovits. A ajudante da minha mãe, Anna, foi outra pessoa importante nos meus primeiros anos. Anna veio morar connosco quando eu nasci e era uma mulher forte de corpo e espírito. Embora não fosse judia, conhecia os nossos costumes e sabia recitar algumas das nossas bênçãos dos alimentos. Na minha ideia, ela também fazia parte da família.



Fotografia de casamento do meu tio Jeno (Eugene) com a minha tia Irene captada em 1930.

Eu admirava a força e os conhecimentos do meu avô. Ele tinha sido oficial de cavalaria no Império Austro-Húngaro e tinha lutado na frente russa durante a Primeira Guerra Mundial. Os judeus da Áustria-Hungria (que tinham sido emancipados em 1849) reverenciavam o imperador Francisco José, e os anciãos da minha cidade, veteranos e camaradas daquele período, usavam barba e patilhas encaracoladas, iguais às dele. O meu avô e o meu tio Eugene geriam a madeireira da nossa propriedade. Nos dias de mercado, cerca de dez agricultores estacionavam os cavalos e as carroças no nosso pátio enquanto iam vender os seus produtos. Eu adorava cavalos e aquilo era um grande evento para mim. Antes de partirem, os agricultores compravam madeira no nosso pátio e o meu avô registava as

compras no seu grande livro-razão. (Depois, no tempo das colheitas, pagavam o que compravam com grãos ou com gado.) Assim que partiam, o meu trabalho, juntamente com o meu avô, era limpar o esterco deixado para trás com uma vassoura de cabo longo. O estrume era usado para fertilizar a nossa horta e o seu odor natural não me incomodava. Além do trabalho constante na madeireira, o meu avô e eu também podávamos e enxertávamos as árvores de fruto dos nossos pomares. Sempre preferi estas tarefas à escola, por mais difícil que fosse o trabalho.

Quando o meu avô ia comprar secções de floresta para serem convertidas em madeira, eu era às vezes convidado a acompanhá-lo. Uma vez, entrámos num bosque de pinheiros altos e eu conseguia ouvir o vento nas copas e sentir o cheiro da resina, enquanto o meu avô verificava o tamanho e a circunferência das árvores destinadas ao corte. Em pensamento, interroguei-me se ele saberia sair da floresta densa, mas o meu avô ensinou-me a detetar sinais específicos que nos ajudaram a encontrar o caminho. Enquanto saíamos, mostrou-me os cogumelos comestíveis e os venenosos.

Morávamos numa área rural onde os cavalos e as cabeças de gado eram numerosos, e havia ocasiões em que estes animais comiam ervas que não eram boas para a sua digestão, deixando-os inchados e a precisar de alívio imediato. Quando não havia veterinários que realizassem esse serviço, o meu avô era chamado para lhes libertar o gás das barrigas. Os agricultores ficavam gratos por ele estar disponível e a sua experiência nessa área impressionava-me. Aprendi muitas coisas a observá-lo – principalmente a importância do trabalho bem feito.

O meu pai, por outro lado, abraçou a era do automóvel na década de 1920 e início da de 1930, numa fase em que muitas mudanças sociais e culturais estavam a acontecer. A certa altura, teve e conduziu um autocarro que fazia o trajeto da nossa cidade até Košice¹, a capital da nossa província, a aproximadamente cinquenta quilómetros de distância. O condutor do autocarro também era o cobrador dos bilhetes, mas, ao fim de algum tempo, o meu pai percebeu que o homem estava a ficar com parte das receitas e o trajeto estava a fazê-lo perder dinheiro. E, no espaço de um ano, vendeu o autocarro. Também teve um carro descapotável, que

conduziu durante muitos anos, mas este acabou por ficar sem conserto e terminou os seus dias num canto do nosso quintal, onde se afundou até aos eixos. Os meus amigos e eu costumávamos sentar-nos no veículo enferrujado e fingíamos que o conduzámos.



O meu irmão mais novo, Eugene (à esquerda), Alfred e eu em 1939.

Por volta de 1940, o meu pai abriu o Cellar, um bar popular onde as

pessoas gostavam de confraternizar. Às vezes, eu recebia a tarefa de aplicar rótulos exóticos nas garrafas de licor e cera vermelha nas rolhas, acrescentando, em seguida, o selo do meu pai à cera. Cada garrafa era, então, guardada numa manga de tecido e polvilhada com pó de giz branco, o que lhe dava uma aparência envelhecida. Não raro, ia entregar essas garrafas a clientes na cidade. Eu gostava do tempo que passava no Cellar e o meu pai deixava-me ser o seu ajudante. Nas noites frias e escuras de inverno, depois da escola hebraica, eu ia muitas vezes até ao estabelecimento do meu pai e esperava lá até à hora de fechar, por volta das oito da noite. Ele dava-me um pouco de álcool para gargarejar e matar bactérias no inverno. Eu ficava contente por ficar à espera dele, em vez de ir para casa sozinho, no escuro.

Lembro-me das alturas em que, depois de a escola acabar, às quatro da tarde, os meus amigos e eu comprávamos pãezinhos na padaria Deutch e depois íamos até ao Cellar, onde estávamos autorizados a abrir a torneira de um barril de licor com que ensopávamos os nossos pães. Todos os meus amigos queriam ir até ao Cellar para se fortificarem antes da escola hebraica. Embora fosse rígido, o meu pai tinha um ótimo sentido de humor, e aquela foi uma época feliz para mim e para os meus amigos.

Embora fosse o meu pai a sustentar a família, era a minha mãe quem estabelecia uma atmosfera segura e definia o ritmo do ambiente doméstico, apoiando as nossas necessidades físicas e psicológicas quotidianas. Nasci em 1929, tinha ela vinte e cinco anos, e o meu pai, vinte e sete. O meu irmão Eugene nasceu em 1932, o meu irmão Alfred, em 1936, e a minha irmã mais nova, Judit, em 1943, o que representava uma diferença de catorze anos entre nós. Nascemos todos na casa de família com a ajuda de parteiras. O meu irmão Eugene era o mais inteligente e eu sentia-me numa posição desfavorável sempre que ele acabava os trabalhos de casa sem problemas e eu não.

Parecia-me que ele teria sido capaz de lidar facilmente com as exigências tanto da escola pública como da escola hebraica. Havia uma rivalidade de irmãos natural entre nós. Alfred, de cabelos loiros e olhos azuis, por outro lado, era mimado por mim e por todos os outros membros da família, e era considerado o bebé até ao nascimento de Judit, sete anos depois.

A minha memória mais antiga é estar sentado na barra transversal da bicicleta do meu pai, quando ele me levou à escola hebraica para me apresentar ao professor. Eu ia deixar a segurança da minha família pela primeira vez, e levava na mão um simples saco de papel, com um pão com manteiga e um tomate para o almoço. A escola ficava ao lado da sinagoga, no centro da cidade, a cerca de um quilómetro da nossa casa. Para um rapaz de cinco anos, parecia uma longa distância. O meu pai entregou-me ao professor, que falou comigo em iídiche, uma língua que eu não compreendia. Em casa falávamos húngaro, a minha língua materna.

Senti-me muito assustado com este novo ambiente estranho. Estava um lindo dia de sol e havia muitas crianças da minha idade e mais velhas a brincar no pátio da escola. Algumas delas entalhavam apitos a partir de galhos de salgueiro, enquanto outras, descalças, tentavam pescar pequenos peixes debaixo das rochas do rio Bodvou que corria à beira da escola. Aos poucos, fiz amigos e passei a poder ir para a escola sozinho. Na única sala de aulas havia três mesas com bancos e as crianças eram agrupadas por idade e capacidade. Este era um *cheder* (escola) no qual os rapazes estudavam as Escrituras (a Bíblia Hebraica).

Um único professor supervisionava todo o grupo. Era um homem rígido e enérgico. Usava uma vara para manter a ordem, punindo aqueles que não aprendiam os textos corretamente. Fui obrigado a sentar-me no banco do seu lado direito e era punido regularmente pela minha falta de respostas. Tenho a certeza de que ele estava a tentar demonstrar as suas capacidades como professor ao meu pai, que era uma pessoa respeitada na comunidade, mas, quanto mais me punia, menos eu queria aprender.

A pressão deste ambiente hostil, combinada com as minhas aulas na rede pública de ensino (que comecei um ano depois), era mais do que eu conseguia suportar. Não só tive de aprender iídiche aos cinco anos, como também tive de aprender eslovaco aos seis para poder frequentar a escola pública. A escola pública terminava às quatro da tarde e depois íamos para a escola hebraica até às sete. Frequentava igualmente a escola hebraica aos domingos, e quando os Húngaros conquistaram o país, em 1938-39,

também frequentei a escola pública durante meio dia aos sábados. Sobrava pouco tempo para as brincadeiras. A minha natureza rebelde refletia-se no meu desempenho insatisfatório em ambas as escolas, o que tinha como resultado castigos em casa dados pelo meu pai, que esperava melhores resultados. Felizmente, a minha mãe era mais compreensiva e veio em meu socorro em muitas ocasiões.

Um dia, o irmão da nossa vizinha Ily chegou para uma visita no seu carro desportivo, um *Škoda* vermelho-fogo. Reparei naquele belo carro estacionado diante da casa deles e senti-me atraído por ele como por um ímã. Na minha imaginação, via-me instalado atrás do volante indo-me embora a conduzir. Por fim, todos saíram de casa: Ily com um cesto de piquenique, o seu filho Nori e o irmão dela, um artista alto e bem vestido. Iam visitar as grutas de estalactites em Dobsina, a aproximadamente hora e meia de distância. Eu estava desejoso de ser convidado para ir com eles, mas quando Ily me perguntou: «Porque não vens, Tibor?» – eu era conhecido por Tibor na minha juventude –, enfrentei uma decisão importante. Era o nosso Sabat e conduzir um carro era estritamente proibido. Se o meu pai descobrisse, a punição seria terrível. Dividido entre o medo e o desejo, optei por entrar no carro e sofrer as consequências mais tarde; estava determinado a não perder a oportunidade.

Enquanto atravessávamos a cidade, escorreguei até ficar escondido no carro, para que ninguém me visse. As estalactites eram absolutamente fantásticas e eu nunca tinha visto nada assim. No caminho para casa, o meu estômago revirava-se de medo pelo que me esperava. Já estava a anoitecer quando chegámos. Saí sorrateiramente do carro, tentando não ser notado, e fingi estar a regressar de uma longa caminhada. A casa estava assustadoramente silenciosa quando me aproximei. Achei que todos deviam saber da minha indiscrição. O meu pai, que deve ter visto o carro voltar, confrontou-me mal entrei em casa e levou-me até ao pomar, onde me deu uma boa sova. Disse-me que eu tinha cometido um grande pecado por desrespeitar o Sabat. A minha mãe teve pena, mas não disse nada. Cerrei os dentes e aguentei o castigo, mas isso não me impediu de seguir os meus impulsos, naquele momento ou no futuro.

Numa certa ocasião, o meu amigo Gaby Lichtman e eu saímos da escola

hebraica para ir até à casa dele buscar alguns livros para ler antes das orações noturnas. Todos os dias, na escola hebraica, fazíamos um intervalo ao pôr do sol para ir orar na sinagoga e depois voltávamos para a escola e ficávamos lá até às sete horas. Naquele dia específico, o inverno estava no auge e escurecia por volta das cinco horas, o que nos deixava apenas dez minutos antes de termos de estar na sinagoga. Eu adorava livros com cowboys e bandidos, e enfiei rapidamente vários debaixo da minha camisa e do casaco de inverno. Quando chegámos à sinagoga, contudo, o serviço religioso já estava a decorrer. Entrei na fila com o resto dos alunos e fiz as minhas orações, mas o professor viu-nos chegar atrasados e lançou-me um olhar zangado. Eu sabia que estava em sarilhos.

Quando nos sentámos, o professor aproximou-se para me dar uma palmatada na cara. Torci-me para tentar evitar a mão dele, porque não queria ser castigado diante de toda a congregação, e, ao fazê-lo, todos os livros que tinha dentro da camisa caíram para o chão da sinagoga. Fiquei extremamente envergonhado e desejei que o chão se abrisse e eu pudesse desaparecer. Aquele incidente embaraçou o meu pai, que também estava presente nas orações. Portanto, toda a comunidade tinha testemunhado o meu mau comportamento. Eu sabia que as consequências seriam duplas: o meu pai castigar-me-ia e, pior ainda, os livros iam ser todos confiscados e eu ia deixar de ter autorização para ler histórias de aventuras.

Boa parte da minha aprendizagem desenvolveu-se fora das escolas, orientada em grande parte pela minha tia Bella, que lia muito. Aprendi a ler húngaro sentado ao colo da tia Bella, e aos cinco anos já conseguia ler livros. A tia Bella era uma mulher linda, mas era também inválida, devido à poliomielite, o que lhe limitava a mobilidade. Apesar da sua deficiência, mantinha uma disposição alegre e tinha grande interesse pela vida de todos nós. A rotina doméstica girava em torno das suas necessidades especiais, que eram atendidas principalmente pelos meus avós. O avô ajudava-a a levantar-se da cama e a avó lavava-a e vestia-a, penteava-lhe o cabelo comprido e sedoso, entrançava-o e prendia-o num coque. Bella era muito culta, apesar da falta de uma educação formal, e partilhava de boa vontade os seus conhecimentos connosco. Passei muitos momentos agradáveis a ouvir o seu repertório de histórias, e os meus irmãos e eu disputávamos a

sua atenção.

Além da rotina diária de Bella, o ritmo da nossa casa também era regulado pelas estações. No verão, quando os legumes estavam prontos para serem colhidos, as mulheres juntavam-se todas durante dias a processar os alimentos. Faziam conservas, salada de repolho e pickles que duravam até à primavera. No outono, arrancávamos tubérculos, tais como cenouras, rabanetes e batatas, e enterrávamo-los em areia na adega fria da nossa cave.

O chucrute era um alimento básico na nossa casa. Era feito no outono segundo um ritual que ainda hoje recordo muito bem. Ralávamos alqueires de repolho suficientes para encher um grande tambor de madeira, batíamos na massa ralada com um martelo de madeira até esta ficar aguada e, em seguida, cobríamos o repolho com folhas de louro, milho, maçãs abafadas e grãos de pimenta. Quando o tambor ficava cheio, cobríamo-lo com uma tampa de madeira e púnhamos uma pedra pesada sobre ela para a segurar e iniciar o processo de fermentação.

Fazer compotas de fruta era outro ritual familiar anual. A maioria das árvores do pomar eram ameixeiras e nós colhíamos-las para fazer dezenas de potes de geleia de ameixa preta. Quando as ameixas estavam maduras, eram colhidas e as sementes retiradas, e, no dia seguinte, o meu avô e eu instalávamos uma fogueira ao ar livre para ferver os frutos numa grande vasilha de cobre. Levava um dia inteiro para a geleia de ameixa cozinhar, pelo que a fazíamos geralmente durante a lua cheia, o que nos dava luz suficiente para trabalhar até tarde, noite dentro. Quando a geleia estava pronta, ficava espessa e pesada, e o meu trabalho era mexer a mistura deliciosa e transferi-la para frascos esterilizados. Os frascos eram tapados com papel vegetal e atados com um cordel, etiquetados por ano e depois divididos igualmente entre as nossas três famílias. Como recompensa maravilhosa pelo meu trabalho árduo, deixavam-me lambar a geleia que sobrava na panela de cobre.

Uma vez por semana, a minha mãe, a minha avó e a minha tia preparavam a massa para o pão da semana. O meu trabalho era transportar a massa num carrinho de quatro rodas até ao Sr. Deutch, o padeiro da

cidade, a caminho da escola. Depois da escola, passava pela padaria para ir buscar os três pães que o Sr. Deutch tinha cozinhado. A padaria estava cheia de aromas maravilhosos que deliciavam os sentidos. Os pães eram empilhados nas prateleiras e eu lia os nomes nas etiquetas para saber quais eram os nossos. Quando chegava com eles a casa, a minha mãe costumava cortar uma fatia grande para mim, barrava-a com gordura de ganso e polvilhava-a com colorau.

As três famílias – a minha família, os meus avós e a minha tia e tio – tinham as suas próprias salas de estar e quartos, e cozinhas equipadas com fogões a lenha para cozinhar e assar. Era maravilhoso para mim porque, muitas vezes, podia escolher o *menu* com base nos cheiros que saíam das três cozinhas. Adorava peixe e, todas as quintas-feiras, no verão, um pescador local trazia-nos duas trutas que a minha mãe assava em manteiga para o jantar. Eram uma delícia. Mas detestava a sopa de tomate com arroz que ela fazia, e corria para outra cozinha sempre que ela a preparava.

Galinhas e patos alimentados a cereais vagueavam por todo o nosso quintal. Os gansos eram alimentados com milho cozido e mantidos numa área separada, onde engordavam rapidamente. Estas aves respondiam a todas as nossas necessidades e éramos autossuficientes em carne e gordura para cozer e assar. A dieta de inverno dependia mais da carne e da gordura. Como éramos uma família judia ortodoxa tradicional, tínhamos de ser nós a processar a carne e a gordura dos gansos, para que nada fosse desperdiçado. Comíamos iguarias como fígado de ganso, pele de ganso tostada com puré de batata e cebolas salteadas, e muitas outras especialidades. As penas e a penugem eram arrancadas e usadas nas almofadas e edredões.

Uma cerca alta rodeava o nosso complexo e havia um portão principal para veículos e um portão pequeno para o tráfego pedestre. Era patrulhada pelos nossos três cães: um grande alsaciano chamado *Farkas* (lobo, em húngaro) e dois *fox terriers*, *Ali* e *Prince*. *Farkas* era o cão alfa e estava particularmente atento ao ambiente que o rodeava. Se alguém se aproximasse do complexo, podíamos dizer pelo tom do seu latido se era amigo ou inimigo, e sentíamos-nos sempre bem protegidos.

Como a nossa propriedade espaçosa se prestava a todos os tipos de diversão, os meus amigos reuniam-se muitas vezes ali para brincarmos aos *cowboys* e aos bandidos. Escondíamos-nos no sótão do estábulo velho, subíamos aos ramos das nogueiras ou desaparecíamos no barracão da lenha. Também nos metíamos em muitos sarilhos, pelos quais muitas vezes paguei as favas. Pelos meus onze anos, descobri o esconderijo do meu avô em cima do armário da roupa no seu quarto. Era ali que ele mantinha algumas coisas especiais longe de olhares curiosos. O armário alto era parte de um conjunto de dois feito de madeira escura esculpida com ornamentos. Eu sabia que havia coisas boas ali e estava curioso por saber que tesouros poderia encontrar. Um dia, subi a uma cadeira para chegar lá a cima e encontrei um coldre de couro volumoso que segurei nas mãos. Era pesado e perguntei de mim para mim se teria uma pistola lá dentro. Abri a aba de couro e eis que ali estava uma pequena *Beretta* polida com um punho preto. Cheio de entusiasmo, decidi ir imediatamente à cidade para a mostrar aos meus amigos. Ninguém seria capaz de me superar! Segurei no coldre com força debaixo do braço e saí, esperando sempre que o meu avô não notasse que ele tinha desaparecido.

Quando cheguei à cidade, os meus amigos rodearam-me e mostrei-lhes a arma. Ficaram todos muito impressionados e alguns foram chamar mais amigos. Em breve, estava rodeado por quinze rapazes excitados, todos a querer manusear a pistola.

Alguns deles desafiaram-me a disparar. Apertei o gatilho, mas nada aconteceu. Foi então que apertei com ainda mais força.

Eles começaram a provocar-me, a dizer que a arma era falsa. Fiquei furioso por ela não disparar e consegui remover o carregador. Ficámos todos surpreendidos ao encontrar doze balas lá dentro. Felizmente, ninguém conhecia (nem soltou acidentalmente) o fecho de segurança. Por essa altura, eu já estava a ficar com muito receio de ser descoberto, pelo que acabei com a brincadeira e fui para casa.

Regressei sorrateiramente ao quarto do meu avô e voltei a pôr lá a pistola, à espera de que ele não percebesse. Ao longo das várias semanas que se seguiram àquele episódio, os rapazes continuaram a falar da arma,

mas, de alguma forma, nunca fui chamado para prestar contas das minhas ações. Ao olhar para trás, percebo como foi perigoso ter uma arma carregada e quinze rapazes ingênuos a agarrá-la e a manuseá-la. Se a pistola se tivesse disparado e ferido alguém, teria havido sérias consequências para a minha família, uma vez que, sob o domínio húngaro, os civis estavam estritamente proibidos do porte de armas de mão.

Noutra ocasião, oito ou dez amigos e eu estávamos a tentar imitar os hábitos dos rapazes mais velhos da cidade, que faziam coisas mais «adultas». Fumar era proibido, mas aos oito anos não víamos isso como um impedimento. Não tínhamos dinheiro, e lá me ofereci para tirar algum da caixa do meu pai no Cellar. Fui até à loja e disse ao lojista que o professor me tinha pedido para lhe ir comprar cigarros. Deixei o dinheiro no balcão e recebi dez cigarros embrulhados em papel de jornal. Os meus amigos e eu fomos até uma área montanhosa isolada, ali perto, para os acendermos. Ficámos todos a inalar e a soprar anéis de fumo, e, pouco depois, estávamos todos tontos. Tossíamos e cuspiamos, e não foi uma experiência agradável para nenhum de nós, mas queríamos ser como os rapazes mais velhos.

Quando voltei para casa, a minha mãe sentiu de imediato o cheiro a tabaco no meu hálito e percebeu exatamente o que eu tinha andado a fazer. Disse-me de modo inequívoco que nunca mais voltasse a fazer aquilo. Apesar do aviso, continuei a fumar com os meus amigos sempre que conseguíamos juntar alguns trocos.

O Dr. Fried, o nosso médico de família, era um homem elegante que fumava sempre um charuto quando dava as suas voltas pela cidade. Eu achava o fumo do charuto muito agradável e seguia-o para sentir o cheiro enquanto ele andava. Por fim, os meus amigos e eu decidimos juntar o nosso dinheiro para comprar um grande charuto cubano para partilhar. Regressámos à propriedade da minha família com a nossa preciosa compra e escondemo-nos dentro do grande galinheiro. Tentámos acender o charuto, mas não percebemos que tínhamos de cortar a ponta para criar uma passagem de ar para o fumo. Todos tentaram acendê-lo sem sucesso, mastigando cada vez mais a ponta e desfazendo-a. À medida que os fósforos de todas as nossas tentativas se foram acumulando no chão, a palha começou a arder e, de supetão, o fumo encheu o pequeno galinheiro.

Aquilo atraiu o meu avô, que abriu a porta e gritou: «Saíam! Estão a queimar o galinheiro!» Assim que saímos, pude ver o fumo a sair por todas as fendas. Os meus amigos fugiram, deixando-me sozinho para enfrentar o sermão do meu avô. Ainda assim, não nos dissuadimos. Começámos a fazer cachimbos de sabugo de milho e a fumar folhas secas em vez de tabaco. Era horrível, mas continuámos durante todo o outono, enquanto havia folhas de sobra para usar. Continuei a fumar até aos doze anos, quando tive de sair de casa para a minha formação de aprendiz.

Hoje vejo que algumas das minhas ações eram bastante extremadas. Também vejo a quantidade de planeamento, esforço e trabalho necessários para gerir a casa e quanto eu considerava tudo aquilo um dado adquirido. A minha mãe proporcionava-nos uma dieta nutritiva e equilibrada, preparada desde sempre todos os dias, e dava-me uma colher de óleo de peixe com uma gota de xarope para me reforçar a saúde antes de eu sair de casa para a escola. Era também uma costureira incrível e fazia muitas das nossas roupas em casa. Como é que o conseguia sem água corrente, máquina de lavar ou outras conveniências modernas, é coisa que está para lá da minha compreensão. Deve ter sentido *stress* e tensão no decorrer do seu trabalho diário, e percebo agora quanto sacrificou pelo bem-estar da família.

1 Esta cidade era conhecida por Košice durante o domínio eslovaco, e por Kassa quando governada pela Hungria. Optei por usar o nome pelo qual a cidade era designada na altura, o que significa que às vezes me irei referir a ela usando o primeiro nome e, outras vezes, o último.

A família da minha mãe morava aproximadamente a duzentos quilómetros de distância, numa pequena comunidade agrícola chamada Kolbašov, perto da grande cidade de Michalovce. A avó Friedman e os meus dois tios solteiros, Herman e Pavel, geriam a grande quinta da família, onde cultivavam milho, cereais e linho. Tinham uma manada de vacas leiteiras e rebanhos de ovelhas e cabras, bem como várias parelhas de cavalos que usavam para arar, puxar e fazer outros tipos de trabalho. Era uma quinta muito empreendedora e muitos jovens eram contratados para ajudar. Com o nascer do sol, o gado era levado a pastar nas várias pastagens e trazido de volta ao meio-dia, e novamente à noite, para a ordenha manual. Os lavradores processavam o leite em separadores a fim de obter leite desnatado e manteiga, e faziam vários queijos com leite de ovelha e de cabra. Ao fim do dia, as parelhas de cavalos também voltavam dos campos e os animais eram desaparelhados, tratados e deixados à solta para correrem para o bebedouro.

A minha primeira visita à quinta aconteceu em 1935, tinha eu seis anos. Passei lá todo o verão, quase dois meses. Voltei nos verões de 1936, 1937 e 1938. As férias na quinta eram momentos de liberdade, sem escola pública ou escola hebraica. Sentia-me completamente sem restrições. Muitos dos meus primos das cidades vizinhas também vinham passar o verão e éramos um grupo feliz de oito ou dez crianças. Eu era particularmente apegado a duas primas mais velhas, Edith e Lily Burger. Outro primo, Laly Friedman, tinha autorização para selar o seu cavalo e ir passear quando quisesse, enquanto eu só podia andar a cavalo à frente do meu tio na sela dele.

Nós, as crianças, tínhamos muito com que ocupar a cabeça. Costumávamos visitar os bezerros recém-nascidos, pôr-lhes as mãos na boca e deixá-los chupar os nossos dedos com as gengivas desdentadas. Apanhávamos morangos silvestres nos campos. O tio Herman e o tio Pavel estavam muito ocupados a tratar da quinta, mas arranjavam sempre tempo

para nós. Também nos davam a tarefa de levar as ovelhas e as cabras para o pasto. Tentar mantê-las juntas era um desafio, especialmente quando as cabras se afastavam e trepavam cada vez mais alto nas encostas. Eu adorava quando os meus tios me levavam nas suas selas e galopavam até campos distantes para ver como andavam os trabalhos da colheita.

No fim de cada longo dia cheio de atividades, nós, as crianças, sujas e mortas de cansaço, tínhamos autorização para ir até um riacho de montanha nas proximidades para nos lavarmos e brincar. A água era gelada.

No primeiro verão, conheci lá um rapaz da minha idade e, todos os anos, passávamos tempo juntos a explorar a região mais ampla. Um dia, encontrámos um cemitério coberto de árvores e ele disse-me que havia fantasmas ali e que apareciam todas as noites. Fiquei com medo, mas desafiámo-nos um ao outro a entrar. Nenhum de nós conseguiu reunir coragem suficiente para ir sozinho, e fomos juntos. No meio do cemitério havia uma grande pereira carregada de frutos enormes. Não lhes conseguíamos chegar, pelo que encontrámos algumas pedras e atirámo-las contra os galhos para soltar algumas. As peras eram doces e suculentas, e deliciei-me com elas. Tínhamos todo o tipo de fruta nos nossos pomares em casa, mas os frutos dos jardins alheios sabiam sempre melhor. Revisitámos este cemitério com bastante frequência.

A minha última viagem à quinta aconteceu no verão de 1938, quando tinha nove anos. A minha visita foi interrompida a meio, porque o meu tio Herman me levou abruptamente até à estação ferroviária e me mandou de volta para casa. A Checoslováquia estava sob ameaça de invasão pela Alemanha nazi e a situação tornara-se instável. Nunca mais vi a família da minha mãe. Com nove anos, não compreendia totalmente o que estava a acontecer, mas notei uma tensão crescente na minha cidade natal. Como morávamos muito perto da Hungria, as ruas tinham de ser patrulhadas à noite e o exército checoslovaco foi deslocado para reforçar a fronteira. Enquanto meninos, ficávamos entusiasmados por ver os soldados com todo o seu equipamento. Não percebíamos os perigos que se aproximavam.

Capítulo Três

Grandes Mudanças

A Checoslováquia foi estabelecida como uma democracia nos termos do Tratado de Versalhes. A sua população era composta por quatro grupos étnicos: os Checos, os Eslovacos, os Húngaros e os Alemães dos Sudetas. As línguas oficiais eram o checo e o eslovaco, mas cada grupo étnico-regional falava a sua própria língua (incluindo o alemão ou o húngaro em algumas regiões). Nós vivíamos na parte oriental do país e falávamos húngaro em casa e eslovaco na escola. Reverenciávamos Tomáš Garrigue Masaryk, que foi presidente da Checoslováquia entre 1919 e 1935. Quando este morreu, em 1937, uma era morreu com ele. Em particular, o povo judeu perdeu um presidente sob cuja liderança tinha florescido durante dezassete anos dourados.

Pouco depois da morte de Masaryk, a desobediência civil eclodiu no país na região dos Sudetas, que fazia fronteira com a Alemanha nazi. Hitler aproveitou essa luta civil e usou-a para arrancar os Sudetas à Checoslováquia. Em 1938, convocou os líderes da Grã-Bretanha, da França e da Itália para a Conferência de Munique com o fim de tornar a anexação alemã dos Sudetas uma realidade. O nosso próprio presidente, Edvard Beneš, foi excluído da reunião, e o destino do território foi decidido sem a sua contribuição e em violação do Tratado de Versalhes, o qual dizia que a Grã-Bretanha, a França e a Itália viriam em auxílio da Checoslováquia se os seus vizinhos a ameaçassem. Mas Hitler tinha-os ameaçado com a guerra, a menos que concordassem em permitir que a Alemanha anexasse a região. E eles concordaram. Era irónico o facto de duas democracias, a Grã-Bretanha e a França, abandonarem um país democrático para apaziguar um ditador. O destino do país foi decidido por um golpe de caneta. Não foi disparada uma única bala durante a partição, mas esta abriu as comportas da Segunda Guerra Mundial.

Após o seu regresso à Grã-Bretanha, o primeiro-ministro Neville Chamberlain acenou com o acordo que tinha assinado com Hitler e com os

outros líderes e declarou que se tratava de uma garantia de «paz para o nosso tempo». Escreveu no seu diário que não tinha qualquer intenção de entrar numa guerra em defesa de um país distante cujo nome nem sequer conseguia pronunciar. Os Franceses não perceberam que tinham cedido as suas defesas orientais e correu champanhe em Paris para celebrar a paz com a Alemanha nazi. Seis meses depois, a 15 de março de 1939, as tropas alemãs atravessaram a fronteira com a Checoslováquia e assumiram o controlo de Praga. A Checoslováquia deixou de existir e o país foi dividido em três regiões. A Boémia e a Morávia tornaram-se protetorados do *Reich* alemão, controlados pelo adjunto de Hitler, Reinhard Heydrich; foi criado o estado autónomo fascista da Eslováquia, sob a liderança de um padre católico romano, o Dr. Jozef Tiso; e a parte oriental do país, habitada por falantes da língua húngara, foi entregue à Hungria sob a liderança fascista do regente Miklós Horthy. A população judaica da Checoslováquia foi tomada de um profundo sentimento de pavor.

Um dia, em 1938, cerca de dez amigos do meu pai vieram a nossa casa para ouvir um grande discurso de Adolf Hitler no rádio de galena do meu pai. Todos nós entendíamos alemão básico, e ouvi as palavras venenosas de Hitler que saíam da caixa. A certa altura, disse: «Wir werden die Juden ausradieren» (vamos erradicar todos os judeus da Europa). O meu pai e os seus amigos ficaram chocados perante aquela afirmação e senti no meu íntimo que algo terrível estava prestes a acontecer.

Na verdade, a vida tal como a conhecíamos estava a ponto de mudar, de maneiras que não podíamos sequer imaginar. Em março de 1939, tinha eu dez anos, a burocracia eslovaca na nossa cidade foi desmantelada e os fascistas húngaros assumiram o controlo. Fomos ensinados a cantar o hino nacional húngaro em preparação para o novo regime. Não havia escolas, porque os professores eslovacos tinham partido, e o povo da cidade preparou-se para saudar a nova autoridade, erguendo um grande portão da vitória com uma placa que dizia: «Damos as boas-vindas aos nossos libertadores húngaros.» A bandeira da Hungria e fitas vermelhas, brancas e verdes foram colocadas nas ruas e nas casas. Nós, judeus, não podíamos prever o que estas mudanças significariam para nós, e, enquanto criança, continuei sem ter qualquer noção dos perigos mais profundos até à chegada

das tropas húngaras, alguns dias depois, que consigo trouxeram uma ideologia de antissemitismo declarado.

Para os judeus como nós, a fidelidade a este novo regime significava termos de sucumbir a uma ideologia fascista que nos era estranha e hostil. Ainda assim, tínhamos de encontrar maneiras de ganhar favor perante esta mudança. O meu avô, por exemplo, levou-me até ao sótão onde guardava o seu antigo uniforme de oficial de cavalaria da época do Império Austro-Húngaro. Limpámos aquela roupa, escovámos e engraxámos as botas e colocámos-lhe todas as suas medalhas. Ele representava uma figura e tanto para mim, assim vestido. Todos os veteranos judeus, que tinham lutado na Primeira Guerra Mundial ao lado do Império Austro-Húngaro, reuniram-se diante do portão de boas-vindas envergando os seus uniformes a fim de mostrar a sua antiga postura húngara. Eu era demasiado jovem na altura para entender o significado do que estava a acontecer. Vi os judeus adultos da nossa cidade a tentarem adaptar-se à nova realidade. Sabendo da sua vulnerabilidade enquanto judeus, escondiam os seus medos mais profundos à medida que davam por si atirados, de repente, para um sistema fascista hostil.

Após várias horas de espera no centro da cidade, recebemos a notícia da chegada das tropas húngaras. À distância, observámos uma coluna de soldados liderada por um oficial a cavalo a marchar lentamente na nossa direção. Olhei para os soldados enquanto estes passavam e não fiquei impressionado com a sua aparência. Tinham os uniformes sujos e cheios de remendos – sem qualquer comparação com o exército checoslovaco, sempre muito bem equipado. Um grito elevou-se da multidão e todos cantaram o hino húngaro enquanto a coluna militar foi marchando até à praça da cidade. Ali chegados, o comité de boas-vindas entregou oficialmente a nossa cidade da Checoslováquia à nova administração húngara. A cerimónia terminou e os soldados foram dispensados e autorizados a vaguear pela cidade. Dirigiram-se para os bares, onde os habitantes lhes deram comida e outras provisões. O estabelecimento do meu pai, o Cellar, tinha uma grande placa que dizia: «Bebidas grátis para os nossos libertadores.» Num período de aproximadamente dois dias, o *stock* do meu pai esgotou-se e ele deixou de poder dar-se ao luxo de continuar com

tamanha generosidade.

Os soldados húngaros foram postos a guardar as várias estradas que davam para a cidade, como se vivêssemos numa zona de guerra. Experimentei o meu primeiro encontro com o ódio antissemita sob o domínio húngaro quando entrei na cidade. Ao atravessar os carris dos caminhos de ferro, fui parado por um guarda que reconheceu o meu boné judeu. Gritou-me: «Porco judeu, para onde vais? Deves tirar o boné quando me vires!» Quando relatei este encontro ao meu pai, ele preparou pequenas garrafas de aguardente para eu dar aos guardas quando entrasse nos seus postos, o que me permitiu chegar ao meu destino sem constrangimentos daquele dia em diante.

Com a nova administração, a nossa cidade foi repentinamente inundada por compradores da Hungria. Vinham de bicicleta, de charrete ou a pé para comprar produtos de jardinagem, ferragens, sapatos e tudo o mais que não viam há muito tempo. Senti-me avassalado por todos estes estranhos que compravam tudo o que conseguiam encontrar. Pouco depois chegaram os gendarmes (polícias), juntamente com os novos professores e os burocratas, e a nossa cidade passou a ser a sede da província de Abaúj-Szántó. A nova moeda era o *pengő* húngaro, que substituiu a *corona* checa.

A escola começou e conhecemos os nossos novos professores húngaros. Estes ensinavam-nos em húngaro. O eslovaco deixou de ser falado oficialmente na nossa região. As empresas e as lojas judaicas funcionavam da melhor maneira possível, mas os lojistas não conseguiam substituir os produtos que se esgotavam, porque as fontes estavam agora do outro lado da fronteira, no protetorado nazi. No meio de todas estas mudanças, percebemos, de repente, que a família da minha mãe vivia agora na Eslováquia fascista e nós estávamos na Hungria fascista. Podíamos comunicar por correio, mas não podíamos atravessar a fronteira, o que significava que as minhas férias de verão com a minha avó, tios e primos eram agora apenas uma lembrança.

Com todas estas alterações, nós, os judeus, sentíamos-nos condenados ao ostracismo, e o horrível ódio aos judeus começou a surgir de várias maneiras: insultos, lutas com outras crianças e jornais cheios de

propaganda sobre os judeus que vinham do Leste (Ucrânia) para a Hungria. Os judeus orientais eram retratados com narizes em forma de gancho e barbas, com trajes pretos sujos e em hordas que punham em risco a vida das populações. Uma história, intitulada *Tarnopolbol Indult El* (Ele Começou em Tarnopol), tinha como objetivo convencer a população húngara de que os judeus eram uma ameaça que devia ser temida. Quando são repetidas vezes suficientes, as mentiras tornam-se «verdades» nas quais as pessoas acreditam. Até eu ficava confuso e envergonhado com a caracterização, porque era muito opressiva, unilateral e desumanizadora. Não queria ser destacado de forma tão negativa. Tentei isolar-me da retórica horrível e dolorosa, mas aquilo era um fardo diário constante.

Em retrospectiva, vejo como as pressões negativas nos agrediam continuamente na nossa vida diária e como nos tínhamos de habituar a conviver com essa adversidade. A comunidade judaica tentou manter a esperança de que a perseguição passaria com o tempo e uniu-se para tornar a vida suportável, apesar da adversidade. Eram os pais que lidavam com muitas das novas tensões, mas, pelo menos, a nossa família continuava intacta. Ainda estávamos em 1939 e tínhamos muitos obstáculos desconhecidos e inimagináveis pela frente. Contudo, só podíamos viver um dia de cada vez e cada um desses dias trazia mais do que a sua quota-parte de dificuldades.

A Vida sob o Domínio Húngaro

Quando comecei o 5.º ano, em setembro de 1939, a burocracia húngara controlava totalmente os serviços públicos da cidade. Todos os rapazes eram obrigados a usar boné azul com o emblema húngaro e a saudar todos os oficiais militares e professores que encontrassem na rua. Os novos professores húngaros eram visivelmente mais rígidos, especialmente com os alunos judeus. Senti uma pressão adicional, não só porque era judeu, mas porque tinha uma perturbação de défice de atenção e aborrecia-me facilmente com as disciplinas nas quais tinha dificuldades, como a Matemática e a Gramática. Gostava de Geografia, de História e de Arte, e, embora adorasse Música, não conseguia aprender a ler as pautas.

Durante as trocas de professores, descontruíamos muitas vezes atirando com paus de giz, esponjas e outras coisas na sala de aulas, um comportamento que, claro, era sempre observado e relatado pelo professor seguinte. Como castigo, éramos entregues ao professor de Educação Física após as aulas e obrigados a fazer centenas de saltos e flexões no pátio da escola. Aqueles que não conseguissem acompanhar o ritmo eram espancados com uma vara.



A minha família em 1940: Alfred (à esquerda), a minha mãe, eu, o meu pai e Eugene.

Em 1940, o governo publicou mais editais na cidade visando especificamente a comunidade judaica. Os judeus já não tinham autorização para usar rádios e recebemos ordens de levar o nosso rádio de galena até à câmara municipal e entregá-lo. Sem rádios, ficámos isolados do mundo exterior e só podíamos receber notícias através de jornais censurados pelo governo. Um decreto, que afetou particularmente a minha família, proibia os judeus de vender álcool e tabaco. O meu pai perdeu a sua principal fonte de rendimento quando o negócio lhe foi confiscado, sem qualquer indemnização, e todas as suas mercadorias foram entregues às autoridades, juntamente com a chave do estabelecimento. Outro edital opressivo declarou que todas as famílias judias tinham de ser fotografadas pela polícia e nós tínhamos a certeza de que essas fotografias iriam ser usadas como ferramentas de vigilância. Na escola, tínhamos exercícios semanais de cadetes dados por um oficial militar. Os estudantes judeus eram sempre postos no fim da coluna e obrigados a transportar pás e ancinhos, enquanto os estudantes não judeus transportavam armas de madeira à frente. Ao chegarmos ao campo de tiro, os alunos judeus tinham

de limpar, varrer e cavar a área, enquanto os outros realizavam exercícios com as suas armas de madeira. Ao marchar pela cidade, eu tinha plena consciência de que era um cidadão de segunda classe e temia aquela sessão semanal humilhante na escola.

Em 1941, todos os homens judeus entre os 18 e os 45 anos, casados e solteiros, foram mandados para batalhões de trabalho. O meu pai, o meu tio e todos os outros foram levados para trabalhar em minas, nas florestas e em instalações militares na Frente Oriental. Tiveram de organizar uma mochila com roupas de inverno e botas, e pagaram a sua própria passagem até aos postos designados, deixando as famílias entregues à sua sorte. Isto, é claro, representou uma dificuldade física e económica para toda a comunidade judaica, incluindo a minha mãe, os meus avós e todas as crianças. De repente, a minha mãe passou a ser a única cuidadora de três filhos e fez o possível para atender a todas as exigências e esconder de nós as suas preocupações. Nós, as crianças, também tivemos de contribuir e fazer o trabalho que era normalmente feito pelos adultos. Toda a comunidade judaica teve de apoiar as necessidades dos seus elementos e fornecer os artigos necessários para a vida diária, especialmente às famílias carenciadas. As nossas aulas de hebraico terminaram quando o nosso professor também foi levado para os batalhões de trabalho.

Os homens nestes batalhões não eram remunerados e recebiam apenas uma licença de uma semana uma vez por ano. Quando chegavam a casa para essa visita, era um grande acontecimento, e, tendo de voltar a partir, era um adeus muito triste. Antes de eles partirem, as famílias ficavam ocupadas durante dias a preparar comida e provisões para ajudar no sustento dos homens enquanto estes estivessem fora. Com o meu pai e o meu tio longe, o meu avô ficou encarregado da rotina diária e do moral da minha casa. A ausência visível dos nossos homens impressionava-me especialmente durante o *Rosh Hashanah* (o ano novo judaico), quando havia apenas idosos, mulheres e crianças na sinagoga.

Outro edital crucial proibia os judeus de empregar não judeus, o que significava que Anna, a nossa ajudante em casa, já não podia continuar connosco. Quando ela se recusou a deixar-nos, os gendarmes vieram retirá-la à força da nossa casa. O antisemitismo voltou a mostrar a sua face

horrível quando a população judaica foi considerada culpada pelos soldados feridos (alguns sem braços ou pernas) que regressavam da frente russa no final de 1941 e início de 1942. Os judeus foram responsabilizados, porque os Húngaros afirmavam que todos os comunistas russos eram judeus.

Na primavera de 1942, recebemos a notícia, por telegrama, de que todos os membros da família Friedman, os parentes da minha mãe, tinham sido deportados da Eslováquia com destino desconhecido. Não tínhamos maneira de comunicar com eles ou de descobrir onde estavam. A minha mãe ficou arrasada e eu pensei em todo o tempo que passara com eles durante as minhas férias de verão, especialmente as minhas duas primas, Edith e Lily, que eram quase da minha idade. Era impensável que as pessoas pudessem ser simplesmente retiradas das suas casas e desaparecer de repente. Pelo aspeto da minha mãe, eu conseguia perceber que esta notícia pesava muito sobre ela e que a enchia de preocupação. Ela não fazia ideia do que tinha acontecido à sua própria mãe, aos seus irmãos ou às suas três irmãs e respetivas famílias.

Um dia, meses depois da deportação, recebemos um bilhete-postal que dizia: «Nós, a família Friedman, estamos todos aqui juntos. Estamos a trabalhar em quintas e aguardamos a vossa chegada. (assinado) A família Friedman.» Outras famílias da nossa cidade receberam postais semelhantes, os quais tinham uma grande águia alemã impressa e um selo que dizia: «Distrito do Governo Geral de Lublin» – era o novo nome da região polaca ocupada pelos Alemães. Embora os postais possam ter provocado suspeitas em alguns membros da comunidade, deram-me uma profunda sensação de alívio. Senti-me esperançoso por saber que os meus parentes estavam vivos meses depois de terem desaparecido.

* * *

Em agosto de 1942, alguns dos meus amigos foram ao nosso pomar colher frutas para as suas famílias. Enquanto brincávamos e nos enchíamos de frutas, desafiávamo-nos uns aos outros para ver quem conseguia subir mais alto a uma nogueira muito grande. Era uma atividade arriscada, porque podíamos facilmente perder o ponto de apoio dos pés ou das mãos

num galho e magoar-nos seriamente.

De repente, ouvi o meu cão *Farkas* a ladrar ferozmente. Percebi que alguns estranhos tinham entrado no nosso pátio e que ele estava a avisar-nos da intrusão. E foi então que ouvi a minha mãe a chamar-me para voltar para casa. Quando cheguei, vi dois gendarmes a ler um documento aos meus avós, à minha mãe e à minha tia. Não conseguia imaginar o conteúdo do documento, mas, pela expressão dos seus rostos, percebi que era uma situação grave. Era uma ordem para a minha mãe, a minha tia Irene, os meus dois irmãos e eu empacotarmos uma trouxa cada um e prepararmos-nos para sermos retirados da nossa casa. O meu avô e a minha avó estavam excluídos desta diretriz, assim como a tia Bella. O meu avô implorou aos polícias, dizendo que a minha mãe e a minha tia eram cidadãs húngaras e que a nossa família morava na região há muitas gerações, mas os gendarmes disseram que estavam simplesmente a cumprir ordens. A minha avó ajudou a empacotar alimentos, enquanto a minha mãe reunia outras coisas necessárias para a nossa partida. Quando os polícias estavam distraídos, o meu avô deu um punhado de dinheiro à minha mãe e à tia Irene. Depois os gendarmes acompanharam-nos enquanto saíamos do nosso pátio. O meu cão *Farkas* teve de ser agarrado pelo meu avô.

Eu tinha treze anos, Eugene, dez, e Alfred, seis. Éramos agora um grupo de cinco a viajar para o desconhecido e sentíamo-nos amedrontados e impotentes. O meu pai e o tio Eugene ainda estavam no batalhão de trabalho no sul da Hungria, a centenas de quilómetros de distância, e não faziam ideia do que estava a acontecer. Os gendarmes levaram-nos até à estação de comboios, onde cerca de quinze outras famílias estavam detidas com as suas trouxas; eram aproximadamente oitenta pessoas. Por fim, fomos metidos num vagão de gado, aberto, com dois gendarmes sentados com os pés a balouçar sobre a beira. Éramos sacudidos no vagão e tentámos ficar um pouco mais confortáveis. Não fazíamos ideia de para onde estávamos a ir nem de quanto tempo a viagem demoraria.

A primeira paragem foi na cidade de Kassa, a cerca de 60 quilómetros de distância. Ali, o nosso vagão de gado foi ligado a outro comboio que já tinha vários vagões carregados de pessoas. Continuámos a viajar, chegando finalmente a uma estação chamada Szatmár-Némety, na Transilvânia.

Alguns minutos depois de chegarmos, vários homens e mulheres judeus locais apareceram para distribuir frutos, pão e água. Foi um gesto maravilhoso da parte deles, pois estávamos a precisar bastante de comida, e perguntei a mim mesmo como é que eles teriam sabido da nossa situação. Ficámos no vagão, naquela estação, a noite toda. Tínhamos apenas dois baldes para usar como casas de banho, e quando estes ficavam cheios, alguém descia do comboio e esvaziava-os. Estarmos tão próximos de tantas outras pessoas estava a começar a cansar-nos, e a privação de sono e outras irritações começavam a aparecer.

No dia seguinte, viajámos para nordeste, ao longo do rio Tisza, em direção às montanhas dos Cárpatos. Neste ponto, depois de três dias num vagão aberto, as noites já nos pareciam bastante frias. As pessoas mais velhas gemiam de dores e todos nós sentíamos falta do conforto das nossas casas e da liberdade de movimentos. Chegámos à paragem seguinte, um lugar chamado Máramaros-Sziget, a meio da noite. O nosso comboio foi levado para um desvio, onde ficámos todo o dia seguinte sem qualquer movimento. Fiquei muito ansioso, e a pensar se seria melhor chegar ao nosso destino ou ficar onde estávamos.

Naquela noite, o comboio recomeçou a andar e percebemos que estava a ir na direção oposta. Por fim, chegámos novamente a Szatmár-Némety e, milagrosamente, os cidadãos judeus voltaram a dar-nos comida e água. Era difícil para nós entender as manobras dos nossos captores. Tínhamos esperança de voltar para casa e ficámos muito desapontados quando o comboio seguiu mais uma vez para Máramaros-Sziget. Dessa vez, na linha ao nosso lado estava um comboio-hospital militar carregado de soldados húngaros feridos vindos da frente russa. Lembro-me de um oficial fortemente enfaixado que nos gritou com ódio, em húngaro: «Judeus fedorentos, vão nadar no rio Dniester como folhas caídas.» Aquela explosão de raiva foi assustadora e estranha para mim.

O comboio continuou a sua viagem ao longo do rio Tisza, pelo sopé dos Cárpatos, e chegou finalmente a uma cidade chamada Raho. Por esta altura, já viajávamos há quase seis dias e estávamos ansiosos para sair do vagão. O comboio continuou até uma pequena estação chamada Körösmező, que foi o fim da linha para nós, e conseguimos finalmente reunir as trouxas

e deixar o vagão.

Éramos entre oitocentos e mil a deambular por ali, e os polícias militares húngaros depressa assumiram o comando. Ordenaram--nos que começássemos a subir uma estrada íngreme e rochosa. Com grande dificuldade, chegámos a um planalto na montanha com vários barracões grandes e com uma serraria onde era processada madeira. Este lugar chamava-se Havasalya e ficava perto da Passagem dos Tártaros, que levava à Ucrânia. A polícia transferiu-nos para uma área com mesas compridas, onde fomos registados e nos pediram a identificação. As nossas trouxas foram inspeccionadas em busca de valores e moedas escondidos. Os nossos pertences foram todos verificados com minúcia, e até as ombreiras dos casacos e o miolo dos pães foram inspeccionados. Uma família foi espancada por esconder um relógio de ouro com uma corrente e vários anéis; os artigos foram descobertos quando um polícia mergulhou a baioneta num pote de geleia e retirou os objetos de valor ali escondidos.

A minha mãe tinha-me encarregado de esconder o nosso dinheiro durante a viagem e eu guardara-o no forro das minhas botas. Quando vi a polícia a inspecionar tão minuciosamente cada pessoa, disse à minha mãe que tinha medo de ser apanhado. Ela disse-me que agisse normalmente, mas pareceu preocupada. Quando chegou a nossa vez de ser inspeccionados, o oficial pediu-nos os documentos e depois perguntou-nos onde estavam os nossos homens. A minha mãe e a minha tia disseram ao oficial que eles faziam parte dos batalhões de trabalho e ele disse simplesmente: «Avancem.» Soltei um grande suspiro de alívio.

Depois de todo o grupo ter sido registado, fomos encaminhados para três barracões, e ali nos deitámos, com aproximadamente trezentas pessoas por barracão. A serradura amortecia-nos o corpo enquanto dormíamos. Sempre era mais confortável do que o vagão de gado. Mas o barracão era muito quente durante o dia e as fendas nas paredes de madeira tornavam-no frio e ventoso à noite. Marcámos um lugar para a nossa família e aquele sítio tornou-se a nossa casa nas duas semanas seguintes. Não havia água disponível e tínhamos de ir buscar em baldes a uma boa distância, constantemente vigiados por gendarmes. O rio Tisza vinha das montanhas e estava límpido e frio como o gelo. Usávamos esta água apenas para beber –

nunca sobrava o suficiente para tomar banho ou para lavar a roupa. A nossa ração de comida consistia numa tigela de sopa por dia, mas aqueles que tinham dinheiro podiam comprar um pão redondo de centeio preto, do tamanho dos pães *kaiser*, aos rutenos² que vinham ter à zona onde enchíamos os baldes. O dinheiro que eu tinha escondido era agora uma bênção e conseguiu sustentar-nos e a outras pessoas necessitadas nas semanas em que ali estivemos. Pagávamos caro por este pão, e a troca tinha de ser feita clandestinamente, com os guardas longe da vista.

As famílias que tinham vindo antes de nós tinham escrito os seus nomes nas tábuas de madeira das paredes do barracão. O nome de família de cada pessoa era anotado, a par do dia da sua partida e o nome do seu destino – Kamenets-Podolsky. Havia milhares de nomes de gente anteriormente transportada rabiscados nas paredes. Cada um era como um marcador de vida, uma declaração para o mundo recordar que aquelas pessoas tinham vivido³.

No fim da segunda semana, reuniram-nos a todos e o capitão encarregado, um oficial húngaro de bigode, montado num grande cavalo, disse-nos que no dia seguinte seríamos levados em camiões até ao nosso local de trabalho, em Kamenets-Podolsky, e que na manhã seguinte devíamos perfilar-nos diante do barracão com as nossas trouxas. Escrevemos os nossos nomes nas paredes, tal como os outros antes de nós, e a minha mãe aliviou a nossa carga, removendo dos nossos pertences tudo o que não fosse útil.

Na manhã seguinte, fomos postos em vários camiões sob a supervisão do comandante, que nos desejou boa viagem e deu a ordem de partida. Era a manhã de um sábado e os camiões esforçaram-se para subir uma grande ladeira até chegarmos à Passagem dos Tártaros. A partir dali, a estrada descia gradualmente. Estávamos agora na zona da Ucrânia ocupada.

De repente, alguém no meu camião gritou que o comandante se estava a aproximar a galope vindo de trás. Quando chegou ao pé de nós, ordenou ao nosso condutor que parasse e repetiu o processo até alcançar o camião-guia. Então, anunciou que afinal não iríamos para Kamenets-Podolsky e, em vez disso, iríamos para casa. Eu não tinha a certeza de ter ouvido bem e

demorou um pouco até que aquela realidade fosse assimilada. Todos soltámos um grande grito de celebração, e comecei a pensar com alegria na minha casa, nos meus avós, nos meus cães e em voltar a uma vida normal.

O comandante disse-nos que descêssemos dos camiões com as nossas trouxas, que caminhássemos de volta à serraria e que depois continuássemos a descer a montanha até à estação ferroviária de Kőrösmező, onde um comboio nos esperava. Disse que teríamos de comprar as nossas próprias passagens para a viagem e que quem tinha dinheiro pagaria por quem não tivesse. Depois de comprarmos passagens para outras pessoas, a minha família ficou com muito pouco dinheiro, mas éramos um grupo feliz e o caminho à nossa frente foi feito numa corrida rápida na descida até ao comboio.

O nosso grupo de cerca de oitocentas pessoas ocupou totalmente a composição. Desta vez, não estávamos num vagão de carga e sentámo-nos em assentos como pessoas normais. Éramos um grupo sujo e fedorento e não havia uma peça de roupa limpa entre todos nós, mas estávamos felizes. Na primeira paragem, tivemos tempo para lavar as mãos e o rosto com um sabonete que a minha mãe conseguiu comprar. A meio da nossa viagem de três dias até casa, ela decidiu que desceríamos numa cidade chamada Csap, onde tínhamos familiares. A minha mãe não queria que chegássemos a casa com o aspeto e o cheiro que trazíamos. Despedimo-nos dos nossos amigos no comboio e caminhámos até à casa dos nossos parentes. Estes ficaram chocados ao ver a nossa condição e ao ouvir a história da nossa viagem horrível. Deram-nos roupa limpa e uma boa refeição, e foi maravilhoso dormir num colchão de palha limpo no chão.

A minha mãe mandou um telegrama ao meu avô, dizendo que estávamos a caminho de casa e informando-o do nosso horário aproximado de chegada. No dia seguinte, agradecemos aos nossos parentes, despedimo-nos e caminhámos até à estação para apanhar o comboio. O regresso a casa pareceu durar uma eternidade e as horas pareceram dias. Passei o tempo a pensar nas histórias que contaria aos meus amigos sobre as nossas aventuras durante essas últimas três semanas. Também pensei na importância da família e do lar, e jurei não me queixar de coisas triviais.

Quando o comboio parou na nossa cidade, juntámos os nossos pertences, descermos e começámos a caminhar em direção a casa. Ao dobrarmos uma curva na estrada, pude ver a nossa casa, a mais bela vista. Quando nos aproximámos, *Farkas* saiu a voar pelo portão a toda a velocidade e, assim que chegou junto de nós, parou abruptamente, ergueu-se nas patas traseiras e lambeu-me o rosto todo. Depois cumprimentou cada um de nós por sua vez. Tinha de facto um coração incrível.

O meu avô e a minha avó estavam à nossa espera no pátio e ficámos muito felizes por os voltar a ver. Tinham lágrimas nos olhos e abraçaram-nos a todos. Corri para dizer olá à tia Bella, que estava no seu quarto. Foi uma reunião deveras emocionante para todos. Havia um aroma maravilhoso a frango com paprica a cozinhar no fogão e a minha avó tinha enchido a mesa com saladas preparadas especialmente para o nosso regresso. Apreciámos tanto esta comida que mal consegui encher a barriga. Depois do almoço, saí para verificar o quintal onde todas as galinhas, patos e gansos debicavam em busca de comida. O pomar estava repleto de frutos maduros e abracei todas as árvores. Foi um dos momentos mais felizes da minha vida.

Muitos dos meus amigos que não tinham sido deportados vieram até à minha casa e fomos nadar no Bodvou. Fiquei entusiasmado por os ver e eles estavam ansiosos para ouvir as histórias da nossa viagem. Vários dias depois, o meu pai e o meu tio chegaram a casa e a família voltou a ficar completa. No dia em que fomos deportados, o meu avô enviou um telegrama ao meu pai e ao meu tio a explicar a nossa situação. Eles pediram licença ao batalhão de trabalho para voltar e tentar encontrar-nos, mas o pedido foi-lhes negado. Duas semanas depois, a unidade a que pertenciam foi transferida para um novo local e eles tiveram a oportunidade de sair. Voltaram para casa e debateram com o avô para onde poderíamos ter sido levados. Foram de estação em estação, perguntando a toda a gente se alguém tinha visto um transporte de judeus em vagões de gado e recolhendo pistas valiosas sobre a direção que podíamos ter tomado. Chegaram a Kőrösmező dois dias depois de termos voltado para casa. Por fim, alcançaram o comboio, apenas para descobrir que tínhamos saído no dia anterior em Csap. Quando seguiram para Csap, já tínhamos voltado

para casa. Quando finalmente nos apanharam, ficámos felizes por estarmos reunidos.

Muitos anos depois, descobri, num livro sobre as deportações húngaras de 1942, que o governo, que antes tinha ordenado a deportação de cerca de quarenta mil judeus, tinha debatido se devia deixar que o último grupo – o nosso transporte – fosse até ao seu destino final. Fomos desviados para a frente e para trás enquanto os políticos deliberavam. Por fim, decidiram não prosseguir com a nossa deportação e, assim, fomos milagrosamente salvos das mandíbulas da morte. Fiquei a saber, mais tarde, que os quarenta mil deportados anteriores tinham sido levados até Kamenets-Podolsky pela polícia militar húngara e assassinados pelas *Einsatzgruppen*, as unidades móveis de extermínio dos nazis, nas margens do rio Dniester.

* * *

Eu tinha perdido as duas primeiras semanas de aulas e tinha cada vez mais dificuldades para me ajustar à disciplina escolar. Por esta altura, todos os alunos judeus tinham de se sentar no fundo da sala de aulas. Éramos apontados tanto pelos alunos como pelos professores. Os meus amigos e eu sentíamos-nos humilhados e ostracizados pelo resto dos nossos colegas de turma, de quem antes éramos considerados iguais, e eu não me conseguia concentrar, além de ainda estar a processar mentalmente os eventos do mês anterior. Por fim, a escola avisou a minha mãe de que eu ia ser expulso devido à minha falta de disciplina. Senti vergonha, mas também fiquei feliz. Esta nova realidade dava-me tempo para a ajudar nas várias tarefas de casa, ajudar o meu avô na serralha e ler muito.

Após algumas semanas nesta rotina, a minha mãe percebeu que eu não estava a aprender nada de produtivo para o meu futuro e, então, decidiu levar-me de comboio até Kassa, onde os primos dela geriam um pequeno restaurante *kosher*. Alguns comerciantes eram clientes fiéis deste restaurante e entre eles havia um homem com uma loja de peles a quem perguntaram se me aceitaria como aprendiz. A minha mãe e eu fomos conhecer o proprietário, e fui contratado. Iria trabalhar sem remuneração nos primeiros dois anos de formação e receberia um pequeno salário depois disso. A minha mãe organizou tudo para que eu dormisse em casa dos meus

primos e fizesse as minhas refeições no restaurante. Ficou combinado que eu começaria no domingo seguinte de manhã e voltámos para casa para que a minha mãe me pudesse fazer as malas.

Naquela manhã de domingo, apanhei o comboio para Kassa. Era uma bela cidade com uma população de mais de cem mil pessoas e uma vibrante comunidade de dezasseis mil judeus. Havia duas sinagogas grandes e várias outras mais pequenas, bem como várias escolas hebraicas para atender às necessidades da comunidade judaica. Havia uma grande catedral, uma ópera e uma linha de elétricos. A rua principal tinha belas lojas, prédios de apartamentos e hotéis com cafés. Foi emocionante para mim fazer parte da vida da cidade, mas, ao mesmo tempo, senti alguma apreensão. Tinha apenas treze anos e meio e estava a enfrentar uma nova aventura sozinho.

Naquele primeiro dia, deixei a minha mala no restaurante e fui até à loja de peles, que ficava ali perto. O dono deixou-me sob a orientação de um jovem de dezoito ou dezanove anos que estava no quarto ano da sua aprendizagem. Este homem tornou-se meu professor, e eu, enquanto novo aprendiz, tinha de seguir as suas ordens. A loja de peles era bastante grande, com uma zona de atendimento e uma oficina nas traseiras, e havia cerca de dez trabalhadores envolvidos em diferentes tarefas. Alguns cortavam peles, como cordeiro persa, *vison* ou raposa, enquanto outros costuravam as peças. Havia também três lareiras para manter a oficina aquecida no inverno. De manhã, o meu trabalho era remover as cinzas e reacender o lume, e, ao longo do dia, tinha de continuar a adicionar carvão para manter as chamas acesas. À noite, varria o chão, limpava o pó, cobria as máquinas de costura e fazia todas as outras limpezas necessárias. A minha tarefa mais difícil era limpar os casacos de peles que eram trazidos para serem arranjados. O processo de limpeza exigia que eu misturasse serradura com benzeno num balde; os casacos de peles eram depois colocados sobre uma mesa para serem limpos e eu tinha de pegar em punhados daquela mistura e espalhá-la sobre a pele, esfregando cada centímetro até que os casacos brilhassem. O benzeno secava-me a pele e fazia com que as minhas mãos rachassem e sangrassem. Era muito doloroso, e quando a minha mãe viu como as minhas mãos estavam estragadas, comprou-me umas luvas de algodão para usar como proteção.

Depois de conhecer melhor a cidade, recebi a tarefa de entregar as peles aos diferentes clientes. Cada casaco tinha uma etiqueta com o nome do cliente, a morada e o número do apartamento. Transportando duas braçadas de casacos de peles, apanhava o elétrico e descia nas várias paragens, tocando à campainha dos diferentes apartamentos. Depois de entregar os casacos, recebia uma gorjeta pelos meus serviços, o que me dava algum dinheiro para gastar e uma sensação de independência. Cerca de seis meses depois de ter começado a trabalhar, o meu chefe (o aprendiz mais velho) começou a ensinar-me a costurar as peças de pele. Também me ensinou a reconhecer e a combinar os diferentes padrões e cores para que o casaco acabado parecesse uma peça uniforme em vez de uma manta de retalhos.

Todas as sextas-feiras, às duas da tarde, eu tinha autorização para regressar a casa para o Sabat. Pegava na mala com a roupa suja, ia até à estação de caminhos de ferro e apanhava o comboio para casa. E todas as sextas-feiras à noite encontrava os meus amigos na sinagoga e contava-lhes as minhas aventuras na cidade grande e quanto dinheiro tinha ganhado em gorjetas naquela semana. A minha aprendizagem durou cerca de dois anos, até março de 1944.

² Grupo étnico europeu originário do norte dos Cárpatos e que habita ainda essa região. (*N. da T*)

³ Em agosto de 1941, vinte e três mil judeus, na sua maioria húngaros, foram assassinados pelos *Einsatzgruppen* nazis, o primeiro assassinato em massa de judeus pelos nazis na Segunda Guerra Mundial.

Chegados os meses de inverno de 1943, a tia Bella adoeceu. Já não se conseguia sentar na cadeira, a contas com uma infeção nas coxas por ter estado quarenta anos sentada. Ficou acamada e a infeção depressa se espalhou, o que lhe causou outros problemas graves. O primo do meu pai, o Dr. Emil Davidovits, um médico bem conhecido em Kassa, vinha de carro duas vezes por semana para a ver, mas foi muito claro em relação ao facto de não haver cura. Em maio, a tia Bella entrou em coma, morrendo uma semana depois, em casa.

Fiquei triste por a ver deitada e coberta com um lençol no quarto dos nossos avós. Foi ela o primeiro membro da minha família por cuja morte passei. A sociedade funerária feminina veio para a lavar e colocá-la numa mortalha. O meu avô, o meu pai e o meu tio fizeram um caixão simples de madeira, e o seu corpo ali foi depositado. O caixão foi posto numa carroça puxada por cavalos e levado até ao cemitério, seguido por uma procissão de familiares e amigos. Contudo, por algum motivo para mim desconhecido, as crianças não foram autorizadas a estar presentes. A morte de Bella deixou um enorme vazio nas nossas vidas, e os meus irmãos e eu sentimos uma perda imensa com a sua morte. Sentia saudades de me sentar ao seu colo e de lhe ouvir as histórias que nos lia, coisa que fez durante tantos anos. Em retrospectiva, sinto alívio por ela ter sido poupada aos eventos que ainda estavam para vir.

Enquanto nos debatíamos com a morte da tia Bella, tornou-se óbvio que a minha mãe estava grávida de aproximadamente cinco meses. No início, passei por sentimentos contraditórios, porque iria haver uma grande diferença de idades entre mim e o bebé. Também estava preocupado com o facto de não saber como é que iríamos cuidar de mais um elemento na família sem Anna para ajudar. Eu nunca estava em casa durante a semana e o meu pai regressara aos batalhões de trabalho. Estávamos no limite, mas era um assunto sobre o qual eu não tinha qualquer influência.

A 28 de junho de 1943, a minha mãe entrou em trabalho de parto e disseram-me que fosse chamar a parteira e que depois fosse ter com o médico para o informar de que ia ser necessário. Vi a minha avó e a tia Irene aquecerem água em panelas e levarem roupa para o quarto da minha mãe para prepararem tudo para o nascimento. O trabalho de parto e o parto foram difíceis, mas algumas horas depois disseram-nos que podíamos entrar e ver o novo bebé. Era uma linda menina de cabelos castanhos e olhos escuros, e o seu nome era Judit. Embora a família estivesse feliz, aquela foi uma época de grande turbulência para nós e para a nossa comunidade. Não era um bom momento para uma mãe judia dar à luz ou para uma criança judia nascer.

Em dezembro de 1943, celebrámos a Chanucá, a Festa das Luzes. O meu pai conseguiu voltar para casa e comemorar connosco, num ano em que tínhamos perdido a nossa querida Bella e recebido a nossa irmã mais nova, Judit. Mal sabíamos que este seria o último Chanucá que passaríamos juntos na nossa casa.

Capítulo Seis
O Último Seder

Em 1944, estávamos no quinto ano de guerra. Tínhamos enfrentado muitas dificuldades durante os anos anteriores – intolerância, sermos tratados como cidadãos de segunda, a ausência do meu pai e dos outros jovens homens judeus da cidade, a nossa própria deportação abortada –, mas ainda tínhamos esperança de que a guerra haveria em breve de terminar. Os alimentos e os materiais para roupas estavam severamente racionados e tínhamos de recolher todo o metal de sucata e entregá-lo às autoridades para que fosse usado no esforço de guerra. As prateleiras das lojas estavam vazias de produtos básicos como o açúcar, o sal e outros condimentos. Mas nós, os judeus húngaros, ainda vivíamos numa feliz ignorância no meio de todos estes inconvenientes. Não sabíamos da tragédia que se abatera sobre os outros judeus europeus – aqueles que eram transportados em vagões de gado para os seis campos de extermínio na Polónia ocupada ou fuzilados em valas e ravinas na Ucrânia e na Bielorrússia pelos *Einsatzgruppen*.

Em março de 1944, o partido fascista da Cruz Flechada chegou ao poder na Hungria. O seu líder, Ferenc Szálasi, era um feroz inimigo dos judeus. A comunidade judaica enfrentava agora problemas críticos e as autoridades impunham estritamente o decreto de que todos os judeus tinham de usar uma estrela de David amarela ao peito. Ter de usar a estrela fazia-me sentir humilhado e excluído. Éramos agora um grupo minoritário visível, o que representava um castigo adicional ao nosso desconforto. Apesar disto, mantivemo-nos concentrados no feriado da Pessach (a Páscoa judaica). Por milagre, o meu pai e o meu tio obtiveram uma licença de uma semana do seu batalhão de trabalho nesse momento especial.

Os preparativos para a Páscoa começavam cerca de um mês antes do primeiro jantar, conhecido por Seder. A casa era limpa e esfregada de cima a baixo, todas as roupas eram penduradas na rua para arejar e os bolsos eram virados do avesso para garantir que não sobravam restos de pão ou

migalhas. Durante oito dias, comíamos *matzo* (um pão fino), em vez de pão fermentado, para comemorar a fuga dos Israelitas do Egito, quando a massa do pão que eles faziam não tinha tempo para crescer. Tínhamos pratos especiais que eram usados apenas na Páscoa e trouxemo-los do sótão para serem lavados e secos. Ao contrário de algumas outras famílias, tínhamos comida abundante na nossa quinta, incluindo galinhas e gansos. Havia um aroma maravilhoso a comida e a pão nas primeiras duas noites e recitamos a história do Êxodo, quando os Israelitas passaram da escravidão no Egito para a liberdade.

O jantar cerimonial começa sempre com a criança mais nova a fazer quatro perguntas: «Em todas as outras noites, comemos pão ou *matzo*, mas nesta noite comemos apenas *matzo*? Em todas as outras noites, comemos todo o tipo de vegetais e ervas, mas nesta noite temos de comer ervas amargas? Em todas as outras noites, não mergulhamos os nossos vegetais em água salgada, mas nesta noite mergulhamo-los duas vezes? Em todas as outras noites, comemos sentados, mas nesta noite os mais velhos comem reclinados?» Depois de as perguntas terem sido recitadas, os anciãos respondem-lhes. Ao longo da História, o povo judeu sofreu o impacto de perseguições em vários países de todo o mundo, e é por isso que reservamos tempo para recordar estes eventos. Quando contamos a história do êxodo do Egito, também convidamos todos aqueles que têm fome para que venham juntar-se a nós à nossa mesa.

Lembrar-me-ei sempre do nosso último Seder, que tenho profundamente gravado na memória. Lembro-me de toda a minha família sentada em redor de uma mesa maravilhosamente posta – do meu avô e da minha avó, do meu pai e da minha mãe, do meu tio Eugene e da tia Irene, dos meus dois irmãos mais novos, Eugene e Alfred, e da bebé Judit no seu berço. As velas ardiam nos candelabros, os belos pratos estavam expostos e os chefes da família – o meu avô, o meu pai e o meu tio – estavam apoiados em almofadas para simbolizar o relaxamento e libertação da escravidão no Egito. Após a leitura e o canto da história, tivemos um jantar de vários pratos que durou cerca de quatro horas. Para nós, esta foi a nossa última ceia juntos.

Quando tudo foi levantado, lavámos os pratos e fizemos os preparativos

para o segundo Seder, na noite seguinte. Por volta da meia-noite, saímos para o pátio para apanhar um pouco de ar antes de irmos dormir. Era uma noite amena e os três mais velhos discutiam a progressão da guerra na Frente Oriental. Esperavam que o exército soviético nos pudesse libertar em cinco ou seis meses. Achávamos que o fim da guerra estava muito próximo e não fazíamos ideia de que havia algo terrível a aproximar-se no horizonte. Fomos para a cama pouco depois da meia-noite, com planos para acordar a uma hora descansada na manhã seguinte, ir à sinagoga e ter o segundo jantar do Seder depois disso.

Às duas da manhã, acordámos com o som de alguém a bater nos portões do complexo. Como de costume, os portões ficavam trancados durante a noite. *Farkas*, o nosso guardião, ladrava furiosamente. Esta era uma intrusão pouco comum e o meu pai inclinou-se para fora da janela para ver de quem se tratava. Por esta altura, toda a casa tinha sido acordada pela comoção. Ouvi alguém dizer ao meu pai que abrisse os portões para que a pessoa pudesse entrar com os seus cavalos e a carroça. O homem disse que precisava de falar com o meu pai com urgência, e os portões foram abertos. O visitante era o guarda-florestal da zona; conhecíamos-lo bem e confiávamos nele. Quando o meu pai ainda era o dono do bar, este homem era cliente frequente e também tinha negócios regulares com o meu avô. Por esta altura, estávamos todos intrigados com a necessidade urgente do guarda-florestal em falar connosco e ele foi conduzido aos aposentos dos meus avós. Ali, contou-nos que tinha acabado de sair do bar, onde ouvira vários gendarmes dizer que planeavam reunir todos os judeus da cidade e arredores e retirá-los das suas casas no dia seguinte. Insistiu para que entrássemos na sua carroça imediatamente, dizendo que nos levaria dali e que encontraria um lugar seguro para nos escondermos na floresta. Ficámos todos sem palavras.

Os mais velhos conversaram sobre o assunto e, após uma longa discussão, o meu avô decidiu que, por ser Páscoa e Sabat, não podíamos viajar a menos que a nossa vida corresse perigo iminente, e ninguém conseguia imaginar uma ameaça de tal magnitude. O homem implorou, sem sucesso. Por fim, foi-se embora e os portões foram fechados.

Após este episódio, fiquei acordado na minha cama. Senti que devíamos

fazer algo, mas as decisões do avô eram lei e tinham de ser respeitadas. As memórias da nossa quase deportação em 1942 ainda me giravam na cabeça. Aquilo não podia estar a acontecer de novo!

Por volta das seis da manhã seguinte, dois gendarmes forçaram a abertura dos nossos portões e entraram nos nossos quartos. Gritaram que tínhamos cinco minutos para embalar uma trousse antes de sermos levados. Disseram que tínhamos de entregar todo o nosso dinheiro e joias, porque no lugar para onde íamos não iríamos precisar de nada disso. A minha mãe pegou na minha irmã mais nova ao colo e disse-nos para vestirmos várias camadas de roupa. O meu pai disse-nos que calçássemos as nossas botas de inverno e depois foi aos aposentos dos nossos avós para ver como estavam. Guardámos o máximo de comida possível nas mochilas. A minha mãe movia-se com afã, preocupada com o que levar na bagagem para sustentar uma família de seis pessoas numa viagem com destino desconhecido e duração incerta. O tempo todo, os gendarmes assediaram-nos e vasculharam as nossas cómodas para verem o que podiam roubar. Eu tinha vários dossiês cheios com a minha coleção de selos, e fiquei triste por ter de a deixar para trás. Mais uma vez, os meus pensamentos voltaram-se para a última deportação e senti-me consumido pelo medo do que estava para vir. *Farkas* ladrou sem parar, como se soubesse que algo terrível estava a acontecer.

Nesses momentos finais, a nossa vizinha Ily, uma senhora cristã muito nossa amiga, entrou a correr na nossa casa. Os gendarmes gritaram-lhe que saísse, dizendo que não era da sua conta, mas ela recusou-se a ir. Virou-se para a minha mãe e disse: «Ethel, para onde levas a bebé? Porque não a deixas comigo?» A minha mãe recusou a oferta. Ainda hoje pergunto a mim mesmo o que teria acontecido a Judit se a minha mãe tivesse aceitado. Imediatamente, os gendarmes retiraram à força as nossas três famílias da casa. Debatíamos-nos para transportar as nossas trouxas e a minha avó mal conseguia levantar a dela.

Ao sair, eu disse um adeus silencioso e desolado à minha casa, ao pomar e a *Farkas*. O meu instinto dizia-me que esta deportação seria mais séria do que a de 1942, porque desta vez estávamos a ser todos levados. Quem cuidaria da nossa casa enquanto estivéssemos fora?

Todos os nossos vizinhos ficaram a ver as três famílias Eisen passar, com as suas trouxas, guardadas por gendarmes. Alguns deles gritaram e cuspiram contra nós quando passámos. Fomos a pé até à escola pública, no centro da cidade, a cerca de um quilómetro de distância. Normalmente, eram os criminosos que eram escoltados para a prisão desta forma. Sentia-me envergonhado, mas não tínhamos cometido nenhum crime. Quando chegámos à escola, fomos cumprimentados por outras famílias judias, e, no fim do dia, todas as noventa famílias ali estavam. Conversámos ansiosamente, perguntando uns aos outros qual seria o nosso destino. Os gendarmes distribuíram-nos por duas salas, com pelo menos duzentas pessoas amontoadas em cada uma. Estávamos a apenas vinte ou vinte e cinco minutos a pé das nossas casas e do conforto das nossas camas, mas, em vez disso, estávamos sentados no chão da escola. Começámos a perceber que já não éramos donos do nosso próprio destino. Os gendarmes tinham-nos isolado do resto da cidade como se fôssemos párias.

Aquela noite na escola foi a primeira de muitas noites perturbadoras que se seguiriam. Com mais de duzentas pessoas espremidas no chão, era quase impossível sermos educados. Algumas pessoas tentaram dormir, mas havia bebés a chorar sem parar. O desconforto do espaço e uma sensação geral de nervosismo e medo tomaram conta de nós e eram muitos os que se lamentavam. As instalações da escola eram muito básicas – apenas uma casa de banho e alguns baldes de água para nos lavarmos. De manhã, as pessoas acordaram e tentaram levantar-se, mas cada centímetro do chão estava ocupado e não havia espaço para nos movermos. Pensei na refeição da Páscoa, no café e no pequeno-almoço especiais pelos quais esperara o ano inteiro. Lembrei-me do aroma que impregnava a casa quando se moíam os grãos. Esperara o ano inteiro por esse café verdadeiro (no resto do ano tomávamos café feito de chicória moída). Se estivéssemos em casa, pensei, estaria a comer *matzo* partido em pedacinhos coberto com café quente, leite e açúcar. Em vez disso, estava na escola, de estômago vazio e com um dia terrível pela frente.

De manhã, os gendarmes ordenaram-nos que nos reuníssemos com as nossas trouxas no pátio da escola. Este seria o primeiro passo da nossa viagem desde a liberdade relativa até à escravidão e a um destino

desconhecido. Dali, quase quinhentos judeus marcharam em massa, do centro da cidade até à estação de comboios. O rabino Tannenbaum, líder espiritual da nossa comunidade, recebeu a ordem de liderar o grupo. Era um homem mais velho, com uma longa barba branca, e a mulher, inválida, teve de ser transportada numa cadeira pelos dois filhos. As mães levavam os bebés ao colo, porque não eram permitidos carrinhos de bebé. Em ambos os lados da estrada, os habitantes da cidade troçavam de nós e praguejavam contra nós enquanto passávamos. Muitos espreitavam pelas janelas das casas judias que agora ocupavam. Pensei para comigo como era repugnante os nossos vizinhos agirem daquela maneira. Muitos habitantes da cidade, que compravam produtos a crédito a judeus como o meu avô, estavam felizes por não terem de pagar esse dinheiro. A nossa deportação foi uma vantagem económica para eles.

Ao passarmos pela nossa propriedade, pudemos ver que alguém tinha ocupado a nossa casa durante a noite. *Farkas* pareceu sentir que estávamos no grupo e latiu através da vedação, como se estivesse a gemer para se despedir. Para mim, *Farkas* era mais humano do que o povo da cidade, porque era o único que parecia importar-se por estarmos a ser levados.

Quando chegámos à estação ferroviária, alguns dos idosos quase não conseguiam manter-se de pé. Esta estação era pequena e mal acomodava o nosso grupo. Por fim, disseram-nos para embarcarmos no comboio para Kassa. Toda a gente estava cheia de perguntas. Quando é que íamos voltar? Iríamos voltar a ver as nossas casas? Voltaríamos a viver uma vida normal? Depois de cerca de hora e meia, chegámos a Kassa e caminhámos da estação até uma sinagoga próxima, com um grande jardim. Membros da comunidade judaica estavam ali à nossa espera e colocaram-nos junto de famílias judias da cidade. A minha família ficou com os pais de Emil Davidovits, o médico que cuidara da tia Bella, os quais moravam num apartamento de três quartos que tinha agora de acomodar mais dez pessoas. Dormíamos no chão em colchões que tinham de ser retirados de manhã, e era difícil repor o nosso abastecimento de comida, mas conseguimos fazê-lo reduzindo o que comíamos. Embora já não estivéssemos guardados pelos gendarmes, não tínhamos autorização para deixar a zona onde morávamos e deambular pela cidade. Viver deste modo

tão apertado não era o ideal e perguntávamos entre nós quanto tempo teríamos de ficar ali.

Começaram a espalhar-se rumores pela comunidade de que estava a ser construído um sítio para abrigar os cerca de trinta mil judeus da nossa província, mas não sabíamos exatamente onde seria esse lugar. Metade deste número vivia na própria cidade de Kassa e quase a mesma quantidade, no resto da província; portanto, seria necessária uma área muito grande para nos abrigar a todos. No espaço de uma semana, após a nossa chegada, começaram a aparecer afixados avisos que indicavam aos habitantes judeus de várias ruas que recolhessem os seus pertences e que se dirigissem a uma olaria nos arredores da cidade. Os afetados tinham de estar presentes no dia designado no aviso; a desobediência resultaria numa punição severa.

Este anúncio destruiu, mais uma vez, a nossa vida aparentemente segura e ficámos a saber que iríamos para outro lugar desconhecido. Todos os dias verificávamos quais as ruas que iam ser evacuadas e, quando não víamos a nossa, sentíamo-nos sempre um pouco aliviados. Mas sabíamos que tínhamos de estar prontos para partir com um pré-aviso de um dia, pelo que tínhamos de comprar com antecedência todas as provisões que pudéssemos arranjar, as nossas roupas tinham de estar limpas e tínhamos de reavaliar quanto é que poderíamos transportar. Levaríamos apenas os artigos mais importantes, porque a caminhada até à olaria era de cerca de dois quilómetros. Este período de espera foi muito enervante. Estávamos constantemente a reconsiderar o que devíamos levar e o que devíamos deixar para trás.

Finalmente, afixaram o aviso para a nossa rua. Pegámos nas nossas trouxas e despedimo-nos de mais um lugar que nos tinha abrigado. As ruas estavam cheias de judeus, jovens e velhos, debatendo-se com as suas cargas – todos a rumar na mesma direção. Não tínhamos autorização para alugar táxis ou carroças puxadas por cavalos, de modo que demorámos várias horas a chegar à olaria. Entrámos por um portão guardado por gendarmes e vimos milhares de pessoas a deambular por ali. Depois fomos levados para um grande barracão que servia para secar tijolos. Um pó vermelho cobria o chão áspero e era constantemente levantado pelo movimento dos

passantes. Havia centenas de pessoas no nosso barracão e a privacidade era impossível, mas marcámos uma área onde estabelecemos o nosso lar. O meu pai, o meu tio e eu saímos para nos familiarizarmos com a disposição da olaria. Antes mesmo de a vermos, podíamos sentir o cheiro horrível da latrina exterior comum, onde as pessoas se sentavam numa tábua de madeira equilibrada sobre uma grande fossa cheia de excrementos. Toda a olaria estava cercada por arame farpado e guardada por gendarmes.

Recebíamos diariamente uma tigela de sopa e parecia haver apenas uma torneira de água disponível para atender às necessidades de milhares de pessoas. A comida que tínhamos trazido connosco rapidamente ficou reduzida a quase nada, e, tal como toda a gente, em breve enfrentámos uma fome generalizada. Para tentar aliviar esse facto, eu juntava-me regularmente a outros adolescentes no portão principal para me oferecer para o serviço de limpeza. Todos os dias, os gendarmes escolhiam cerca de cinquenta rapazes para marcharem até à cidade a fim de limpar as antigas zonas judaicas para que a população não judia se pudesse mudar. Por este trabalho recebíamos um naco de pão. Não me lembro de como a minha mãe cuidou da bebé, mas ela ainda estava a amamentar quando chegámos a Kassa. Já não podia cuidar da família como sempre tinha feito e perguntei a mim mesmo como é que isso a faria sentir-se.

Ficámos nesta horrorosa olaria durante cerca de três semanas. Todos os dias, por volta do meio-dia, um oficial das SS chegava e reuníamo-nos para ouvir o seu discurso. Dizia-nos que seríamos realojados no Leste, que as nossas famílias ficariam juntas e que trabalharíamos em quintas. Todos os dias, durante cinco dias, o oficial das SS repetiu o discurso – mais tarde, fiquei a saber que aquilo era uma tática de lavagem cerebral usada pelos nazis para nos poderem enfiar nos vagões de gado mais facilmente. Mal podíamos esperar para deixar aquele lugar horrível e qualquer outra coisa parecia melhor do que o sítio onde estávamos.

Durante os discursos do oficial, pensei muitas vezes na família da minha mãe, deportada da Eslováquia em 1942. O postal que nos tinham enviado dizia que estavam todos juntos e a trabalhar em quintas, ansiosamente à espera da nossa chegada. Esperávamos todos encontrar-nos com as nossas belas primas e com os nossos outros familiares do distrito de Lublin. Na

verdade, os nazis, esses mestres da mentira e do engano, tinham-nos iludido, fazendo-nos acreditar que os nossos parentes ainda estavam vivos. O seu verdadeiro objetivo era convencer-nos a entrar voluntariamente e de modo pacífico nos vagões de gado. Para nós, que vivíamos em condições tão absolutamente grotescas na olaria, a promessa de um trabalho futuro em quintas espaçosas era uma notícia bem-vinda.

Na primavera de 1944, três semanas depois de chegarmos à olaria, os nazis começaram a desmontar este campo de trânsito temporário. Vários transportes tinham já partido para o «Leste», e fui escolhido, juntamente com alguns outros, para limpar os barracões onde os deportados tinham estado abrigados. Encontrei moedas e outros artigos que as pessoas tinham deixado para trás, mas só as moedas tinham valor para mim. A minha família e eu fomos avisados para nos prepararmos para o terceiro transporte. Também tivemos de deixar para trás pertences valiosos, porque sabíamos que o espaço apertado de um vagão de gado não permitia nenhuma bagagem extra além dos nossos artigos pessoais mínimos.

Eu estava preocupado com pensamentos do passado. Lembrava-me de como, em 1942, a minha mãe, a minha tia, os meus irmãos e eu tínhamos sido levados para as montanhas dos Cárpatos e depois mandados para casa. Desta vez, estava ciente de que havia outros membros da nossa família no transporte – o meu avô, a minha avó, que estava muito fraca, e a minha irmã de nove meses, Judit – e estava bastante preocupado sem saber como iríamos lidar com a viagem nas condições apertadas dos dois primeiros transportes que tinha visto a serem carregados.

No dia da partida, pegámos nas nossas míseras trouxas e fomos conduzidos até à zona de carregamento, onde os vagões de gado nos aguardavam. Fomos recebidos por gendarmes húngaros. Depois de sermos colocados nos vagões, o comboio partiu da olaria, que ficava num subúrbio de Kassa, e seguiu até à estação ferroviária principal, a curta distância. Uma vez ali, cada vagão recebeu um balde de água potável e um balde vazio para ser usado como sanita. E as portas foram fechadas e trancadas. O meu instinto disse-me que estávamos em perigo. O que é que nos estava a acontecer e onde é que iríamos parar?

Na minha infância, os comboios representavam estabilidade. Todas as manhãs, quando ouvia o apito do comboio que trazia os alunos distantes

até à minha cidade, sabia que eram horas de ir a pé para a escola com os meus amigos. E todas as tardes o comboio voltava a apitar, enquanto levava os alunos para as suas casas, indicando o fim da escola. Nas férias de verão, o comboio também me levava até à quinta da família da minha mãe em Kolbašov, onde o meu tio Herman estava sempre à espera na estação com uma carroça e dois cavalos empinados. Eu sentava-me no assento ao lado dele e pegava na rédeas – era um sentimento exuberante e libertador.

O contraste entre essas memórias felizes e a minha partida da olaria neste transporte não podia ter sido mais pronunciado. Havia cem pessoas mais as suas trouxas amontoadas em cada vagão. Estávamos todos apertados, com espaço apenas para ficarmos de pé, e mal conseguíamos respirar, porque o calor gerado pelos nossos corpos tornava o ar insuportável. A situação era desumanizadora, debilitante e devastadora, tanto psicológica como fisicamente. Havia apenas uma pequena abertura gradeada perto do teto para ventilação. A água acabou quase imediatamente e nunca foi substituída. O balde dos dejetos não foi esvaziado, porque a porta nunca foi aberta, e o fedor espalhou-se por todo o vagão. As nossas trouxas de pertences, deixadas no chão, estavam também cobertas de porcaria.

Eu não me conseguia aproximar dos meus pais e eles não me podiam proteger. Sentia-me sozinho, oprimido pelo fedor da urina e da matéria fecal. Não me conseguia aliviar, porque o vagão estava demasiado cheio e não havia privacidade. Os gemidos das pessoas claustrofóbicas ou com dores eram muito perturbadores. Quando recordo essas memórias hoje, tenho pensamentos assustadores sobre a minha mãe, que segurava a minha irmã de nove meses ainda a mamar. Não consigo imaginar como é que ela conseguiu aguentar sem comida e sem água. Os meus dois irmãos mais novos, de apenas oito e doze anos, devem ter achado aterrorizadora a sensação de estarem espremidos rodeados por pessoas mais altas.

Há algumas coisas que nunca esquecerei sobre aquela viagem: o cheiro a fumo, o som da locomotiva à medida que acumulava vapor para puxar os trinta a quarenta vagões carregados, o estalar das rodas quando batiam nas juntas dos carris. No primeiro dia, o comboio parou para reabastecer a locomotiva de carvão e água. Gritámos para os nossos guardas, implorando

por água para nós. Eles disseram-nos para lhes atirmos as nossas joias em troca. Houve alguma discussão e, pouco depois, várias pessoas atiraram peças de joalharia, que tinham escondido, por uma pequena abertura no vagão. Assim que apanharam os objetos de valor, os gendarmes foram-se simplesmente embora sem honrar a sua promessa. Naquela primeira noite no vagão, adormeci em pé, embalado pelo ritmo do comboio. Acordei de repente com o som estridente do apito da locomotiva; pensava que tinha tido um pesadelo, mas, na realidade, estava a viver o pesadelo.

Quando os raios de sol entraram pela abertura, na manhã seguinte, senti-me um pouco melhor e pensei que ainda podia haver alguma esperança. Mas, na paragem seguinte, a pessoa mais próxima da pequena janela gradeada, no canto superior do vagão, foi içada para ver onde estávamos. Disse-nos o nome da estação e percebemos que estávamos agora na Polónia ocupada, uma revelação chocante, porque esperávamos ser realojados no Leste. As sensações de desespero pioraram. Viajámos pela segunda noite e duas pessoas morreram. Os seus corpos permaneceram no vagão connosco.

Já não se ouviam os bebés a chorar na terceira noite, quando o comboio parou finalmente. Através da abertura, ouvimos pessoas a falar em alemão. Os vagões foram arrastados para a frente e para trás, e quando os para-choques de aço chocaram uns contra os outros, uma onda de choque percorreu todo o comboio. Estávamos todos acordados, um miserável fardo de carga humana.

Capítulo Oito

Chegada a

Auschwitz II-Birkenau

Ao fim de três dias de viagem, ouvi as portas dos outros vagões de gado serem abertas. Mal podia esperar que a nossa se abrisse também. Nada poderia ser pior, pensei, do que o que vivera naqueles três dias, trancado num túmulo vivo. Finalmente, alguém levantou o trinco do nosso vagão de gado e a porta foi aberta. A luz inundou o espaço e as pessoas começaram a mover-se como larvas dormentes, estimuladas por um choque repentino de luz e ruído. Era como se uma luz brilhante tivesse penetrado numa caverna escura, forçando todos lá dentro a acordar de um coma de três dias. Um homem vestindo um boné, casaco e calças de riscas gritou:

– *Raus schnell!*

Eu sabia um pouco de alemão e percebi que aquilo significava «saiam depressa!» Achei que qualquer pessoa que usasse aquele tipo de traje devia ser um criminoso. Será que eles pensavam que *nós* éramos criminosos? Isto era certamente um erro.

– *Raus schnell!*

Queria mexer-me, mas não conseguia. Queria encontrar a minha trouxa, mas estava tudo coberto de dejetos.

Fui um dos primeiros a ser puxado para fora do nosso vagão de gado e as minhas pernas mal me conseguiam sustentar. Vi mais homens em roupas às riscas, bem como soldados das SS e oficiais vestidos com uniformes elegantes e impecáveis. Outras pessoas foram também puxadas para fora do vagão, incluindo a minha mãe, com a minha irmãzinha nos braços, os meus avós, o meu tio e a minha tia. Estávamos todos entorpecidos do choque da viagem e confusos com as ordens severas que nos estavam a ser gritadas.



Auschwitz II-Birkenau, mostrando a plataforma dos comboios, os quatro crematórios com câmaras de gás, a fogueira e a plataforma de chegada.

Na ponta da plataforma havia uma coluna de fogo e pensei que estávamos nalgum tipo de fábrica. Reconheci o mesmo cheiro que sentia em casa sempre que o ferreiro punha uma ferradura em chamas nos cascos de um cavalo e concluí que se tratava de carne queimada. Além da plataforma iluminada, tudo o resto estava escuro. Os homens com roupa às riscas disseram-nos que as nossas trouxas iriam ser-nos entregues no dia seguinte.

Com insistência e sistematicamente, separaram os homens e as mulheres em duas colunas. Todos os homens mais velhos e as crianças foram enviados para a fila das mulheres. Os homens com roupas listadas continuavam a dizer-nos que íamos voltar a ver-nos de manhã. Ali não havia despedidas.



A casa do guarda e a entrada para Auschwitz II-Birkenau.

Dei por mim na fila dos homens com o meu pai e o meu tio. O meu avô, a minha avó, a minha mãe (ainda a segurar a bebé Judit), os meus dois irmãos mais novos e a minha tia foram todos levados a marchar no outro grupo. Tudo aconteceu muito depressa e não tivemos tempo para pensar. Não tive oportunidade de falar com a minha mãe – e os nossos olhos também não se encontraram – e não consegui dizer-lhe adeus. Avançámos simplesmente numa coluna única em direção a um oficial das SS que usava luvas brancas. Este olhava para cada pessoa e indicava com um movimento das mãos se aquela pessoa deveria ir para a direita ou para a esquerda. O meu pai foi primeiro, depois o meu tio e depois eu. Ele mandou-me para o mesmo grupo do meu pai e do meu tio. Estávamos guardados por soldados das SS e marchámos pelo meio de uma floresta de bétulas com os outros homens seleccionados. Enquanto caminhava, observei uma grande fogueira ao nível do solo a alguma distância e, da minha perspectiva, parecia que havia pessoas a saltar para as chamas. Quando perguntei ao meu pai se aquilo seria possível, ele disse-me rapidamente para ficar calado e continuar a andar. Entrámos num edifício chamado Sauna, onde mais

homens de roupas às riscas nos ordenaram que entregássemos os nossos documentos e joias restantes, e depois disseram-nos para ficarmos nus. Tiraram-nos as roupas, mas deixaram-nos ficar com as nossas botas.

Na etapa seguinte de processamento, outros homens de uniformes com riscas raparam-nos o cabelo e os pelos das axilas e das virilhas.

Estes homens tinham números e triângulos impressos em tiras de tecido costuradas nos casacos. O homem encarregado desta unidade usava uma faixa no braço que dizia *Kapo* (chefe). O *Kapo* alinhava as pessoas mais velhas e mandava os seus homens verificar se algum deles tinha coroas ou obturações de ouro nos dentes.

Os que tinham, eram levados para um dos lados e os seus dentes eram extraídos, ali mesmo, com alicates. Entretanto, os restantes de nós receberam a ordem de se curvarem, para que eles inspecionassem o nosso reto em busca de artigos escondidos.

A etapa seguinte eram os chuveiros. Eu nunca tinha visto um chuveiro antes na minha vida e fiquei maravilhado com a instalação. Havia várias saídas de água e grandes rodas que controlavam o fluxo da água quente e fria. Embora eu já tivesse estado num *mikvé* (banho ritual) em casa, era intimidante estar num grande grupo de estranhos nus. Tivemos de deixar as nossas botas na borda do chuveiro enquanto tomávamos banho, mas o meu pai, o meu tio e eu ficámos de olho nas nossas, porque tínhamos botas feitas à medida que durariam muito tempo. De repente, o *Kapo* e os seus ajudantes começaram a recolhê-las.

O meu pai avisou-nos assim que os viu e agarrámos rapidamente nas nossas, mantendo-as debaixo dos braços enquanto tomávamos banho. Se tivéssemos perdido aquelas botas, as nossas vidas estariam ainda mais em risco – se os nossos pés não estivessem protegidos, não conseguiríamos trabalhar e seríamos selecionados para sermos gaseados. Aqueles que perderam as deles tiveram sorte se obtiveram, no seu lugar, um par de tamancos de madeira. Estes eram semelhantes a pedaços de madeira com topos de lona agrafados, e magoavam os pés. As nossas botas eram tesouros que tínhamos de guardar dia e noite.

A crueldade dos guardas das SS tornou-se evidente pela primeira vez no

chuveiro. Enquanto nos lavávamos, um soldado ficou ao lado de uma das grandes rodas que controlavam a temperatura da água. Só para se divertir, virou-a para esquentar. Enquanto tentávamos saltar para longe, para evitar sermos queimados, outro soldado bateu-nos com um cassete, para nos obrigar a voltar para debaixo do fluxo de água. Então, o primeiro soldado girou a roda para uma temperatura gelada.

Um jovem que estava a tomar banho connosco segurava os óculos na mão. Estes tinham lentes muito grossas e ele era obviamente míope. O jato da água arrancou-lhe os óculos das mãos e, quando ele se pôs de costas para os tentar encontrar, um guarda aproximou-se e deu-lhe um pontapé na cabeça com a bota.

O jovem rebolou e o guarda pisou-lhe o peito. Consegui ouvir o estalar das costelas. O guarda, que estava agora num frenesi, continuou a pisar o homem até ele morrer. Os restantes de nós continuaram a lavar-se como se nada tivesse acontecido, mas fiquei chocado e apavorado. Até hoje, não consigo perceber o que precipitou o ato horrível do guarda. Talvez achasse cómico ver um homem nu de costas e tenha querido humilhá-lo.

Depois dos chuveiros, fomos conduzidos até aos nossos blocos com as botas calçadas, mas sem roupa. Lá dentro, havia filas de beliches com três níveis, sem colchões ou cobertores. Após três dias de pé no vagão de gado, foi maravilhoso deitar-me na horizontal, ainda que fosse sobre pranchas de madeira. Tentei ordenar os eventos das poucas horas desde a nossa chegada, mas não conseguia entender a maldade daqueles guardas. Estava preocupado com o que o futuro me reservava. Sentia-me entorpecido. Esta foi a minha iniciação a Auschwitz-Birkenau.

* * *

Fui acordado de repente do meu curto sono ao som de pancadas ruidosas e gritos de *Raus schnell!* Estávamos no beliche de cima. O meu pai saltou primeiro, depois eu e, finalmente, o meu tio. Os *Kapos* ordenaram que saíssemos do bloco. Estava uma bela manhã ensolarada e dei por mim a olhar para centenas de blocos, milhares de pessoas emaciadas atrás de cercas de arame farpado e dezenas de torres de guarda onde soldados das SS manobravam metralhadoras e holofotes. Ali perto, havia quatro enormes

chaminés a expelir furiosamente chamas vermelhas e fumo. O cheiro a carne queimada, que me oprimira inicialmente quando saí do vagão de gado, ainda permeava o ar. Não conseguia abarcar o tamanho imenso do lugar e pensei que devíamos estar numa grande zona industrial. O meu pai disse-me que me mexesse se ouvisse as ordens do *Kapo* e que, caso contrário, eles espancar-me-iam.

Foram colocadas mesas diante do nosso bloco e dois homens sentaram-se atrás de cada uma. Depois ordenaram que nos aproximássemos da mesa mais próxima numa única fila. Mais uma vez, o meu pai foi primeiro, eu fui a seguir e o meu tio foi por último. O primeiro homem perguntou o meu nome, o meu local e data de nascimento, que línguas falava, a minha altura e peso, e a cor do meu cabelo. O homem a seguir tatuou um número no meu braço esquerdo: A-9892. O número do meu pai era o A-9891 e o do meu tio era o A-9893. Onde quer que fôssemos, eu estava sempre entre os dois; eram os meus anjos da guarda.

Perto dali, havia pilhas de calças, casacos e bonés às riscas. Recebi uma peça de cada e vesti-os, mas estes não me assentavam bem. Não tínhamos meias ou cuecas, nem cinto ou suspensórios para segurar as nossas calças. A partir de uma pilha de trapos sujos descartados, o meu pai conseguiu encontrar um par de calças e, com os dentes e os dedos, arrancou tiras de tecido que torceu para fazer cintos para mim, para o meu tio e para ele. Rasgámos mais pedaços de pano e enrolámo-los em volta dos pés, a fazer de meias. Também guardámos um pequeno farrapo para usar como lenço em vez de papel higiénico. O meu pai e o meu tio eram criativos e ensinaram-me a sobreviver nestas condições horríveis.

Assim que vesti aquelas roupas de prisioneiro às riscas, senti que já não era um ser humano, apenas um número. Em duas tiras de tecido branco, os trabalhadores prisioneiros carimbaram uma estrela de David com o meu número. À medida que avançávamos na fila, usaram agulha e linha para costurar uma tira na parte frontal esquerda do casaco e outra nas costas. Grupos diferentes tinham triângulos diferentes: os presos políticos recebiam um triângulo vermelho (com um *P* para polaco ou *F* para francês, etc.), os ciganos tinham um triângulo castanho, as Testemunhas de Jeová, um triângulo violeta, os homossexuais, um triângulo cor-de-rosa, os

criminosos normais, um triângulo verde, e os designados por associiais, um triângulo preto. Entre todos estes grupos, nós, os judeus, estávamos no degrau mais baixo da hierarquia do campo.

Em breve, chegaram dois prisioneiros transportando um grande recipiente de chá quente, a minha primeira comida ou bebida em dias. Deram-nos pratos de metal, alinharam-nos e distribuíram o chá. O gosto era muito diferente daquele a que eu estava habituado em casa. O meu pai perguntou a estes homens se veríamos as nossas famílias naquele dia. Eles riram-se, apontaram para uma das chaminés que vomitavam chamas e perguntaram:

– De onde é que vens?

O meu pai respondeu:

– Chegámos da Hungria a meio da noite.

O prisioneiro disse:

– Estamos em 1944 e não sabes o que é este lugar? As vossas famílias subiram pela chaminé.

Este era o vernáculo do campo para descrever sermos gaseados e cremados.

Naquele momento, tenho a certeza de que o meu pai percebeu que a minha mãe e o resto da nossa família tinham sido assassinados logo após a nossa chegada, mas eu demorei alguns dias a entender os processos daquela máquina da morte. Até saber mais sobre a existência das câmaras de gás, presumi que tinham sido queimados vivos. Fiquei arrasado, mas estava sob tal ameaça a cada momento que não conseguia pensar na perda da minha família durante o dia. Só conseguia pensar em trabalhar, em comer e na sobrevivência física. O meu pai e o meu tio nunca falaram sobre as mortes; portanto, quando pensava na minha família, deitado no meu beliche, à noite, estava sozinho com a minha dor. Na verdade, era mais fácil existir num estado de negação do que enfrentar aquela realidade horrível.

Depois de os funcionários da prisão nos terem tatuado os números no braço esquerdo e de os terem inscrito nas nossas roupas, fomos alinhados

mais uma vez. Um oficial gritou:

– Médicos e advogados, levantem as mãos!

Aqueles que o fizeram foram mandados abandonar a formação e levados. De seguida, pediu agricultores. Muitos de nós levantaram as mãos. Por causa do seu tempo nos batalhões de trabalho, o meu pai sabia que trabalhar numa quinta nos daria acesso a batatas, nabos ou beterrabas. Os guardas seleccionaram cem homens, incluindo nós os três.

Eu estava com fome, com sede e completamente chocado com o modo como a minha vida estava a mudar minuto a minuto e hora a hora. Tudo neste lugar era ameaçador e enchia-me de medo, e agora diziam-nos que íamos para um campo diferente. Perguntei a mim mesmo se o novo campo seria semelhante a Birkenau.

Os guardas fizeram-nos marchar pela estrada ao longo de vários quilómetros até Auschwitz I. Pelo caminho, passámos por um grupo de mulheres com as cabeças rapadas e vestidos listados. Estavam atreladas a um enorme rolo de cimento que puxavam para nivelar a estrada. Algumas tinham os sapatos desfeitos, outras, tamancos ou sandálias de madeira, e algumas estavam descalças. As guardas das SS chicoteavam-nas e gritavam:

– *Schnell!* Mais rápido, malditas judias!

As solas dos pés das mulheres descalças estavam feitas em farrapos e as pedras que pisavam estavam cobertas de sangue. As mulheres das SS eram grandes e quase transbordavam dos seus uniformes; o contraste entre elas e as suas prisioneiras esqueléticas era impressionante. Não pude deixar de perguntar de mim para mim se íamos ser tratados da mesma maneira.

Capítulo Nove
Arbeit Macht Frei

O nosso grupo de cerca de cem homens chegou a Auschwitz I no início de maio de 1944 com apenas uma chávena de chá na barriga. Entrámos no campo por um grande portão de metal encimado pelas palavras «Arbeit macht frei» (O trabalho liberta-te). Perto do portão, havia uma casa de guarda cheia de soldados das SS e cães de fila. O meu primeiro vislumbre das vedações de arame farpado e dos edifícios de tijolos vermelhos semelhantes a prisões causou-me arrepios na espinha. Mal passámos pelo portão, olhei para a direita e vi uma orquestra só de homens. Estes músicos tocavam marchas quando saíamos para o trabalho pela manhã e novamente quando voltávamos à noite. Senti-me animado com o som da música, e o meu corpo respondeu ao seu ritmo. Como é que uma música tão bela podia coexistir com aquele campo sinistro em fundo?

Auschwitz I tinha vinte e oito blocos de tijolos de dois andares. Cada andar estava dividido em duas partes e havia um total de mil e duzentos prisioneiros por bloco. Cada edifício tinha um *Altester* de Bloco (responsável de bloco) e cada quarto tinha um responsável de quarto. Os responsáveis faziam parte da burocracia do campo e gozavam de certos privilégios, incluindo privacidade e provisões extras. A casa de banho de cada bloco (uma por edifício) tinha uma calha com várias torneiras de água, para acomodar um grande número de pessoas de cada vez, e ao lado havia uma sala cheia de sanitas. Dormíamos em beliches com três níveis, tal como em Birkenau, mas agora tínhamos colchões em vez de traves de madeira. Os colchões tinham em tempos tido um recheio de palha, mas, depois de anos a serem usados pelos prisioneiros anteriores, eram agora sacos de poeira. Em cima de cada colchão havia um cobertor sujo e malcheiroso.

A nossa unidade de trabalho ocupava uma sala no segundo andar do bloco 16 e a minha cama ficava no topo do beliche mais próximo da linha do telhado, que era composto por pequenas telhas feitas de um tipo qualquer de aparas coladas. Não tínhamos extras. O meu guarda-roupa

completo era composto pelo meu casaco, as minhas calças, o meu boné e as minhas botas. Aqui comecei a minha nova vida como trabalhador escravo do *Reich* alemão.

Perto do portão principal do campo ficava o longo edifício da cozinha, onde os prisioneiros preparavam refeições para aproximadamente 25 mil prisioneiros e para os guardas das SS. Esses vinte e cinco mil prisioneiros ocupavam cerca de vinte blocos, sendo vários outros usados como armazéns de roupas e cobertores de lã, que eram confiscados às pessoas quando estas chegavam a Birkenau. Estes artigos eram limpos em Auschwitz I e depois enviados para a Alemanha, para seu benefício económico. Um dos blocos era usado como clínica de primeiros socorros, onde as pessoas com lesões relacionadas com o trabalho procuravam ajuda. O bloco 21 abrigava uma clínica cirúrgica e os andares superiores eram usados como enfermarias. Ao lado do bloco 21 ficava o edifício usado para experiências médicas com os prisioneiros. O bloco 11 tinha câmaras de tortura e celas de prisão, e ao lado ficava um muro de fuzilamento onde setenta mil dos primeiros prisioneiros de Auschwitz – a maioria prisioneiros políticos polacos – tinham sido abatidos. Eu passava sempre longe do bloco 11. Do outro lado do bloco 21 ficava o edifício da lavandaria. Auschwitz I também tinha um pequeno crematório experimental, chamado Crematório I.

Quando chegámos a Auschwitz I pela primeira vez, fomos levados para um bloco onde um *Kapo*, que se apresentou como Heinrich, nos esperava. Era um homem baixo e usava um triângulo verde – provavelmente um assassino de uma prisão alemã, que tinha sido libertado e trazido para o campo para ser o nosso chefe de trabalho. Ele e outros como ele acabaram por ser os assassinos mais brutais do campo. As SS davam-lhes permissão para espancar e matar todos os trabalhadores que quisessem. Tinha um cassetete na mão e olhos penetrantes que pareciam olhar através de nós. Falando em alemão, disse:

– Se não seguirem as minhas ordens, a vossa vida terminará rapidamente. Espanco-vos até à morte. Vocês vão morrer aqui, quer seja de espancamentos, de fome ou a trabalhar até à morte. E irão certamente passar pelas câmaras de gás. Esta unidade é a *Landwirtschaft Kommando*

[Unidade de Gestão de Terras]. Amanhã de manhã, terão o vosso primeiro gostinho de Auschwitz.

Eu conseguia compreender e comunicar em alemão básico, que tinha estudado brevemente na escola, e ouvia o meu avô falar ocasionalmente em casa. Após a introdução do *Kapo*, fomos abruptamente mandados embora.

Como não tínhamos autorização para entrar no nosso bloco até todas as unidades terem regressado do trabalho, sobravam-nos algumas horas para andar por ali e familiarizarmo-nos com a disposição do campo. Observei que os *Kapos* e alguns outros prisioneiros pareciam ter uniformes feitos à medida e botas resistentes e elegantes. Também pareciam bem alimentados, quando comparados com os outros prisioneiros, que andavam magros e abatidos. A maioria destes prisioneiros exibia triângulos vermelhos com um *P* impresso; eram presos políticos e os primeiros prisioneiros de Auschwitz I. Eram designados por *Prominente* e controlavam toda a infraestrutura interna do campo. Acabou por se tornar evidente para mim que a hierarquia do campo dava aos prisioneiros políticos certos benefícios com os quais mantinham o corpo e a alma coesos, enquanto nós, judeus, no degrau mais baixo da escada, tínhamos de lutar diariamente pela sobrevivência. Eu sabia que, a menos que uma porta se abrisse, não havia maneira de sair deste buraco. A partir da manhã seguinte, as nossas vidas seriam controladas por uma disciplina de ferro a cada hora do dia e da noite.

A orquestra começou de repente a tocar uma melodia e fomos até ao portão para ver os prisioneiros a voltar do trabalho. Gostei de ouvir a música e, por um instante, pensei que estava noutra sítio – e que estava livre. As unidades de trabalho, com cem pessoas por grupo, passaram a marchar pelo portão em fileiras de cinco. O chefe das unidades relatava o número de prisioneiros a um guarda, o que garantia que o mesmo número de pessoas que saíam de manhã também regressava à noite. Estes homens trabalhavam em fábricas de munições e em estaleiros de obras. Demorou mais de duas horas para todas as unidades marcharem de volta ao campo.

Apressámo-nos a voltar para o nosso bloco, o qual estava agora cheio de homens muito cansados, famintos e agressivos. Senti-me como se estivesse

na Torre de Babel, ao ouvir os meus companheiros de bloco a falar tantas línguas diferentes. Os homens apressavam-se a ir para a casa de banho para se limparem e enxaguarem os casacos e as calças. O responsável do bloco tentava garantir que estivéssemos o mais limpos possível, porque, se isso não acontecesse, os piolhos podiam facilmente multiplicar-se e espalhar o tifo. Placas na zona de lavagem mostravam piolhos com os seus membros horríveis, dizendo: Um piolho pode ser o fim da tua vida. Os homens torciam as roupas e vestiam-nas ainda molhadas. Ninguém tinha toalhas. As botas também eram limpas da lama e engraxadas com óleo preto para os eixos tirado de um balde que ali estava, a fim de lhes dar uma aparência de limpeza. Em Auschwitz I, era possível mantermo-nos razoavelmente limpos, o que era bom para o meu moral.

Em seguida, pusemo-nos todos em fila para aquilo a que chamavam jantar, que consistia numa caneca de café aguado, uma fatia fina de pão e um minúsculo quadrado de margarina. Este foi o meu primeiro jantar em Auschwitz I. Não tinha calorias suficientes para nutrir os nossos corpos. O meu pai, o meu tio e eu discutimos se deveríamos comer toda a fatia de pão agora ou deixar um pouco para o dia seguinte. O nosso dilema devia-se a não termos onde guardar nem sequer essa pequena porção de pão, e sabíamos que, se tivessem a oportunidade, os prisioneiros famintos haviam de no-la roubar, porque a fome leva as pessoas a medidas extremas.

Na manhã seguinte, a ordem para o *appel* (a chamada) soou cedo. Apressámo-nos todos a descer as escadas e alinhámo-nos diante do nosso bloco ao estilo militar. Vinte filas de cinco pessoas espalharam-se para que a contagem ocorresse sem problemas. Estendi o braço esquerdo para o lado, para tocar no ombro da pessoa ao meu lado, e o braço direito em frente, para tocar nas costas da pessoa à minha frente. Tínhamos de nos alinhar desta maneira com grande velocidade ou os *Kapos* espancavam-nos até virarmos uma polpa. Quando o soldado das SS encarregado do nosso bloco chegava para fazer a contagem, o *Kapo* gritava:

– *Mützen ab!* (Bonés fora.)

Este procedimento era repetido em cada um dos vinte blocos.

Tínhamos de ficar em sentido enquanto os números eram conferidos pelo

Lagerschreiber, um prisioneiro encarregado de reunir as contagens e de as relatar ao oficial das SS de plantão. Num dia bom, quando os totais eram aceitáveis, o *appel* demorava entre uma hora e hora e meia. No entanto, quando os números não batiam certo, podíamos ficar ali horas enquanto eles verificavam os blocos, à procura daqueles que tivessem morrido nos beliches. Nessas ocasiões, traziam o corpo para baixo e erguiam-no fisicamente para que a contagem pudesse ser concluída. Os *Kapos* gritavam então:

– *Mützen auf!* (Bonés postos.)

Assim que os guardas ficavam satisfeitos, a orquestra começava a tocar e cada unidade de trabalho, liderada pelo seu *Kapo*, marchava em direção ao portão de forma sistemática e organizada. Marchávamos a um ritmo rápido, como se fôssemos um bando de pessoas felizes que iam trabalhar para o *Reich*. O nosso *Kommandant*, o *Unterscharführer* Kuntz, rodeava a nossa coluna com guardas e pastores alemães, à frente, atrás e de cada lado. Após a provação do *appel*, era bom poder caminhar e observar a paisagem fora do campo. Nunca vi nenhum civil local e mais tarde acabei por descobrir que os nazis tinham limpado uma grande área para acomodar Auschwitz I, II e III, bem como os campos de trabalho satélite mais pequenos. Os civis não eram autorizados a entrar nesta zona de exclusão.

Enquanto caminhávamos, passávamos por uma padaria operada por prisioneiros. Estava a ser cozido pão para o campo e o local fervilhava de prisioneiros a carregar pães em camiões. O ar em seu redor estava denso com o cheiro tentador do pão cozido. Aquilo fazia com que o meu estômago roncasse de fome. Todos os dias passávamos por esta padaria a caminho do trabalho e todos os dias o meu estômago roncava mais do que no dia anterior. A minúscula fatia de pão que recebíamos todas as noites era uma provocação terrível. Eu tinha inveja dos tipos que carregavam os camiões de pão, porque eles não passavam certamente fome como eu.

Depois de caminharmos, chegámos a uma área onde os dois lados da estrada estavam cobertos por plantas de mostarda até onde a vista alcançava. Chegavam à cintura, e as flores no topo eram de um amarelo brilhante. Parámos num grande acampamento com muitos edifícios,

estábulos e todo o tipo de equipamentos agrícolas. Tratava-se de um campo satélite chamado Budy. Aqui, havia muitos prisioneiros a realizar diferentes tipos de trabalho. Fiquei surpreso por ver um rapaz de cerca de vinte e poucos anos da minha cidade natal. Fizemos contacto visual, mas não tivemos oportunidade de falar. Quando recebi a ordem para carregar foices num carrinho, ele aproximou-se e deu-me um pedaço de pão.

Havia aproximadamente cinquenta prisioneiros que viviam e trabalhavam em Budy com os seus guardas das SS. Estavam todos familiarizados com o trabalho agrícola e eram habilidosos no manejo de cavalos. Os prisioneiros cuidavam bem destes belos animais, usados para transportar produtos agrícolas e lavrar a terra. Budy era um campo satélite no meio de grandes quintas e servia como ponto de distribuição para muitas colheitas, como a batata, a beterraba, nabos, cebolas, feno e forragem para o gado. (Até vi uma enorme pilha de pão com bolor que acabou por ir parar à sopa que comemos ao almoço.) O carrinho que me disseram para carregar foi puxado e empurrado até à beira do campo de mostarda, onde aproximadamente cinquenta de nós começámos a trabalhar para cortar as plantas. Houve uma enorme corrida para escolher uma foice que não fosse demasiado grande. As foices maiores tinham lâminas maiores, mas eram bastante pesadas. A pressa para conseguirmos uma mais pequena tornou-se rapidamente perigosa – cinquenta homens a empunhar aquelas ferramentas semelhantes a facas era um grande perigo. Também recebemos uma pedra de amolar para afiar as lâminas das foices. O *Kommandant* anunciou que se alguém partisse a sua pedra, tal seria considerado um ato de sabotagem e o ofensor seria de imediato morto no local.

O *Kommandant* era um agricultor austríaco e conhecia bem o seu trabalho. Teve uma reunião com o nosso *Kapo* (que estava mais familiarizado com o interior de uma prisão alemã do que com o trabalho agrícola) e com o nosso sub-*Kapo* (um prisioneiro político polaco chamado Stasek que era um agricultor competente), e explicou como deveríamos proceder e qual o tamanho da área que esperava que concluíssemos até ao final do dia. Os homens mais fortes liderariam, definindo o ritmo que os restantes deviam seguir. Os caules de mostarda são bastante grossos e a

altura do corte tinha de ser precisa, não mais do que sete centímetros acima do solo. O líder começou a cortar e, quando estava a cerca de um metro de distância (longe o suficiente para não ferir ninguém com a sua foice), o homem seguinte começou numa nova fileira, e assim por diante. O meu pai, o meu tio e eu estávamos habituados às foices, porque o meu avô usava uma para cortar feno. Sabíamos que a ferramenta era mais eficaz quando segurada num determinado ângulo e a uma altura uniforme. Partimos – eu seguia o meu pai e o meu tio seguia-me a mim. Ao longo do dia, eles incentivaram-me a manter o ritmo. Era um trabalho físico extenuante, e o nosso *Kapo* observava constantemente para se certificar de que seguíamos a um ritmo constante. Estava um dia quente e o sol queimava sobre nós. Eu estava desidratado e não havia água disponível no local. Auschwitz e os seus campos-satélite tinham sido construídos numa zona climática desafiadora da Europa, entre os rios Vístula e Soła, com pântanos em redor. Um dia quente e húmido sem água era muito duro para o corpo.

Eu já tinha usado uma foice em casa durante meia hora ou uma hora, às vezes, mas aqui cortei continuamente durante quatro horas até pararmos para almoçar. Sentia-me como se as minhas costas se estivessem a partir e as palmas das minhas mãos tinham grandes bolhas, tendo algumas já rebentado. No entanto, apesar de todas as nossas horas de trabalho, parecia que quase não tínhamos feito nenhum avanço. O meu pai disse-me que eu tinha de continuar ou o *Kapo* espancar-me-ia, e ele sabia que os espancamentos repetidos diminuiriam as minhas hipóteses de sobrevivência. Disse-me que pusesse um pé à frente do outro e que tivesse bons pensamentos em relação a sobreviver a esta provação. O meu pai tinha sido sempre um disciplinador rigoroso e, agora, essa abordagem disciplinada ajudava-me a manter-me focado e determinado. Pensei na minha rebeldia anterior e no meu relacionamento sempre tenso com ele. Era como se não correspondesse às suas expectativas, tanto na escola pública como na escola hebraica, e ficámos ainda mais afastados com a sua ausência de três anos nos batalhões de trabalho. Contudo, nestas novas circunstâncias, em Auschwitz, eu estava muito dependente do seu apoio emocional e sentia-me extremamente grato por ter o meu pai e o meu tio ali

comigo. Eles fizeram tudo o que podiam para me manter vivo e sem eles jamais teria sobrevivido às primeiras duas semanas naquele inferno.

Após o nosso trabalho matinal, fizemos uma pausa de trinta minutos para o almoço. Uma carroça puxada por cavalos trouxe um recipiente de sopa e cada um de nós pegou num prato de metal e pôs-se numa fila única para ser servido. Quando chegou a minha vez, recebi uma concha de uma mistura malcheirosa que nunca tinha visto na vida. Era *dörgemäze*, uma espécie de sopa de legumes. Olhando para a tigela, reconheci pão com bolor e talos de mostarda cortados e recusei-me simplesmente a comê-la. O meu pai, no entanto, sabia que eu precisava de comer para sobreviver e forçou-me praticamente a engolir a sopa. Poucos dias depois, quando a fome se tornou mais forte, o *dörgemäze* começou a ter um gosto muito bom e uma única concha já não era suficiente para me encher o estômago.

Depois de todos terem recebido a sua porção de sopa, às vezes sobrava um pouco. Nesses dias, o homem que servia a sopa gritava:

– *Repeta!*

Os homens saltavam e acotovelavam-se para chegar à frente da fila. O *Kapo* costumava usar aquela situação como uma oportunidade para se divertir, batendo nos homens que conseguiam chegar à frente. Pior ainda, porém, era a maneira como os próprios prisioneiros quase se matavam uns aos outros quando a sopa acabava. Levantei-me e fiquei a ver os homens mergulhar de cabeça nas latas para lambar cada gota restante. Nunca tinha visto pessoas a agir assim, como uma matilha de cães a lutar por um naco de carne. Estava decidido a nunca descer àquele nível, não importava o que acontecesse.

Noutra hora do almoço, enquanto os prisioneiros estavam sentados todos juntos num grupo apertado, os guardas das SS formaram um cordão à nossa volta e sentaram-se à sombra de algumas árvores. Um dos guardas mais próximos de mim abriu uma mochila, pegou numa sandes e numa garrafa térmica e começou a almoçar. Acompanhou a sua grande sandes com o líquido da sua garrafa térmica, a qual supus que devia conter um belo café. Sendo uma pessoa faminta, achei terrivelmente humilhante ver os guardas a desfrutar das suas refeições generosas à nossa frente. Enquanto o guarda

comeu, o seu grande pastor alemão manteve-se sentado, imóvel, ao lado dele, a olhar para nós com as orelhas eretas em modo de guarda. Era um belo cão e fez-me pensar em *Farkas*. Que estaria ele a fazer? Ainda guardaria a nossa casa? O guarda arrancou um pedaço da sua sandes e atirou-a para a frente do cão, mas este continuou sentado sobre as patas traseiras, sem se mover. De repente, um membro do nosso grupo levantou-se de um salto e correu para pegar naquele pedaço de pão. O guarda proferiu uma ordem simples e, com um grande salto, o cão agarrou o pulso do homem entre os dentes. Segurou-o até o guarda lhe dar a ordem de largar. O pulso do homem ficou despedaçado e ele ainda levou uma sova. Perguntei para mim mesmo, na altura, quem seria mais cruel, o cão ou o seu dono? No fim do dia, o homem com o pulso ferido e um outro com um corte grave foram deixados para trás em Budy. Nunca mais os vimos.

Depois do almoço, continuámos a trabalhar durante várias horas, até recebermos finalmente a ordem para pararmos e empilharmos as nossas foices no carrinho, o qual foi levado de volta para Budy. Nunca na minha vida tinha trabalhado tão arduamente durante oito ou nove horas por dia com uma dieta de fome de aproximadamente trezentas calorias. Estava com fome e cansado, e ainda tínhamos vários quilómetros para marchar de volta a Auschwitz. O *Kapo* conduziu-nos impiedosamente, gritando:

– Esquerda, esquerda, esquerda.

E verificava constantemente se todos mantínhamos o mesmo ritmo. Quando nos aproximámos de Auschwitz, ouvi a orquestra do campo e isso animou-me. Recuperei um pouco de força e por fim chegámos. De alguma forma, a marcha e a música mantiveram o meu ânimo. Para mim, a música era a única coisa humana e normal no campo. A música dava-me esperança.

Entrámos a marchar no campo, ansiosos por nos lavarmos e numa grande expetativa pelo nosso mísero jantar. É incrível como o corpo humano é resistente – como é que conseguimos sobreviver com tão poucas calorias e ajustar-nos a tão pouca comida. Com o passar do tempo, contudo, os nossos corpos começaram a deteriorar-se devido à falta de nutrição. Este facto tornou-se particularmente evidente quando os presos contraíram escorbuto devido à falta de vitaminas. Além do trabalho diário árduo,

tinhamos de lidar com todas estas doenças e desafios físicos, e ainda tentar manter a sanidade. Eu tinha uma sensação de realização por conseguir acompanhar homens mais velhos e muito mais fortes.

No fim de cada dia, corríamos para o nosso bloco, lavávamo-nos e limpávamos as nossas botas e fazíamos fila para o nosso jantar de café a fingir, uma fatia fina de pão e um minúsculo cubo de margarina. Tínhamos de comer muito depressa e depois voltar para a rua para nos alinharmos para o *appel*. Ficar naquela fila depois de tantas horas de trabalho duro era um castigo terrível. Tinha de imaginar que era uma árvore com raízes profundas no solo e que essa era a âncora que me mantinha de pé. Alguns homens desmaiavam por ficarem tanto tempo de pé. Se caíssem, eram espancados e forçados a voltar a ficar nessa posição. Se não se conseguissem aguentar, os prisioneiros de cada lado tinham de os segurar até a contagem estar concluída.

Quando estávamos todos contados, mandavam-nos destroçar. Naquela primeira noite, fui até à pequena enfermaria buscar ligaduras para as minhas bolhas. Um médico colocou um pouco de iodo nas minhas feridas e deu-me um rolo de ligaduras de papel. Eu receava não conseguir trabalhar com a minha mão magoada no dia seguinte. As feridas demoraram um pouco a cicatrizar, mas, por fim, as minhas mãos ficaram duras como couro.

Aproximadamente às 21h30, soava um gongo que indicava que tínhamos de estar todos nos nossos beliches. Isto tinha o nome de *Lagersperre* e significava que o campo ficava fechado durante a noite. Qualquer pessoa que fosse encontrada no exterior depois disso podia levar um tiro vindo das torres de vigia ou ser derrubada por um sargento conhecido por Kaduk (a palavra polaca para «Carrasco»). Kaduk andava pelas ruas do campo com o seu grande pastor alemão, o qual desfazia qualquer infeliz no instante em que lho ordenassem.

Assim que nos deitávamos nos nossos beliches, as luzes eram apagadas. Havia roncões e gemidos devido ao trabalho duro do dia. Quando íamos dormir, tirávamos apenas as botas. Eu usava as minhas como almofada, e atava os cordões ao pulso, para que ninguém mas pudesse roubar durante a

noite. Deitado no beliche, tentei digerir os eventos dessas últimas vinte e quatro horas. Pensei na minha cama limpa e confortável em casa, a qual parecia estar agora a um milhão de quilômetros de distância, e interroguei-me sobre o que o dia seguinte me teria reservado.

* * *

Após terminarmos a colheita da mostarda, a nossa unidade foi dividida em duas. Das cem originais, ficámos reduzidos a cinquenta pessoas. O meu pai, o meu tio e eu ficámos juntos no *Landwirtschaft Kommando* e recebemos uma nova missão. Ao fim de uma semana em Auschwitz, eu já tinha aprendido algumas coisas e estava a começar a perceber como viver neste lugar horrível. Mas a tristeza de seguir a mesma rotina todos os dias era esgotante e não havia nenhum tipo de estímulo mental.

Muito pior do que as indignidades e privações do dia a dia eram os horrores aos quais era exposto diariamente. Lembro-me de voltar para o campo depois do trabalho, no terceiro ou quarto dia, e de ver um corpo pendurado na forca, mesmo à nossa frente. O homem tinha uma placa que dizia: Isto é o que acontece àqueles que tentam fugir daqui. Foi um choque ver o homem enforcado e também um aviso para nos manter na linha.

Todos os dias, havia outro horror inesperado. Aqueles que tentavam trazer o chamado contrabando do trabalho – uma batata ou uma beterraba, por exemplo – eram frequentemente descobertos no portão e recebiam 25 chicotadas pela sua transgressão. Essa punição era sempre aplicada no *appel*, à noite, quando todos os prisioneiros estavam presentes e eram obrigados a ver. O acusado era despido e curvado sobre um tambor de madeira e as suas mãos e pés eram amarrados. As costas e as nádegas ficavam expostas e ele era chicoteado por um *Kapo*. Na realidade, esta sova costumava ser uma sentença de morte, porque quase ninguém conseguia recuperar. A forca ficava no mesmo local.

Quando não era usada para torturar e executar os prisioneiros, a praça aberta diante da cozinha do campo servia outros propósitos. Às vezes, havia um mercado negro onde podíamos trocar as nossas rações de pão por trapos ou algo a que chamávamos *mahorka* (tabaco feito de casca de árvore). Muitos dos mais veteranos conseguiram artigos de luxo como carne,

conhaque, cigarros, charutos e cobertores de lã da Holanda. Estes artigos especiais estavam disponíveis apenas para os *Prominente*, os prisioneiros do topo da hierarquia do campo. Os *Prominente* viviam com conforto, quando comparados com o resto de nós, desfrutando de quartos separados e de privilégios especiais que lhes conferiam estatuto e segurança. Mais importante ainda, tinham contactos que podiam usar para arranjar comida, roupas e outros luxos. Os restantes não tinham absolutamente nenhuma hipótese de aceder a esses artigos exclusivos. Na lógica distorcida de Auschwitz, esta praça principal era, ao mesmo tempo, um local de comércio e burocracia quotidianos e um local de tortura.

Drenar os Pântanos

Acolheita da mostarda durou cerca de uma semana (embora tenha parecido uma eternidade), e depois regressámos a Budy para ir buscar ferramentas para a nossa tarefa seguinte. Carregámos pás e enxadas num carrinho de duas rodas que levámos até uma grande área pantanosa, onde fomos divididos em dois grupos. O primeiro grupo foi obrigado a cavar trincheiras à beira do pântano, enquanto o outro grupo, onde eu me incluía, entrou na água com as botas calçadas para cavar canais e direcionar a água para a vala do perímetro. O sol estava forte e as minhas botas e calças ficaram molhadas e cheias de lama. Apesar de toda a água em nosso redor, não a podíamos beber, porque podia causar disenteria, que costumava ser fatal. Eu achava os campos de mostarda horríveis, mas isto era muito, muito pior.

Durante a nossa pausa para o almoço, o meu pai, o meu tio e eu sentámo-nos juntos como uma família, tal como fazíamos todos os dias. O *Kapo*, Heinrich, deve tê-lo notado, porque se colocou mesmo à nossa frente e pediu ao meu pai que identificasse a pessoa que estava ao seu lado, apontando para o meu tio. O meu pai disse que era o seu irmão. A seguir, ele apontou para mim e perguntou quem eu era. O meu pai disse que eu era o seu filho. Eu temia que aquilo não acabasse bem.

Eu tinha descalçado as botas durante o almoço, para as tentar limpar da lama, e, portanto, estava descalço quando o *Kapo* gritou que pegássemos nas nossas enxadas e voltássemos ao trabalho. Apressei-me a calçar as minhas botas, ainda sentado no chão, mas não fui rápido o suficiente segundo os padrões de Heinrich, o qual esperava que as suas ordens fossem seguidas imediatamente. E começou a bater-me com o cassetete. Achei que os meus ossos se fossem partir, mas não emiti nenhum som. Tinha reparado que quando batia nos homens, o *Kapo* os espancava ainda mais se gritassem de dor ou lhe implorassem que parasse. Mantive a boca fechada, esperando que ele ficasse satisfeito mais depressa e me deixasse em paz. Quando

acabou de me espancar, peguei nas minhas ferramentas e nas botas e corri para o pântano para continuar a trabalhar. Esta foi a primeira sova a sério que recebi em Auschwitz. Estava magoado e tinha vergões por todo o corpo, mas felizmente não tinha nada partido. Mesmo assim, senti-me violado e humilhado.

No dia seguinte, Heinrich foi atrás do meu pai, dando-lhe uma sova terrível. Quando vi a sua dor, fiquei frustrado por não poder fazer nada para o ajudar. Mais tarde, no mesmo dia, quando voltámos ao campo, o meu pai sugeriu que nos separássemos, para não apresentarmos um grupo familiar tão óbvio. Ele achava que o *Kapo* nos estava a atacar porque temia que a nossa unidade familiar fortalecesse os laços entre nós. O meu pai achava que, se não nos separássemos, não íamos ser capazes de sobreviver às sovas diárias.

Dois dias depois, o meu pai e o meu tio conseguiram entrar noutra unidade de trabalho e eu fiquei com o *Kapo* Heinrich. Não sei como o meu pai e o meu tio conseguiram mudar de unidade de trabalho, mas isso implicou a sua transferência para um bloco diferente. Para mim, este foi o início de um novo capítulo. Com quinze anos e meio, estava completamente sozinho durante o dia e tinha apenas algumas horas para passar com o meu pai e com o tio Eugene antes do recolher noturno. Preocupava-me não saber como é que iria sobreviver sem os meus dois guardiões, mas estava determinado a mostrar ao meu pai que tinha recursos para sobreviver sozinho.

Depois de alguns dias a trabalhar nos pântanos, os meus pés estavam a suportar o impacto do trabalho. Ficar na água o dia todo deixava-me as botas encharcadas e eu só as conseguia tirar quando voltava para o meu beliche. De manhã, quando as botas já tinham secado, era muito difícil voltar a enfiar os pés nelas. Tinha de as forçar e já não podia usar o pedaço de pano que antes enrolava nos pés a fazer de meias. Os meus calcanhares roçavam contra as botas e depressa se tornaram uma massa ensanguentada. Com os calcanhares a sangrar constantemente, tinha dificuldade em andar. Não sabia como lidar com este problema, que me preocupava muito, porque sem os pés estávamos em apuros. Todas as manhãs acordava e concentrava-me em sobreviver àquele dia. O meu pai dissera-me sempre

que pusesse um pé à frente do outro; era um conselho que eu aplicava constantemente.

Ao fim de algum tempo, os meus calcanhares curaram-se milagrosamente e consegui envolvê-los num pedaço de pano para os proteger. No campo, tínhamos de ser criativos e usar a esperteza para sobreviver. Não queria que o meu pai se preocupasse, pelo que nunca lhe falei dos meus pés feridos. Em breve surgiria outra preocupação; no fim de junho, fiquei coberto de furúnculos doloridos, por falta de vitaminas. O meu corpo clamava por proteínas, mas não havia onde as obter. As minhas funções corporais também estavam a mudar – algo que observara em muitos prisioneiros mais velhos, que simplesmente não conseguiam controlar a bexiga. Comecei a ter os mesmos problemas, até que dei por mim a descer do beliche de cima a meio da noite para correr para a casa de banho. Quando chegámos ao campo, o meu pai dissera que era melhor ficarmos nos beliches de cima, embora fosse mais difícil subir, à medida que os nossos corpos fossem enfraquecendo. Percebi agora que estar no topo pelo menos protegia-nos dos acidentes daqueles que não conseguiam chegar à casa de banho.

A comida era o primeiro ponto na nossa agenda. Pensávamos nisso durante o dia e sonhávamos com isso durante a noite. Eu fantasiava constantemente com as refeições que comia em casa. Lembrava-me de ter detestado a sopa de tomate com arroz da minha mãe, mas agora achava que seria maravilhoso se pudesse comer uma tigela. Disse a Deus que, se sobrevivesse e saísse deste sítio, seria uma pessoa muito boa. Viveria feliz sozinho numa floresta, e um naco de pão, uma batata e um copo de leite seriam a realização de um sonho.

As noites eram o momento em que as memórias de casa e da família me voltavam à mente. Quanto tempo se passara desde que tinha partido? Tinham sido apenas alguns meses, mas pareciam mil anos. Podia ver a minha família, os rostos de cada um deles. Não queria esquecer como eram ou o que me tinham ensinado, mas, ao mesmo tempo, sabia que, se me deixasse levar pelos meus pensamentos, ficaria muito vulnerável. Então obriguei-me a parar de me lembrar, com o que consegui dormir mais profundamente. Ainda assim, parecia sempre que as manhãs chegavam

demasiado cedo e a voz áspera do *Kapo* a gritar para descermos dos nossos beliches era uma saudação bastante indesejável para cada novo dia.

Com o passar dos dias, notei alguns homens de olhos vidrados que agiam como se fossem bêbados que já não conseguiam seguir ordens. Eram espancados, mas não fazia qualquer diferença. Tinham simplesmente desistido de viver. Inevitavelmente, estes homens eram escolhidos e levados para as câmaras de gás. Com a minha idade, eu não sabia nada sobre a depressão e, portanto, receava que o comportamento destes homens fosse, de alguma forma, contagioso. Resolvi não ser afetado pelo que os afligia. Muitas vezes enfrentei situações desesperadas nas semanas e meses que se seguiram, mas estava decidido a sobreviver.

Algures em junho, a nossa unidade foi levada para Auschwitz II, onde a vedação estava a ser ampliada. O nosso trabalho era colocar os vários postes de cimento aos quais os fios da vedação eletrificada estavam ligados. Eram necessários três prisioneiros para levantar cada um destes pilares, que eram extremamente pesados. Era um trabalho esmagador que sobrecarregava todo o meu corpo, especialmente os ombros. Sempre que estávamos prontos para levantar um poste, contávamos até três e, então, levantávamo-lo em uníssono. Carregávamos o poste até uma vala e depois subíamos pelo outro lado, colocando-o num buraco já escavado. Se um de nós vacilasse ou tropeçasse, seríamos todos esmagados pelo seu peso. Enquanto isso, o *Kapo* encarregado continuava a assediar-nos e a gritar:

– Mais rápido! Mais rápido!

Depois de colocarmos o primeiro poste, o meu corpo ficou esgotado. Perguntei de mim para mim como iria conseguir levantar o seguinte. Foi preciso um esforço e uma concentração sobre-humanos para pôr um pé à frente do outro, enquanto aquele peso esmagador ameaçava empurrar-me para o chão. Fomos destacados para este trabalho durante três dias consecutivos sob a vigilância rigorosa do *Kapo*, que nos observava em busca de qualquer sinal de preguiça ou sabotagem. O meu corpo clamava por água, alimento e descanso. Quando chegou a nossa pausa de trinta minutos para o almoço, saboreei cada gota da sopa aguada e cada momento de sombra debaixo de uma bétula.

Enquanto almoçava, notei uma pequena espiral de fumo a sair da enorme chaminé do crematório. No início, parecia bastante inofensiva, mas em poucos minutos estava a lançar chamas vermelhas furiosas. Em dias húmidos, o fumo não subia, permanecendo baixo e cobrindo uma grande área onde as cinzas caíam em flocos. O cheiro de carne queimada instalou-se nas minhas narinas e deixou-me maldisposto. Por essa altura, já estava bastante familiarizado com o processo de extermínio. Tinha ouvido

histórias sobre as câmaras de gás, no campo, e sabia que os nazis convenciam as pessoas a entrar dizendo que iam tomar banho e ser desinfetadas, criando uma falsa sensação de segurança. Uma vez lá dentro, aquelas pessoas – geralmente às duas mil de cada vez – eram mortas com gás Zyklon B. Agora, enquanto observava o fumo a sair da chaminé, perguntava para mim quem estaria ali e de onde teriam vindo.

Um dia, no fim de junho ou início de julho, fomos levados a marchar para o trabalho ao som da orquestra. *Que surpresas me estarão reservadas?*, perguntava de mim para comigo. Chovia torrencialmente. Eu estava encharcado e a água escorria-me pelo corpo até às botas. Era um dia quente e abafado, e a chuva sabia bem e podíamos bebê-la para nos mantermos hidratados. Tirei o meu boné encharcado, torci-o e bebi a água que escorreu.

Voltámos ao campo satélite de Budy e vi que o carrinho estava cheio de cestos de palha entrançada para algum propósito desconhecido. Fomos conduzidos outra vez até aos pântanos cuja água tínhamos drenado algumas semanas antes. Agora, os campos estavam de certo modo secos e havia uma montanha de pó branco de um dos lados.

Esta substância calcária era cal química (hidróxido de cálcio), usada como fertilizante. Ordenaram-nos que a colocássemos nos cestos, que ficaram rapidamente muito pesados, porque a cal estava saturada da água da chuva. Assim que o nosso cesto ficou cheio, fomos mandados para os campos que tínhamos drenado apenas algumas semanas antes e instruídos para aplicar a cal no solo. Peguei o cesto contra a minha coxa com a mão esquerda e usei a direita para apanhar o máximo de cal que conseguisse para a espalhar pelo campo. Quando os cestos ficaram vazios, voltámos e enchemo-los novamente. Este processo continuou por muitos dias. O produto químico branqueou a cor dos nossos uniformes. Ficámos conhecidos como os Comandos Fantasmas.

À medida que escorria dos cestos, a cal molhada atravessava os nossos casacos e atingia a pele. Eu queria coçar o corpo todo, o que só piorava as coisas – a pele ficava ainda mais irritada e gretada, e sangrava. Perguntei para mim como iria sobreviver a este trabalho, mas não havia alívio. Esta

tarefa continuou durante cerca de uma semana, até que terminámos de espalhar a cal. Por essa altura, a carne dos dedos da minha mão direita tinha sido comida e a pele das minhas rótulas tinha desaparecido, expondo o osso por baixo. Eu estava com medo de ser devorado por este produto químico. No fim de cada dia, tentava lavar tudo, mas não tínhamos pomadas nem tratamentos para ajudar a pele a cicatrizar. Este seria um trabalho que, em condições normais, seria feito com algum tipo de equipamento, a fim de evitar o contacto direto com o produto químico; no entanto, a nossa saúde e segurança não significavam nada para os nazis. Éramos dispensáveis.

Nos últimos três dias desta tarefa, trabalhámos perto de alguns lagos com patos. Eu podia ver e ouvir os patos enquanto trabalhávamos. No fim de cada um dos três dias, para se divertir, o *Kommandant* ordenou que corrêsemos para a água com as nossas roupas e botas vestidas e depois disse aos guardas que soltassem os cães. Aqueles que não conseguiam correr suficientemente depressa eram esganados. Eu sabia que, assim que chegasse à água, os outros iriam amontoar-se em cima de mim e poderia afogar-me, portanto, tentava sempre correr mais depressa do que os outros. No último dia, depois de saltar para a água, nadei por entre uns juncos próximos e encontrei um ninho com dois grandes ovos de pato. Era um milagre. Eu sabia que comer os ovos era perigoso – se alguém me visse, podia ser severamente castigado ou morto, mas eram uma tentação tão grande que não me importei com as consequências. Parti imediatamente um e chupei-o. O gosto era maravilhoso e deu-me a infusão de força de que o meu corpo tanto precisava. Quando ouvi a ordem para sairmos da água e alinharmo-nos para a contagem, peguei no segundo ovo e escondi-o no sovaco. Estava decidido a trazê-lo de volta para o campo, para o meu pai, mas durante a marcha de regresso o ovo partiu-se. Fiquei arrasado ao perder aquele presente que tanto queria partilhar. Não muito tempo antes, perder um único ovo ter-me-ia parecido insignificante, mas agora aquela perda era quase impossível de suportar.

Um Pedaco de Toucinho

Um dia, depois de voltar do trabalho, vi o meu pai e o meu tio à minha espera do lado de dentro do portão, como sempre faziam. A minha unidade era sempre a última a voltar à noite e eles nunca deixavam de esperar pelo meu regresso. Algumas vezes, tinham conseguido trazer um pedaco de pão ou uma batata de um grupo de trabalho e partilhavam sempre a sua sorte comigo. O risco de o fazerem era grande. Quando os prisioneiros voltavam a marchar para o campo, o sargento das SS encarregado do portão examinava cada um em busca de contrabando. Se visse qualquer comportamento suspeito, gritava para o prisioneiro levantar as mãos. Se o homem tivesse alguma coisa escondida na axila, esta cairia imediatamente. O sargento retirava os infratores da coluna e registava os números da tatuagem e do bloco. Depois, durante o *appel*, era aplicada uma punição, às vezes chicotadas e outras vezes a recolocação numa unidade penal (*Strafkommando*). Os prisioneiros das unidades penais eram sujeitos a espancamentos severos dados pelos *Kapos* e a sua expectativa de vida era muito reduzida. Apesar destes perigos, os prisioneiros que conseguiam encontrar restos de comida corriam sempre o risco de os tentar contrabandear para o campo. Estávamos constantemente à procura de artigos que pudessem melhorar as nossas hipóteses de sobrevivência.

Todos os pertences dos deportados recém-chegados eram recolhidos na plataforma ferroviária de Auschwitz II-Birkenau e enviados para serem classificados num edificio especial, que ficou conhecido pelo nome de *Kanada*. Carne e outros artigos alimentares também iam parar ao *Kanada*, onde eram separados pelos prisioneiros. Às vezes, os alimentos eram usados para esconder objetos de valor – uma moeda podia estar escondida num pãozinho, por exemplo. Os prisioneiros podiam comer a comida, mas estavam proibidos de tirar qualquer moeda, ouro ou joias. Todos os artigos valiosos eram recolhidos por um guarda das SS chamado Escriturário⁴. Neste dia específico, a unidade do meu pai estivera a trabalhar perto do

edifício do *Kanada* quando uma rapariga da nossa cidade o reconheceu. Tendo acesso livre a artigos de comida na bagagem, ela encontrou um pedaço de toucinho e conseguiu entregar-lho embrulhado num pano. Foi um ato de bondade totalmente inesperado. O meu pai, correndo grande risco pessoal, contrabandeou o toucinho para Auschwitz I debaixo do casaco e depois entregou-mo quando estávamos todos juntos. O meu tio bloqueou a linha de visão para que ninguém desse pela transferência. Fiquei surpreendido ao dar por mim a segurar um pedaço de toucinho na mão. Éramos uma família ortodoxa tradicional, por isso não comíamos carne de porco de nenhuma espécie, mas, no entanto, o meu pai disse-me que eu devia comer um pedacinho todos os dias. Ele e o tio Eugene, que deviam estar com tanta fome como eu, recusaram-se a romper com as suas crenças religiosas; senti-me maravilhado perante a sua força. Contudo, o meu pai disse-me que isto era uma questão de vida ou de morte e que eu devia escolher a vida.

Enquanto trabalhadores escravos, não tínhamos armários para guardar coisas, mas eu conseguira desalojar uma das telhas do teto por cima do meu beliche no bloco, criando um pequeno espaço onde escondi alguns objetos, incluindo farrapos. Escondi o toucinho no espaço por trás desta telha. Nas noites seguintes, esperava até todos estarem a dormir e, então, quando tinha a certeza de que ninguém me podia ver, deslocava a telha e tirava o meu tesouro secreto. Sem faca nem qualquer outro utensílio, mastigava um pequeno pedaço. Conseguia sentir a energia a fluir pelo meu corpo a partir daquele alimento. Todas as noites dava uma dentada – apenas uma pequena injeção de energia –, e tenho a certeza de que aquele pedacinho de proteína me dava a força de que precisava para enfrentar o dia seguinte.

⁴ Em 2015, talvez num dos últimos grandes julgamentos de crimes de guerra nazis, o «Escriturário» Oskar Groening foi levado a julgamento (ver Epílogo).

Seleções, Julho de 1944

As SS iniciaram uma onda de seleções em Auschwitz I no início de julho de 1944. O simples facto de ouvir a palavra *seleção* deixou-me tomado de medo. Os meus companheiros de prisão tinham-me explicado todo o processo de gaseamento e cremação, e eu sabia que uma seleção significava a morte certa. Tomei a decisão firme de que, se fosse selecionado, tentaria electrocutar-me nas cercas ou levar um tiro das torres de guarda, em vez de me submeter a ser gaseado.

Uma noite, fomos acordados abruptamente do nosso sono. Os guardas das SS e os *Kapos* gritavam:

– *Raus!* Seleção! Deixem as vossas roupas no beliche e desçam para o andar de baixo.

Conduziram-nos para a rua entre os blocos e obrigaram-nos a correr até um edifício próximo, onde os médicos das SS estavam à espera para fazer a seleção. Passámos por eles em fila única. Eles olhavam para cada preso a fim de determinar quem estava demasiado fraco ou doente para trabalhar e quem poderia continuar. Eu sabia que a minha vida estava em jogo e o medo quase me paralisou numa altura em que tinha de parecer mais vivo e capaz de realizar trabalhos físicos. O homem à minha frente foi parado e os números da sua tatuagem e do bloco foram registados numa prancheta. Era uma sentença de morte para ele, mas uma oportunidade de viver para mim. Enquanto ele permaneceu parado, continuei simplesmente a mover-me em direção à saída do edifício, dando um suspiro de alívio quando lá cheguei. Sabia que, se tivesse parado por um instante, eles poderiam ter-me examinado mais de perto e enviado para a morte. Tive sorte desta vez.

De volta ao bloco, não consegui voltar a adormecer. Perguntei para comigo o que teria acontecido ao meu pai e ao meu tio, que estavam num bloco diferente do meu. Como é que se teriam saído? Ia ter de esperar até de manhã para descobrir.

No dia seguinte, corri para o bloco deles, mas eles não estavam lá. Pensei

que devia ter acontecido o pior, mas não tive tempo para investigar mais, porque tinha de me juntar à minha unidade para o *appel*. Passei um dia terrivelmente difícil a pensar neles, mas tentei convencer-me de que tinham sido selecionados para entrar noutra campo de trabalho. Esperava pelo melhor, mas por dentro sabia que estava a mentir a mim mesmo.

Quando regresssei do trabalho, nessa noite, fui de imediato até ao bloco delees, novamente. Eles continuavam a não estar lá. Perguntei aos homens nos beliches ao lado se os tinham visto, mas ninguém sabia de nada. Corri até uma área de detenção cercada onde os SS mantinham os prisioneiros selecionados até estarem prontos para serem transportados para Birkenau para serem gaseados. Vi muitas pessoas a circular dentro desta área e chamei pelos nomes do meu pai e do meu tio. Em poucos segundos, eles vieram ter comigo à cerca de arame farpado. Fiquei extremamente feliz por os ver, mas, ao mesmo tempo, sabia que estes eram provavelmente os nossos últimos momentos juntos. Não tinha palavras. Não consegui dizer uma única palavra de consolo ou de esperança. O guarda da torre gritou:

– Afastem-se da vedação imediatamente, ou atiro!

Então, o meu pai estendeu a mão através do arame e abençoou-me com uma oração judaica clássica:

– Que Deus te abençoe e proteja. Que Ele seja gracioso contigo. Que volte o Seu semblante para ti e te dê paz.

Era a mesma oração que o meu pai costumava proferir para abençoar os filhos todas as sextas-feiras à noite, antes da refeição do Sabat. A seguir, ele disse:

– Se sobreviveres, deves contar ao mundo o que aconteceu aqui. Agora vai.

Enquanto me afastava, deitei-lhes um último olhar antes de virar a esquina do edifício e já não os poder ver mais.⁵

Fiquei arrasado e confuso. Como é que um pai se sente quando se está a despedir e a deixar o seu filho num lugar tão cruel? Durante dias, mal existi, vagueando numa névoa constante. Os meus dois anjos da guarda tinham partido. Sem o seu encorajamento e os seus pequenos presentes de comida, eu jamais teria sobrevivido às primeiras duas semanas em

Auschwitz. Agora, era o único membro vivo da minha família imediata – um sentimento triste, solitário e assustador. Como é que iria sobreviver sem eles?

^s Ver apêndice.

Um dia, os SS levaram-nos até uma grande extensão de terra coberta de arbustos e cheia de grandes cepos de árvores. Foi-nos ordenado que limpássemos toda a área e que nivelássemos o solo, porque eles queriam usar a terra para cultivar cereais e mostarda. Embora o sol quente caísse sobre nós, o ar fresco era revigorante e este trabalho não parecia ser tão rigoroso como os anteriores. Tínhamos espaço para nos movimentarmos e podíamos usar os arbustos como uma espécie de camuflagem para não estarmos sob a vigilância constante do *Kapo* ou do *Kommandant*. Os guardas e os seus cães de fila estavam espalhados ao longo do perímetro da zona de trabalho e, embora não os pudesse ver, sabia que eles patrulhavam constantemente em círculo. Pensei em tentar escapar, mas depressa percebi que não tinha qualquer hipótese de sucesso. Estar sob vigilância constante era como ter uma bola e uma corrente em volta do pescoço. O *Kapo* obrigou-nos impiedosamente a trabalhar a um ritmo acelerado, mas tínhamos algum descanso, porque ele tinha uma zona muito grande para patrulhar.

Os SS dividiram-nos em unidades para realizarmos tarefas diferentes – cortar arbustos e transportar os galhos para uma zona destinada à queima. Outros nivelavam o solo ou enchiam valas com terra. A minha unidade de quatro foi encarregada de desenterrar as raízes dos grandes cepos. Dois de nós tínhamos picaretas para soltar o solo, e os outros dois, pás para o remover. Tínhamos de cavar em círculo em redor dos cepos para que as raízes pudessem ser expostas e cortadas, e, em seguida, removíamos os cepos. Estimei que faríamos este trabalho durante cerca de uma semana.

Todos os dias, por volta do meio-dia, uma carroça puxada por cavalos trazia os recipientes da sopa aguada e tínhamos trinta minutos para descansar. O almoço era sempre uma altura arriscada, por causa dos empurrões e das sacudidelas em busca da melhor posição. O nosso lugar na fila determinava frequentemente a espessura da sopa e, portanto, quão

farta seria a nossa refeição. Éramos como lobos vorazes desesperados por sustento. Se um prisioneiro estivesse nas boas graças da pessoa que servia a sopa, tinha hipóteses de obter uma maior quantidade dos vegetais que ficavam no fundo da lata. Disse a mim mesmo que, se sobrevivesse, nunca mais voltaria a ficar numa fila para nada. Sentia que não havia qualquer humanidade aqui, apenas degradação, desumanização e o desejo de nos oprimirem o corpo e a alma. Éramos forçados a lutar por sopa para podermos continuar.

Um dia, enquanto saboreava a minha sopa aguada, ouvi o apito de uma locomotiva a pouca distância. Estávamos num planalto perto de um rio e de uma linha de comboios, e fiquei desejoso de ver o que vinha na nossa direção. Quando a locomotiva se aproximou, pude ver que puxava muitos vagões abertos. Cada vagão transportava dois grandes tanques e em cada tanque havia soldados vestidos com macacões pretos das SS. Cantavam, riavam e acenavam enquanto passavam. Os meus pensamentos voltaram-se para dentro e desejei estar livre para cantar e rir como eles. Não tinha rido nenhuma vez desde a minha chegada a este mundo cruel, dois meses antes. Mas, então, percebi que estes soldados estavam a ir para leste para enfrentar as unidades de tanques do Exército Vermelho Russo, e perguntei para mim se também se iriam rir nessa altura.

Depois de comermos a nossa sopa, continuámos a cavar até o *Kapo* nos dizer que nos reuníssemos para sermos contados antes de marchar de volta ao campo. Eu estava cansado, com sede e a precisar de sustento. Estava ansioso pela caneca de café substituto da noite, a fatia fina de pão e o pequeno cubo de margarina, além de poder descansar no meu beliche de madeira.

Por esta altura, já éramos uma unidade experiente a marchar, com o *Kapo* a gritar as ordens e a ditar o ritmo. Cantávamos canções de marchar alemãs enquanto caminhávamos. A marcha e o canto ajudavam-me a sentir-me mais normal e davam-me força para continuar um dia atrás do outro nesta situação angustiante. Também mostrava aos nossos guardas que não podíamos ser derrotados; na verdade, eles tinham de se apressar para acompanharem o nosso ritmo. Se o vento soprasse na nossa direção, conseguia ouvir o som da orquestra do campo à medida que nos

aproximávamos. Cada vez mais, aquela música era parte integrante da minha vida no campo. Tal como o café e o pedaço de pão, sustentava-me.

No dia seguinte, trabalhámos numa cavidade profunda que tínhamos escavado. Toda a terra escavada antes formava um monte que nos escondia da vista, o que nos deu uma sensação de segurança, fazendo-nos baixar a guarda. Foi um erro perigoso, porque o monte também nos impedia de ver se alguém se aproximava. A certa altura, estávamos a preguiçar descuidadamente, segurando as ferramentas nas mãos, quando, de repente, dois dos meus colegas de trabalho se levantaram de um salto e começaram outra vez a trabalhar furiosamente. Senti uma pancada na nuca. Embora não sentisse qualquer dor, senti um zumbido nos ouvidos e uma sensação de tontura tomou conta de mim. Quando tentei pegar na minha pá para voltar a trabalhar, senti algo quente a escorrer pelo meu pescoço e vi sangue. Virei-me e vi um guarda das SS parado atrás de mim, e percebi que tinha recebido um golpe com a coronha da sua arma. Os nossos olhos encontraram-se por um instante e vi a sua careta distorcida e malvada. Pensei que estava a olhar para o Diabo.

O sangue continuou a jorrar da ferida e entrei em choque e desmaiei. Os outros prisioneiros arrastaram-me para fora do fosso e atiraram-me para uma vala próxima, para me manter fora do caminho até ao fim do dia. O sangue continuou a escorrer da ferida e, finalmente, o sub-*Kapo*, um homem chamado Stasek, aproximou-se. Rasgou um pedaço do meu uniforme de prisioneiro e disse-me para urinar nele e depois colocá-lo na nuca. Aquela ligadura acabou por parar o sangramento, e fiquei-lhe grato. Sem a sua ajuda e conselho, não teria conseguido voltar ao campo.

Já não conseguia continuar a participar no grupo de trabalho. Tentei, mas os meus pés não cooperavam e as minhas pernas não me conseguiam aguentar. Os meus pensamentos giravam como um filme, numa retrospectiva da minha vida até àquele momento. Lembrei-me das palavras de despedida do meu pai – sobre contar ao mundo o que acontecera em Auschwitz – e sabia que não seria capaz de realizar o seu último desejo. A minha morte seria o fim da família Eisen.

Quando chegou a hora do almoço, fiquei a ver da vala enquanto a sopa

era servida, mas não podia ir até lá e ninguém me iria trazer nenhuma. Fora simplesmente descartado. A certa altura, o *Kommandant* Kuntz recebeu provavelmente um relatório de que a nossa unidade tinha um prisioneiro a menos e veio dar-me uma olhadela. Achei que fosse tirar a pistola do coldre e acabar comigo ali mesmo. Em vez disso, fez um gesto com a mão direita, com o dedo a apontar para cima num movimento circular, o que significava que eu iria subir pela chaminé do crematório. Percebi que o meu destino estava selado. Uma sensação de impotência e medo tomou conta de mim. Como é que me poderia preparar para enfrentar a câmara de gás? Ia ser reduzido a um simples monte de cinzas. Tinha planeado, como último recurso, correr para a cerca eletrificada e morrer pelos meus próprios meios, mas isso já não era uma opção, porque tinha perdido a mobilidade. Comecei a desejar que o *Kommandant* me tivesse enfiado uma bala na cabeça. Pensei na minha família e em como se devem ter sentido diante da sua própria morte. Quando entrara na câmara de gás, a minha mãe tinha os meus três irmãos ao seu cuidado. Como deve ter lutado até ao último suspiro naquela câmara horrível. Como é que iria ser para mim? Lento ou rápido? A minha alma deixaria o meu corpo? Iria reencontrar a minha família? Estariam todos à minha espera? Como é que os iria reconhecer? Sob que forma estariam? Sentia-me totalmente sozinho, sem ninguém para cuidar de mim ou confortar-me. Ninguém me podia salvar.

No fim do dia, a nossa unidade de trabalho foi alinhada e contada. Todas as ferramentas foram carregadas no carrinho de duas rodas e eu fui atirado lá para cima. À medida que a unidade marchava de volta ao campo, mantive plena consciência do que via e ouvia em meu redor; seria a última vez que teria essa experiência. O carrinho foi deixado num barracão com todas as ferramentas lá dentro e dois prisioneiros seguraram-me pelos braços e arrastaram-me ao longo da curta distância através dos portões do campo. O sub-*Kapo* Stasek mandou-os para a clínica do bloco 21, onde fui deixado num corredor, perto da sala de operações.

Fui transportado para a sala de operações, e o meu casaco, calças e botas ensanguentados foram-me retirados. Fui posto numa mesa de operações e alguém colocou uma máscara sobre o meu rosto e administrou éter. Quando acordei, dei por mim numa cama com um gosto a anestesia na boca. A minha cabeça estava enfaixada e eu estava tonto e fraco. Fiquei surpreendido por ainda estar vivo depois da experiência traumática do dia anterior. Olhando em redor, vi pacientes doentes e esqueléticos. O instinto disse-me que precisava de deixar aquele lugar o mais depressa possível. Embora estivesse tonto e fraco, consegui sair da cama sozinho. Estava determinado a andar pela enfermaria segurando-me às armações das camas. Por fim, tive de me deitar para recuperar forças.

Havia dois médicos encarregados da enfermaria: o Dr. Jakob Gordon, um judeu polaco, e um judeu francês chamado Dr. Samuel Steinberg. A meio da manhã, o cirurgião-chefe, um prisioneiro político polaco chamado Dr. Tadeusz Orzeszko, entrou na sala para verificar os pacientes que estavam a recuperar de operações.



Uma fotografia do Dr. Tadeusz Orzeszko, tirada durante o seu encarceramento em Auschwitz I, 29 de julho de 1943.

Quando chegou a minha vez de ser examinado, o Dr. Gordon retirou as ligaduras de papel e o cirurgião-chefe inspecionou o ferimento na parte de trás da minha cabeça. Satisfeito, o Dr. Orzeszko instruiu o Dr. Gordon para que aplicasse ligaduras novas.

Para minha surpresa, encontrei as minhas botas cuidadosamente colocadas sob a cama, mas estava a usar uma bata cirúrgica gasta e não tinha outras roupas. Quando perguntei ao Dr. Gordon se me podia arranjar algumas roupas, ele deu-me um par de calças de algodão brancas e uma camisa branca. Estas eram as roupas que os médicos usavam debaixo das suas batas brancas. Senti-me limpo e apresentável pela primeira vez em meses. As rações diárias eram as mesmas, mas eu recebi umas papas de trigo aguadas, que estavam reservadas para os pacientes do hospital. Quando arrefeciam, as papas ficavam semelhantes a borracha e eu mal as

conseguia engolir.

Todos os pacientes que ainda estavam na enfermaria ao fim de três dias eram considerados inaptos para o trabalho e encaminhados para as câmaras de gás. Na manhã do meu terceiro dia na enfermaria, o sargento das SS encarregado do bloco 21 chegou com maqueiros e começou a recolher as etiquetas dos pacientes a retirar. À medida que cada paciente era colocado na maca, o seu cartão de identidade era deixado ao lado dele. Quando chegou a minha vez, temi estar em grande perigo. Os maqueiros levaram-nos escada abaixo até ao corredor principal, de onde seríamos levados para fora e carregados em camiões que nos aguardavam.

O cirurgião-chefe, o Dr. Orzeszko, estava no corredor principal quando aparecemos. Era um homem alto e musculado, com cabelo loiro curto e olhos azul-aço. Tinha uma aura de confiança calma. Quando me viu, parou os maqueiros, ajudou-me a levantar e pegou na minha placa de identificação. Então, levou-me para a sala de preparação da clínica, onde me deu uma bata e me disse que eu iria passar a fazer a limpeza e tratar das outras tarefas necessárias para o funcionamento eficiente da sala de operações.

Antes do meu recrutamento, este trabalho era executado por um jovem estudante de medicina polaco a cumprir uma pena de um ano como prisioneiro político. O jovem ia ser libertado dali a cerca de três dias e eu seria o seu substituto. O estudante ensinou-me as tarefas durante os dias que lhe restavam e eu observei-o atentamente, e aprendi a importância de gerir a unidade de maneira discreta e eficiente. Havia uma longa lista de coisas a fazer. Eu confiava nas minhas capacidades de limpeza por causa do meu trabalho como aprendiz de peleteiro, mas era intimidante ver instrumentos médicos e outros equipamentos que não fazia ideia de como se usavam. Estava, no entanto, determinado a ser bem-sucedido e sabia que a minha vida dependia do meu desempenho.

A sala de preparação tinha dois lavatórios com água quente e fria onde os cirurgiões se lavavam antes das cirurgias. Havia uma autoclave enorme para esterilizar lençóis, batas, máscaras, luvas e outros artigos, e um esterilizador de instrumentos com várias bandejas, e um cronómetro que

tinha de ser ajustado. Tive de aprender aquelas e muitas outras tarefas. As prateleiras nos armários estavam cuidadosamente dispostas com instrumentos como pinças, bisturis, martelos, serras, cinzéis, tesouras de todas as formas e tamanhos, seringas e agulhas. Havia duas mesas de trabalho para preparar artigos e compostos antes das cirurgias, e os armários de arrumos estavam cheios de objetos como ligaduras de papel, bolas de algodão, gesso para moldes, produtos de limpeza, desinfetantes, vassouras e esfregonas, baldes e outras bugigangas. A sala de operações em si tinha uma mesa de operações básica com uma lâmpada suspensa, vários holofotes portáteis e um armário no qual eram armazenados a novocaína e o éter. Não tínhamos plasma sanguíneo nem terapia intravenosa.

No início, não me sentia confortável a observar a atuação dos cirurgiões, principalmente quando os via fazer a incisão inicial, mas habituei-me rapidamente à visão do sangue e da carnificina na sala de operações. Quando terminavam o seu trabalho, os cirurgiões saíam para a sala de preparação pela porta de vaivém e retiravam as batas e as luvas. Depois chegavam dois auxiliares que colocavam o paciente numa maca e levavam-no para a enfermaria do andar de cima. O meu trabalho era lavar imediatamente o chão e limpar e desinfetar a mesa de operações. Tinha de ser rápido. Daí a trinta minutos, outro paciente seria colocado na mesa e preparado para a operação. Eu tinha total responsabilidade pela manutenção eficiente daquelas duas salas, para que os médicos pudessem continuar a realizar as suas tarefas.

Todas as noites, os pacientes que aguardavam por uma cirurgia no dia seguinte tinham de receber clisteres. A minha tarefa era administrar o clister e ajudar os pacientes a evacuar. Não gostava dessa tarefa no início, mas ela tornou-se rotineira e necessária. Se não fizesse o clister, o paciente poderia sujar a mesa de operações e a limpeza pós-cirurgia seria duas vezes mais difícil.

Dia após dia, chegavam novos pacientes ao bloco 21. Estavam esqueléticos, fracos e doentes, e perto do fim do seu sofrimento. Também sabiam que, a menos que conseguissem sair daquela enfermaria pelos próprios pés, a paragem seguinte seria na câmara de gás. Portanto, todos os pacientes enfrentavam um dilema sombrio. Muitos tinham hérnias graves,

fleimão (uma doença que come carne), membros partidos, roturas de apêndice ou ferimentos de bala graves que tinham rasgado a carne e destruído os ossos. Vê-los aceitar estoicamente o seu destino dentro da lógica distorcida do campo de concentração fez-me perceber quão corajosos eram.

Os cirurgiões do bloco 21 davam o seu melhor em condições impossíveis. A enfermaria de cirurgia era, em muitos aspetos, um estratagema para mostrar quão «bem» os nazis cuidavam dos seus prisioneiros. Aqueles pacientes estavam destinados à aniquilação, pois, na maioria dos casos, estavam para lá de qualquer ajuda. Ainda assim, os cirurgiões levavam o seu trabalho a sério e faziam o melhor que podiam pelos pacientes. Os médicos eram eles próprios prisioneiros e tinham de dançar segundo a música dos oficiais das SS encarregados do campo. O meu trabalho, no esquema geral das coisas, era simplesmente o de garantir que a sala de operações estivesse sempre brilhante e limpa.

O meu dia de trabalho começava às sete e durava geralmente doze horas. O meu sistema era rigoroso e preciso. Começava o dia a espalhar pó de talco no chão das salas de preparação e de operações e depois punha-me de pé em cima de dois trapos e usava os meus pés num movimento de polimento até que o linóleo brilhasse. Ia buscar os lençóis, batas e máscaras recém-lavados ao bloco da lavandaria e colocava-os bem arrumados em três tambores perfurados. A seguir, colocava os tambores na autoclave, fechava e trancava a tampa e ligava o vapor de alta pressão para que a roupa ficasse esterilizada. Finalmente, preparava os instrumentos para as operações daquele dia. Quando os cirurgiões chegavam, às dez da manhã, tinham a água para o seu chá fervida e faziam um intervalo de quinze minutos antes do início da primeira operação. Os pacientes eram alinhados num banco no corredor e eu chamava pelos seus números, seguindo a ordem que me era dada. Enquanto os cirurgiões se lavavam, eu ajudava o paciente a subir para a mesa, cobria-o com um lençol e depois ia para a sala de preparação para ajudar os cirurgiões a atar as suas batas e máscaras, e segurava nas luvas de látex para eles as enfiarem nas mãos. Os pacientes que iam ser operados da cintura para baixo recebiam uma injeção epidural de novocaína, dada pelos médicos. Às vezes, eu tinha de administrar éter

àqueles que iam ser operados acima da cintura e instruí-los a contar para trás a partir de trinta até um, enquanto o éter fazia efeito. A minha tarefa final era trazer os instrumentos para a mesa de operações e colocá-los diante do cirurgião assistente.

Depois da última operação do dia, os cirurgiões iam-se embora e eu ficava responsável por deixar as salas em ordem para o dia seguinte. Percebi muito cedo que precisava de ter um sistema eficiente para não se perder tempo nenhum e o trabalho fluir com facilidade. No fim do dia, o meu trabalho envolvia reunir todos os lençóis, batas, toalhas e máscaras ensanguentados e entregá-los no bloco da lavanderia, ao lado, para serem limpos. Esta lavanderia estava aberta 24 horas por dia, desinfetando roupas para milhares de prisioneiros. Fiquei a conhecer o *Kapo* responsável e, um dia, atrevi-me a pedir-lhe um casaco e um par de calças limpos. Ele levou-me até uma pilha de roupas e deixou-me escolher peças que me ficassem melhor do que as que eu vestia. Também consegui material limpo para limpar o pó e as salas de operações e de preparação, e algum material para envolver os meus pés em vez de meias. Aquele era um contacto importante. Eu não estava no nível superior da hierarquia do campo, mas trabalhar no hospital dava-me alguns pequenos privilégios. No campo, usávamos a palavra *organizuj* para representar maneiras de melhorar a nossa sorte ou sobreviver à fome debilitante. Se encontrássemos um recurso extra que pudesse ser trocado por sapatos, comida ou roupas, tal podia fazer a diferença entre a vida e a morte.

A minha tarefa seguinte, depois de lavar a roupa, era varrer e esfregar o chão da sala de operações – e as paredes, se necessário. Depois, tinha de lavar todos os instrumentos, principalmente as pinças, as quais tinham de ser escovadas com cuidado para eliminar qualquer tecido, as tesouras, as seringas, os bisturis e as agulhas, que guardava separadamente para evitar cortar os dedos. Quando os instrumentos ficavam limpos, punha-os a secar; a humidade tinha de ser completamente eliminada antes de serem colocados nos armários de uma forma organizada. Os bisturis também tinham de ser afiados numa pedra fina e preparados para serem usados.

Depois de as salas de preparação e de operações estarem limpas e prontas para o dia seguinte, apagava as luzes e subia para o meu beliche

numa sala que dividia com os médicos e os auxiliares de enfermagem. Estava morto de cansaço no fim de cada dia, mas demorava sempre um pouco a adormecer. Percebi que tinha muita sorte por trabalhar no bloco 21, apesar da minha devastadora lesão na cabeça, que, na verdade, acabou por ser a minha oportunidade.

Uma tarde, vi uma paciente ser trazida de ambulância de Auschwitz II-Birkenau, supostamente para uma operação de reparação de um apêndice rompido. O Dr. Orzeszko abriu um armário que estava fechado e retirou um instrumento especial com um cabo longo e um raspador oval na extremidade. Nunca tinha visto aquele tipo de instrumento ser usado antes. A paciente era uma mulher de aparência saudável e a sua cabeça não estava rapada como a das outras prisioneiras. Enquanto esterilizava os instrumentos, ouvi o médico falar com ela em polaco e supus que fosse uma prisioneira mais preeminente. Antes do início da operação, vários presos políticos polacos, responsáveis de bloco e responsáveis de quarto chegaram à sala de preparação e reuniram-se com o Dr. Orzeszko. Do pouco polaco que percebia, deduzi que se iam posicionar no caminho até ao portão principal e avisar-nos se algum oficial das SS se dirigisse para a clínica.

Observei enquanto o Dr. Orzeszko fez a incisão inicial para uma operação ao apêndice e depois ligou simplesmente as veias e suturou de imediato a ferida. Seria aquilo algum tipo de operação superficial? Fiquei confuso, mas não me cabia fazer perguntas. Mandaram-me ir buscar um balde vazio, e, quando voltei, encontrei a paciente amarrada a suportes para as pernas. O Dr. Orzeszko disse-me que me agachasse debaixo da mesa de operações e que segurasse no balde, enquanto ele inseria o longo instrumento na vagina da paciente. Em poucos minutos, começou a fluir sangue para o balde, e vi a cabeça, os braços e as pernas minúsculas de um feto. O médico disse-me que deitasse fora imediatamente o conteúdo do balde e que garantisse que ninguém me via fazê-lo. Quando voltei para a sala de operações, desamarrei as pernas da paciente e limpei-lhe o sangue do corpo, e, a seguir, os auxiliares puseram-na numa maca, meteram-na na ambulância e ela foi-se embora. Esta foi a única vez que vi um paciente do sexo feminino ser atendido.

Estive tenso durante toda a operação e percebi que se tratava de uma

situação perigosa. Quando a mulher já estava em segurança a caminho de Auschwitz II-Birkenau, notei que os dois cirurgiões deram um suspiro de alívio – mais, presumi, por não terem sido apanhados com ela e não tanto porque o procedimento tinha sido um sucesso. Este tipo de cooperação fora possível porque os prisioneiros políticos polacos estavam numa categoria diferente da dos judeus e de outros. Qualquer mulher judia que fosse encontrada grávida era imediatamente condenada à morte, porque a ideologia racial nazi baseava-se na erradicação de todas as crianças judias. Mas uma gravidez também era um risco para as prisioneiras polacas. Os prisioneiros polacos tinham uma Resistência clandestina sofisticada, que operava mesmo debaixo do nariz dos nazis, e por isso podiam ajudar-se uns aos outros em situações críticas. Se os administradores do campo tivessem sabido do aborto, tenho certeza de que estaríamos todos em sarilhos.

* * *

Noutra ocasião, um paciente foi trazido para o Bloco 21 acompanhado por dois homens da Gestapo. Chegaram depois de as cirurgias do dia terem terminado e eu estava a limpar. Mandaram-me chamar imediatamente os dois cirurgiões para virem até à sala de operações. Quando o Dr. Orzeszko chegou à sala de preparação, deram-lhe um envelope com placas de raios-X. O paciente tinha cerca de 60 anos e estava infetado com tuberculose em duas costelas, logo acima do coração. Era distinto e estava bem vestido, com o cabelo um pouco mais comprido e um belo casaco de *tweed*. O Dr. Orzeszko falou com ele em alemão sobre os seus sintomas e detetei um sotaque húngaro no seu discurso. Parecia que estava a fazer um trabalho importante para o regime nazi.

Ajudei o homem a despir-se e a subir para a mesa, e tapei-o com um lençol. O Dr. Orzeszko disse-me para ir buscar e esterilizar determinados instrumentos, incluindo um serrote de aço inoxidável e um alicate de cortar. Senti que ia ser uma intervenção difícil.

O Dr. Orzeszko e o seu cirurgião assistente discutiram o procedimento que iriam seguir – cortar um pedaço de osso de dez centímetros das duas costelas doentes perto do coração. Pareciam preocupados em relação a como poderiam realizar esta operação com instrumentos e recursos tão

limitados, mas, mesmo assim, prepararam-se para prosseguir. Tive de rapar a região torácica esquerda do paciente, depois ele foi posto a dormir e a operação começou.

Após a primeira incisão, as veias foram grampeadas e as duas costelas ficaram expostas. O Dr. Orzeszko serrou as costelas do homem com cuidado, ciente dos riscos, estando o coração tão próximo. Depois de um longo dia de operações, ele devia estar muito cansado, tive de lhe enxugar continuamente o suor da testa. Por fim, as costelas doentes foram removidas e pude ver o coração a bater no peito do paciente. Infelizmente, o Dr. Orzeszko não conseguiu encontrar uma veia não grampeada, que estava a sangrar muito. Ele encheu um balde com gaze ensanguentada e pareceu muito preocupado, porque o batimento cardíaco do paciente estava a diminuir e este estava a perder muito sangue. Tinha de ser tomada uma ação imediata.

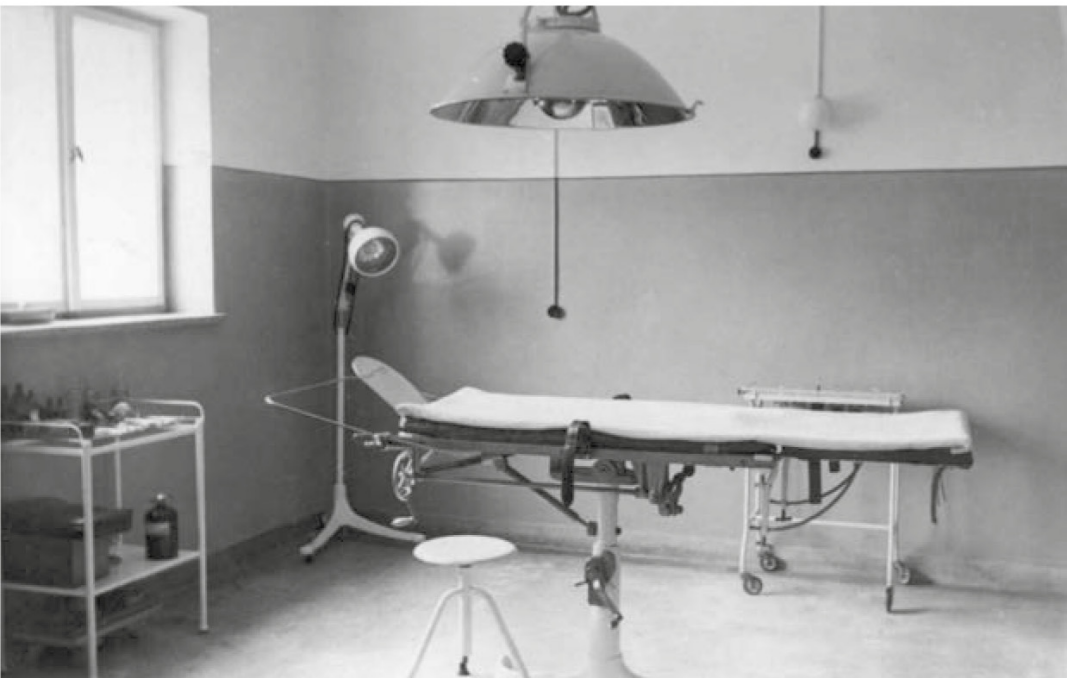
O Dr. Orzeszko disse-me para tirar um pão da despensa na sala de preparação, usá-lo para subornar um auxiliar da enfermaria no andar de cima e levá-lo para a sala de operações. O auxiliar foi posto numa maca ao lado da mesa de operações e o Dr. Orzeszko montou um tubo com duas agulhas. Uma foi inserida numa veia na mão esquerda do paciente e a outra numa veia na mão direita do auxiliar. Uma válvula para controlar o fluxo sanguíneo era operada pelo assistente do Dr. Orzeszko. Se o fluxo sanguíneo não fosse regulado, aquilo poderia ter deixado o paciente em choque. Esta foi uma transfusão de sangue direta corpo a corpo.

O Dr. Orzeszko foi observando cuidadosamente a situação, à medida que os batimentos cardíacos e a cor do paciente pareciam estabilizar. Também conseguiu localizar e grampear a veia que sangrava. Todos nós na sala de operações ficámos bastante aliviados. As veias foram cosidas, as pinças, removidas e contadas, e a incisão, suturada. Esperávamos que os tipos de sangue dos homens fossem compatíveis, mas não tínhamos maneira de o saber. O paciente foi devolvido à ambulância e ele e a sua comitiva deixaram o campo. Fiquei maravilhado com o raciocínio rápido e a resistência dos médicos que atuavam naquelas circunstâncias, e aprendi uma lição importante sobre como agir em situações para as quais não estamos preparados e como usar os recursos disponíveis.

Um dia, um jovem vestido com roupas da Resistência – calças e botas de montar, uma camisola grossa e um casaco de inverno curto – foi levado até à sala de operações por uma ambulância vigiada por dois homens da Gestapo. O fémur da sua perna direita estava completamente desfeito e apenas preso por alguns músculos. Os agentes da Gestapo disseram ao Dr. Orzeszko que, se ele não salvasse a vida do homem, perderia a sua.

Quando colocámos o paciente na mesa de operações, era óbvio que este tinha perdido muito sangue. Era uma ferida terrível.

O Dr. Orzeszko falou com o homem em polaco, enquanto eu estava na sala de preparação a preparar os instrumentos. O cirurgião assistente trabalhava em várias placas de aço, fazendo furos e tiras que podiam ser usadas para unir os ossos partidos com parafusos. Deixei todos estes objetos, juntamente com os instrumentos, na câmara de esterilização. Foi uma intervenção muito difícil, porque o Dr. Orzeszko teve de remover vários centímetros de osso e unir as extremidades com placas de aço. Tentou dar ao paciente o máximo de altura possível ao unir os ossos, mas a perna ferida ainda acabou por ficar cinco centímetros mais curta do que a boa. O paciente estava em coma quando foi levado para o Bloco 11 pela Gestapo.



A sala de preparação (em cima) continha lavatórios para lavagem, uma autoclave para esterilizar batas, roupas de cama e outros artigos, uma grande lareira de canto, um esterilizador para instrumentos e um armário de arrumos com portas de vidro. A sala de operações (em baixo) estava equipada de modo austero, com os implementos mais básicos. Fotos gentilmente cedidas por Yad Vashem.

Soube mais tarde que o Dr. Orzeszko descobrira, antes da operação, que o homem era membro da Resistência polaca e que lhe perguntara qual a localização da sua unidade. Sabendo que a única razão pela qual a Gestapo lhe queria salvar a vida era para o torturar a fim de obter informações quando ele recuperasse, o Dr. Orzeszko colocou-o num coma induzido para ganhar tempo suficiente para alertar a unidade do homem para que esta dispersasse ou se recolocasse noutro local antes que a Gestapo pudesse descobrir o seu paradeiro.

* * *

O fleimão, uma doença que devora carne, era prevalecente entre os prisioneiros, dada a falta de comida e de nutrientes. Numa ocasião, operámos um paciente com um caso grave que se espalhara acima do joelho, o que significava que a perna tinha de ser amputada. Foi-me dito que agarrasse na perna enquanto o médico serrava o fémur para o cortar. Após a amputação, dei por mim com a perna doente nas mãos e a perguntar a mim mesmo o que fazer com ela. Embora, por essa altura, já tivesse presenciado inúmeras operações, nunca tinha estado nesta situação. Fiquei muito perturbado. Pousei a perna no chão da sala de operações e observei os médicos fecharem o ferimento na coxa do paciente. Foi inserido um tubo para drenagem e ele foi levado para a enfermaria do andar de cima. Comecei a limpar a sala e os instrumentos, mas evitei tratar da perna no chão. Por fim, o Dr. Orzeszko disse-me que a levasse para o bloco experimental contíguo à clínica cirúrgica. Eu nunca tinha estado no bloco 22,

mas tinha ouvido dizer que ali eram realizadas experiências terríveis. Não queria ouvir falar dessas experiências e não queria de modo nenhum vê-las, mas tinha um trabalho a fazer.

Enrolei a perna num lençol, pu-la ao ombro e fui até ao bloco 22. O edifício exalava um forte cheiro a formol. relatei a minha presença ao oficial das SS responsável e perguntei-lhe onde deveria depositar a perna. Ele levou-me até uma sala com recipientes cheios de formol, os quais estavam a abarrotar de partes de corpos humanos de todos os tipos, e disse-me que atirasse a perna para dentro de um deles. Pu-la cuidadosamente

sem o lençol. O meu corpo tremia todo, perante a visão e os odores deste bloco, e mal podia esperar para me ir embora.

Quando ia a sair, vi um grupo de rapazes nus todos juntos numa sala. Aqueles rapazes tinham sido castrados, e vi o fio cirúrgico pendurado nos seus pénis. Pareciam estar em estado de choque e confusão, e não conseguia ver a mais pequena centelha de vida nos seus olhos ou na sua postura. Voltei apressadamente para o meu bloco e continuei o meu trabalho, grato por ainda estar inteiro, mas incapaz de esquecer a expressão dos olhos daqueles rapazes.

* * *

Nos meses de julho, agosto e setembro de 1944, bombardeiros americanos sobrevoaram-nos ao meio-dia quase diariamente. Tinham como alvo as instalações que produziam munições e outros materiais de guerra, como a Weichsel-Union-Metallwerke, perto de Auschwitz I, e a I.G. Farben, uma fábrica de borracha sintética em Monowitz (Auschwitz III). Uma sirene alertava a população do campo da iminência de um ataque por bombardeiros e todas as unidades que estivessem a trabalhar a uma distância razoável do campo tinham de regressar para garantir que ninguém pudesse escapar durante um bombardeamento pesado. Assim que todas as unidades de trabalho estivessem dentro do campo, o portão principal era trancado e os fios de alta tensão eram ativados para deter qualquer fugitivo.

Um único avião *Pathfinder* sobrevoava-nos e lançava um foguete sinalizador para marcar o local onde os bombardeiros deviam começar a libertar a sua carga. Em poucos minutos, podíamos ouvir o zumbido dos poderosos motores dos bombardeiros. Era uma visão e tanto. Voavam em esquadrões, uniformemente espaçados, numa demonstração de força que me enchia de esperança. Finalmente, parecia que os poderes superiores estavam a chegar e a minha corrente de escravidão seria quebrada. Eu achava que a América vinha para nos libertar e que os nazis pagariam por todos os males que tinham perpetrado.

À medida que as bombas caíam, o chão tremia como que num terremoto, e voavam estilhaços pelo ar. Baixinho, eu dizia: *Continuem a largar as bombas.*

Mais tarde, soube que a Força Aérea dos EUA bombardeava durante o dia e a Royal Air Force britânica bombardeava durante a noite. Os canhões antiaéreos do campo, propositadamente dispostos perto da vedação do perímetro para garantir a sua segurança, disparavam contra os esquadrões de bombardeiros, mas a maioria dos aviões estava fora do alcance. Um avião foi atingido e começou a girar em direção ao solo – uma visão perturbadora até eu ver paraquedas abertos e perceber que a tripulação tinha saído do aparelho atingido. No verão de 1944, os Aliados governavam os céus sobre a Polónia ocupada e nunca vi um único avião de combate alemão atacar os bombardeiros aliados. Ansiava por ser tão livre como os pilotos lá em cima, cujos movimentos não eram controlados pelas forças do mal.

Algures em setembro, houve um forte bombardeamento enquanto estávamos a meio de uma operação. Tivemos de interromper o nosso trabalho e abri as janelas das salas de operações e de preparação para que os vidros não se estilhaçassem com a detonação das bombas. Lá fora, havia estilhaços e cacos de vidro a cair por todo o campo. Assim que os bombardeiros partiram, as sirenes de fim do perigo soaram. Fechei as janelas e a operação recomeçou.

Enquanto me preparava para o paciente seguinte, a porta da sala de preparação abriu-se e um oficial das SS desconhecido começou a falar com o Dr. Orzeszko. Ordenou-lhe que libertasse a sala de operações para vários membros das SS feridos que vinham a caminho de ambulância. Este oficial anunciou que realizaria as operações e que o Dr. Orzeszko iria ajudá-lo. Era o Dr. Fischer, o médico do campo, e era responsável por garantir que nenhuma doença contagiosa se desenvolvesse no campo e colocasse em perigo o pessoal das SS.

Várias macas foram trazidas para o Bloco 21 e alinhadas no corredor. O Dr. Fischer e o Dr. Orzeszko verificaram a situação dos feridos das SS para avaliar quem seria atendido primeiro. A maioria tinha ferimentos de estilhaços nas pernas, peito e braços. Mandaram-me cortar os seus uniformes e prepará-los para a cirurgia. Aqueles homens das SS estavam a sangrar e a gemer de dor. Pude ver que a cor do sangue deles era igual à minha. Estes assassinos não eram assim tão corajosos quando estavam

deitados numa maca. De repente, senti-me exultante ao pensar que um adolescente judeu de quinze anos estava no comando enquanto eles jaziam ali, totalmente indefesos.

O Dr. Fischer desafivelou o cinto que segurava a sua arma e entregou-a, juntamente com o seu casaco. Depois sentou-se num banquinho para se lavar para a operação, enquanto eu controlava a temperatura da água. Pediu-me que lhe cobrisse as calças de montar com toalhas, para não ficarem molhadas, e depois perguntou pelo meu nome, o meu lugar de origem e a minha data de chegada a Auschwitz. Também me perguntou onde estava a minha família, mas não me atrevi a contar-lhe o que lhes tinha acontecido. Disse-lhe que não sabia. Não sei porque me perguntou sobre a minha família, quando devia saber o que acontecera aos transportes húngaros.

Quando o Dr. Fischer acabou de se lavar, segurei na bata esterilizada para que ele pudesse enfiar as mãos. Ele tinha mais de um metro e oitenta, pelo que tive de subir para um banquinho para lhe atar a bata à volta da cintura e do pescoço. Também lhe ateí a máscara e segurei as luvas de látex enquanto ele as calçava. Dispus os instrumentos no esterilizador, mas tomei a decisão instantânea de os desinfetar durante apenas cinco minutos, em vez dos vinte necessários. Não tinha qualquer vontade de usar métodos seguros contra criminosos das SS e justifiquei as minhas ações dizendo a mim mesmo que estava numa guerra e que aquela era a única ferramenta que tinha para lutar contra o inimigo. Operámos os soldados das SS durante dois dias na nossa clínica cirúrgica até que o hospital das SS perto de Birkenau, que tinha sido bombardeado, estivesse novamente operacional.

* * *

No fim de novembro de 1944, um adolescente escapou do seu bloco, depois de o campo ter fechado à noite, e tentou invadir as instalações da cozinha. Foi intercetado pelo sargento Kaduk, o qual tinha grande prazer em torturar e espancar as pessoas que encontrava fora dos seus blocos após o recolher. Da minha cama, ouvi o cão de Kaduk a ladrar e, pouco depois, ouvi disparos de metralhadora vindos da torre de guarda. O adolescente levou um tiro na cabeça e foi levado imediatamente para a clínica para uma

operação de emergência. Fui convocado para a sala de operações e os cirurgiões chegaram logo de seguida.

Colocámos o rapaz na mesa de operações e pude ver um grave ferimento de bala no lado esquerdo da sua têmpora, com um ferimento de saída na parte de trás da cabeça. Grande parte do crânio do rapaz fora despedaçada e ele estava em coma. Os cirurgiões limparam o ferimento, removeram fragmentos de osso, estancaram o sangue e suturaram-no. Não havia mais nada que pudessem fazer por ele.

Os auxiliares levaram-no para a enfermaria do andar de cima, onde o Dr. Gordon se encarregou dele. Era o único paciente crítico na enfermaria e todos os médicos tinham um interesse especial na sua sobrevivência. Muitos dias depois, o rapaz saiu do coma e abriu os olhos. O Dr. Gordon falou com ele, mas não obteve resposta. Estava paralisado e não lhe podíamos dar nenhum alimento nem tínhamos fluidos intravenosos para o sustentar. Estava preso no seu corpo, de olhos abertos, sem nenhuma maneira de reagir. Parecia ter graves danos cerebrais. O Dr. Gordon testava periodicamente as respostas nervosas do rapaz, picando-lhe as mãos e os pés com uma agulha, e, ao fim de uma semana, ele mostrou alguma reação à agulha num dos lados do corpo. Quando o Dr. Gordon falou com ele, o rapaz moveu os olhos como se entendesse. O Dr. Gordon trabalhou em estreita colaboração com ele, ensinando-o a falar novamente. Foi mantido vivo apenas porque a guerra estava quase a acabar e as câmaras de gás tinham sido destruídas por ordem do *Kommandant* do campo.

Por volta da mesma altura, outro adolescente foi levado para a sala de operações com fortes dores de barriga. Quando o cirurgião o abriu, percebeu que se tratava de uma rotura do apêndice e o adolescente morreu na mesa de operações. Sentimos todos tristeza pela morte de uma pessoa tão jovem. O corpo foi levado para o bloco experimental contíguo, para ser descartado.

De todas as minhas experiências na sala de preparação, a tarefa mais chocante acontecia quando os homens das SS retiravam os pacientes da enfermaria do andar de cima para os levar para as câmaras de gás de Birkenau, regressando cerca de duas horas depois com os bolsos cheios de

dentes embrulhados em trapos ensanguentados. A seguir, ordenavam-me que removesse as coroas e obturações de ouro desses dentes, porque tinha acesso a instrumentos médicos. Enquanto trabalhava, eu não conseguia deixar de pensar que, pouco tempo antes, os donos daqueles dentes ainda estavam vivos e agora eram apenas um monte de cinzas. Remover as coroas e obturações de ouro traumatizava-me, e eu sentia que, de alguma forma, estava a participar na profanação daqueles restos mortais. Perguntava a mim mesmo quantos homens das SS teriam enriquecido a vasculhar os restos mortais das suas centenas de milhares de vítimas.

Uma Panela de Guisado

Era um facto bem conhecido entre os prisioneiros que, a menos que uma porta se abrisse, era impossível sairmos de Auschwitz com vida. O meu ferimento na cabeça foi, ironicamente, exatamente a porta de que eu precisava, pois salvou-me do trabalho rigoroso no *Landwirtschaft Kommando*. Mas mesmo essa oportunidade não teria sido possível sem os primeiros socorros imediatos que recebi do sub-*Kapo* Stasek, que me estancou o sangue e mandou que eu fosse levado para a clínica do bloco 21. Sem a sua iniciativa, a minha história teria terminado naquele campo desleixado de cepos de árvores. Também devia a minha vida ao Dr. Orzeszko, que não só operou o meu ferimento, como também me tirou da maca antes de eu ser enviado para a câmara de gás em Birkenau.

Trabalhei na sala de operações durante seis meses, e as minhas rotinas diárias estruturadas permitiram-me sobreviver longe do trabalho duro e severo e da ameaça dos guardas das SS e dos *Kapos*. O Dr. Orzeszko era um cirurgião dedicado e habilidoso, respeitado pelos seus pares e pelos prisioneiros políticos polacos de Auschwitz I. Eu suspeitava que ele também devia desempenhar um papel fundamental no movimento da Resistência polaca do campo, facto que me foi posteriormente confirmado pela sua família.

Pouco depois de ter começado a trabalhar na sala de operações, o Dr. Orzeszko abriu a porta de uma despensa e mostrou-me prateleiras cheias de comida, incluindo pães, salame, cebolas, batatas, cenouras, sal e pimenta, e uma grande panela. Fiquei surpreendido perante aquela bonança – mais comida do que a que tinha visto desde que deixara a minha casa, em abril de 1944. Ele disse-me como preparar um guisado com todas aquelas provisões e como usar a autoclave como panela de pressão. Eu salivava perante o cheiro da comida a cozinhar. Claro que havia sempre a preocupação de o aroma nos denunciar, pelo que aquela atividade era feita depois de todas as operações terem terminado e de o oficial das SS que

controlava o bloco se ter ido embora à noite. A refeição ficava pronta em menos de uma hora, e, num instante, parecia que o meu estômago ficava tão cheio que era capaz de rebentar. Não podia acreditar que tinha acabado de comer uma tigela de *goulash* em Auschwitz! Os restos eram trancados na despensa e consumidos no dia seguinte. Os ingredientes para os nossos guisados eram enviados pelo cozinheiro-chefe e eu sabia que era um dos poucos privilegiados com acesso a tais provisões. As calorias extras fizeram uma enorme diferença na minha saúde e resistência gerais, e essa nutrição foi a chave para a minha sobrevivência.

O Dr. Orzeszko, tal como os outros prisioneiros políticos polacos, tinha autorização para receber pequenos pacotes mensais de auxílio com alimentos e outros artigos. Também tinha autorização para receber e escrever uma carta por mês. Quando o pacote do médico era entregue na sala de operações, ele abria-o com muito cuidado, como se quisesse sentir o amor dos seus familiares em casa. Eu ficava contente por ele, mas aquilo apenas reforçava o facto de os prisioneiros judeus não terem os mesmos privilégios. Não restava ninguém para nos enviar aqueles presentes preciosos.

A Destruição do Crematório 4

Os *Sonderkommandos* eram prisioneiros judeus forçados a trabalhar em turnos de 12 horas descartando as vítimas das câmaras de gás. Após cada procedimento de gaseamento, removiam os corpos das câmaras, cortavam o cabelo das vítimas, extraíam coroas de ouro das suas bocas e abriam os orifícios corporais em busca de qualquer tesouro que pudesse ter sido ingerido ou escondido. (Até o cabelo tinha valor económico, porque os nazis podiam transformá-lo em tecido.) Este era o trabalho mais horrível e destruidor de almas que qualquer ser humano pode suportar. E, como se o trabalho em si já não fosse suficientemente mau, os nazis gaseavam os *Sonderkommandos* a cada sessenta dias, para garantir que não havia testemunhas dos seus crimes – aqueles homens sabiam que as suas próprias mortes estavam iminentes.

Em 7 de outubro de 1944, o Crematório 4 foi demolido pelos *Sonderkommandos*. Tinham fabricado explosivos rudimentares com pólvora, a qual tinham obtido junto de prisioneiras que trabalhavam na fábrica Weichsel-Union-Metallwerke, tendo também preparado *cocktails* Molotov. Quando uma unidade de homens das SS entrou para supervisionar a sua execução, os prisioneiros atiraram os engenhos incendiários contra eles, matando vários e fazendo explodir o crematório. No caos que se seguiu, os *Sonderkommandos* irromperam pelo portão e correram em direção aos limites do campo. Os guardas começaram a disparar contra eles e grandes reforços de unidades das SS foram imediatamente organizados e enviados em sua perseguição. Quase todos os homens foram abatidos. Dos cerca de seiscentos prisioneiros do *Sonderkommando* envolvidos na rebelião, apenas seis conseguiram escapar para a floresta próxima através dos três cordões de arame que rodeavam o campo.

Em resultado deste levantamento, os prisioneiros de Auschwitz I e Auschwitz II foram obrigados a ficar de pé no *appel* a noite toda como forma de punição coletiva. Muitos caíram simplesmente e morreram de exaustão.

Enquanto me mantinha de pé, eu estava não apenas exausto, mas também extremamente receoso de outras consequências, e quando fomos finalmente dispensados, fiquei aliviado por voltar à sala de operações para continuar as minhas tarefas diárias.

Os oficiais nazis iniciaram imediatamente uma investigação para determinar como é que os *Sonderkommandos* tinham conseguido obter o pó explosivo. A composição do pó era específica de cada fábrica e as provas conduziram-nos até à Weichsel-Union--Metallwerke, onde centenas de mulheres de Birkenau trabalhavam como escravas. Por fim, a Gestapo conseguiu identificar quatro jovens mulheres e estas foram levadas para o bloco 11, de Auschwitz I, para interrogatório. Não soubemos de mais nada até 5 de janeiro de 1945, quando todo o campo se reuniu diante da forca em Auschwitz I. Havia muitas unidades de guardas das SS alinhadas para formar uma barreira entre os prisioneiros e a forca, e o *Lagerkommandant* chegou pouco depois com os seus próprios guardas pessoais das SS para supervisionar as execuções. Enquanto olhava para as cordas penduradas na forca, eu não fazia ideia de quem seriam as vítimas. Finalmente, os guardas trouxeram as mulheres. Traziam as mãos atadas, pelas costas, e os rostos estavam cheios de nódoas negras, mas elas mantiveram as cabeças erguidas enquanto caminhavam até à plataforma da forca, onde as cordas foram então colocadas em volta dos seus pescoços. Para prolongar a agonia, foram enforcadas uma de cada vez. Contudo, antes de morrerem, cada uma delas disse, em voz alta e clara, duas palavras em hebraico:

– *Chazak V'Amatz*. (Sê forte e corajoso.)

Estas mulheres eram Ester Wajcblum, Regina Safirsztain, Ala Gertner e Roza Robota.

Mantiveram-se verticais e sem medo na forca e morreram com bravura. Os milhares de prisioneiros reunidos ficaram indignados e a emoção era palpável. Senti que teria bastado apenas uma explosão de alguém para nos ter incitado à ação, mas nós, já tão abatidos, só conseguimos reagir àquela indignidade com um profundo gemido coletivo. Tive vergonha de não conseguirmos responder de forma mais adequada às ações heroicas daquelas quatro mulheres.

Assim que os enforcamentos se concluíram, o *Lagerkommandant* foi escoltado à pressa para fora do campo e as unidades das SS misturaram-se com a massa de prisioneiros, gritando e batendo-nos para nos levar de volta para os blocos. Com esta ação, os nazis estavam a enviar-nos a mensagem de que ainda estavam no controlo. Nós, é claro, estávamos à mercê deles, sem resistência física ou armas com que lutar.

Mas havia um novo sentimento de urgência no ar. As nossas atividades diárias tinham diminuído consideravelmente. Muitas fábricas tinham fechado e as máquinas foram transportadas de volta para a Alemanha. Camiões militares afanavam-se a carregar roupas, cobertores e outros artigos dos blocos onde estas coisas estavam armazenadas. Os SS empilharam documentos médicos e cartões de registo diante dos blocos, deitaram-lhes gasolina e queimaram as provas. As fogueiras continuaram a arder durante muitos dias e noites. Ouvimos rumores de que os SS tinham feito explodir as três câmaras de gás e os crematórios restantes, um desenvolvimento que saudei com alívio, porque sabia que, enquanto aqueles motores da morte estivessem a funcionar, eu estaria em perigo. Todo o sistema de Auschwitz estava a desintegrar-se. A nossa carga de trabalho na sala de operações caiu quase pela metade e eu tinha muito tempo livre. Ainda assim, preocupava-me por poder ter ultrapassado a minha utilidade enquanto trabalhador escravo e perguntava a mim próprio que fariam os nazis connosco quando o Exército Vermelho se aproximasse.

* * *

O Natal e o Ano Novo de 1944-45 foram celebrados em Auschwitz I por prisioneiros preeminentes e por alguns soldados das SS num bloco decorado com galhos de pinheiros, fitas e cartazes que diziam *Fröhliche Weihnachten* e *Fröhliche Neues Jahr*. Juntei-me aos cirurgiões e aos médicos do Bloco 21 na celebração. As mesas estavam cheias de comida, incluindo salame, salsichas de sangue e de fígado, queijo, pão, aguardente e cigarros. Os convidados desta festa eram prisioneiros políticos polacos, responsáveis de bloco, responsáveis de quarto, médicos e trabalhadores polacos, como eletricitistas e carpinteiros. Os outros participantes incluíam *Kapos* e sub-*Kapos* alemães e austríacos. Estes homens eram criminosos e antissociais nas suas vidas fora de Auschwitz, e usavam triângulos pretos e verde-

escuros que os distinguiam dos outros prisioneiros. O último grupo de convidados eram os *Kommandants* das SS das diferentes unidades de trabalho. Tratava-se de sargentos e de outras patentes inferiores; não havia oficiais neste grupo. Estimei que havia cerca de cem pessoas reunidas na sala. A comida desaparecia rapidamente, o ambiente era festivo e a atmosfera, alegre. Embora não me sentisse parte da celebração, a comida foi absolutamente sustentadora para mim.

No espírito das festas, os convidados cantaram *O Tannenbaum* (todos pareciam conhecer a versão alemã) e depois os austríacos cantaram uma canção chamada *Wien, der Stadt meine Träume* (Viena, a cidade dos meus sonhos). Depois das canções, a sala foi tomada pela melancolia. Observei as reações dos três grupos principais. Os prisioneiros políticos polacos estavam esperançosos, porque percebiam que a guerra estava a chegar ao fim e acreditavam que em breve iriam reunir-se com as suas famílias; os soldados das SS estavam cientes do avanço do Exército Vermelho e sabiam que tinham um futuro muito incerto; e os homens do terceiro grupo, os criminosos e assassinos que eram os nossos *Kapos*, estavam tristes porque não tinham nada pelo que esperar e iriam deixar de estar em posições de poder. Eu era o elemento estranho nesta reunião. Não me sentia nem esperançoso nem triste, mas estava preocupado e com medo de que os nazis nos matassem a todos antes de deixarem o campo. A menos que fosse libertado, não haveria um final feliz para mim. A guerra estava perto do fim, mas a liberdade parecia muito distante.

A semelhança de muitos prisioneiros, eu vivia na esperança de que o Exército Vermelho chegasse nas semanas seguintes e que o nosso pesadelo acabasse finalmente. Em 18 de janeiro de 1945, as minhas esperanças foram frustradas. Muitos prisioneiros dos campos satélite foram trazidos para Auschwitz I e espalhou-se o boato de que o campo iria ser evacuado. Não sabíamos como é que isto iria acabar e se os alemães nos iriam executar ou libertar-nos.

Entre as pessoas trazidas para o bloco 21 estavam dois irmãos da minha cidade natal que tinham estado a trabalhar nas minas de carvão em Buna, um campo satélite de Auschwitz I. Estavam em péssimo estado, e pretos, devido ao pó do carvão. Deitaram-se simplesmente no chão do bloco e disseram que já não se conseguiam levantar. Também vi pela última vez o rapaz com o ferimento de bala, que o Dr. Gordon tratara até recuperar e a quem reensinara a falar. O rapaz, tal como os irmãos, não estava forte o suficiente para se juntar aos prisioneiros que iam partir. Ficaram para trás e, de facto, foram libertados uma semana depois pelo avanço do exército russo.

Naquela noite, os SS vasculharam o campo e gritaram para todos se alinharem. Foi-nos dito que seríamos transferidos para outro campo – uma mudança para a qual não tive tempo de me preparar. Tinha apenas o meu casaco leve e o boné, mas, felizmente, ainda tinha as minhas botas resistentes com as suas solas agora já gastas. Muitos dos prisioneiros não tinham mais nada a não ser tamancos de madeira, o que lhes tornava o caminhar praticamente impossível.

Foi uma noite sinistra, com fogueiras a arder por todo o lado e os aviões russos a lançar sinalizadores de magnésio que iluminavam o campo. Eu podia ouvir a artilharia à distância. Antes de sairmos pelo portão, recebemos um pedaço de pão para a viagem. Cerca de vinte mil de nós recebemos ordens para formar fileiras de cinco com os braços entrelaçados.

Fora dos portões, os guardas das SS e os seus cães posicionaram-se em cada lado dessa enorme coluna. Estava muito frio e havia muita neve no chão. Eu estava do lado exterior esquerdo da minha fileira. Os que saíam da coluna levavam imediatamente um tiro na cabeça dado pelos guardas, os quais estavam determinados a não deixar nenhum prisioneiro para trás.

No caos da nossa partida apressada, perdi o contacto com todos os médicos do Bloco 21. Estava sozinho e percebi que esta marcha seria o teste final da minha resistência. O meu corpo estava coberto de suores frios, os meus pés estavam encharcados e o meu casaco leve e as calças também estavam húmidos.

A única coisa que me dava um pouco de calor era um saco de papel para cimento que conseguira agarrar quando passámos por um estaleiro de obras. Fiz buracos na parte inferior e em ambos os lados para criar um colete e depois enfiei-o pela cabeça. Éramos constantemente empurrados para nos movermos mais depressa, porque os SS não queriam que a coluna se estendesse muito, o que dificultaria as ações de vigilância. Os cinco da minha fileira percebemos que tínhamos de marchar em uníssono, com os braços entrelaçados, para conservar as forças. Não podíamos desperdiçar energia com ninguém que nos atrasasse, porque já era difícil o suficiente fazermos avançar os nossos próprios corpos.

A segunda noite não teve estrelas, mas a neve deixava ver os contornos tênues das árvores do meu lado da coluna. Do outro lado havia uma grande área aberta sem árvores. De repente, ouvi sons de algo a estourar à distância e consegui ver qualquer coisa semelhante a pirilampos a vir na nossa direção. Eram balas tracejantes, e podia ouvir o seu impacto quando atingiam os prisioneiros do meu lado direito. Todos entraram em pânico e empurraram para a esquerda. Fui atropelado pela multidão e atirado para uma vala, e muitos prisioneiros caíram em cima de mim. Fiquei imobilizado e incapaz de me mover, mas mantive a calma e tentei não entrar em pânico. Os guardas gritaram para que nos levantássemos e continuássemos a marchar, e o tom dos seus gritos sugeria que estavam com medo de perder o controlo. Os feridos no ataque foram fuzilados no local.

Fomos as infelizes vítimas dos batedores do Exército Vermelho, ou talvez

de resistentes, que, por engano, nos tinham confundido com unidades do exército alemão em retirada. Quando finalmente saí da vala, não consegui encontrar os outros quatro prisioneiros da minha fileira, pelo que tentei avançar o mais possível até à parte da frente da coluna. Era mais perigoso estar na parte de trás com os retardatários, os quais eram sistematicamente perseguidos pelos guardas. Estava a suar profusamente com o esforço de marchar na neve profunda, e as minhas orelhas, mãos e nariz estavam queimados do frio. Tinha de encontrar uma maneira de proteger a pele. À medida que marchávamos, percebi que um dos homens na minha fileira tinha sucumbido e estava morto. Antes de o largarmos, tirámos-lhe o casaco e rasgámo-lo em tiras; usei as minhas para cobrir a cabeça e as orelhas. Senti-me como um abutre, mas disse a mim mesmo que aquela pessoa já não precisava do casaco. Foi um ato de autopreservação.

Quando o Sol nasceu sobre a neve, ao terceiro dia, a paisagem apresentou-se estranhamente bela. Havia milhares de prisioneiros à minha frente e milhares atrás de mim, e, de ambos os lados, os guardas das SS praguejavam e gritavam. Para onde é que nos estavam a levar? Qual era o objetivo? Ao meio-dia, saímos de uma zona florestal e chegámos a uma aldeia, onde pude ver fumo a sair das chaminés das casas. Pensei no calor dentro daquelas casas e imaginei pessoas normais a almoçar. Como uma caneca de chá me teria sabido maravilhosamente ali! Tudo o que podia fazer era apanhar um punhado de neve para me manter alimentado. Quando entrámos na aldeia, recebemos ordens para nos juntarmos mais, por causa das ruas estreitas. Os guardas estavam alerta em relação àqueles que tentassem escapar. Pensei nos médicos do Bloco 21. Podiam escapar facilmente, porque estavam na sua terra natal e falavam a língua. Eu não podia correr esse risco. Em vez disso, tinha de marchar, e, enquanto o fazia, mais pessoas perderam o contacto com a coluna e os tiros tornaram-se mais frequentes. Os caminhos da Polónia ocupada ficaram repletos dos corpos daqueles que não conseguiram aguentar esta marcha da morte.

Mais tarde, quando nos aproximámos de uma encruzilhada, vi um agricultor sentado num trenó puxado por dois belos cavalos. Os sinos dos seus arreios tilintavam enquanto eles esperavam impacientemente que a grande coluna passasse. Lembrei-me daquelas manhãs frias de inverno da

minha infância, quando os agricultores vinham até à cidade e eu saltava para os patins dos seus trenós para apanhar uma boleia até à escola. Iria alguma vez voltar a apanhar uma boleia? Peguei noutro punhado de neve e continuei a pôr um pé à frente do outro. *De certeza que vamos parar em breve*, pensei. Embora estivesse determinado a continuar, as noites escuras eram extremamente difíceis e o meu espírito estava em baixo.

Na tarde do terceiro dia, chegámos a uma grande quinta abandonada onde os nazis nos disseram que iríamos passar a noite, a nossa primeira paragem para descanso desde que tínhamos deixado Auschwitz. A quinta tinha muitos estábulos e celeiros de armazenamento, e foi maravilhoso descansar finalmente. A palha no chão do celeiro deu ao meu corpo uma almofada que me ajudou a sobreviver mais um dia. Enterrei-me numa pilha desta palha de cheiro celestial e adormeci profundamente. Na manhã seguinte, acordei com os guardas a gritar:

– *Raus! Raus! Alinhar!*

Por um instante, considerei esconder-me numa pilha de palha, mas receei poder levar um tiro ali mesmo, se fosse descoberto. O meu receio revelou-se correto. Enquanto nos alinhávamos em formação, os guardas das SS vasculharam os estábulos, disparando indiscriminadamente contra as pilhas de palha. Qualquer um que lá estivesse escondido, foi morto.

Já marchávamos há três noites sem comida e estávamos agora no quarto dia. Eu estava tonto de fome e o meu corpo não estava a cooperar. Tentei evitar que a minha mente se deteriorasse, concentrando-me em manter pensamentos positivos. O dia estava mais ameno e pude ver que nos dirigíamos para uma cidade de dimensão considerável. À tarde fomos amontoados num campo de futebol. Deitei-me de costas, descansei os pés contra uma cerca e olhei para o belo céu azul. Quase conseguia imaginar que estava a recuperar o fôlego depois de um jogo de futebol com os meus amigos. Uma ou duas horas depois, os SS ordenaram que voltássemos à formação, e partimos novamente, desta vez para uma estação de caminhos de ferro numa cidade chamada Loslau.

Quando chegámos a Loslau, encontrámos uma longa fila de quarenta a cinquenta vagões abertos, à espera. Recebemos ordens para entrar lá para

dentro e amontoámo-nos todos juntos. Entre os vagões abertos havia vários outros vagões, onde os guardas SS se posicionaram. Vigiavam-nos e disparavam contra qualquer um que tentasse escapar. As paredes dos vagões eram de metal e extremamente frias. Todos tentaram ficar no meio do grupo para se aquecerem. Partimos e, à medida que a locomotiva ganhava velocidade, o vento que esta gerava contra as nossas cabeças e corpos fazia o frio penetrar ainda mais fundo. Sentia-me como se estivesse num congelador. Fiquei neste vagão durante aproximadamente quatro dias, de pé, gelado até aos ossos, sem comida e sem casa de banho. Muitas pessoas morreram pelo caminho.

A certa altura, pensei num livro que tinha lido sobre o Expresso do Oriente e tentei imaginar como seria maravilhoso experimentar aquele nível de luxo neste momento. Contudo, este pensamento não foi capaz de me distrair por muito tempo. Quantos dias iria durar esta viagem? Para onde estávamos a ir? Viajávamos apenas durante o dia, porque à noite o fumo e as cinzas da locomotiva seriam uma indicação clara para os pilotos dos caças Aliados, em voo baixo, que bombardeavam qualquer coisa que se mexesse sobre carris. Durante a noite, ficávamos em estações de caminhos de ferro ou em encruzilhadas, e as unidades das SS patrulhavam agressivamente o nosso transporte, para que ninguém pudesse escapar.

Ficar de pé nos vagões era ainda pior do que marchar, porque estávamos num espaço muito apertado. Os mais resistentes esperavam que os mais fracos morressem para podermos ter algum alívio. Retirávamos àquelas pobres almas as suas escassas roupas para proteger as nossas cabeças e membros gelados. Como os SS não nos deixavam livrar-nos dos mortos, os cadáveres eram deixados nos vagões e éramos obrigados a suportar a indignidade de pisar os corpos. De manhã, antes de o comboio partir novamente, os guardas das SS e os oficiais tomavam o pequeno-almoço preparado no vagão-cozinha. Eu podia sentir o cheiro da comida a ser cozinhada e aquilo era uma provocação terrível. Eles comiam enquanto nós morríamos de fome.

Na sétima noite, o comboio parou numa grande estação totalmente às escuras. Ouvimos o som sinistro das sirenes enquanto os holofotes vasculhavam os céus em busca de aviões, e, então, ouvimos os disparos das

baterias antiaéreas. Estávamos mesmo no meio de um bombardeamento e os estilhaços atingiam as laterais metálicas do nosso vagão. Pensei que, depois de tudo pelo que tinha passado, não podia ser morto por bombardeiros aliados! Quando o ataque terminou, prevaleceu o silêncio.

À medida que o céu foi clareando com a manhã, começou a cair uma neve húmida e consegui distinguir o nome de Pilsen na estação. Aquilo disse-me que estava novamente na Checoslováquia ocupada. Comecei a sentir-me mais esperançoso quando ouvi uma comoção vários vagões atrás de nós. Vi que havia uma ponte que se estendia sobre os carris, mais abaixo na linha, e nessa ponte havia várias pessoas a atirar pedaços de pão para os vagões abertos abaixo. Os guardas das SS gritaram:

– Não atirem pão! São judeus!

Mas as pessoas ignoraram-nos. Por fim, os guardas varreram a ponte com as suas metralhadoras e as pessoas fugiram. Embora estivesse demasiado longe para receber qualquer pão, as ações daquelas pessoas nutriram-me mesmo assim. Saber que ainda havia gente boa e atenciosa no mundo animou-me o espírito e deu-me uma nova vida.

Saímos da estação de Pilsen. Estávamos a 25 de janeiro de 1945 e eu não tinha comido nada desde que tínhamos partido de Auschwitz a 18 de janeiro – sete dias antes. Apanhava flocos de neve com a língua para me hidratar. Metade dos homens do nosso vagão estavam agora mortos, e empurrámos os corpos para um canto, para podermos ter mais espaço. Mas eu não conseguia ignorar os cadáveres congelados – eram uma recordação constante de onde iria acabar se a viagem continuasse durante muito mais tempo. Precisava de exercício e alimento, e estar constantemente de pé era uma tortura para o meu corpo.

Mal me aguentava. Uma neve pesada caía sobre nós, cobrindo todos os cadáveres, enquanto nós, *zombies* vivos, ficámos molhados até aos ossos. O comboio passou por uma estação com uma placa com um nome alemão. Não tinha certeza se estávamos na Áustria ou na Alemanha, mas ambas me pareciam o covil dos leões. Ao longe, podia ver uma ponte ferroviária sobre um grande rio e alguém disse que devia ser o Danúbio. O comboio parou e fomos mandados sair dos vagões. Consequia ver grandes pedaços de gelo a

flutuar rio abaixo, e o meu primeiro pensamento foi que os guardas iam disparar contra nós e atirar-nos à água. Por que razão o comboio não atravessara a ponte? Tive a resposta assim que me aproximei e vi ferragens retorcidas e travessas em falta. A ponte tinha sido gravemente danificada pelos bombardeamentos dos Aliados, pelo que fomos forçados a fazer a perigosa travessia a pé. Tive de controlar o meu ritmo, enquanto saltava por cima dos dormentes em falta, o que exigia uma estratégia delicada, porque os outros tentavam agarrar-nos, o que prejudicava o nosso equilíbrio. Muitas pessoas caíram pelos espaços em falta, desaparecendo nas águas geladas lá em baixo. Não havia margem para erros. Os que conseguiram atravessar foram obrigados a formar uma fila pelos guardas das SS e a marchar em frente. Podia ver uma cidade mais adiante e disseram-nos para estreitarmos as nossas linhas quando nos aproximámos. Uma placa na estrada disse-nos que estávamos em Mauthausen.

A minha primeira impressão foi a de belas casas e lojas com janelas limpas a brilhar e delicadas cortinas de renda. As estruturas tinham cerca de três andares de altura e belas ornamentações de madeira na parte exterior. Para mim, era inacreditável pensar que havia pessoas a viver com tanto conforto enquanto nós passávamos por tanto sofrimento, sujidade e perigo. Ansiava por um banho quente numa daquelas casas. Pensei que morreria feliz se apenas pudesse tomar um banho. Enquanto marchávamos pelo meio da estrada através da cidade, passámos por três jovens, cada uma a puxar uma criança num trenó. As crianças estavam todas enroladas em roupas de malha, com toucas e lenços, e tinham bochechas rosadas e olhos brilhantes. Olharam para nós com horror. Estávamos pretos, das queimaduras do frio, sujos e em farrapos, e um odor fétido seguia-nos como um cão vadio. As crianças fitaram-nos, mas as três mulheres recusaram-se a olhar na nossa direção. Rejeitaram totalmente a nossa visão, como se dissessem que não reconheciam a realidade do que estava a acontecer mesmo à sua frente. Pensei nas pessoas em Pilsen a atirar-nos pão e notei o contraste gritante.

Continuámos a marchar por Mauthausen, passando pela elevação vertical de um penhasco de granito. Vi prisioneiros com roupas às riscas a martelar a pedra com cinzéis. Aquilo causou-me arrepios de medo, porque

sabia que não conseguiria aguentar aquele tipo de trabalho esgotante. Quando chegámos ao cimo da estrada, vi a entrada em forma de fortaleza do campo de concentração de KL Mauthausen. Esta entrada tinha um grande portão com umas torres de guarda altas de cada lado. Era uma visão agourenta.

Dentro do campo, fomos encaminhados para um bloco com chuveiros. Mauthausen estava a transbordar de prisioneiros que, como nós, tinham sido trazidos de outros campos na Polónia ocupada. Ficámos na rua durante horas, na praça gelada e iluminada por holofotes, até vários *Kapos* tomarem conta da multidão, ordenando que nos despíssemos, mas que mantivéssemos os sapatos. Esperámos nus, ao frio, enquanto grupos de cem homens de cada vez eram enviados para os chuveiros. Quando chegou finalmente a minha vez, foi um pequeno prazer sentir a água quente lavar a sujidade e o fedor do meu corpo. Mas o banho acabou demasiado depressa e fui empurrado nu novamente para o frio gelado. Era óbvio que este duche não era para nosso benefício, mas para evitar a transmissão de doenças aos guardas das SS.

O vapor do calor do chuveiro elevava-se dos nossos corpos e eu sabia que em breve ficaríamos com hipotermia. Senti o frio a entranhar-se dentro de mim e comecei a agitar vigorosamente os braços, batendo na parte superior do corpo para manter a circulação. Fiz isto durante toda a noite, sem parar. Muitos dos prisioneiros ao meu redor caíram no chão e morreram congelados. Por fim, na manhã seguinte, aqueles entre nós ainda vivos foram encaminhados para um bloco. Lá dentro, vi várias fileiras de homens sentados no chão com as pernas abertas. Cada pessoa nova era orientada para se sentar entre as pernas estendidas de outra, depois a pessoa seguinte sentava-se entre as pernas estendidas da anterior, e assim por diante. Sentir corpos à frente e atrás de nós era ao mesmo tempo assustador e humilhante. Todo o chão ficou preenchido por este mar de humanidade e estimei que haveria pelo menos mil pessoas na sala.

Fiquei furioso – de todas as dificuldades que enfrentara, esta última abominação era a mais insultuosa. Estávamos apinhados como sardinhas em lata. É verdade que já não estávamos a gelar, mas estávamos todos mortos de cansaço. Se um prisioneiro adormecesse, a sua cabeça caía sobre

a pessoa que tinha à sua frente e ele podia esperar levar com uma cotovelada nas costelas, acordando-o com um estremeção. Urina e diarreia escorriam pelo chão debaixo das nossas nádegas, e o fedor era insuportável. Não tínhamos ordens para ficar de pé e não podíamos sair para nos aliviarmos. Poucas horas antes, tínhamos tomado um banho para lavar a sujidade que se acumulara nos nossos corpos e agora ali estava eu sentado em urina e fezes. Tentei desligar a minha mente e ir para um lugar onde pudesse ignorar o que estava a acontecer à minha volta. Perdi a noção do tempo. Perdi o controlo das minhas funções corporais. Acho que fiquei sentado assim durante dois dias, até que, de repente, os *Kapos* gritaram para nos levantarmos e sairmos do bloco. Desemaranhámo-nos o mais rápido possível e fomos de novo para a rua, para o frio intenso, nus e sujos de fezes praticamente da cabeça aos pés.

Tivemos de formar uma fila única para receber os nossos uniformes: calças às riscas, casaco e boné. Pude perceber pelo odor nas roupas que estas tinham sido recentemente desinfetadas com *Zyklon B*, o mesmo produto químico usado para gasear os judeus em Auschwitz-Birkenau. Disseram-nos que íamos para outro campo. Fiquei contente por deixar este inferno e esperei nunca mais o ver. Tinham passado dez dias desde que tínhamos deixado Auschwitz e ainda não tinha comido ou bebido nada. Percebi que arranjar comida e água seria a condição final na minha sobrevivência.

Fomos levados a marchar para fora dos portões de Mauthausen, através da ponte traiçoeira e descendo até à estação de comboios, onde voltámos a ser amontoados em vagões de carga. A locomotiva arrancou e estávamos novamente em movimento. Algumas horas depois, o comboio reduziu a velocidade e acabou por parar. Os guardas abriram as portas dos vagões deitado e gritaram:

– *Raus! Raus!*

Uma placa disse-me que estava numa estação ferroviária numa cidade chamada Melk, mesmo ao lado do Danúbio.

Melk, Ebensee e a Libertação

O nosso transporte chegou a Melk na tarde do dia 1 ou 2 de fevereiro de 1945. As linhas ferroviárias e a estrada eram ambas paralelas ao rio Danúbio, cheio de gelo naquela altura, tal como em Mauthausen. A estrada estava coberta de tráfego militar e civil de rotina. O nosso transporte era composto por aproximadamente mil trabalhadores escravos. Os guardas posicionaram-se de cada lado do nosso grupo e forçaram-nos a marchar colina acima, através da cidade, até um campo chamado Melk KL. Este era um antigo quartel de cavalaria da Primeira Guerra Mundial no topo de uma colina com vista sobre os telhados da cidade. Outra colina, em frente do campo, tinha um edifício alongado e impressionante que soube mais tarde ser o maior mosteiro franciscano da Europa.

Após longas discussões entre os guardas das SS e os *Kapos*, fomos divididos em grupos e distribuídos por vários blocos. Fui encaminhado para um bloco que já abrigava vários prisioneiros de guerra russos. Consegui comunicar com eles usando uma mistura de russo, eslovaco e alemão. Eles queriam saber de que campo eu vinha e onde nascera. Também me perguntaram se eu sabia como a guerra estava a progredir. A única notícia que lhes podia dar era que quando deixámos Auschwitz I, a 18 de janeiro, tinha ouvido o som de artilharia pesada vindo da Frente Oriental e assumira que o Exército Vermelho não estava longe. Estes prisioneiros russos eram militares treinados e tinham grandes físicos, mas pareciam bastante abatidos. No entanto, sabiam proteger-se uns aos outros e eram uma unidade muito coesa. Percebi que os *Kapos* não se atreviam a abusar deles como abusavam de nós.

Pensei para comigo que ali estava eu, noutra campo, novamente sozinho. E a mim mesmo perguntei se seria muito difícil ajustar-me às novas condições. Que tipo de trabalho teria de fazer, e ficaria exposto aos elementos? Disse de mim para mim que, se conseguisse sobreviver aos meses de fevereiro e março, a primavera chegaria e o Exército Vermelho

emergiria do Leste para acabar com aquela provação. Mas havia muitas coisas com que me preocupar e precisava de estar pronto para enfrentar todos os desafios.

O meu colchão estava cheio de pó e tão sujo que preferi dormir diretamente nas tábuas da cama. Tinha um cobertor pútrido para me tapar. Embora possa parecer estranho sentir falta de um lugar como Auschwitz I, fui consumido por lembranças da enfermaria do segundo andar do bloco 21, onde tinha um beliche e um cobertor limpos e estava ocupado com as minhas rotinas diárias. No hospital, sentia que fazia parte de um grupo de profissionais que ajudavam os nossos companheiros presos, e também tinha privilégios que me permitiam sobreviver. Em contraste, Melk ia ser uma experiência perigosa e degradante.

Naquela noite, recebi o meu primeiro alimento ao fim de dez dias sem comida – um pedaço de pão e uma caneca de falso café. A ração soube-me muito bem, mas não me encheu o estômago. Estava a começar a pensar em como tinha conseguido sobreviver tanto tempo.

Na manhã seguinte, fomos acordados às cinco horas e recebemos uma caneca de chá no nosso bloco. Os prisioneiros foram organizados em três turnos iguais de oito horas. Eu estava no turno matinal com mil e quinhentos companheiros de prisão. Alinhámo-nos na praça e depois fomos conduzidos até à estação de caminhos de ferro e metidos em vagões de carga com as portas trancadas. Viajámos durante cerca de uma hora e depois desembarcámos. Dei por mim numa grande área cercada, com muitos barracões que armazenavam máquinas. Conseguia ver seis grandes túneis ferroviários, à prova de bombas, construídos na encosta de uma montanha, e uma locomotiva a empurrar quinze a vinte vagões de carga para um deles. Este lugar era um formigueiro de atividade. Fiquei a saber que quatro destes túneis estavam já em plena produção a fabricar peças para aviões, enquanto os outros dois túneis ainda estavam a ser construídos.

Os SS dividiram-nos em grupos e um homem de boné e fato-macaco pretos conduziu o meu grupo até uma área onde a pedra estava a ser perfurada para o último túnel. Foi-me entregue um grande berbequim

compressor, que eu mal conseguia levantar, e o homem mostrou-me como começar a perfurar pressionando a pega. As vibrações do berbequim sacudiam-me o corpo e o som da máquina a bater contra a rocha era ensurdecedor. Estávamos a perfurar uma escada até ao topo do túnel para modelar os contornos do teto. Senti que não tinha forças para perfurar a rocha por cima da minha cabeça. Como as pedras por cima estavam soltas, corríamos o risco constante de sermos esmagados.

Mais tarde, soube que o homem do boné e fato-macaco pretos era de uma organização civil que estava a construir aquela infraestrutura para a *Luftwaffe*. Os prisioneiros trabalhavam aqui em três turnos de oito horas; quando um turno terminava, o seguinte era levado para o túnel. Após dois dias neste trabalho, disse ao nosso capataz que já não conseguia levantar o berbequim e pedi-lhe que me desse outra tarefa. Ele disse-me para apanhar todas as brocas partidas que se tinham acumulado no túnel e que as levasse até à oficina do ferreiro para serem soldadas. Mais uma vez, esta nova tarefa salvou-me a vida. O interior da oficina do ferreiro era aconchegante e quente, e havia um fogo incandescente a arder na forja. O ferreiro era um prisioneiro de guerra russo chamado Misha.

A oficina do ferreiro ficava a aproximadamente meio quilómetro do túnel, e uma esteira rolante, que carregava a pedra solta, percorria toda a distância. Aprendi a saltar para a esteira, o que me facilitava a viagem. O único truque era sair antes de a esteira entrar num triturador, o que significaria a minha morte. Assim que conheci melhor Misha, perguntei-lhe se me poderia fazer uma armação na qual pudesse transportar várias brocas, para não ter de as levar nos braços. Ele acedeu, fazendo um suporte que me permitia carregar seis brocas de cada vez. Embora o suporte fosse pesado, tornava o meu trabalho mais fácil. Também aprendi a controlar o meu ritmo, a fim de haver sempre substitutos suficientes para as brocas partidas. Isto permitia-me passar mais tempo na aconchegante oficina do ferreiro. Misha também me ajudou quando me deu um recipiente e me disse que o enchesse de neve limpa, a qual derreteu depois no fogo para nós os dois bebermos. Esta rotina de trabalho diário continuou até ao fim de março.

Havia um edifício com chuveiros e uma lavandaria em Melk KL. Tal

como Auschwitz, Melk também tinha um crematório, mas não tinha câmaras de gás. Eu passava sempre longe do crematório, porque me fazia lembrar Birkenau. Havia uma pequena colina no meio do campo, onde caminhávamos aos domingos quando não trabalhávamos. Em meados de março, quando o tempo aqueceu, reuníamo-nos todos na colina, tirávamos os casacos e procurávamos piolhos. Eu ficava enojado ao descobrir milhares de pequenos ovos incrustados no tecido do meu casaco, o que me dava a razão de me estar constantemente a coçar. Passávamos muitas horas a esmagar os ovos com as unhas, como macacos a limpar-se. Infelizmente, os meus esforços não tinham qualquer impacto na minha infestação de piolhos, a qual piorou à medida que os dias mais quentes iam fazendo suar mais. Não tinha tido autorização para tomar banho desde a minha chegada a Melk, mas quando a administração do campo ficou a saber da infestação, tomaram-se medidas para evitar que esta se espalhasse pelo seu próprio pessoal.

Na manhã do domingo seguinte, os *Kapos* mandaram-nos entregar os nossos casacos e calças, para poderem desinfestá-los, e, à tarde, todo o campo tomou banho. Milhares reuniram-se diante da entrada para os chuveiros. A porta tinha apenas alguns metros de largura e eu sabia por experiência própria que ia haver confusão quando se abrisse. Os prisioneiros à espera iam tentar entrar ao mesmo tempo. Qualquer um que caísse no chão seria certamente esmagado pela multidão. Perguntei de mim para mim se valeria a pena arriscar a minha vida por um banho e depois tentei decidir onde me deveria posicionar para estar a salvo. Mas, mal a porta se abriu, fui sugado por um redemoinho de corpos. Lutei com todas as minhas forças para não perder o equilíbrio ou ser pisado. De repente, senti-me a ser empurrado por cima da cabeça das pessoas e fui passado até à borda da multidão, onde caí no chão, ileso. Alguns não tiveram a mesma sorte e morreram pisados pelos outros prisioneiros. Perdi a minha oportunidade de tomar banho, mas fiquei grato por ter escapado com vida. Poucos dias depois, em 15 de março, fiz dezasseis anos. Chegaria aos dezassete?

* * *

À medida que nos aproximávamos do fim de março de 1940, o tempo foi

ficando mais quente. Podia ouvir, vindo de leste, o som de bombardeamentos para os lados de Viena e senti-me encorajado por o fim da guerra se estar a aproximar. Os meus pensamentos voltaram-se para a minha vida em casa, em Moldava, onde estaríamos a celebrar o Purim, a festa da salvação dos judeus persas do tirano assassino Haman. No Purim, era nosso costume partilhar guloseimas com os amigos e vizinhos para celebrarmos a nossa liberdade da opressão. A nossa casa ficava preenchida com um aroma sedutor a bolos e comida deliciosa. A minha mãe fazia frango de paprica com todos os acompanhamentos. Parecia ter sido há muito tempo. Era agora uma simples memória para a minha mente saborear.

Certa manhã, após o toque de despertar, senti-me muito mal. Tinha cólicas, diarreia, febre e tonturas. Como iria conseguir aguentar o dia? Só me queria enrolar numa bola e sofrer as consequências. No entanto, os meus companheiros de beliche puxaram-me para fora da cama e empurraram-me para a fila, para receber o chá do pequeno-almoço, que eu nem sequer conseguia beber. Mal consegui marchar do campo até ao comboio que nos levava para o trabalho. Quando lá cheguei, comecei a recolher as brocas partidas do turno da noite e levei-as ao ferreiro para serem soldadas. Disse-lhe que estava muito doente, que tinha diarreia e que não conseguia manter nada no estômago. Ele deu-me um pedaço de carvão para mastigar e engolir com um pouco de água. Disse que levaria alguns dias a matar os germes no meu estômago e aconselhou-me a rastejar para debaixo de um banco da oficina e

adormecer. Comi carvão durante três dias e fiquei muito desidratado. Dei as minhas parcas rações aos meus companheiros de beliche, pois nada que levasse ao estômago lá ficaria. Estava tão fraco que senti que estava num ponto de viragem.

No terceiro dia da doença, enquanto marchava do comboio para o campo, após o nosso turno, senti umas cólicas fortes e os meus intestinos evacuaram repentinamente. Naquele momento, libertei o veneno do meu corpo e senti-me imediatamente melhor. Sabia que o remédio caseiro de Misha me tinha salvo. Sem o seu carvão, não teria sobrevivido àquela doença. Fiquei grato pela ajuda que me deu. No entanto, as minhas calças

eram um problema novo com o qual tinha de lidar. Tive de andar de volta até ao campo, a cheirar a podre, e tive de lavar rapidamente as calças com água fria e sem sabão. De manhã, usei as calças molhadas para ir trabalhar, o que era extremamente desconfortável.

No dia seguinte, quando o nosso turno terminou e estávamos a alinhar-nos para a contagem, o capataz civil aproximou-se a correr do oficial responsável e relatou que alguém tinha sabotado a esteira rolante, cortando dois fragmentos para usar como solas dos sapatos. Aquilo era uma violação muito grave. O *Kommandant* anunciou que a pessoa que o fizera tinha um minuto para avançar, mas ninguém o fez. O *Kommandant* ordenou então aos guardas das SS que seleccionassem cada décimo homem da linha e que os mandassem avançar. Não me levaram por duas pessoas apenas, e dei um suspiro gigante de alívio. Fizeram os homens marchar até uma curta distância e, então, o *Kommandant* deu a ordem para disparar. Dez homens foram assassinados para servir de exemplo aos restantes.

* * *

No fim de março de 1945, vi grandes grupos de civis, vindos da direção de Viena, a fugir para oeste, de barco, pelo Danúbio. Também vi comboios sobrecarregados de gente sentada nos topos e penduradas dos lados. Do alto da colina, no campo, vi veículos militares e civis, carroças carregadas de móveis e pessoas a pé a puxar carrinhos de mão cheios de mercadorias – todos a fugir do avanço do Exército Vermelho e em direção aos americanos a oeste. Obviamente, os Austríacos não estavam habituados a viajar desta maneira.

Se todos estavam a fugir, o que é que nos aconteceria a nós, trabalhadores escravos? Eu esperava que os nossos guardas se fossem simplesmente embora e nos deixassem em paz, mas não foi isso que aconteceu. Na manhã seguinte, fomos conduzidos até à estação de comboios para trabalhar, como se fosse apenas mais um dia normal. Peguei nas brocas e levei-as até à oficina do ferreiro. Misha disse-me que não havia necessidade de trabalharmos depressa, porque o Exército Vermelho em breve estaria ali.

– Vai dormir debaixo do banco – disse ele.

Pouco depois, fui acordado ao som de tiros. Pus-me de pé de um salto e Misha e eu olhámos pela janela. Vimos um avião de caça a circular em redor do nosso pátio a uma altitude muito baixa, disparando contra qualquer coisa que se mexesse. Sem saber da presença do avião de combate, uma locomotiva saiu do túnel a puxar vagões cheios de peças de aviões. O piloto fez uma curva e disparou uma torrente de balas contra a locomotiva, que explodiu, criando o caos por toda a parte. Por cima do barulho, Misha gritou que se tratava de um avião de combate russo *Yak*. Era maravilhoso estar na fila da frente a ver o pandemónio que um único avião tinha causado.

Quando o caminho ficou livre, peguei nas minhas brocas e voltei para o túnel, onde ainda ninguém sabia do bombardeio feito pelo avião no pátio. Tive a sensação de que o fim estava muito próximo. Quando o nosso turno terminou, os SS alinharam-nos para sermos contados, como de costume, mas o turno da noite não chegou. Subimos para os vagões e voltámos para o campo, onde estava tudo em alvoroço por causa da pausa nas operações. Pensei que se os SS nos fizessem participar noutra marcha da morte, pelo menos desta vez não teria de me preocupar com o tempo frio.

A chamada de despertar do dia seguinte teve lugar mais cedo do que o normal e, desta vez, todo o campo se reuniu na praça. Ficámos ali de pé durante algum tempo e depois recebemos a ordem de nos alinharmos em fileiras de cinco, após o que fomos divididos em vários grupos. O meu grupo foi levado na direção dos caminhos de ferro. Dei uma última olhadela ao mosteiro franciscano, pensando que nunca mais o veria, e depois segui os outros prisioneiros do meu grupo até às margens do Danúbio, onde havia diversas barcaças amarradas. Os SS amontoaram-nos numa que transportava carris de metal. Assim que a barcaça ficou totalmente cheia de gente, as suas aberturas foram protegidas com tampas de metal e fechadas com cadeados, para que não pudéssemos escapar. Pensei para comigo que se aquela barcaça se afundasse, estávamos todos condenados. Foi então que pensei que, se eles pretendiam afogar-nos, podiam fazê-lo afundando deliberadamente as barcaças.

Um rebocador puxava várias barcaças, que estavam presas umas às outras com cabos de metal, e, por fim, senti o movimento das ondas do

Danúbio. Subimos o rio em direção a oeste. Éramos apenas uma fração dos prisioneiros de Melk – cerca de mil pessoas – e imaginei que a maioria dos prisioneiros estava a ser levada para outros campos. No dia seguinte, as barcas foram amarradas e recebemos ordem para sair. Estávamos em Linz, na Áustria. Vi uma grande área cheia de crateras de bombas – possivelmente antigas fábricas. Os SS conduziram-nos através da cidade de Linz e, depois de um dia inteiro a marchar, deitámo-nos para passar a noite no campo de um agricultor, nas proximidades de Gmunden. Escavei a terra do campo e consegui encontrar algumas batatas pequenas. Saboreei-as e depois adormeci e dormi profundamente durante toda a noite estrelada. Continuámos a marchar, sem comida ou água, até à cidade de Wels. Nessa noite, acampámos novamente em campo aberto. No dia seguinte, atravessámos uma cidade chamada Lambach. No terceiro dia, a estrada levava a uma colina mais elevada. Estava muito calor e a coluna começou a esticar-se, com muitos homens incapazes de acompanhar o passo. Os SS deram-nos uma hora para descansarmos. Havia pinheiros de um lado da estrada e, do outro, uma descida abrupta até um vale. O cenário era lindo e, noutras circunstâncias, poderia ter sido um passeio maravilhoso. Quando o período de descanso acabou, continuámos a marchar, seguindo a estrada até cada vez mais acima. Neste ponto, já estávamos sem comida ou água há quatro dias e eu estava com muita sede.

Ao longo das bermas da estrada, começámos a ver placas que diziam: *Achtung Tiefflieger* (Cuidado com os aviões de combate inimigos). De repente, ouvi um avião a aproximar-se. O piloto começou a metralhar a retaguarda da coluna, mas parou repentinamente e desviou-se quando percebeu que não éramos soldados inimigos. Seguiu então para a frente da coluna e inclinou as asas no que me pareceu ser uma espécie de pedido de desculpas. Felizmente, ninguém no nosso grupo sofreu ferimentos fatais. Consegui ver a estrela no avião e sabia que era um caça americano. Pensei para comigo que se um avião americano podia voar tão baixo sem ser desafiado, o seu exército não podia estar longe.

Chegámos a uma curva apertada na estrada e vi uma cena incrível no vale abaixo: um belo lago chamado Ebensee, com água azul e casas e árvores em redor das margens. Consegua ver vários soldados da *Luftwaffe*

nos seus uniformes azuis a remar vagorosamente com as suas namoradas em barcos no lago calmo. Aquela visão era um contraste notável com os prisioneiros à minha volta e perguntei para comigo como é que aquelas pessoas podiam desfrutar daquele pacífico postal ilustrado, estando nós tão oprimidos. Naquele momento, jurei a mim mesmo que, se sobrevivesse, um dia iria sentir o prazer de navegar num lago tranquilo. Pouco depois, entrámos nos portões do campo de Ebensee KL.

Ebensee KL ficava num planalto rodeado por montanhas e era um contraste gritante com a bela cidade e com o lago situados no vale abaixo. Tive a sensação de que este seria o último campo que teria de suportar e que a libertação não podia estar longe. Muitos dos prisioneiros do meu bloco eram judeus gregos e, mais uma vez, tive de passar pelo processo habitual de integração entre os prisioneiros já estabelecidos, com as suas hierarquias e antiguidades. Na minha nova unidade de trabalho, fomos incumbidos de misturar cimento e de o despejar em formas para produzir telhas grandes. Felizmente, não éramos pressionados para trabalhar arduamente e parecia-me que estávamos simplesmente a fazer tempo até que a guerra acabasse. Estávamos na primeira semana de abril de 1945. Eu estava esquelético e as solas das minhas botas, outrora robustas, tinham grandes buracos. Tal como a maioria dos prisioneiros, estava infestado de piolhos. Estes enterravam-se debaixo da minha pele para sugar as minhas escassas gotas de sangue. Também transportavam a bactéria do tifo de corpo em corpo. A maioria dos homens no meu bloco tinha febres elevadas devido ao tifo e não havia medicamentos nem médicos para os tratar. Muitos deles morreram nos seus beliches e os seus corpos foram carregados sem cerimónia para a rua e empilhados na latrina.

Em meados de abril, as SS deixaram de distribuir rações e o sistema de águas foi fechado. Fui até à cisterna onde era recolhida água para a extinção de incêndios. Esta era grande e tinha paredes íngremes que se inclinavam para baixo em direção ao fundo. Como o nível da água estava muito baixo, as paredes laterais tinham cerca de oito metros de altura. Vi vários corpos a boiar na cisterna e suspeitei que aqueles homens tinham tentado ir buscar água, não tendo conseguido voltar a subir por causa do ângulo íngreme. Notei outros com canecas com um longo cordel atado que

podiam ser usadas para retirar um pouco de água. Fiquei surpreso ao ver os irmãos Lichtman, Gaby e Bandy, que conhecia de casa. Eles disseram-me que o pai tinha morrido apenas uma semana antes. Fiquei feliz por os ver, mas também invejei o facto de se terem um ao outro, enquanto eu estava sozinho. No entanto, eu sabia que eles não podiam cuidar de mim. Voltei para o bloco e não os voltei a ver em Ebensee.

A situação era desesperante e havia cadáveres por todo o campo. Empilhados na praça principal estavam montes de corpos nus, pois as suas roupas tinham sido retiradas por almas vivas desesperadas. As pessoas estavam a morrer de fome e algumas até mastigavam o couro das próprias botas para pôr algum tipo de sólido no estômago. Eu estava cada vez mais fraco, até que, finalmente, sucumbi à febre. Dormi durante dias, consumido por sonhos febris. Quando acordei, arrastei-me até à cisterna para tentar beber, mas a essa altura já havia tantos corpos a boiar na água que era impossível.

Alguns dias depois, acordei com o cheiro de carne a ser cozinhada, um odor que me era repugnante, dado o meu estado destruído. Vários presos estavam sentados em redor de um pequeno fogão a observar uma panela a ferver. Não conseguia imaginar como é que eles tinham arranjado carne, mas quando me arrastei até à latrina, onde os cadáveres estavam empilhados, percebi que alguns dos corpos tinham pedaços em falta nas nádegas. Juntei dois mais dois e percebi que tipo de carne estava a ser cozinhada na panela. Pessoas desesperadas fazem coisas desesperadas para sobreviver. Rastejei de volta para o meu beliche e rezei para não ser a refeição seguinte.

Na manhã que se seguiu, um prisioneiro entrou a arrastar os pés nos seus tamancos de madeira e fez um anúncio surpreendente. Disse que os guardas das SS já não estavam na torre de vigia e que havia uma bandeira branca hasteada no portão principal. Seria possível que os nossos libertadores tivessem finalmente chegado? Eu estava muito doente e fraco, mas reuni as minhas forças e trepei pelos corpos espalhados pelo chão, determinado a sair do bloco. Naquele momento, senti que sair significava vida e que se ficasse ali dentro, onde estava rodeado pela morte, morreria certamente. Quando olhei para cima e vi a bandeira branca com os meus próprios olhos,

soube que a minha terrível provação tinha acabado. Senti-me como se um peso esmagador me tivesse sido retirado de cima do corpo.

Naquele momento, o portão foi atirado ao chão e um tanque com uma estrela branca entrou no campo. Que visão aquela! Vários soldados afro-americanos estavam sentados na torre, de olhos arregalados, enquanto observavam com horror a cena que tinham à sua frente e sentiam o cheiro de milhares de corpos em decomposição. Os nossos libertadores pertenciam a uma unidade chamada 761.º Batalhão de Tanques, ligada ao Terceiro Exército do general George S. Patton. Conhecidos por Panteras Negras, tinham passado pela Batalha das Ardenas, em França, mas a devastação aqui era mais terrível do que qualquer situação que tivessem testemunhado no campo de batalha. Se tivessem chegado poucas horas depois, muitos mais de nós estariam mortos. Era o dia 6 de maio de 1945.



Ebensee após a libertação.



Sobreviventes de Ebensee.

Depois de observar a situação em Ebensee, a unidade de tanques partiu e regressou ao quartel-general. A guerra só terminaria dois dias mais tarde e eles partiram para libertar outros campos, como Gunskirchen e Mauthausen. Pouco tempo depois, um jipe americano cheio de oficiais chegou para avaliar a terrível situação em Ebensee. Havia corpos em decomposição empilhados na praça, prisioneiros doentes e esqueléticos que estavam nus ou apenas parcialmente vestidos, uma epidemia de tifo e uma infestação de piolhos e milhares de pessoas famintas. Ouvi um oficial a discutir os passos seguintes por rádio. Para aqueles homens da 40.^a Divisão de Infantaria, esta era a sua primeira experiência com um campo de concentração cheio de esqueletos ambulantes. O seu primeiro ato foi desinfetar o campo e eliminar a bactéria do tifo, e, para tal, todos os blocos tiveram de ser totalmente queimados.

Senti-me contente por observar simplesmente os eventos à medida que estes se desenrolavam. Já não havia guardas das SS, já não havia *Kapos* e ninguém me podia fazer mal. Muitos pensamentos passavam pela minha cabeça, juntamente com algumas memórias de eventos com os quais mal conseguia lidar. Percebi que precisava de ajuda para me recuperar antes de poder lidar com quaisquer outros assuntos, como saber para onde é que iria depois e como iria obter comida e abrigo.

Deitado no chão, conseguia ouvir o som de camiões pesados a subir lentamente pela estrada. Os camiões passaram pelos portões, trazendo dezenas de soldados com eles. As reações dos soldados eram espantosas de ver – queriam ajudar-nos, mas não nos queriam tocar. Senti vergonha por alguém ter de me ver na minha condição imunda, desamparada e degradante. Sentia-me exposto e vulnerável. Os oficiais ordenaram aos soldados para se espalharem pelo campo e avaliarem que prisioneiros precisavam de ser atendidos imediatamente. Outros camiões trouxeram enfermeiras, tendas hospitalares, cozinhas móveis, abastecimentos e camas

de lona. Um grande camião-tanque chegou e os soldados instalaram chuveiros.

Uma enfermeira com uma máscara pegou em mim. Cortou a minha camisa suja e borrifou-me com DDT para matar a minha infestação de piolhos e depois começou a lavar-me nos chuveiros. Senti uma vergonha enorme por ter de ser tratado naquele estado. Precisava de muito mais do que uma lavagem para retirar toda a sujidade. Depois do banho, fui colocado numa cama de lona na tenda do hospital. Era o paraíso, embora todos os meus ossos me doessem depois de meses deitado em pranchas de madeira. Por fim, os médicos fizeram as rondas, examinando cada um de nós e registando as suas descobertas. Fizem-me um exame superficial, porque havia muitos pacientes para atender e muitos problemas para resolver noutros locais do campo.

Foram montadas cozinhas e preparadas refeições. Consequia sentir um cheiro a guisado, mas sabia que não estava capaz de o comer. Não conseguia andar e temia ser apanhado numa debandada de pessoas famintas. O cheiro a comida levou todos os que ainda conseguiam andar até à cozinha e eu podia ouvir os soldados a gritar:

– Parem! Esperem! A comida não está pronta!

Ninguém ouvia. Os soldados tentaram isolar a área da cozinha, o que não ajudou muito. Um soldado sacou da sua pistola e atirou para o ar. Eu sabia que nem sequer as balas deteriam a multidão. Os soldados simplesmente não percebiam que estavam a lidar com pessoas famintas que tinham perdido toda a noção de normalidade. Por fim, começaram a servir o guisado em tigelas e a distribuí-lo aos prisioneiros, que o devoraram. Em breve, as suas barrigas ficaram salientes e, em poucos minutos, os estômagos de alguns homens romperam-se e muitos morreram de imediato. Era uma ironia terrível o facto de tantos terem sobrevivido à fome apenas para morrer agora que a comida estava finalmente disponível. A unidade da cozinha parou rapidamente de cozinhar proteínas difíceis de digerir e voltou-se para o pão e para os ovos mexidos em pó para alimentar os prisioneiros libertados. Na tenda do hospital, recebi água, bolachas e leite em pó.

A primeira noite em que dormi numa cama, na tenda, foi tranquila. Quando acordei, vi grandes caminhões a carregar enormes escavadoras em reboques. Os soldados usaram as escavadoras para cavar cinco valas profundas. Ao meio-dia, a polícia militar dos Estados Unidos trouxe um grupo de civis locais até às valas e disse-lhes que carregassem os mortos, com uma pessoa a segurar nas mãos e outra nos pés. Os habitantes da cidade estavam todos vestidos com as suas melhores roupas de domingo. Os homens usavam fato e gravata e as mulheres tinham vestidos de verão, mas todos seguravam lenços a tapar o nariz, por causa do fedor. Em muitos casos, a carne desfez-se nas suas mãos quando tocaram nos corpos. As pessoas estavam horrorizadas. Quando atiravam os cadáveres nus para a vala, estes pareciam bonecos de pano. O pai de alguém. O filho ou o irmão de alguém. Milhares de corpos sem nome foram depositados naquelas valas comuns.

Os habitantes da cidade não conseguiram realizar aquele trabalho durante mais do que dois dias e os americanos decidiram que precisavam de encontrar uma maneira mais rápida de concluir aquela tarefa horrível. As escavadoras foram então usadas para terminar o trabalho, empurrando os cadáveres para as valas comuns. Os corpos foram cobertos com cal e depois com terra. Rabinos e capelães chegaram para rezar por todos os mortos.

Quatro dias depois da nossa libertação, os médicos fizeram-nos um exame mais completo. Fui levado até um hospital civil, juntamente com alguns outros, para fazer análises à tuberculose. Os testes deram negativo e fui trazido de volta para o campo na minha bata de papel do hospital. Não tinha roupas nem sapatos. As minhas fiáveis botas, feitas à medida pelo Sr. Guttman, da minha cidade natal, tinham resistido a um ano de trabalho e às caminhadas, e tinham salvado a minha vida muitas vezes, mas desfizeram-se finalmente. Por fim, o exército encontrou um depósito cheio de camisas, calças e botas das Juventudes Hitlerianas e distribuiu essas roupas por nós. Que absurdo, usar aquela roupa!

Antes de o campo ser gerido de forma organizada pelos militares americanos, os prisioneiros que ainda se mexiam podiam entrar e sair quando quisessem. Alguns foram procurar coisas em casas na cidade de

Ebensee e voltaram para o campo com roupas e alimentos de civis. Senti-me bastante desfavorecido quando vi aqueles homens com roupas normais, enquanto eu usava um uniforme das Juventudes Hitlerianas. Cinco dias após a libertação, os militares americanos fecharam os portões e deixámo-nos de poder sair do campo.

Todos os prisioneiros tinham de ir ao escritório do campo para se registarem com o seu nome, data de nascimento, país de origem e destino desejado no pós-guerra. Eu receava voltar para Moldava sozinho. Na altura, não sabia se ainda fazia parte da Hungria ou se tinha voltado para a Checoslováquia. Devia, sequer, tentar voltar? Que aconteceria se partisse para um mundo que me rejeitara um ano antes? Tinha pensamentos preocupantes, porque sabia que, mesmo que voltasse para casa, a minha família não estaria lá para cuidar de mim. Fora libertado, mas não me sentia livre.

Um mês após a libertação, foi anunciado pelo altifalante que um camião partiria no dia seguinte para a Checoslováquia e para a Hungria, e que os originários desses dois países deviam partir nesse transporte. Deste modo, outros tomaram a decisão por mim.

Quando os camiões chegaram, vi um com uma placa para a Checoslováquia e a Hungria e entrei com cerca de quarenta outros homens. O camião deixou o campo, desceu pela cidade de Ebensee e continuou. Pensei na minha sorte em ter sobrevivido a este inferno. Nunca mais queria ver este lugar. Estava ansioso por regressar à Checoslováquia.

O caminhão demorou aproximadamente oito horas a chegar a České Budějovice, na Checoslováquia. Era uma tarde de domingo quando chegámos ao centro da cidade. As pessoas estavam sentadas em cafés, nas calçadas, a comer e a beber, enquanto uma banda tocava música nas proximidades. Quando nos viram, com as nossas camisas das Juventudes Hitlerianas, ficaram em silêncio. Pela nossa aparência, no entanto, perceberam rapidamente que éramos repatriados dos campos. Vários aproximaram-se de nós e convidaram-nos para nos sentarmos às suas mesas, e ficámos muito felizes por aceitar. Pediram comida e bebida, coisas que rapidamente desapareceram nas nossas barrigas. No entanto, o meu sistema digestivo ainda não estava capaz de lidar com aquilo e depressa senti dores de estômago. O meu hábito no campo era comer sempre que havia comida disponível, porque havia sempre o medo de não haver nada no dia seguinte, mas agora esse hábito estava a causar estragos no meu estômago.

Como eu era o único no nosso grupo de oito que falava eslovaco, os habitantes da cidade dirigiram-me as suas perguntas. Expliquei que estava a tentar chegar à minha cidade natal perto de Košice (a qual passara a chamar-se Kassa sob o domínio húngaro). Eles disseram-me que os caminhos de ferro não estavam totalmente operacionais, porque o exército alemão em retirada tinha feito explodir muitas pontes, e não havia horários programados para partidas e chegadas. Perguntei se conheciam um sítio onde pudssemos descansar e passar a noite. Um homem disse que tinha ouvido falar de um prédio que oferecia alojamento a refugiados, mas não sabia onde ficava. Outro homem convidou um polícia para a nossa mesa e este ofereceu-se para nos levar até um abrigo. Foi muito bom poder confiar num polícia checoslovaco depois da minha experiência com os gendarmes húngaros antissemitas.

O abrigo de dois andares tinha vários quartos reservados para acolher os

refugiados que regressavam. Havia colchões de palha e cobertores no chão, e uma mesa com cadeiras do outro lado do quarto. Numa das paredes, havia uma grande folha de papel na qual os repatriados podiam registrar os seus nomes, a data em que tinham chegado ao abrigo, o campo de onde tinham vindo e o lugar para onde se dirigiam. Li todos os nomes, mas não vi o de ninguém que conhecesse. Acrescentei o meu nome no fim da lista e forneci os meus detalhes, na esperança de que alguém descobrisse que eu ainda estava vivo. Depois da emoção deste dia e da minha barriga cheia e inchada, estava pronto para descansar. Deitei-me no colchão de palha fresco e adormeci rapidamente.

Na manhã seguinte, o nosso grupo discutiu como proceder com os nossos planos de viagem. Não tínhamos comido nenhum pequeno-almoço para começar o dia, nem tínhamos dinheiro para pagar nada, e o meu corpo não estava a funcionar bem. Os meus pés estavam extremamente inchados, mas eu estava decidido a pô-los um à frente do outro e a seguir em frente até chegar a Moldava. A distância era insondável; Moldava ficava a centenas de quilómetros de distância, perto da fronteira com a Hungria.

Uma boa samaritana chegou ao abrigo a meio da manhã com um saco com pão e bolinhos, que dividimos entre nós. Perguntei-lhe como chegar à estação dos comboios e disse-lhe que queríamos ir para Budapeste. De lá, eu viajaria até Košice. Ela aconselhou-me a apanhar qualquer comboio que fosse para leste – de preferência, que fosse para Brno – e, de lá, seguir para Bratislava. Em Bratislava poderia encontrar uma forma de chegar a Moldava.

Seguimos os oito para a estação ferroviária e, após uma longa espera, apanhámos um comboio para Brno. Não tivemos de pagar bilhete, o que foi bom, porque não tínhamos dinheiro. Ainda assim, a viagem acabou por ser um enorme empreendimento. Sempre que o comboio não podia prosseguir, devido às pontes danificadas, tínhamos de desembarcar e caminhar longas distâncias até à estação seguinte. E ali esperávamos por outro comboio e acotovelávamo-nos com as outras pessoas para conseguirmos lugar. No meu estado de fraqueza, esta viagem foi uma provação, mas conseguimos encontrar comida e abrigos para refugiados ao longo do caminho e chegámos a Bratislava ao fim de uma semana. Fomos encaminhados para

um abrigo organizado pela comunidade judaica local. Tinha instalações para lavarmos as nossas roupas e a nós mesmos, e pudemos ficar um dia extra antes de continuar. Desta vez, quando verifiquei a lista de repatriados dos campos, vi o nome de Chaim (Tibor) Lazarovits, o meu primo direito do lado paterno da família. Ele era cerca de dois anos mais novo do que eu e assassinara o papel um mês antes. Era bom saber que pelo menos um membro da minha família estava vivo, mas não fazia ideia de como o encontrar.

Percebi que estava a ficar cada vez mais inchado e com uma aparência pesada, o que não se devia certamente às porções frugais de comida que consumia. Não conseguia abotoar a camisa, as pernas das calças de bombazina estavam demasiado justas e os meus pés estavam tão inchados que já não os conseguia enfiar nas botas. Sabia que tinha de fazer alguma coisa antes de partir para a etapa seguinte da viagem. Consegui arranjar uma tesoura e uma faca e cortei a parte de cima das botas, transformando-as em chinelos. Depois amarrei um cordel em volta do calcanhar, para que não saíssem do sítio enquanto andava. Cortei as pernas das calças e as mangas da camisa, mas continuava a não conseguir abotoar-me. Sabia que se não parasse em breve e descansasse o corpo, não conseguiria aguentar muito mais. O meu espírito estava disposto a seguir em frente, mas o meu corpo não estava a cooperar.

Quando chegámos a Budapeste, disse adeus aos outros sete membros do meu grupo. A estação de comboios era uma grande instalação com muitas linhas e muitas pessoas a circular. Estava novamente sozinho e não conseguia descobrir para onde ir. Quando pedi ajuda a um funcionário, este indicou-me um comboio de tropas russas que se dirigia para a Eslováquia e depois para a União Soviética. Era a minha única opção, porque não havia circulação de comboios civis para Košice naquela altura. Entrei numa das carruagens e vi que estava cheia de soldados barulhentos que bebiam e festejavam. Perguntaram-me quem era e o que estava a fazer no seu comboio. Expliquei que era um sobrevivente dos campos de concentração nazis e que estava a tentar chegar à minha casa perto de Košice. Receava poder acabar na União Soviética se o comboio não parasse lá. Sabia que não estava em condições de aguentar outra aventura.

Os soldados russos arranjaram espaço para mim no banco e passaram em

volta uma garrafa de vodca e um frasco de pickles. Disseram-me para dar uma dentada num pickle e engoli-lo com um gole de vodca, pois assim nunca me embriagaria.

Eu sabia que eles ficariam ofendidos se não bebesse com eles, portanto, aceitei, embora aquilo não fosse claramente nada bom para a minha saúde. Depois de dar uma pequena dentada num pickle e de beber um pouco de vodca, passei ambas as coisas à pessoa seguinte. A festa continuou durante muito tempo. Os soldados estavam felizes por voltar para casa depois de terem empurrado os nazis até Berlim. Estava escuro lá fora e, por fim, a bebida e as conversas cessaram. Em breve, apenas conseguia ouvir o som dos soldados a roncar e as carruagens a estalar sobre os carris.

O meu peito doía-me e só me conseguia sentar direito. Não conseguia dormir, pelo que fiz um balanço dos eventos do ano que passara. Sabia que, em breve, iria enfrentar a realidade das minhas perdas e só esse pensamento assustava-me quase tanto como qualquer outra coisa que tinha enfrentado. Mantive-me espremido entre os soldados, como um bloco de madeira num torno, e não me atrevi a fazer fosse que movimento fosse para os perturbar. Finalmente, adormeci de exaustão física e mental, e, quando acordei, o sol da manhã estava a nascer. E soube que em breve chegaríamos a Košice.

Os soldados acordaram, espreguiçaram-se e juntaram-se à longa fila para a casa de banho da carruagem. Percebi que teria de esperar até sair do comboio para me aliviar. Pela janela, podia ver casas, pomares e carroças na estrada, e quando o comboio reduziu finalmente a velocidade, vi a placa que indicava Košice. Despedi-me dos soldados e agradeci-lhes a hospitalidade, e depois desci do comboio e entrei na estação. Olhei para o grande relógio. Eram dez da manhã e estávamos em meados de julho de 1945.

Lembrava-me de que, logo à saída da estação, havia uma ponte pedonal que passava sobre o rio Hornád, indo ter a um belo parque com árvores maduras, canteiros de flores e bancos. Mal podia esperar para me abrigar sob uma daquelas árvores e ficar simplesmente a apreciar a beleza da natureza, com os seus cheiros, imagens e sons deliciosos. Foi um bálsamo

para a minha alma e senti-me bem por estar isolado da vista de quem passava. Percebi que a minha aparência não combinava com o mundo civilizado, mas também queria ficar sozinho para descobrir como chegar a minha casa, a qual ainda ficava a cinquenta quilómetros de distância. Também perguntei a mim mesmo se deveria ir até ao centro de Košice procurar os primos com quem tinha vivido quando era aprendiz aqui.

Decidi caminhar até ao restaurante dos Friedman, para ver se estava aberto. Se não estivesse, iria até ao apartamento deles, e, se não encontrasse lá ninguém, iria até ao mercado de rua onde os agricultores traziam os seus rebanhos e produtos para vender. Košice era uma bela cidade com uma grande comunidade judaica, mas eu não sabia quantos teriam sobrevivido. Com a minha aparência decrepita, sentia-me exposto e vulnerável enquanto caminhava. O restaurante estava fechado e fiquei perturbado ao descobrir que o apartamento dos Friedman estava ocupado por estranhos. No mercado, as pessoas olhavam-me de soslaio e afastavam-se. Os agricultores tinham todo o tipo de comida à venda, mas eu não tinha dinheiro para comprar nada. Disse a mim mesmo que tinha passado por coisas piores no ano anterior e que os olhares não me poderiam magoar. Procurei por algum conhecido, na esperança de ver alguém de Moldava. Por fim, vi um agricultor que morava a poucos quilómetros da minha casa e perguntei-lhe se me poderia dar uma boleia na sua charrete. No início, ele não me deu grande resposta, mas depois lembrei-me de que ele costumava comprar madeira ao meu avô a crédito e presumi que talvez ainda lhe devesse dinheiro. Pedi-lhe que considerasse a viagem como um favor ao meu avô. Ele cedeu, mas aquela conversa estranha deu-me uma amostra do que podia ter à minha espera quando chegasse a casa.

Assim que vendeu o seu último artigo, o agricultor disse-me para subir para a sua carroça vazia e começámos a descer a estrada em direção à minha cidade. Enquanto subíamos uma colina, pude ver a olaria onde a minha família e eu tínhamos estado internados antes de sermos enviados para Auschwitz, pouco mais de um ano antes. Podia ver os barracões cheios de tijolos secos, a grande chaminé da fábrica e os carris dos comboios que nos tinham levado dali. Diante daquela recordação, senti-me apreensivo por voltar à minha antiga casa. Foi então que me recordei da viagem que fiz

com a minha mãe, os meus dois irmãos e a minha tia em 1942, e lembrei-me de como fiquei animado por voltar da estação para casa. O primeiro a cumprimentar-me na altura fora o meu cão *Farkas*, e comecei a sonhar com um acolhimento semelhante enquanto a carroça do agricultor seguia pela estrada a um ritmo vagaroso. Na verdade, durante o meu encarceramento em Auschwitz e nos outros campos, a esperança de me reunir com o meu amado e leal amigo *Farkas* fizera-me continuar. Finalmente, chegámos ao topo de uma colina e pude ver a minha casa a curta distância. O agricultor tinha de sair da estrada para chegar à sua casa e foi então que desci da carroça, e continuei a pé. Durante todo o trajeto até à cidade, não trocámos uma única palavra. Quando comeu, não me ofereceu nada e nunca perguntou o que tinha acontecido ao meu avô e ao resto da minha família.

Atravessei a linha de comboio, que ficava a curta distância da minha casa, e pude ver claramente o quintal ao longe. Se *Farkas* ainda lá estivesse, teria voado pelos portões para me cumprimentar. Mas não veio. Fiquei ali, consumido pela dormência e por um silêncio total, e recordando como este fora, em tempos, um lugar movimentado, cheio de sons, de pessoas nas suas tarefas diárias, com galinhas e patos a deambular pelo quintal e *Farkas* e os nossos dois *fox terriers* a darem-nos segurança.

A casa ainda estava lá, mas não havia nenhum ser vivo perto dela. Parecia um lugar sem alma. Vi a minha família na minha mente e pensei em cada pessoa que tinha perdido. Foi uma sensação devastadora de derrota e perguntei a mim próprio como é que iria conseguir recuperar e continuar. Mas, então, lembrei-me do meu pai a implorar-me para que contasse ao mundo o que acontecera em Auschwitz e isso inspirou-me a prosseguir. Subi as escadas até à varanda e abri a porta da cozinha da minha mãe. Vi o aparador familiar onde ela guardava os seus pratos e, ao lado, vi uma vizinha sentada à mesa da minha mãe. Esta mulher não me reconheceu, a minha aparência tinha mudado drasticamente. Quando lhe disse quem era, ficou furiosa. Quando pedi água, recusou e disse-me para me ir embora.

Na minha condição física e emocionalmente debilitada, fui incapaz de a enfrentar. Não tinha nenhum sistema de apoio nem ninguém para me ajudar a provar que eu tinha direito à casa da minha família. Deixei a casa

e caminhei até ao centro da cidade, na esperança de encontrar um rosto familiar que me oferecesse abrigo e alimento. A nossa antiga vizinha Ily, que morava do outro lado da rua e era uma boa amiga da minha mãe, parecia já não morar ali. Queria muito encontrá-la, porque sabia que podia contar com ela.

Fui tomado pelo medo enquanto caminhava em direção ao centro da cidade. Lembrava-me do que as pessoas nos tinham gritado e atirado contra nós enquanto caminhávamos da escola até à estação de comboios durante a nossa deportação. Mas as pessoas com as quais me cruzei na rua ignoraram-me e as casas judias familiares estavam agora ocupadas com rostos desconhecidos. Estes novos ocupantes pareciam bastante satisfeitos a trabalhar nos seus jardins e davam-se ares de quem considerava essas casas suas por direito. Como ninguém parou para me dar ajuda, senti que não havia nenhuma empatia em virtude da minha aparência doentia, o que aumentou em mim a ansiedade.

Enquanto seguia pela cidade, passei pelo edifício que em tempos albergara uma oficina de bicicletas e reparações da família Bodner. Ali, encontrei um dos irmãos Bodner nos aposentos por trás da loja. Fiquei a saber que ele tinha estado na Resistência e que tinha regressado à cidade em fevereiro de 1940. Quando lhe perguntei quem mais tinha voltado, ele disse que Gabriel e Bandy Lichtman, os irmãos que eu tinha visto em Ebensee, tinham voltado e estavam a viver numa casa na cidade. Também me disse que o marido de Ily era agora o presidente da câmara e que ele e a família moravam numa casa proeminente ali perto.

Fui imediatamente até à casa de Ily, recordando a bela música que ela costumava tocar. Tive vergonha de me apresentar naquele estado lamentável e ela ficou chocada por me ver. Contudo, deu-me um grande abraço e disse o meu nome de uma forma carinhosa que indicava proximidade. Foi maravilhoso ser recebido daquela forma. Ela olhou-me de cima a baixo e começou a aquecer água para um banho. Senti-me mortificado ao tirar os meus trapos e deixar Ily ver quão sujo estava. Ela inspecionou a minha cabeça e encontrou piolhos no meu cabelo curto. Também notou o meu corpo inchado e perguntou-me se estava doente. Disse-lhe que sentia dores no peito, que não conseguia respirar bem e que

só conseguia dormir sentado. Enquanto a água para o banho aquecia, ela usou um produto químico para lavar o meu cabelo e matar os piolhos. Assim que entrei na banheira, ela deitou-me água sobre o corpo, para me limpar, e depois disse que iria procurar algumas roupas para eu vestir enquanto eu me secava. Trouxe-me cuecas e meias, coisas que eu não tinha usado nesses últimos quinze meses. Pela primeira vez em mais de um ano, voltava a sentir-me como um ser humano.

Depois do meu banho, senti-me pronto para cair para o lado. Ily fez-me uma cama com muitas almofadas, para eu poder dormir sentado, e disse-me que me levaria ao médico na manhã seguinte. Passei uma noite agitada com sonhos horríveis e não consegui perceber onde estava quando acordei. Podia ouvir os pássaros nos arbustos do lado de fora e senti o aroma de café a fazer. Rodeado por todos aqueles confortos, senti-me consumido pela descrença. Tomei o pequeno-almoço com Ily e com o seu filho, Nori, na varanda, onde podia observar os seus belos jardins. Quando ela me perguntou como me sentia, respondi que ainda tinha dores fortes no peito. Ela disse que me levaria ao médico dali a algumas horas. Entretanto, fui procurar os irmãos Lichtman.

Tinha visto Gaby e Bandy pela última vez em Ebensee, mas eles estavam em muito melhores condições físicas do que eu e foram capazes de voltar para casa logo após a libertação. Fiquei feliz por os voltar a ver, mas ainda sentia inveja por eles se terem um ao outro, enquanto eu estava sozinho. Estavam agora com uma saúde relativamente boa e começámos imediatamente a discutir como poderíamos recomeçar as nossas vidas. Era óbvio que não havia futuro para nós nesta cidade. Pedi que fossem comigo até à minha casa, porque queria saber mais sobre os meus cães, especialmente *Farkas*. Eles concordaram em acompanhar-me e, com o apoio deles, enfrentei novamente a mulher que agora morava em minha casa. Perguntei-lhe se sabia o que acontecera aos nossos três cães, mas ela disse-me que não sabia de nada.

Demos os três uma volta pelo pomar, que estava em total desordem. As árvores não tinham sido podadas e muitas delas tinham sido danificadas por grandes veículos que tinham estado, aparentemente, abrigados debaixo delas. Todo o pomar parecia ter sido destruído por unidades blindadas

nazis em retirada e tínhamos de ter cuidado para não pisarmos as balas e os projéteis de morteiro espalhados pelos campos. Era devastador pensar no grande cuidado que o meu avô e eu tínhamos tido em tempos para cultivar as abundantes árvores de fruto.

De repente, notei um movimento numa zona de arbustos de lilases espessos e aproximei-me para ver o que estava ali. Era o nosso *fox terrier*, *Ali*, escondido nos arbustos. Todo o seu pelo tinha desaparecido, estava cheio de crostas, e, quando o chamei pelo nome, não veio. Não aguentava deixá-lo a sofrer naquela condição terrível e discuti com os Lichtman o que fazer. Bandy disse-me que conhecia um caçador na cidade e fomos ter com ele para perguntar se poderia usar a sua arma para acabar com o sofrimento de *Ali*. Ele concordou. Voltei com ele ao local onde *Ali* estava escondido e, com um único tiro, o caçador acabou com o seu sofrimento. Quando olhei para o corpo sem vida de *Ali*, soube que aquele era o último remanescente de um lugar que já não era meu. Não tinha mais nada a fazer ali, nenhum vínculo tangível com aquele lugar – só memórias. Não tinha dinheiro para pagar ao caçador pelos seus serviços, mas perguntei-lhe, mesmo assim, se me poderia ajudar a cavar uma cova. Ele compreendeu a minha situação e concordou. Juntos, enterrámos *Ali* como um tributo final à minha vida passada.

Recuperação Emocional e Física

Ily levou-me ao consultório do médico para tratar da minha dor no peito e do meu corpo inchado, coisas que me estavam a deixar cada vez mais desconfortável. O médico fez-me um exame completo e concluiu que eu tinha um caso grave de pleurisia húmida. Disse que era severo e que eu precisava de ser tratado imediatamente. Tinha de ir para o hospital em Košice, a cerca de cinquenta quilómetros de distância. Ily foi ter com um agricultor que conhecia bem e pediu-lhe para me levar até ao hospital. Ele concordou, mas os seus cavalos tinham acabado de trabalhar o dia inteiro e precisavam de comida e descanso. Ele disse que eu teria de esperar até às onze da noite, altura em que me viria buscar a casa de Ily. Esta pediu-lhe que pusesse muita palha na carroça, para eu ficar mais confortável.

Enquanto esperávamos juntos pela chegada do agricultor, Ily perguntou-me o que tinha acontecido à minha família. Ela tinha ouvido falar de coisas terríveis, mas eu não estava preparado para falar dos eventos passados e disse-lhe apenas que todos os meus familiares estavam mortos. Naquela altura, ainda não conseguia compreender totalmente a magnitude da destruição da cultura e do povo judaicos na Europa, nem conseguia articular a profundidade do meu trauma ou pôr as minhas perdas em palavras.

Ela descreveu como as pessoas tinham lutado pelos nossos bens depois de termos partido. O gado fora capturado e levado, mas ela não sabia o que tinha acontecido aos meus cães. Também me disse que a sinagoga fora profanada e que os rolos da Torá tinham sido retirados do arco e cortados em pedaços, ou pior, enquanto os livros de oração e os livros talmúdicos foram queimados. Ily e eu tentámos recordar os bons tempos. Disse-lhe que me lembrava de a ouvir tocar piano durante as noites de verão, quando as janelas estavam abertas, e quanto a música significava para mim. Ela ofereceu-se espontaneamente para tocar a sua peça favorita de Chopin, *Nocturne* em Mi bemol maior. Senti a música em cada fibra do meu corpo.

Fechei os olhos e senti-me como se estivesse a flutuar. Estava em paz e irei sempre lembrar-me da bondade de Ily para comigo naquele momento crucial.

A seguir, ela foi buscar um envelope com duas fotografias, que conseguira salvar depois de a nossa casa ter sido saqueada. Senti que tinha recebido um enorme tesouro, mas infelizmente não tinha onde as guardar. Decidimos que, por segurança, ela ficaria com as fotografias até eu sair do hospital ou levá-las-ia para casa da mãe, em Košice.

Às onze da noite, o agricultor chegou com a sua carroça e ajudou-me a subir para uma espessa camada de palha, onde me instalei virado para a frente e com muita palha atrás das costas. Agradei profusamente a Ily por tudo o que fizera e ela prometeu ir visitar-me ao hospital. Foi a única luz brilhante que encontrei ao voltar. A sua bondade e carinho eram genuínos e eu sabia que era assim que a minha mãe teria reagido na mesma situação.

A cidade estava bastante silenciosa, com apenas alguns postes de luz acesos ao longo da rua principal. O carrinho tinha uma lâmpada de carboneto instalada de cada lado para fornecer luz e sinalizar a nossa presença a outros veículos. Era uma bela noite estrelada e eu estava pronto para ser tratado. Sabia que o meu corpo precisava de ajuda. O condutor e eu não conversámos. Ele é capaz de ter adormecido, mas os cavalos continuaram a trotar a um ritmo constante. O som dos cascos parecia um conto de fadas. A viagem durou seis ou sete horas.

O Sol nasceu a leste e pôs-se uma bela manhã. Cerca de uma hora depois, chegámos ao Hospital St. Elizabeth, em Košice. O condutor saiu da carroça e ajudou-me a descer. Agradei-lhe pelo seu tempo e entrei na área de receção do hospital para ser registado. Uma freira levou-me para uma enfermaria pública, onde me indicou uma cama. Depois deu-me uma bata e levou as minhas roupas e sapatos. Instalei-me numa cama com lençóis limpos e com o encosto levantado, que me permitia estar sentado. Estar num ambiente tão limpo parecia um luxo e os meus pensamentos regressaram ao Bloco 21 de Auschwitz, onde não havia conforto e as perspectivas de recuperação eram muito sombrias.

Pouco tempo depois, dois médicos entraram na enfermaria para fazer as

suas rondas. Examinaram-me e confirmaram que eu tinha pleurisia húmida. Depois informaram-me que uma enfermeira iria chegar em breve para efetuar o procedimento de retirar a água. Eu estava pronto para receber qualquer tratamento necessário. Uma enfermeira muito amável apareceu trazendo um balde e uma grande seringa com uma agulha comprida acoplada. Eu nunca tinha visto uma seringa e uma agulha tão grandes na sala de cirurgia de Auschwitz. Ela disse-me que o procedimento seria doloroso, mas era a única maneira de remover gradualmente a água dos meus pulmões e da minha cavidade torácica. Disse-me que levantasse os braços acima da cabeça e, em seguida, colocou-se atrás de mim, inseriu a agulha entre as minhas costelas e começou a tirar a água para um balde. Era muito doloroso, principalmente quando eu respirava, e a agulha parecia estar a perfurar-me os pulmões.

Este procedimento demorou algum tempo. Quando terminou, a enfermeira marcou o nível da água com iodo no meu peito. Ela repetiu o procedimento, diariamente, durante cerca de uma semana, até a água ter sido completamente removida dos meus pulmões. Os médicos colocaram-me numa dieta líquida e sem sal e no fim da segunda semana eu parecia quase esquelético. Estava fraco e não tinha nenhuma força muscular. Senti que o meu corpo precisava de ser reconstruído do zero para voltar a funcionar normalmente. Depois da segunda semana, pude voltar a comer alimentos sólidos e comecei a caminhar no parque, sentindo o ar quente do verão. Gradualmente, o meu corpo fortaleceu-se e senti-me vivo e saudável como não me sentia há muito tempo.

Durante a minha recuperação, alguns voluntários da comunidade judaica local vieram visitar-me. Levaram os meus dados pessoais, fizeram-me companhia, trouxeram-me fruta e perguntaram-me se eu tinha parentes. Expliquei que tinha visto o nome do meu primo, Chaim Lazarovits, numa lista quando regressara de Ebensee, mas que não sabia do seu paradeiro. Eles disseram que afixariam o meu nome na pequena sinagoga da cidade, e, alguns dias depois, recebi a visita de um certo Sr. Joseph Gottlieb. Ele informou-me que a mãe da sua falecida mulher e o meu avô eram irmãos e disse-me que, quando eu recebesse alta do hospital, queria que eu fosse viver com eles. Fiquei aliviado por saber que teria um teto sobre a cabeça.

O filho de Joseph, Itzhak, também me veio visitar pouco depois. Itzhak tinha a minha idade e desenvolvemos um bom relacionamento, tornando-nos amigos rapidamente. Ele estava a aprender a ser fabricante de ferramentas e moldes, e andava ocupado a aprender o seu ofício. Também pertencia a um grupo de sobreviventes composto por adolescentes judeus e gerido pela Organização Mizrachi. Com o incentivo de Itzhak, também me juntei a este grupo e, para minha grande surpresa, descobri que o meu primo Chaim já era membro. Ali conheci também outros adolescentes e participei nas suas atividades. Os líderes do grupo canalizavam o nosso comportamento de forma profissional, compreendendo que todos precisávamos de ajuda para nos ajustarmos à vida no pós-guerra. Debatimos, em particular, com o aprender a confiar novamente e em envolver-me e cooperar com os outros.

A família Gottlieb era composta por Joseph e pela sua segunda mulher, Malvinka, as três filhas, Ilonka, Clari e Shari, e o filho, Itzhak. Também lá viviam uma prima chamada Ruty e uma amiga chamada Magda. Era uma casa muito animada e ocupada. Malvinka era uma cozinheira maravilhosa e dona de um coração de ouro, e consegui engordar durante os meses que vivi lá. Sentir-me aceite como parte de uma família contribuiu muito para a minha recuperação da pleurisia. Comecei a sentir-me um adolescente normal pela primeira vez em mais de um ano.

Marienbad

Durante o tempo que passei na Organização Mizrachi, tornei-me amigo de um rapaz chamado Mike, que me falou de uma escola para órfãos que iria abrir em breve na cidade de Marienbad, não muito longe de Praga. Decidi, ali mesmo, que iria com ele para lá e fiquei entusiasmado com a oportunidade de retomar os estudos. Chegámos de comboio a Marienbad na primavera de 1946 e seguimos para uma pensão chamada Rienzi, um prédio de vários andares com aproximadamente trinta quartos duplos, cada um com uma banheira, uma sanita e um bidé. Quando vi o bidé pela primeira vez, alguns dos outros alunos incentivaram-me a dobrar-me para olhar mais de perto e, logo de seguida, levei com um jato de água na cara. Aparentemente, aquilo era uma brincadeira feita a todos os recém-chegados, uma iniciação lúdica que todos os novos alunos tinham de suportar.

Juntos, éramos cerca de trinta rapazes inteligentes, principalmente da Eslováquia, mas também da Hungria e da Roménia. Tínhamos todos origens diferentes e houve alguns conflitos e mal-entendidos iniciais que foram expressos contra a mobília, a qual sofreu muitos danos no primeiro ano. Livrar-nos da raiva reprimida era uma parte necessária do nosso processo de descompressão. O rabino Stern, um homem tranquilo, viera de Budapeste para gerir a escola. Mantinha-nos focados nas nossas aulas de manhã e à tarde, mas também nos dava espaço para passarmos por esta fase difícil de aprender a resolver os nossos problemas por conta própria. Por fim, acalmámo-nos, desenvolvemos um respeito mútuo e tornámo-nos como uma família. Sabíamos que tínhamos um bom ambiente onde viver e não queríamos estragar tudo; portanto, tornámo-nos responsáveis e civilizados.

Morámos em Rienzi durante três anos, numa oferta da cidade e dos nossos benfeitores, e estávamos gratos por termos um ambiente seguro e protegido. O Comité de Distribuição Conjunta dos Judeus Americanos (JDC)

fornecia toda a nossa alimentação e havia um casal que preparava a comida e que viveu connosco durante todo o tempo em que estive lá. Lembro-me de que as grandes latas de pêssegos e de atum branco em óleo eram especialmente bem recebidas, porque ansiávamos por proteínas e doces. O JDC fornecia ocasionalmente grandes fardos de roupas usadas vindas da América e eu escolhi alguns pares de calças com fecho éclair (uma novidade para mim, pois estava habituado à braguilha de botões), camisas com fechos de mola e um belo chapéu azul-marinho feito por Borsalino que eu adorava.

Estava ansioso por progredir e queria aprender um ofício e ser treinado numa vocação futura. Como tinha experiência a trabalhar numa sala de cirurgias – esterilizando instrumentos e preparando pacientes para cirurgias –, pensei que gostaria de ser técnico de próteses dentárias. Os dentistas na Europa tinham os seus próprios laboratórios e empregavam um técnico para fazer as dentaduras, as coroas, as facetas, e assim por diante. Fui contratado por um dentista local como aprendiz, ganhando apenas uma pequena quantia em dinheiro, mas fiquei grato pela oportunidade de aprender. O meu professor era *Herr Tutz*, um mestre técnico em próteses dentárias. Colocou-me sob a sua proteção e ensinou-me os pormenores do ofício. Estivemos juntos todos os dias durante quase três anos. Ficámos bons amigos e ele interessou-se muito por mim. Percebeu que eu tinha boas mãos e uma aptidão para o trabalho odontológico. O meu futuro neste campo parecia promissor.

Com a estabilidade da minha aprendizagem, consegui encarar Marienbad como um local de cura. A cidade ficava num cenário montanhoso idílico e tinha muitas nascentes terapêuticas. Tinha recebido o seu nome em honra da imperatriz austro-húngara Maria Teresa e era uma cidade termal mundialmente famosa, e continua a sê-lo ainda hoje. O *spa* era visitado por pessoas abastadas e membros da realeza, desde o rei Jorge V até aos marajás da Índia, para tomarem os banhos e beberem as águas. Estas pessoas hospedavam-se em hotéis belos e elegantes, e passeavam pela grande avenida barroca no centro da cidade. Castanheiros magníficos rodeavam a cidade e todos os dias, ao meio-dia e novamente à noite, uma orquestra completa tocava música clássica durante duas horas de cada vez.

As pessoas caminhavam pela avenida durante horas, ouvindo a música enquanto bebiam água mineral em chávenas com sifões de porcelana embutidos. A temporada turística começava em junho e ia até meados de setembro. Todos os anos, eu esperava ansiosamente pela nova temporada para poder conhecer pessoas novas e ouvir a bela música. Mal a temporada acabava, todos os hotéis fechavam, os funcionários e os turistas desapareciam e eu ficava triste por o verão ter acabado.

A minha rotina diária era confortavelmente previsível. Trabalhava até ao meio-dia no consultório do dentista, comia um almoço rápido em Rienzi e depois corria para a avenida durante hora e meia para ouvir a orquestra tocar Mozart, Wagner, Beethoven e todos os clássicos. Era um espetáculo ver pessoas de todo o mundo nos seus belos trajes. Durante os meus três anos em Marienbad, raramente perdi um dia de música durante a época alta. Depois do almoço, regressava ao trabalho até ao fim da tarde. Tornei-me um leitor voraz e aprendi muitas coisas sobre o mundo que tinha perdido. Li os clássicos e melhorei o meu vocabulário e os meus conhecimentos. Em alguns dias, fazia caminhadas nas montanhas com um grupo de amigos. Gostávamos de nos desafiar por meio de saltos ousados nos caminhos íngremes, à medida que descíamos. Havia um lago onde podíamos nadar e campos onde jogávamos futebol.

No inverno havia muita neve e nenhum tráfego de veículos nas estradas. No primeiro ano, descobrimos um enorme trenó no barracão da nossa residência. As engrenagens giraram dentro das nossas cabeças e imaginámos que seria emocionante correr pela rua naquela fera. Obviamente, não o podíamos fazer durante o dia; não sabíamos quem era o dono do trenó e não tínhamos autorização para o usar. Seis de nós elaborámos um plano para contratar um camionista local para levar o trenó por uma estrada sinuosa até ao topo de uma colina. Quando tudo ficou silencioso, escapámos dos nossos quartos e fomos até ao barracão, onde colocámos o trenó no camião. O motorista levou-nos até ao topo da estrada, onde descarregámos o trenó preparando-nos para a primeira corrida. Pedimos-lhe que nos seguisse, para podermos voltar a subir depois. O pesado trenó comportava seis pessoas e tinha um volante, patins de aço e travões. Com alguma apreensão, saltámos todos lá para dentro e partimos!

Estava escuro naquela noite e o trenó não parava de ganhar velocidade. O nosso homem dos travões carregava agressivamente nestes a cada curva para diminuir a velocidade. Terminámos a primeira corrida e completámos mais duas, indo cada vez mais depressa à medida que a nossa confiança aumentava. Aquilo foi uma grande emoção para nós, mas não queríamos abusar da sorte. Demos a noite por terminada após a terceira corrida e voltámos para a nossa casa antes que a nossa ausência fosse notada. Repetimos isto muitas vezes durante o inverno de 1946-47, e quando a primavera chegou, éramos condutores de trenó talentosos.

No ano seguinte, renovámos as nossas aventuras no trenó. Uma noite, no fim do inverno, saímos quando as estradas estavam pouco cobertas de neve. No caminho para o topo da montanha, notámos gelo na estrada, o que significava que a velocidade na descida seria muito maior. Contra todo o bom senso, decidimos prosseguir. Na descida, ganhámos bastante ímpeto e não fomos capazes de desacelerar adequadamente. Quando chegámos a uma curva apertada na estrada, perdemos o controlo. O trenó atingiu um muro de contenção e o impacto foi violento. Corpos voaram pela estrada. Apalpei rapidamente os meus membros e percebi que não estava ferido. Felizmente, ninguém estava, mas o trenó ficou completamente destruído. Arrastámos o trenó partido estrada abaixo e guardámo-lo no barracão, ocultando-o atrás de uma pilha de móveis velhos e esperando que não houvesse nenhuma consequência.

Por volta desta altura, o rabino Stern e alguns dos outros alunos começaram a pensar nos seus planos de futuro. O rabino contou-nos que tinha um visto para ir para os Estados Unidos e que planeava partir no verão seguinte. Outros alunos tinham parentes no estrangeiro e também estavam a preparar-se para se irem embora. Sabíamos que a escola iria fechar no outono de 1948. Para um órfão como eu, foi uma época muito perturbadora, porque parecia que toda a gente estava a ir-se embora e eu não sabia para onde ir. Até o meu amigo Mike tinha um visto e planeava juntar-se à sua família na Austrália. Eu não queria ficar para trás.

O rabino Stern contactou o rabino Abraham Price em Toronto, no Canadá. Este tinha ajudado muitos sobreviventes a imigrar para o Canadá e conseguiu obter autorizações canadianas para todos aqueles que, entre nós,

precisassem de passaportes e de um lugar para onde ir. O seu plano teria sido bem-sucedido se não fosse por um golpe ocorrido em fevereiro de 1948, durante o qual o Partido Comunista assumiu o controle da Checoslováquia.

O presidente Edvard Beneš foi detido e preso, juntamente com os seus chefes de gabinete, e a Rádio Praga foi tomada. Quando ligámos o rádio na manhã seguinte, descobrimos que estávamos agora num país comunista. Ficámos em choque e sabíamos que aquilo iria tornar impossível a saída dos cidadãos checos. A minha única hipótese de partir seria como estrangeiro; portanto, sabia que precisava de uma nova estratégia. Mas o quê?

Precisava de documentos falsos que indicassem que não era checo, e, como falava húngaro, era preferível obter documentos húngaros. Dois meses depois, o rabino Stern partiu para a América e muitos estudantes encontraram outras saídas. Restavam apenas alguns de nós e o fornecimento de comida estava a diminuir. Ficámos desesperados e, por fim, traçámos um plano para sair. No final de setembro de 1948, viajámos até Praga e encontrámos um homem conhecido por preparar documentos falsos, mas infelizmente havia centenas de outros à nossa frente na fila. O falsificador disse-nos para deixarmos as nossas fotografias e voltarmos dali a um mês. Nesse ínterim, o rabino Price enviou vistos para a embaixada canadiana em Praga. Assim que conseguíssemos a nossa nova documentação, poderíamos sair.

Em fins de setembro, as autoridades municipais disseram-nos para desocuparmos imediatamente a pensão Rienzi. Ficámos novamente sem casa. Eu tinha vivido durante três anos num ambiente estável em Marienbad e a beleza e o ambiente tinham curado a minha alma. Despedi-me de Herr Tutz, que me ensinara tantas coisas como técnico de próteses dentárias, sentindo-me confiante de que iria fazer um bom uso dessas capacidades, independentemente de para onde o destino me levasse. Oito de nós fomos para a estação de comboios e, no caminho, dei uma última olhadela aos belos hotéis e à avenida. Esperava voltar um dia a este lugar mágico.

Praga

Após a nossa chegada a Praga, em outubro de 1948, procurámos saber onde encontrar hotéis baratos. Os nossos fundos eram limitados e, portanto, apanhámos o elétrico até uma zona de pensões baratas, um nível de alojamento que teria de ser suficiente por agora. O país transformara-se num estado policial virtual e uma nova lei limitava as pessoas a estadas de apenas uma noite num hotel. Depois disso, a pessoa seria denunciada às autoridades. Para contornar essa restrição, dividimo-nos em grupos de dois e mudávamos de hotel todos os dias. Todas as manhãs, encontrávamo-nos na Praça Venceslau, onde nos podíamos misturar com os locais, mas nunca podíamos saber quando é que um polícia à paisana nos iria parar para nos pedir a identificação. Havia uma sala de cinema na praça que exibia notícias vinte e quatro horas por dia e passámos muitas noites ali para evitar voltar para os nossos quartos infestados de insetos.

Voltámos ao nosso falsificador de documentos em várias ocasiões, para saber do progresso dos nossos papéis. Ele tinha um escritório sujo na zona velha de Praga. O tempo estava a ficar frio e caminhávamos rapidamente com os colarinhos levantados e as cabeças baixas, esperando não ser notados. Cada vez que lá voltávamos, éramos informados de que os nossos papéis ainda não estavam prontos. Alguns dos outros rapazes estavam a ficar nervosos e começaram a procurar outras saídas. Estávamos agora reduzidos a quatro e eu comecei a ficar muito preocupado em relação a quanto tempo poderíamos aguentar.

Na nossa quarta visita, não fomos recebidos pelo falsificador, mas por vários inspetores que nos pediram imediatamente os nossos documentos de identificação. Apresentei os meus papéis oficiais, mas os inspetores também tinham os meus documentos falsos. Fomos apanhados numa armadilha. Um polícia perguntou-me que documentos eram genuínos e eu disse-lhe que era eslovaco. Ele perguntou porque é que a minha fotografia aparecia no documento falso e eu disse-lhe que não sabia. Ele disse-me que estava preso

e aquilo pareceu-me uma sentença de morte.

Uma carrinha parou à porta e nós os quatro e o falsificador fomos empurrados lá para dentro e levados dali. Ao fim de algum tempo, parámos e fomos mandados sair novamente. Quando saí da carrinha, pude ver que estávamos dentro de um pátio fechado no interior de um enorme edifício com janelas gradeadas. Era uma prisão conhecida por Karlovský Vezeny. Fui registado e revistado, e perguntaram-me qual a minha morada mais recente. Dei-lhes o nome do meu hotel e disse-lhes que não tinha nada lá a não ser uma pequena mala com algumas roupas. Fomos os quatro separados e eu fui levado para uma cela com algumas personagens assustadoras. Parecia que todo o submundo de Praga estava ali: criminosos, pedófilos e ladrões. Estes prisioneiros revistaram-me em busca de cigarros, mesmo depois de eu lhes dizer que não tinha nada. Estava em choque e temi pela minha vida.

Horas depois, um guarda chamou o meu nome e tirou-me da cela. Fui levado novamente para o pátio, onde uma carrinha maior estava agora à espera. Havia uma divisória sólida no centro desta carrinha; portanto, eu não podia ver nem comunicar com os outros passageiros. No jargão da prisão, era conhecida por Maria Negra. Falar era proibido e eu não sabia para onde estava a ser levado ou o que tinha acontecido aos meus amigos.

Depois de uma longa viagem, a carrinha parou. Um portão de metal abriu-se para nos deixar entrar, fechando-se atrás de nós novamente com um grande estrondo. O som causou-me arrepios na espinha. As portas da carrinha abriram-se e recebemos ordens para sair. A minha primeira impressão foi que estávamos dentro de uma prisão muito grande. Tinha muros altos, encimados por arame farpado, torres de vigia e um grande edifício central com alas que se projetavam em forma de estrela. Vi muitas janelas de celas. Cada uma tinha um número impresso na parede, por baixo, e os guardas usavam esses números para identificar os prisioneiros que olhavam pelas janelas – uma atividade estritamente proibida. Esta prisão chamava-se Pankratz e era uma instalação de segurança máxima, exclusivamente para presos políticos.

Fui registado e o meu cinto e os atacadores foram-me retirados. Levaram-

me depois para uma sala de interrogatórios. Podia ver os meus documentos numa pasta de arquivo à frente dos dois inspetores. Eles disseram-me que tinha cometido um crime grave contra o Estado e que passaria muitos anos na prisão, a menos que lhes contasse como conseguira os documentos falsos e quem mais estava envolvido. Disseram-me que nunca mais voltaria a ver a luz do dia a não ser que esclarecesse tudo. Eu mantive a minha afirmação inicial: não sabia por que razão a minha fotografia estava entre os documentos falsos e não pretendia prejudicar o governo. Recebi uma folha datilografada e disseram-me que a assinasse. Quando lhes disse que precisava de a ler antes de assinar, disseram-me que era apenas uma formalidade, mas percebi que, se assinasse aquela folha, estaria a admitir acusações graves. O papel declarava que eu era cúmplice de um ato subversivo contra o governo. Recusei-me a assinar. O interrogador ficou muito zangado e disse:

– Vou deixar o teu ficheiro no fundo da gaveta. Há de levar cinquenta anos até alguém voltar a olhar para ele.

Eu sabia que estava em grandes apuros. Fiquei extremamente desesperado, porque, tendo sobrevivido às provações dos campos, estava agora preso nesta confusão. Não sabia se me iria livrar disto. Nem como.

Um dos inspetores chamou um guarda e fui levado até ao quarto andar do edifício. Havia muitas celas de ambos os lados com uma área central vazia entre elas. A cela para a qual fui levado tinha um grande círculo vermelho pintado na porta. Não vi nenhuma outra cela com o mesmo símbolo e não sabia o que significava. Era um bom ou um mau sinal? Mais tarde, soube que o sinal estava ali porque um dos ocupantes estava condenado à morte.

O guarda abriu a porta e mandou-me entrar. Havia um beliche de três andares de cada lado da cela, uma mesa estreita, um banco no meio, uma sanita de aço e uma pequena janela com barras de metal. Estavam cinco pessoas sentadas no banco, e olharam para mim, a tentar avaliar o crime que eu tinha cometido.

Quando o guarda saiu, apresentei-me e eles quiseram saber por que razão ali estava. Disse-lhes que tinha sido incriminado por documentos falsos.

Estava ansioso por saber quem eram aquelas pessoas, porque não me pareciam criminosos. Descobri que três deles eram altos funcionários do Partido Democrata e que tinham sido presos pelos comunistas na primeira noite do golpe, um outro era advogado e o quinto era um jovem de quase trinta anos, tenente do exército checo. Quando lhe apertei a mão, percebi que todos os seus dedos estavam desfigurados e fiquei com medo de acabar com um problema semelhante. Os cinco estavam encarcerados há pelo menos quatro meses. Conseguia perceber que não confiavam em mim, possivelmente porque suspeitavam que fosse um informador. Plantar um bufo era uma prática comum na prisão.

Eu era a pessoa mais jovem da cela e todos os outros estavam ligados à arena política. Demorou alguns dias de perguntas até eles se convencerem de que a minha história era verdadeira. Foi bom ser aceite por eles e senti que agora poderíamos coexistir como grupo. Os homens explicaram-me imediatamente como é que íamos viver todos juntos num espaço tão apertado. A sanita, fiquei a saber, também era usada para lavar as roupas e os corpos e como fonte de água potável – portanto, era mantida em perfeitas condições. O chão de pinho era esfregado todos os dias e era preparado semanalmente um horário de tarefas para que todos soubessem quais as suas responsabilidades. Quatro dos homens eram casados e tinham filhos, mas não tinham podido ver as suas famílias nem escrever-lhes desde o dia em que tinham sido presos. O jovem que se chamava Pavel era solteiro. Era chefe de segurança em Jachymov, uma cidade próxima da fronteira alemã, onde era extraído urânio, e tinha sido preso por fornecer alegadamente mapas das minas e pormenores do processo de refinamento aos americanos. Estava constantemente a ser interrogado e torturado – todos os dedos das suas mãos e dos pés tinham sido esmagados pelo KGB –, e era o que estava condenado à força. Ele e eu tornámo-nos muito próximos.

As nossas celas eram aquecidas por radiadores de água, mas estes também serviam outro propósito. Todas as noites, quando as luzes se apagavam, os prisioneiros começavam a bater nos radiadores para enviar mensagens por código Morse. Os sons podiam ser ouvidos por todo o edifício, mas os guardas não podiam fazer nada.

Todas as manhãs, os presos de cada andar podiam sair para uma caminhada de quinze minutos. Recebíamos ordens para andarmos em círculos e não falarmos. Era uma sensação estranha andar silenciosamente em círculos. Quando regressávamos, percebíamos que os guardas tinham revirado completamente as nossas celas em busca de contrabando. Estávamos autorizados a ler livros que os auxiliares traziam em carrinhos. A seleção era limitada, mas líamos e voltávamos a ler os mesmos títulos para manter a cabeça ocupada. Também nos eram fornecidos lápis e papel para escrevermos os nossos pensamentos.

O tenente Pavel e eu tornámo-nos bons amigos. Eu respeitava-o, porque, apesar da sentença de morte, ele estava muito focado no aqui e agora. Ele e eu fizemos um jogo de xadrez com bocadinhos de pão e ensinei-o a jogar. Também lhe ensinei coisas sobre o judaísmo e o alfabeto hebraico. À noite, os meus companheiros de cela queriam frequentemente que eu lhes falasse da minha família e das minhas experiências nos campos. Embora tivessem ouvido falar dos campos, não faziam ideia de como estes eram de facto e ficaram chocados ao saber dos detalhes. Perceberam que eu já tinha cumprido uma pena em circunstâncias muito mais duras do que eles nesta prisão e deixaram de se queixar das suas experiências como prisioneiros políticos.

Elaborámos um horário de exercícios e, todos os dias, fazíamos um certo número de flexões e abdominais, e dávamos duzentas voltas em redor da cela. A nossa dieta era ampla: papas de aveia ao pequeno-almoço, com chá; sopa para o almoço, com um pedaço de pão; chá, pão e queijo ao jantar. Lembro-me de que a minha primeira refeição de sábado à noite foi pão e um queijo fedorento chamado *Quargel*. Perguntei de mim para mim quem seria capaz de comer aquela coisa malcheirosa, mas acabei por desenvolver um gosto por ele. A rotina diária era suportável, mas custava muito aos homens com famílias.

Os auxiliares, que também eram presos políticos, serviam a nossa comida e tentavam manter-nos informados dos acontecimentos lá de fora, passando-nos informações quando os guardas não estavam a olhar. Descobrimos deste modo que três generais tinham sido enforcados no pátio. Eu não comunicava com ninguém fora da prisão e também ninguém do

departamento prisional tinha comunicado comigo. Fiquei profundamente preocupado por poder passar o resto da minha vida aqui e desaparecer simplesmente.

Um dia, um guarda veio à nossa porta, chamou pelo meu nome e deu-me um documento que afirmava que eu tinha cometido um crime contra o governo e que teria de cumprir dez anos de prisão. Isto era «justiça» sem julgamento. Como é que alguém poderia sobreviver dez anos naquele buraco?

Os meus colegas de cela disseram-me que não me preocupasse e garantiram-me que os americanos em breve expulsariam os comunistas. Infelizmente, eu sabia que isso não iria acontecer, mas não lhes queria destruir as esperanças. Estávamos a 15 de março de 1949 – o meu vigésimo aniversário – e eu estava num estado de desespero. Sabia que precisava de um milagre para me livrar da minha situação.

O nosso outro passatempo diário era induzir a hiperventilação e, em seguida, sustar a respiração enquanto outra pessoa nos levantava por trás. Aquilo provocava um estado de transe e causava aproximadamente vinte minutos de sonhos e alucinações. A seguir, discutíamos os nossos sonhos e tentávamos decifrar neles mensagens ou sinais da nossa salvação. Estas sessões lembravam-me sempre da história bíblica de José quando estava preso na prisão do faraó, no Egito. Tal como os meus companheiros de cela, José era muito bom a decifrar os sonhos do faraó, e, curiosamente, em meados de abril, o melhor intérprete da nossa cela sugeriu que um dos meus sonhos era um sinal de que iria ser libertado em breve da prisão. Era um pensamento maravilhoso, mas não lhe dei muito crédito. Os meus colegas de cela, no entanto, levaram a interpretação a sério e começaram a escrever bilhetes às suas famílias. Esconderam-nos no forro dos meus sapatos e fizeram-me prometer entregá-los assim que estivesse livre.

Dias depois, um guarda abriu a porta da nossa cela, chamou pelo meu nome e disse-me para o seguir. Todos olharam para mim com expressões de surpresa e eu não soube se me devia despedir ou não. Queria muito dar um grande abraço ao meu amigo Pavel, mas não foi possível. O guarda levou-me até ao gabinete do diretor, onde vi o meu amigo Mike e um civil que

não conhecia. O diretor anunciou que o civil tinha garantido que deixaríamos o país no espaço de 24 horas. Mike e eu tivemos de assinar documentos concordando com esses termos. Se não saíssemos do país naquele prazo e fôssemos presos novamente, tal significaria uma sentença de prisão perpétua automática, disse o diretor.

Fiquei muito satisfeito por assinar fosse o que fosse, desde que isso me tirasse da prisão. Um guarda devolveu-me os meus pertences – o meu cinto, os meus atacadores e as poucas moedas checas que tinha no bolso. Fomos levados até ao portão principal e libertados. A liberdade era uma sensação incrível. Senti-me nas alturas. Estávamos no dia 1 de maio de 1949. Tinha estado na prisão durante seis meses e ouvia, naquele momento, as celebrações do Primeiro de Maio e música ao longe. Era maravilhoso. Perguntámos ao homem que nos libertara para onde nos ia levar, mas ele disse-nos simplesmente que apanhássemos o comboio para Košice, e foi-se embora. Ficámos chocados. Procurámos por um pequeno restaurante para podermos pensar e fazer planos de viagem. Fui até à casa de banho e extraí todas as mensagens dos meus sapatos. Enquanto tomava um café, verifiquei os endereços e perguntei ao empregado qual era o mais próximo de mim. Tínhamos aproximadamente quatro horas antes da partida do comboio. Não tinha tempo para entregar *todas* as cartas individualmente, mas podia levar uma delas à esposa de um dos meus amigos presos. Também sabia que ia ter de passar algum tempo a falar-lhe do marido depois de todos os meses em que tinham estado separados. Mike e eu decidimos separar-nos. Ele foi diretamente para a estação e eu planeei ir lá ter com ele dali a algumas horas.

Encontrei a morada mais próxima de mim e toquei à campainha. Uma senhora abriu a porta e eu disse-lhe que tinha acabado de ser libertado de Pankratz e que o seu marido, o advogado, e eu tínhamos sido companheiros de cela. Ela ficou sem palavras no início, mas depois encheu-me de perguntas:

– Como é que ele está? Como é que se sente? Ele está bem?

Garanti-lhe que ele estava bem física e mentalmente. Tentei dar-lhe o máximo de informações possíveis com o tempo que tinha. Entreguei-lhe as

cartas e deixei-a ler a do marido primeiro. Lágrimas desceram-lhe pelo rosto. Esperei até ela terminar e depois perguntei-lhe se poderia entregar as cartas às outras mulheres, porque eu tinha de deixar a cidade o mais depressa possível. Ela prometeu que o faria e perguntou-me se havia mais alguma coisa que pudesse fazer por mim. Disse-lhe que gostaria de comer algumas sandes e ela acedeu. Aconselhei-a a continuar a escrever às autoridades da prisão e depois despedi-me e saí rapidamente, sentindo-me bem por ter cumprido a minha promessa ao marido dela e aos outros.

Apanhei o elétrico e dirigi-me para a estação de comboios, onde vi Mike no sítio onde tínhamos combinado encontrar-nos. Comprámos os nossos bilhetes e esperámos pela chamada de embarque. Era uma longa viagem de Praga até Košice – o comboio partia às 17h00 e só chegava na manhã seguinte. Eu estava preocupado com a polícia, que passava frequentemente pelas carruagens pedindo a identificação e perguntando o motivo da viagem. Esperava que pudéssemos evitar essa situação. Depois de passarmos pela Boémia e pela Morávia, e de termos entrado na Eslováquia, senti-me mais aliviado, porque a polícia eslovaca não estava ciente das nossas circunstâncias e não corríamos tantos riscos.

De volta a Košice, fiquei em casa da família Gottlieb e Mike ficou com o pai. Tínhamos um tempo limitado para encontrar uma maneira de sair da Checoslováquia e estudámos muitas possibilidades de fuga do país. Na primavera de 1949, houve um influxo de judeus húngaros que atravessaram a fronteira para fugir do comunismo e um grande número deles foi acolhido pela comunidade judaica em Bratislava. Descobrimos que o governo eslovaco ia permitir que estes judeus húngaros seguissem para a zona americana na Áustria, porque eram considerados estrangeiros, e achámos que esta seria a nossa oportunidade de também deixarmos o país.

Mike e eu fizemos as nossas malas e apanhámos o comboio para Bratislava, registando-nos como judeus húngaros no centro comunitário. O lugar estava apinhado e não havia muito espaço. Encontrámos alguns rapazes e raparigas da nossa idade e juntámo-nos a eles. Todos falávamos húngaro e foi bom fazer parte deste grupo. Partilhávamos um sentimento de entusiasmo pela viagem, mas nenhum de nós sabia exatamente quando partiríamos.

O grupo ao qual nos tínhamos juntado tinha atravessado a fronteira da Hungria com pequenas mochilas, enquanto o meu amigo e eu tínhamos malas bastante grandes cheias de pertences. Percebemos que esta disparidade óbvia poderia prejudicar as nossas hipóteses de chegar à zona americana, porque as autoridades podiam perceber que não éramos realmente refugiados húngaros. Distribuímos a maior parte das nossas roupas pelos outros rapazes e reduzimos os nossos pertences ao mínimo. Coloquei as minhas roupas restantes numa pequena mochila descartada, que encontrei numa pilha de malas vazias de transportes anteriores. Depois de o ter feito, senti-me mais bem integrado no grupo, o qual incluía uma linda rapariga ruiva chamada Tova, também uma sobrevivente húngara. Ela e eu tornámo-nos bons amigos e ela acabou por se tornar a minha primeira namorada. Eu tinha passado a minha adolescência inteiramente

com rapazes e homens, e esta era uma experiência nova para mim.

As pessoas responsáveis da comunidade judaica disseram-nos que não devíamos deixar o local, porque a polícia podia deter-nos e, se isso acontecesse, ninguém nos poderia ajudar. Dois dias depois, foi anunciado que o transporte partiria naquela tarde. A polícia de fronteira montou longas mesas no pátio da comunidade e nós alinhámo-nos numa fila única e colocámos as nossas mochilas nas mesas para serem verificadas. Um polícia carimbou o papel do registo falso que eu recebera quando chegámos. Após a verificação policial, entrámos nos vagões e as portas foram fechadas. Eu não tinha medo deste comboio – era

a minha passagem para a liberdade. Quando o comboio começou a mover-se, começámos todos a cantar e a rir. Sabíamos que o nosso destino era Viena e que estávamos a deixar para trás um Estado comunista. Tínhamos grandes esperanças de chegar finalmente à liberdade.

Cerca de duas horas mais tarde, o comboio parou e as portas foram abertas. Saímos dos vagões e vimos vários camiões grandes do exército americano à nossa espera. Os condutores pertenciam a uma organização judaica chamada Bricha, que se dedicava a tirar adolescentes judeus dos campos de deslocados europeus e a levá-los para Israel, para a América e para outros lugares. Menos de duas semanas antes, eu estava sentado numa prisão em Praga e agora ali estava eu, a caminho de Viena.

Chegámos ao setor americano de Viena e fomos levados imediatamente para um grande edifício chamado Hospital Rothschild, o qual, na realidade, não era um hospital naquela altura, mas sim um centro de registo de refugiados. Era o principal ponto de trânsito de todos os refugiados de Viena para diferentes locais do Ocidente e para campos de pessoas deslocadas situados nas zonas americanas da Áustria e da Alemanha. Fomos registados e disseram-nos que procurássemos um lugar no edifício, o que era quase impossível, já que havia pessoas praticamente penduradas no telhado. Não havia privacidade, pois havia um grande número de pessoas amontoadas. Éramos fortemente encorajados a deixar o edifício para dar lugar a outros que viriam do Leste. Muitas pessoas – incluindo a minha namorada, Tova – seguiram de comboio para Génova, em Itália, para

embarcar em navios com destino a Israel. O meu amigo Mike ia para a Austrália e eu planeava ir para o Canadá.

A minha licença para o Canadá ainda estava na embaixada, em Praga. Depois de fazer algumas perguntas, descobri que não havia nenhum consulado canadiano em Viena, mas havia um na zona americana em Salzburgo. Isto apresentava, no entanto, um problema. Como é que podia ir de Viena até Linz, através da zona russa, para um campo de pessoas deslocadas (PD) chamado Ebelsberg, que ficava a quatro quilómetros de Linz, na zona americana da Áustria? O campo de PD era a única opção em termos de comida e abrigo, porque eu não tinha dinheiro nem meios para o obter.

Procurei conselho junto de todos os que encontrei. Entretanto, os meus amigos e eu fizemos muitos passeios turísticos por Viena, a cidade imperial do Império Austro-Húngaro. Visitámos o Palácio de Schönbrunn, a Escola Espanhola de Equitação e muitos outros belos lugares. Um dia, quando passeávamos, passámos por um grupo de pessoas que falavam checo. Interrompi-as e perguntei-lhes o que estavam a fazer em Viena. Acontece que também eram refugiados em busca de uma passagem para a zona americana e perguntei-lhes como planeavam chegar lá. Eles disseram-me que havia uma organização clandestina checa que ajudava os refugiados a atravessar a zona russa por dez dólares americanos. Disseram que iam partir dali a alguns dias e deram-me a morada da organização.

Na manhã seguinte, fui procurar a morada que me tinha sido dada. Não havia nenhum sinal de qualquer espécie na porta e o grupo ocupava apenas uma pequena sala. Quando entrei, contei-lhes como tinha sabido da organização e disse-lhes que precisava de ir para Linz, no setor americano. No início, disseram-me que não me podiam ajudar. Depois de me interrogarem, contudo, percebi que tinham medo de confiar em mim, por receio de que eu divulgasse o que faziam. Disse-lhes que tinha estado preso na prisão de Pankratz, em Praga, e que era um sobrevivente dos campos, e isso pareceu acalmar-lhes as preocupações. O responsável disse-me que enviavam um grupo de dez pessoas a cada três dias para a zona americana. Era o máximo que conseguiam fazer, porque tinham apenas um guia em quem podiam confiar para liderar os grupos. Disse-me que os três grupos

seguintes estavam reservados; portanto, se ainda quisesse ir, teria de esperar mais nove dias. Pediu-me os dez dólares americanos, que lhe entreguei. Depois disse-me que teria de ir àquele mesmo escritório um dia antes da partida, para uma reunião sobre como a travessia noturna funcionava. Senti-me aliviado, porque, pelo menos, agora tinha um dia marcado para a etapa seguinte da minha aventura, que seria crítica. Esperava que a viagem fosse bem-sucedida e que não encontrássemos nenhum problema.

* * *

Enquanto fazia a contagem decrescente dos dias até à minha partida de Viena, pensei em como me iria sentir ao deixar o meu bom amigo Mike, com quem partilhara muitos anos maravilhosos e restauradores em Marienbad. Senti que tínhamos praticamente crescido juntos durante aqueles três anos de formação no pós-guerra. Aprendi muito com ele e ele motivou-me de várias maneiras. Também me iria separar de Tova, que era encantadora, amável e uma companhia maravilhosa. Foi muito difícil despedir-me dela, embora a conhecesse há apenas um mês. Estava dividido entre ir com ela para Israel e juntar-me aos meus amigos do orfanato, que já estavam no Canadá. Separar-me de Tova deixou-me com um grande buraco e dei por mim sozinho para enfrentar a minha viagem até à zona americana.

Depois de Mike e Tova terem partido, fui receber as minhas instruções sobre a viagem. Havia nove jovens checos e eu. Disseram-nos para chegarmos à estação de comboios às seis da manhã seguinte. Tínhamos de nos vestir como se fôssemos fazer uma caminhada e levar mantimentos como pão, queijo, fruta e água para cerca de dois dias. O guia estaria na estação vestido com *lederhosen* (calções de couro com suspensórios) e um chapéu de caçador com penas. Não devíamos falar com ele, apenas segui-lo quando ele entrasse no comboio, e espalharmo-nos atrás dele pela carruagem. Disseram-nos também que devíamos sair do comboio quando ele saísse. Devíamos evitar parecer um grupo e espalhar-nos o mais discretamente possível. Estes cuidados tinham de ser seguidos, porque íamos para o setor russo e era impossível saber quem nos estaria a observar ali. Embora fosse fácil entrar no setor russo, sair era mais difícil. Ser-nos-

iam pedidos os nossos papéis, e se os russos não ficassem satisfeitos, podiam prender-nos e enviar-nos para *gulags* na Sibéria.

Após a reunião, fui comprar comida e regresssei ao Hospital Rothschild para me preparar para a minha viagem. Naquela noite, alguns de nós fomos jantar a um pequeno restaurante. Os meus amigos restantes sabiam que eu estava de partida e também se estavam a preparar para as suas próprias viagens. Bem cedo, na manhã seguinte, levantei-me e saí enquanto os outros ainda dormiam. Na estação de comboios, comprei a minha passagem para Linz e localizei os outros membros do meu grupo e o guia austríaco na plataforma. Não comunicámos, mas seguimos as instruções que tínhamos recebido. Quando o comboio saiu da estação, mantive os dedos cruzados e esperei pelo melhor.

Quatro anos antes, após a minha libertação, em maio de 1945, voltara para casa, na Checoslováquia, vindo desta mesma região. Agora, encontrava-me a caminho de um campo de pessoas deslocadas perto de Linz em busca de abrigo até à próxima etapa da minha missão contínua para imigrar para o Canadá.

Que reviravolta drástica nos acontecimentos! Como é que ia enfrentar o povo austríaco, muitos dos quais tinham sido criminosos, colaboradores e espectadores durante a era nazi? Era difícil para mim interiorizar esta nova realidade.

O comboio parou e o nosso guia levantou-se e saiu da carruagem. Quando desci do vagão atrás dele, tive uma estranha sensação de familiaridade, como se já tivesse visitado aquele sítio em sonhos. Procurei o nome da estação e vi que se tratava de Melk, onde passara dois meses a trabalhar naqueles túneis subterrâneos como escravo. Senti-me consumido por sentimentos de pavor e receei ter sido envolvido nalgum tipo de armadilha. Virei-me e vi o mosteiro franciscano na colina.

O guia continuou a andar até sair da estação, e segui-o, apesar das minhas reservas. Ele levou-nos em direção a uma área montanhosa e arborizada. Uma vez ali, parou e reunimo-nos à volta dele. Disse-nos que estávamos agora na zona russa e que precisávamos de nos manter longe das zonas habitadas e das patrulhas russas. O nosso objetivo era chegar a uma

cidade chamada Steyr, a cerca de sessenta e cinco quilómetros dali, na zona americana. Não seria fácil, disse ele, mas éramos todos jovens e podíamos fazê-lo. Seguimo-lo em fila indiana e observámo-lo em busca de quaisquer sinais de perigo potencial. Não podíamos falar alto. Caminhámos até ao anoitecer e parámos num abrigo que tinha um telhado, mas não tinha paredes. Depois de comermos e bebermos um pouco de água, deitámo-nos para passar a noite. Teria sido o lugar ideal para fazer uma fogueira e discutir os acontecimentos do dia, mas isso teria atraído atenções indesejadas para o nosso grupo. Adormeci e apaguei completamente.

De manhã, senti alguém a empurrar-me para acordar. O guia disse-nos que partiríamos de novo dali a quinze minutos e que devíamos comer alguma coisa antes. Estava uma bela manhã de sol e caminhámos a um ritmo constante, fazendo aproximadamente três quilómetros por hora durante muitas horas seguidas. Finalmente, chegámos ao limite de uma área ligeiramente arborizada e parámos. Eram sete da tarde. Reunimo-nos em redor do nosso guia ainda escondidos pelos arbustos. Abaixo de nós, a cerca de quinhentos metros, havia um prado e alguns arbustos espessos que acompanhavam um riacho. O guia disse-nos que teríamos de esperar pela passagem de uma patrulha de fronteira russa a cavalo, ficar escondidos durante mais quinze minutos depois disso e a seguir correr como loucos e saltar sobre os arbustos e o riacho. Se conseguíssemos, estaríamos na zona americana. Fizemos exatamente o que ele disse. Conforme previsto, dois guardas montados apareceram e nós esperámos até eles passarem. Percebi que aquele era um momento crucial e que tínhamos de alcançar os arbustos para ficarmos em segurança. Partimos a correr como o vento e saltámos sobre os arbustos, caindo num riacho lamacento do outro lado. Ficámos cobertos de lama da cabeça aos pés, mas não tínhamos tempo para nos enxaguarmos na água.

Agora que estava a salvo na zona americana, sentia-me desejoso de continuar, porque ainda precisava de apanhar um comboio de Steyr até Linz e depois percorrer mais quatro quilómetros até ao campo de PD de Ebelsberg. O resto do meu grupo tinha outros destinos. Entrei na estação ferroviária de Steyr e vi que o comboio para Linz ia chegar dali a meia hora. Na sala de espera, fui olhado da cabeça aos pés por cidadãos locais

bem vestidos. Devia ter o aspeto de alguém que tinha acabado de executar um trabalho sujo a fazer tijolos de lama.

O comboio levou-me até Linz, onde cheguei por volta das oito da noite, e comecei imediatamente a caminhar em direção ao campo de PD de Ebelsberg. Estava muito cansado e queria chegar antes de escurecer. Ao atravessar Linz, fiquei surpreendido ao ver a rapidez com que a cidade se reconstruíra. Quando passei por ali na barcaça fluvial, em 1945, havia crateras de bombas a cobrir grande parte da cidade.

Cheguei ao portão do campo de PD de Ebelsberg por volta das nove da noite. O guarda disse-me que tinha de me apresentar no escritório da UNRRA (Administração de Ajuda e Reabilitação das Nações Unidas)⁶. Foi o que fiz. E disseram-me para ir até um determinado edifício, onde me seria indicada uma cama. O escritório principal estava fechado, mas disseram-me que voltasse na manhã seguinte para me registar. A primeira coisa que tive de fazer foi lavar as minhas roupas e os sapatos enlameados e pendurá-los, para que secassem. Tinha sido um dia muito longo e eu estava exausto. Adormeci imediatamente. Na manhã seguinte, fui acordado por uma vigorosa discussão que estava a ter lugar entre os meus companheiros de alojamento. Eram todos húngaros. Apresentámo-nos e perguntei-lhes sobre o funcionamento do campo. Muitos deles estavam ali há anos à espera de uma oportunidade para partir, mas não conseguiam obter autorização dos países que estavam dispostos a aceitá-los.

Fui até ao escritório da UNRRA para me registar e recebi um cartão de identidade. Depois dei uma volta para me familiarizar com o campo e com a sua disposição. Os edifícios – aproximadamente vinte ao todo – tinham sido originalmente construídos para uma unidade de tanques das SS. Alguns deles alojavam casais e os seus filhos já nascidos no campo. O local estava cheio de pessoas a andar de um lado para o outro e cujas capacidades não estavam a ser utilizadas. Não pareciam muito felizes a viver naquelas circunstâncias. Os portões fechavam à noite, a uma determinada hora, e depois disso não podíamos entrar no campo. A comida era muito básica, mas comíamos bastante pão e queijo, e se tivéssemos dinheiro podíamos complementar a dieta com fruta e vegetais.

Ao lado do campo havia um grande parque de veículos do exército, onde estavam estacionados muitos camiões e jipes pertencentes à polícia militar americana. Perto dali havia um quartel usado para armazenar provisões. Reparei num grande camião a entrar na zona de carregamento do armazém.

Trazia muitos pães e enormes bolas de queijo *Emmenthal*. O condutor era um rapaz da minha idade e perguntei-lhe se podia ajudá-lo a descarregar os abastecimentos. Ele disse que sim e apresentou-se como Sandor. Quando o caminhão ficou vazio, entrei na cabina com ele e acompanhei-o enquanto ele me levava até ao parque. Perguntei-lhe se podia acompanhá-lo e ajudá-lo em tudo o que fizesse, já que tinha acabado de chegar ao campo e não conhecia ninguém. Fiquei impressionado com a sua habilidade a conduzir aquele grande caminhão e senti que me podia manter ocupado acompanhando-o. Ele concordou.

A cada dois dias, íamos até Salzburgo buscar provisões para o campo. A viagem demorava aproximadamente três horas para cada lado. Um dia, disse a Sandor que tinha autorização para ir para o Canadá, mas que precisava de ir à embaixada canadiana. Na viagem seguinte, ele disse-me que esperaria por mim enquanto eu fosse à embaixada abrir um processo. Estávamos no dia 1 de junho de 1949. A secretária era uma jovem britânica muito amável. Disse-lhe que a minha autorização para o Canadá estava na embaixada de Praga e ela disse que ia tratar de tudo para que fosse transferida para Salzburgo por mala diplomática. Nesse intervalo, eu precisava de fazer exames médicos e raios X. Ela disse-me para voltar dali a duas ou três semanas, para saber o resultado dos exames médicos e ver se eu tinha passado ou não.



Campo de Pessoas Deslocadas de Ebelsberg, 1949. O condutor, Sandor (esquerda) e eu (centro) estávamos no caminhão do exército a carregar alimentos.

Além dos caminhões grandes, Sandor também tinha acesso a um jipe do parque, e aos fins de semana íamos até Salzburgo e ele mostrava-me a cidade. Era linda. Fiquei impressionado com a casa de espetáculos Mozarteum. Havia um festival de Mozart a decorrer e podia ver as pessoas a fazer fila para comparecer. Eu queria ouvir a música, mas não tinha como o fazer. Em vez disso, Sandor e eu fomos nadar no rio Enns e ele apresentou-me à minha primeira garrafa de *Coca-Cola*. O gosto era horrível, mas depois da segunda garrafa fiquei viciado.

Fiquei impressionado com a beleza da cidade, as lojas cheias de produtos, os restaurantes e os cafés nas calçadas em agitada atividade e as pessoas bem vestidas nas ruas. Perguntei para comigo como é que estas pessoas tinham conseguido reconstruir a sua cidade e tornar-se tão prósperas, enquanto os meus compatriotas e eu ainda estávamos num campo de PD.

No fim de junho, voltei à embaixada canadiana para saber qual o progresso do meu visto, apenas para ser informado de que tinha sido

rejeitado, porque o raio-X mostrara uma mancha nos meus pulmões. Era uma notícia devastadora e acho que a secretária se sentiu tão mal como eu. Ela disse-me para voltar no mês seguinte e que fizesse novo pedido. Em julho, fui à embaixada para me registar pela segunda vez, o que significava que tinha de passar novamente pelo processo de exames médicos e raios X. Disseram-me que poderia esperar pelos meus resultados no fim de julho.

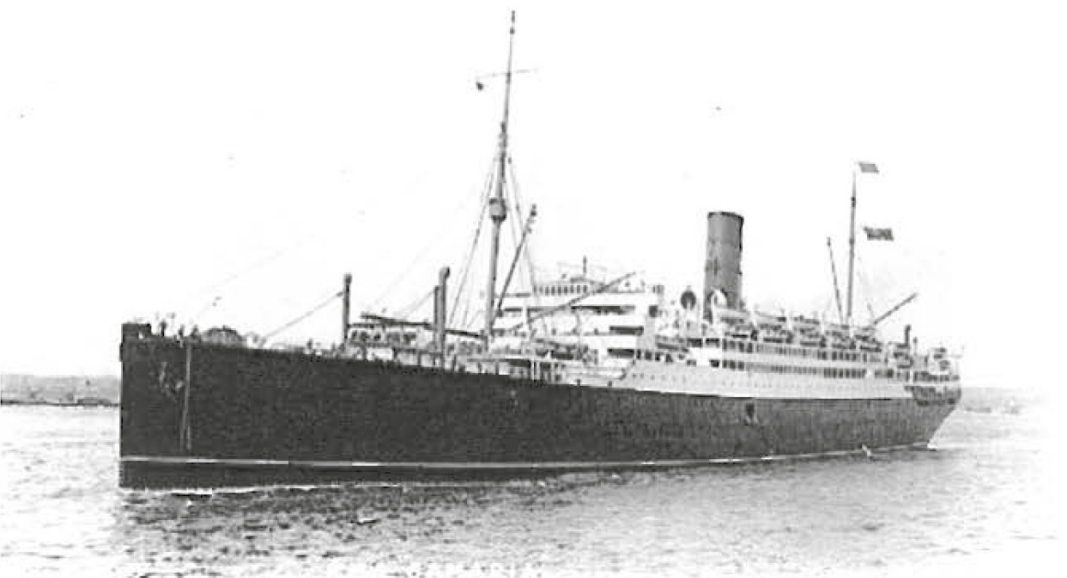
Entretanto, a UNRRA colocou avisos indicando que o campo ia ser fechado até ao final do ano, o que gerou pânico, porque muitas pessoas não tinham planos alternativos nem lugares para onde ir. Alguns dos meus amigos do orfanato de Marienbad já tinham chegado a Toronto e eu estava em contacto com eles pelo correio. Escrevi-lhes sobre as dificuldades que estava a ter para conseguir um visto e eles encorajaram-me a continuar. Nesse intervalo, mantive-me ocupado com Sandor durante a semana e aos fins de semana. Sentia-me privilegiado por ser visto num jipe durante as nossas viagens de fim de semana. Também pratiquei o meu inglês com Sandor, que falava o idioma fluentemente. Isso ajudou-me a preparar-me para o Canadá. No fim de julho, voltei à embaixada e o meu pedido de entrada no país foi novamente recusado. Não conseguia perceber por que razão eu e muitos outros judeus do campo estávamos a ser recusados.

A embaixada estava sempre cheia de pessoas a pedir vistos. Reparei que muitos dos homens que se candidatavam eram grandes e fortes e falavam línguas eslavas. Alguns eram húngaros e outros até franceses. Todos pareciam estar a obter vistos sem problemas. Fiquei a saber que aquelas pessoas estavam alojadas noutra campo, a alguns quilómetros de Ebelsberg. De alguma forma, espalhou-se a notícia de que eram todos antigos membros de unidades de voluntários das SS que tinham lutado sob o regime nazi. Sempre que via aqueles homens na embaixada, nunca trocávamos qualquer palavra. Anos depois da minha chegada ao Canadá, descobri que, em muitos casos, os criminosos foram autorizados a imigrar para o Canadá e para outros países antes das suas vítimas.

No início de outubro, voltei à embaixada e a secretária pareceu muito feliz por me ver. Disse-me que tinha notícias maravilhosas.

– Tenho o seu visto para o Canadá – disse ela. – Amanhã de manhã, vai

apanhar o comboio de Salzburgo para Bremerhaven, na Alemanha, onde embarcará no *Samaria*, um navio a vapor da Cunard com destino ao Canadá.



Ceguei ao Canadá no SS Samaria.

6 United Nations Relief and Rehabilitation Administration. (N. da T.)

A bordo do *Samaria*, eu e as outras pessoas deslocadas ficamos alojados no porão do navio. Dormíamos em redes penduradas no teto, enquanto os passageiros pagantes, acima de nós, ficavam em cabinas às quais nunca tivemos acesso. Podíamos observar o mundo exterior pelas vigias do transatlântico e lembro-me de ter visto os penhascos brancos de Dover quando deixamos o canal da Mancha e saímos para o oceano Atlântico. O tempo estava ventoso e as ondas faziam balançar o navio de um lado para o outro. Muitas pessoas ficaram enjoadas à medida que o tempo piorava. O cheiro horrível tornou-se rapidamente insuportável. A tripulação não conseguia resolver as questões de saneamento e os passageiros do porão começaram a ficar rebeldes e delirantes, gritando que queriam sair do navio. Muitos tiveram de ser contidos à força. Comecei a sentir náuseas, mas um marinheiro aconselhou-me a continuar a comer, porque o enjoo piorava com o estômago vazio. Segui o seu conselho e fui comer ao refeitório. Éramos muito poucos à mesa.

A tempestade durou cerca de oito dias e depois cedeu, finalmente. A seguir, ficamos presos numa névoa espessa e a buzina do navio tocava frequentemente para avisar outras embarcações da nossa presença. Sem radar, o navio tinha de navegar a uma velocidade muito baixa para evitar colisões. Por fim, parou por completo e pude ver pelas vigias que estávamos no estuário do que mais tarde descobri ser o rio São Lourenço. Podia ver as torres da igreja e a fortaleza da cidade do Quebec. Um barco aproximou-se e um piloto subiu a bordo para atracar o *Samaria*. Chegara finalmente ao Canadá.

Os passageiros pagantes foram os primeiros a desembarcar do navio, e depois foi a nossa vez. Todas as pessoas deslocadas foram escoltadas até um terminal, onde me entregaram uma placa com a palavra Toronto e me disseram para a usar em volta do pescoço. Havia muitos cartazes com os nomes de diferentes cidades canadianas e os nossos destinos eram

determinados pela organização que patrocinara os nossos vistos. Os papéis do UNRRA foram-nos carimbados com um certificado de desembarque – estávamos a 25 de outubro de 1949. Noutra mesa do terminal, recebi umas sandes embrulhada e uma caneca de café, e parti com ambas nas mãos para embarcar no comboio para Toronto, o qual estava pronto e à espera. Estava com fome e comi as sandes de imediato, sem perceber quanto tempo a viagem iria demorar. A viagem durou toda a noite e parte da tarde seguinte, com o comboio a parar em todas as estações ao longo do caminho. Não tinha dinheiro para comprar comida ao carregador e senti fome ao longo de todo o percurso.

Enquanto viajava no comboio, perguntei para mim o que me aguardaria no Canadá. Sabia que dependeria de mim construir uma vida neste país, um pensamento sério que me deixava bastante ansioso. Enquanto o comboio prosseguia durante a noite, vi luzes de habitações e imaginei pessoas a viver em segurança e conforto lá dentro. Era este o meu sonho: viver num ambiente seguro com um futuro que dependesse de mim.

A partir dos livros de Jack London, que lera em criança, imaginava o Canadá como uma vasta terra de céu aberto, uma população relativamente pequena e povos indígenas em trajes tradicionais. Queria viver no meio da natureza e não numa grande cidade americana como Nova Iorque.

919

SAMARIA (CABIN CLASS)

IMMIGRATION IDENTIFICATION CARD

THIS CARD MUST BE SHOWN TO THE EXAMINING OFFICER AT PORT OF ARRIVAL

Name of passenger EISEN TIBOR

Name of ship SAMARIA

Name appears on Return sheet 43 line 13

Medical Examination Stamp	Clear Examination Stamp
	

LANDED

O meu cartão de identificação da imigração, que recebi quando me tornei um imigrante a 25 de outubro de 1949.

Quando cheguei à Union Station, em Toronto, fui recebido por um amigo, Alex Weiss, que tinha chegado alguns meses antes. Tinha escrito a Alex, do campo de PD, a informá-lo da minha chegada iminente no *Samaria*. Foi muito bom vê-lo. Entrámos num táxi e dirigimo-nos à casa do Sr. e da Sra. Cass, um casal idoso que disponibilizara a sua casa para PD recém-chegados. Dois dos meus conhecidos de Marienbad já ali estavam alojados.

A Sra. Cass mostrou-me a casa e demorou o tempo que foi preciso para me explicar o funcionamento do autoclismo com corrente e o telefone da entrada. Enquanto Marienbad tinha instalações modernas, esta pensão era um pouco mais modesta, mas a Sra. Cass tinha um coração de ouro e queria sinceramente ajudar-nos. A partir desta casa, tinha uma base firme a partir da qual me podia ajustar a um mundo novo. Estava sob a tutela do Serviço Judaico de Apoio à Família e às Crianças, que me deu um fato feito à medida e um casaco de inverno, pagou a minha hospedagem e até me forneceu alguns dólares de mesada até eu encontrar um emprego. Este serviço dava-me uma vantagem e eu sentia-me grato por isso.

A partir da segurança do Canadá, podia ver que a Europa do pós-guerra era uma teia emaranhada de sistemas políticos concorrentes. Os países estavam a reconstruir-se e os governos tentavam restabelecer uma sensação de normalidade nas areias movediças entre o totalitarismo e a democracia. Eu tinha experimentado todo o espectro de sistemas políticos, do fascismo na Hungria e do nazismo nos campos até um curto período de democracia na Checoslováquia do pós-guerra e uma tomada comunista em 1948. Durante os meus últimos meses na Checoslováquia, ansiei por um lar onde pudesse ter segurança e liberdade, por um espaço que me deixasse recuperar do horror dos campos e me desse força para viver como um ser humano normal. Contudo, não conseguia visualizar como seria o meu sonho de liberdade num novo mundo. Tinha apenas um conhecimento básico de inglês e poucas habilitações literárias. Para mim, o Canadá era simplesmente uma luz brilhante e luminosa, um lugar onde poderia finalmente ter sucesso na minha busca por segurança física e emocional.

Em Marienbad, tinha tido três anos de formação como técnico de próteses dentárias e achei que seria fácil encontrar um emprego nessa área. Os Serviços Vocacionais Judaicos indicaram-me três laboratórios dentários, mas nenhum deles me contratou, embora eu me oferecesse para trabalhar sem remuneração durante algumas semanas para lhes mostrar as minhas capacidades. Esta rejeição abalou-me – eu tinha formação e sentia-me confiante nesta área, mas não era aceite. Tive de procurar outro trabalho. Os Serviços Vocacionais Judaicos enviaram-me para uma pequena loja que estava disposta a contratar refugiados. A Art Bookbinding and Novelty Company produzia álbuns de casamento e outros artigos e fui contratado por um salário inicial de 25 cêntimos à hora. Uma garrafa de *Coca-Cola* custava cinco cêntimos, e uma passagem de elétrico, quase o mesmo, mas eu sentia-me feliz por ter um emprego e poder ganhar dinheiro.

A encarregada da empresa, Rose Cosman, era muito acolhedora para os novos imigrantes. Chamava-me Max, em vez de Tibor, o que aceitei, porque se encaixava melhor no contexto canadiano e também correspondia ao meu nome hebraico, Mordecai. Rose tornou-se minha sogra quando me casei com a sua filha, Ivy, em 1952. Ela e o marido, Samuel, apresentaram-nos. Temos um casamento feliz há mais de sessenta anos, com dois filhos, dois netos e três bisnetos.

Estou em dívida para com os meus sogros, por terem tornado a minha adaptação ao Canadá muito mais fácil. Na verdade, a minha nova família alargada recebeu-me tão abertamente que consegui integrar-me no novo ambiente e adotar rapidamente os valores canadianos de família, trabalho árduo, liberdade de expressão e lazer.

Depois de alguns anos na Art Bookbinding, e tendo também experimentado um negócio de venda de roupas por grosso, consegui abrir uma empresa que se saiu bem no ramo da encadernação, enquanto Ivy trabalhava em casa cuidando dos nossos dois filhos.

Aos quinze anos, entrei em Auschwitz e perdi, numa questão de meses, todos aqueles que amava. Hoje, aos oitenta e seis anos de idade, o meu coração está novamente cheio. Embora esteja reformado, pareço trabalhar mais do que nunca como educador do Holocausto em escolas e noutras

instituições por todo o país. Também acompanho grupos à Polónia para a Marcha dos Vivos e nas missões do Centro de Amigos de Simon Wiesenthal, a fim de esclarecer as pessoas sobre as realidades do Holocausto e manter viva a memória histórica. É assim que tenho cumprido a minha promessa final ao meu pai: contar a história do nosso sofrimento coletivo para que este nunca seja esquecido.



A minha mulher, Ivy, e os meus dois filhos, Edmund (esquerda) e Larry.

A minha nova vida no Canadá foi difícil em muitos aspetos. Tive de aprender uma nova língua, novos costumes e novos valores, mas tive muita sorte por encontrar pessoas que me ajudaram nesse percurso. Logo depois da minha chegada, conheci a minha futura mulher e a sua família, e eles ajudaram-me a estabelecer-me e a participar mais plenamente no meu novo mundo. Enfrentei muitos desafios naqueles primeiros anos – conciliar a escola noturna com o trabalho, lidar com a rejeição das minhas capacidades profissionais e trabalhar em empregos braçais para ganhar dinheiro para as minhas necessidades. Mas tive sempre o meu objetivo diante de mim: ter sucesso na minha busca por segurança.

Só depois de me reformar, em 1988, é que tive tempo para refletir sobre o meu passado como sobrevivente do Holocausto. Sem as exigências diárias do trabalho, pude dispor do meu tempo como palestrante e educador, e fazer apresentações frequentes para alunos e adultos. Regressar aos locais do Holocausto na Europa com grupos também faz parte da minha viagem, e partilhar as minhas experiências com organizações como a polícia local, a polícia provincial e o Canadian Forces College permitiu-me transmitir o que sei sobre os anos de 1933 a 1945 na Europa.



Johnnie Stevens, do 761.º Batalhão de Tanques Black Panther, e eu em Nova Jérsia, em 1999.

Agora, anos depois, quando conto a minha história aos jovens, falo-lhes sempre de como, naquela noite fatídica da Páscoa, em abril de 1944, a nossa família se reuniu em torno da mesa do Seder, em relativa paz e liberdade, para cantar canções de redenção da escravidão no Egito. Ironicamente, em poucas horas, fomos reduzidos a um estado de desamparo abjeto e privados de todos os direitos humanos.

Numa nota mais alegre, além de manter uma rigorosa agenda de palestras, encontro tempo para relaxar no meu chalé, onde tenho um veleiro CL-16. De alguma forma, ele pode ter sido inspirado pelo belo lago que vi durante a marcha de três dias de Linz até ao campo de concentração de Ebensee, em 1945. A visão daquele avião alemão a remar num barco com a sua namorada foi tão poderosa que disse a mim mesmo que, se sobrevivesse, um dia teria um barco só meu.

Após anos a falar como sobrevivente, considerei que a escrita das minhas memórias seria o passo lógico a seguir. Fiquei muito aliviado quando

concluí um rascunho do manuscrito pouco antes de partir para outra viagem à Polónia, para a Marcha dos Vivos de 2015. Imediatamente depois de ter descrito a minha sobrevivência em Auschwitz a um grupo de adultos, viajei até Lüneburg, na Alemanha, a 21 de abril de 2015, para ser testemunha no julgamento de Oskar Groening, que serviu como guarda das SS em Auschwitz II-Birkenau. Groening foi acusado de estar presente na plataforma de chegada em Birkenau e de ajudar conscientemente no assassinato deliberado de, pelo menos, trezentos mil judeus da Hungria entre 16 de maio de 1944 e 11 de julho de 1944. Antes de deixar o grupo em Auschwitz, eles perguntaram-me como é que ia ser capaz de enfrentar aquele criminoso, setenta e um anos depois da minha chegada a Birkenau. Esta questão suscitou muita introspeção.

Antes do julgamento, tentei visualizar o réu em 1944, com o seu uniforme das SS e o emblema da caveira e dos ossos cruzados no boné. Sabia que estaria mais velho agora, talvez com o aspeto de um idoso comum. Perguntei a mim mesmo como me sentiria quando o visse pela primeira vez. Estava nervoso e ciente da ironia da minha situação – vinha de uma visita educacional a Auschwitz-Birkenau e ia para um tribunal alemão, com juízes alemães e vigiado pela polícia alemã. Sentia-me como se os fantasmas do passado estivessem novamente comigo.

Uma vez na Alemanha, fui recebido por advogados e por outras testemunhas que descreveram os procedimentos do tribunal. Senti-me mais à vontade. Na manhã seguinte, um autocarro foi-nos buscar e levou-nos até ao tribunal, onde uma multidão se tinha reunido. Havia um grande ajuntamento de polícia e imprensa de toda a Europa. Para entrarmos no tribunal, tivemos todos de ser revistados pela polícia, e as nossas carteiras, malas, garrafas de água e todos os outros artigos foram colocados em recipientes e guardados em cacifos. Tivemos de mostrar os nossos passaportes e os nossos nomes foram verificados numa lista de pessoas com autorização para entrar no tribunal. Havia jornalistas lá dentro, juntamente com uma centena de membros do público, tendo-lhes sido indicado que se sentassem no centro da sala. Cinco juízes sentaram-se numa plataforma elevada e os quatro advogados dos quatro queixosos sentaram-se abaixo e à direita. Nós, as testemunhas, estávamos sentadas atrás dos nossos

advogados. À esquerda dos juízes sentou-se o réu, Oskar Groening, com os seus dois advogados. Todos tínhamos auriculares com tradução simultânea em alemão, inglês e húngaro.

Auxiliado pelos seus dois advogados, o réu entrou por uma porta lateral usando um andarilho. Eu estava completamente focado nele. Usava uma camisola bege e uma camisa branca aberta com calças escuras. O seu rosto estava pálido e a sua postura, curvada; tinha uma aparência doentia e totalmente normal. Assim que os juízes entraram, o juiz principal, Franz Kompisch, ordenou um momento de silêncio e depois permitiu que todos nos sentássemos. Um dos outros juízes expôs o caso e explicou as regras básicas de procedimento.

Em 1944, quando cheguei com os transportes húngaros, nunca me poderia ter imaginado a enfrentar um guarda treinado das SS em tribunal. Groening era acusado de cumplicidade no genocídio em Auschwitz. Em sua defesa, alegou que, embora fosse moralmente culpado, não era culpado de nenhum crime real. Quando lhe perguntaram se tinha feito parte das Juventudes Hitlerianas, respondeu afirmativamente. Quando lhe perguntaram por que razão se juntara mais tarde às SS, disse que o *Führer* declarara os judeus uma ameaça à Alemanha e ele sentira-se na obrigação de ajudar a pátria. Também mencionou que usar o uniforme das SS lhe dava prestígio e estatuto. Explicou que, após o seu treino nas SS, fora designado para o serviço de campo em Auschwitz-

-Birkenau. Era conhecido como o *Escrivão* e estava encarregado de reunir objetos de valor, como moedas, joias e coroas de ouro retiradas da boca dos judeus húngaros gaseados. Juntava todos os objetos de valor que fossem retirados das vítimas e transportava tudo numa mala de metal até um banco em Berlim, duas ou três vezes por semana. Quando lhe perguntaram se alguma vez recebera um recibo pela entrega desses objetos de valor, disse que não. Quando lhe perguntaram se alguma vez retirara algum dinheiro para seu uso pessoal, respondeu que não. Os procuradores perguntaram-lhe se se lembrava de ter dado uma entrevista à BBC, alguns anos antes, durante a qual afirmara que, de facto, retirara alguns fundos para comprar uma pistola no mercado negro. Quando lho recordaram, respondeu:

–Ah! Tinha-me esquecido disso.



Um vagão de gado em Auschwitz II-Birkenau.

Quando lhe pediram que descrevesse um dia típico de trabalho em 1944, ele disse:

– Foi uma altura muito ocupada, quando os judeus húngaros chegavam sem parar, 24 horas por dia.

Uma vez, cumpriu um turno de 24 horas na plataforma. Havia três transportes a aguardar para serem registados e tudo tinha de ser feito com rapidez e ordem. Após o desembarque do primeiro transporte e de as pessoas terem sido selecionadas, a maioria era encaminhada para as câmaras de gás, pois não havia necessidade de mão de obra escrava na altura. Descreveu como os *Kapos* e os outros prisioneiros retiravam a bagagem dos vagões de gado e a empilhavam na plataforma para ser carregada em camiões e levada para o bloco conhecido por *Kanada*. Os vagões de gado eram limpos de todos os detritos e excrementos, e deixados para trazerem mais pessoas da Hungria. Groening afirmou que estava na plataforma para se certificar de que nada era roubado pelos *Kapos*, a quem

chamou «vigaristas». Num testemunho chocante, contou que ele e um seu colega ouviram um choro vindo de uma das pilhas de pertences. Quando se aproximaram, o colega descobriu um bebé debaixo de um cobertor. Agarrou-o pelos tornozelos e esmagou-lhe a cabeça contra o revestimento de metal do camião de carregamento. O «choro parou». Após este incidente, Groening pediu imediatamente transferência, mas esta foi recusada. Ouvi-lo falar sobre aquele crime enfureceu-me, porque ele descreveu-o de uma forma desapaixonada. Quando o promotor lhe perguntou se um judeu tinha alguma hipótese de deixar Auschwitz-Birkenau com vida, ele respondeu num tom alto e assertivo:

– De modo nenhum.

No terceiro dia do julgamento, a 23 de abril de 2015, fui convidado a testemunhar sobre o meu encarceramento em Auschwitz I e noutros campos. Contei ao tribunal como toda a minha família se perdera durante os anos da guerra – a minha família materna em Majdanek, em 1942, e a minha família paterna em Birkenau, em 1944. Concluí, voltando-me para Oskar Groening e dizendo:

– Você, que usava o uniforme das SS com a caveira e os ossos cruzados no seu boné, e que fez um juramento de sangue a Hitler, pensava que tinha três metros de altura e que nos podia simplesmente esmagar. Agora, aos 93 anos de idade, não será capaz de fazer o que é correto e de dizer o que precisa de ser dito, a simples verdade, que participou nos crimes cometidos?

Senti-me esgotado após o meu testemunho, mas estava satisfeito por este fazer parte do registo oficial. Mesmo ao fim de setenta e um anos, um criminoso pode ser julgado pelo seu envolvimento em crimes desta magnitude. A imprensa e as equipas de TV da Europa estavam presentes para registar o processo judicial e divulgá-lo para que todos pudessem ver. Groening acreditara sinceramente na propaganda da ideologia da supremacia nazi e, embora tenha sido condenado a quatro anos de prisão, afirma que estava simplesmente a cumprir ordens e que não é culpado de nenhum crime. Como declarou o juiz principal, Franz Kompisch, qualquer soldado ou oficial das SS que tenha servido como parte das operações em

Auschwitz deve ser considerado cúmplice de assassinio. Depois de ouvir Oskar Groening e de observar o seu comportamento no julgamento, receio bastante pela humanidade, caso uma ideologia de supremacia volte a estabelecer-se. Será uma ameaça para o nosso modo de vida e para a nossa liberdade.

* * *

No dia 8 de maio de 2015, o mundo comemorou o septuagésimo aniversário do dia VE (dia da vitória na Europa), o triunfo dos Aliados sobre o nazismo e o fascismo. Achei que o mundo tinha dado ouvidos às lições do passado e que o que restava dos campos de extermínio e das valas comuns seria uma recordação constante. No entanto, com o antissemitismo em alta – e tão claramente expresso na Europa contemporânea –, muitos judeus estão novamente a sentir-se ameaçados.

Nas minhas apresentações, falo das lições que cada indivíduo deve interiorizar sobre a necessidade de vigilância para evitar que o ódio perturbe, distorça e ponha em risco as nossas sociedades. Todos devemos estar alerta em relação aos perigos do ódio, falar abertamente contra a discriminação e defender a justiça e a abertura de uma sociedade livre e democrática com regras de direito que a sustentem.

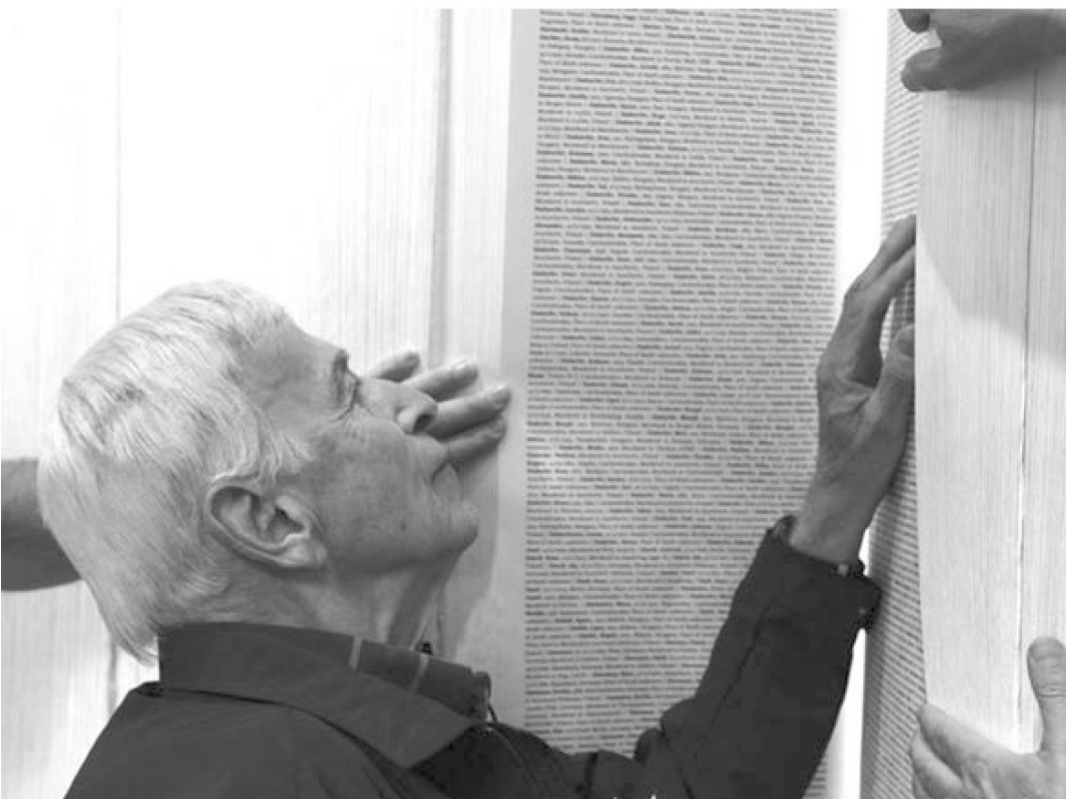
Cada vez que visito um dos muitos memoriais do Holocausto, saio de lá com a sensação de que, para muitos, é muito difícil a compreensão da enormidade da tragédia. Uma pessoa que entendeu este horror – e que assumiu uma responsabilidade pessoal por ele – foi o Papa João XXIII. Poucas semanas antes da sua morte, escreveu a seguinte oração penitencial, profundamente comovente:

Hoje temos consciência de que inúmeros séculos de cegueira nos cobriram os olhos, impedindo-nos de ver a beleza do Teu povo escolhido ou reconhecer nos seus rostos as feições dos nossos irmãos privilegiados.

Percebemos que a marca de Caim está nas nossas testas. Ao longo dos séculos, o nosso irmão Abel tem jazido no sangue que extraímos ou derramado lágrimas que causámos por nos esquecermos do Teu amor.

Perdoa-nos a maldição que falsamente atribuímos ao nome deles enquanto judeus.

Perdoa-nos por Te crucificarmos uma segunda vez na sua carne. Pois, ó Senhor, não sabemos o que fizemos.



A ler o Livro dos Nomes – centenas de milhares de nomes – em Auschwitz I. Encontrei os nomes da minha família entre todos aqueles que se perderam.

Tibor «Max» Eisen e a família foram deportados para Auschwitz-Birkenau na primavera de 1944, durante a fase final do Holocausto, a qual visava aproximadamente oitocentos mil judeus que viviam dentro das fronteiras da Hungria em tempo de guerra. Eram a última grande comunidade judaica ainda viva na Europa ocupada⁷. Embora a Hungria fosse aliada da Alemanha nazi e tivesse introduzido as suas próprias leis antisemitas em 1938⁸, os líderes do país resistiram aos pedidos nazis para deportar a sua população judia para os campos de extermínio na Polónia. Em março de 1942, entre 75 e 80 por cento das potenciais vítimas do Holocausto ainda estavam vivas, mas, «apenas onze meses depois, em meados de fevereiro de 1943, as percentagens eram exatamente o inverso»⁹. Entre as vítimas desta «curta, mas intensa, onda de assassinatos em massa»¹⁰ estavam três milhões de judeus polacos, muitos dos quais morreram nos três campos de extermínio da *Operação Reinhard* (Treblinka, Sobibór e Bełzec) entre outubro de 1941 e novembro de 1943¹¹. Os nazis e os seus colaboradores também deportaram judeus de França, Holanda, Bélgica, Noruega, do *Reich* Alemão, Luxemburgo, Roménia, Bulgária, Macedónia, Eslováquia, Croácia, Itália, Grécia e Sérvia. Antes da sua chegada a um dos seis campos de extermínio, muitos judeus europeus enfrentavam condições horríveis em guetos, campos de trabalho e campos de trânsito, onde a morte pela fome e por doença era uma ocorrência diária. Na Frente Oriental, os *Einsatzgruppen* (unidades móveis de extermínio nazis) massacraram mais de um milhão de judeus, principalmente por meio de operações de fuzilamento em massa nas cidades e vilas ocupadas pelos nazis na Polónia, Estónia, Letónia, Lituânia, Bielorrússia, Ucrânia e noutros territórios soviéticos.

Os judeus viviam na Hungria há mais de 1900 anos, com alguns sinais de uma presença judaica desde o Império Romano. Tal como todos os outros países europeus, a Hungria tinha uma longa história de antisemitismo, incluindo casos de exílio e *pogroms* violentos, acusações de «libelos de sangue» e ordens para uso de distintivos de identificação¹². Houve também

períodos de relativa tolerância, quando o Parlamento húngaro emancipou os judeus enquanto indivíduos em 1867 e reconheceu oficialmente a religião em 1895, concedendo aos judeus plenos direitos civis¹³. Ao mesmo tempo, no entanto, «surgia uma nova forma de antissemitismo político, que integrava frustrações anticapitalistas, ódios xenófobos e um antijudaísmo religioso enraizado em superstições antigas»¹⁴. Em maio de 1938, o governo húngaro começou a promulgar leis antissemitas (semelhantes às Leis de Nuremberga de 1935, da Alemanha nazi) que restringiam severamente a participação judaica na vida pública húngara. A família de Max caiu sob a jurisdição dessas leis na primavera de 1939, depois de o Acordo de Munique (datado de 29 de setembro de 1938) ter permitido a divisão da Tchecoslováquia, iniciada com a anexação nazi dos Sudetas. A aldeia de Max, Moldava nad Bodvou, no sul da Tchecoslováquia, foi anexada pela Hungria, o que, conforme Max lamenta, o separou dos seus parentes maternos, cuja quinta permaneceu em território eslovaco. Embora o antissemitismo fosse proeminente tanto na Eslováquia como na Hungria, viver no lado húngaro destas novas fronteiras contribuiu provavelmente para a sobrevivência de Max. Com a assinatura do Pacto Tripartido (entre a Alemanha, a Itália e o Japão), em novembro de 1940, a Eslováquia aderiu ao Eixo e passou a participar na Solução Final. Logo em março de 1942, gendarmes e soldados eslovacos e membros da Guarda Hlinka entregaram judeus aos nazis com grande entusiasmo. Os membros da família materna de Max estavam entre os enviados para Majdanek, o qual funcionava como campo de concentração, campo de extermínio e centro de triagem para os pertences confiscados às vítimas em Treblinka, Sobibór e Bełżec. Todos morreram ali.

Nos dois anos que antecederam as deportações húngaras para Auschwitz, o primeiro-ministro Miklós Kállay e o regente Miklós Horthy resistiram com sucesso à Solução Final de Hitler e abrandaram as leis antissemitas, as quais já não eram estritamente cumpridas¹⁵. Também acusaram vários oficiais militares húngaros pelos massacres de judeus e de sérvios no ataque a Novi Sad, em janeiro de 1942¹⁶. No início de 1944, os Aliados estavam a fazer avanços militares significativos contra o Eixo e a vitória dos Aliados parecia inevitável. Sabendo que o fim da guerra estava iminente, Kállay e

Horthy iniciaram uma série de negociações «secretas» de armistício com os Aliados, um desenvolvimento do qual as autoridades nazis estavam bem cientes. Em resposta, os nazis ocuparam a Hungria a 19 de março de 1944 e fizeram planos imediatos para deportar os judeus húngaros para os campos de extermínio na Polónia ocupada. Forçaram Horthy a decretar uma mudança de regime e, a 22 de março, Döme Sztójay foi nomeado primeiro-ministro com a aprovação dos nazis.

Com Sztójay no comando, o assassinato em massa dos judeus húngaros avançou rapidamente. Entre março e agosto, o governo «introduziu mais de cem decretos antissemitas, privando os judeus de direitos, bens e liberdades»¹⁷, tudo sob o olhar atento do *Obersturmbannführer* das SS Adolf Eichmann, que viera à Hungria supervisionar as deportações. No dia 31 de março, todos os judeus tinham sido forçados a usar uma estrela de David amarela na roupa, o que foi seguido pelos preparativos para o isolamento físico dos judeus em guetos e campos de recolha. Tal como muitos judeus húngaros rurais, Max e a sua família não foram colocados em guetos, mas foram transferidos diretamente para um campo de recolha – a olaria –, onde permaneceram apenas três semanas. A olaria era uma das muitas «acomodações semelhantes a campos fora das áreas residenciais: fábricas, edifícios industriais ou agrícolas ou outras áreas (minas, florestas)»¹⁸.

Entretanto, em Auschwitz-Birkenau, as SS também começavam a planejar o influxo de judeus húngaros, o que marcaria o período mais mortífero do campo de extermínio. Filip Müller, um membro de um *Sonderkommando* de Auschwitz (prisioneiros judeus forçados a trabalhar nas câmaras de gás e nos crematórios), descreveu ter ouvido a notícia perturbadora de que em breve começariam a chegar comboios da Hungria: «Perto do fim de abril de 1944, havia cada vez mais rumores do extermínio iminente dos judeus da Hungria. Para nós, prisioneiros do *Sonderkommando*, esta notícia terrível foi um golpe devastador. Iríamos nós, mais uma vez, ficar parados a assistir enquanto outras centenas e milhares eram eliminados?»¹⁹

O *Hauptscharführer* das SS, Otto Moll, que geria as câmaras de gás e os crematórios de Auschwitz II-Birkenau, forçou os presos a cavar dois fossos adicionais atrás do Crematório 5, em preparação para um volume de cadáveres maior do que o normal²⁰. Os nazis também ampliaram as linhas

de comboio dentro do campo e construíram uma nova plataforma de descarga para acomodar o grande número de judeus húngaros esperados²¹.

Quando Max saiu para a plataforma de descarga, aos quinze anos, estava no limite da idade mínima para o trabalho escravo – uma possibilidade de sobrevivência que não estava disponível para os seus irmãos mais novos e a irmã bebé. Quando ele descreve a separação final da sua família, o leitor anseia por alguma comunicação de despedida entre Max e a mãe, mas o caos da chegada envolve-os a ambos e esse momento é negado a Max – e ao leitor. Ao ser conduzido para a Sauna, a fim de ser registado antes de entrar no campo, ele teve, sem saber, um vislumbre do destino da sua família quando pensou ter visto pessoas a saltar para as piras crematórias que Otto Moll tinha preparado semanas antes. Outros sobreviventes húngaros, incluindo Alexander Ehrmann, descrevem um estado semelhante de confusão: «Além das vedações de arame farpado, havia pilhas de pedras e galhos, ramos de pinheiros e entulho a arder lentamente. Íamos passando e as sentinelas gritavam “*Lauf! Lauf!*” Ouvi um bebé a chorar. O bebé chorava em algum ponto mais distante e não consegui parar para olhar. Avançámos e cheirava mal, um fedor horrível. Eu sabia que havia coisas a mover-se no fogo, havia bebés no fogo.»²²

Auschwitz não era um sítio único, mas sim uma rede de campos na cidade polaca de Oświęcim ocupada pelos nazis. Incluía o campo de extermínio de Auschwitz II-Birkenau, os campos de trabalho de Auschwitz I e Auschwitz III-Monowitz e outras oficinas e fábricas-satélites. Atualmente, Auschwitz é o símbolo mais icónico do Holocausto, em parte porque teve o maior número de vítimas (1,1 milhões, principalmente judeus) e, em parte, porque deixou um número relativamente grande de sobreviventes (dezenas de milhares), os quais transmitiram histórias do sofrimento ali passado. Em Treblinka, por comparação, foram assassinados quase em número semelhante judeus e ciganos (cerca de 900 mil). Menos de oitenta sobreviveram. Bełzec e Chełmno tiveram apenas dois sobreviventes conhecidos cada. Incontáveis testemunhos orais e escritos inscreveram Auschwitz na nossa consciência coletiva, incluindo *A Noite*, de Elie Wiesel, *Se Isto É um Homem*, de Primo Levi, e *Maus*, de Art Spiegelman, bem como vários filmes.

Enquanto Max se junta a um coro de sobreviventes de Auschwitz, algumas das suas referências podem ser familiares para o leitor (o processo de seleção em Birkenau, o permanecer durante horas na chamada, a orquestra de prisioneiros em Auschwitz I e a fome, a humilhação e a exaustão diárias). Contudo, o seu relato da vida diária no hospital do Bloco 21 oferece uma perspectiva absolutamente única sobre os procedimentos e processos do campo.

A sua descrição das operações médicas (oficiais e ilícitas) realizadas na ala de cirurgia dá-nos um vislumbre do papel complexo que os médicos prisioneiros desempenharam na cura e na Resistência.

Muitos leitores estarão familiarizados com Josef Mengele, o infame médico nazi que executava seleções na plataforma de descarga e realizou experiências médicas em prisioneiros, às vezes para «investigações» pseudocientíficas e outras vezes para testes clínicos de produtos químicos e farmacêuticos²³. Na verdade, a morte em Auschwitz de cada membro da família imediata de Max esteve ligada, de alguma forma, a um médico nazi: a mãe, os irmãos e os avós foram selecionados para serem gaseados por um médico nazi na plataforma de descarga em Birkenau, e o pai e o tio foram posteriormente selecionados para experiências médicas feitas por médicos nazis em Auschwitz I. Poucos leitores terão conhecimento dos médicos prisioneiros que trabalhavam em funções oficiais e não oficiais no campo. Em *The Nazi Doctors*, o psiquiatra Robert Jay Lifton relata com detalhe a difícil posição destes homens e mulheres: «O facto de os médicos prisioneiros permanecerem como curadores era algo de profundamente heroico e igualmente paradoxal; heroico no seu combate à avassaladora corrente de assassínios de Auschwitz e paradoxal por terem de depender daqueles que tinham abandonado a cura para matar – os médicos nazis.»²⁴

Através do relato de Max, ficámos a conhecer um destes médicos prisioneiros heroicos: o Dr. Tadeusz Orzeszko, o prisioneiro político polaco que salvou misteriosamente Max da morte certa na câmara de gás e ajudou o movimento da Resistência com grande risco pessoal. O Dr. Orzeszko nasceu em Tashkent (agora pertencente ao Uzbequistão, mas, na altura, parte do Turquestão) em 1907. Frequentou a escola de medicina em Varsóvia, trabalhou como clínico geral e assistente de ginecologia-

obstetrícia em Radom (também na Polónia) e começou a estudar cirurgia em 1937.

Quando a Alemanha invadiu a Polónia, a 1 de setembro de 1939, desencadeando a Segunda Guerra Mundial, Orzeszko ajudou membros da Resistência polaca e acabou por ingressar na União da Luta Armada em 1940²⁵. Além de prestar assistência médica ilícita à Resistência, envolveu-se na recolha de informações e na distribuição de comunicações da Resistência. A Gestapo prendeu Orzeszko em abril de 1943, torturou-o durante meses e acabou por o deportar para Auschwitz. Tal como Max, entrou no Bloco 21 como paciente e acabou por ficar a trabalhar ali²⁶.

Max foi separado de Orzeszko durante a Marcha da Morte e não soube nada sobre o seu destino, mas o médico também chegou vivo a Mauthausen. Embora Max tenha sido rapidamente transferido para Melk e Ebensee, Orzeszko permaneceu em Mauthausen, onde também trabalhou como médico do campo até à sua libertação. Max não voltou a ver o médico antes da sua morte, mas conheceu a sua família em Varsóvia, em março de 2010, numa receção organizada pelo Centro de Amigos de Simon Wiesenthal, com sede em Toronto. Desde então, manteve uma amizade próxima com o filho de Orzeszko, Jan, e ficou a saber recentemente que a neta do Dr. Orzeszko, Julia, deu o nome de Max ao seu filho bebé em sua homenagem.

Para lá dos detalhes da ala de cirurgia do Bloco 21, as memórias de Max também nos dão uma perspetiva única sobre a «libertação» como um momento, ao mesmo tempo, agudo de liberdade e um longo e árduo processo de recuperação marcado pela doença, pelo luto avassalador e por anos de deslocamento e incerteza. É notável que Max tenha sido libertado pelo 761.^º Batalhão de Tanques, uma unidade segregada de soldados afro-americanos que tinham também sofrido uma violenta opressão racista em casa. Alguns estavam separados da escravidão por apenas algumas gerações. (Há vinte anos, Max reuniu-se com um dos seus libertadores, o sargento Johnnie Stevens, na exibição de um documentário em Toronto. Stevens era neto de escravos e foi o primeiro motorista de autocarros afro-americano no condado de Middlesex, em Nova Jérсия²⁷. Manteve contacto próximo com Max até à sua morte, em 2007.) No entanto, a libertação foi

apenas uma etapa na longa jornada de Max até uma nova vida de estabilidade no Canadá – um percurso que incluiu uma difícil recuperação da pleurisia, a perda da casa da sua família e um período de seis meses de prisão na Praga comunista por falsificação de documentos.

Ao fim de décadas a trabalhar como orador dedicado e inspirador sobre o Holocausto, Max escreveu este livro de memórias como um presente para os seus leitores e uma garantia de que as suas memórias perdurarão para as gerações futuras. Apesar de vários falsos inícios e dos pesadelos que invadiam o seu sono quando as memórias profundas ressurgiam, Max estava decidido a passar a sua história para o papel – um ato revelador da sua persistência e coragem. Tal como muitos sobreviventes do Holocausto, sobreviveu em parte por causa da sorte e das circunstâncias, e em parte por causa dos seus relacionamentos com pessoas que lhe deram conselhos vitais ou um gesto generoso, e em parte por causa da sua própria força pessoal, a qual lhe permitiu ultrapassar um dia impossível após o outro. Trabalhar tão intimamente com Max na edição deste livro de memórias é um dos destaques da minha carreira académica, e prezo a amizade que desenvolvemos ao longo dos últimos cinco anos. A história dele é agora sua.

Amanda Grzyb, PhD

7 Debórah Dwork e Robert Jan van Pelt, *Auschwitz: 1270 to the Present* (Nova Iorque: W.W. Norton & Company, 1996), p. 337; Randolph L. Braham, «Foreword», in *The Holocaust in Hungary: Evolution of a Genocide*, Zoltán Vági, László Csősz e Gábor Kádár (Lanham, MD: AltaMira Press, 2013), p. xvii.

8 Lucy S. Dawidowicz, *The War Against the Jews, 1933–1945* (Nova Iorque: Bantam Books, 1975), p. 381. Para mais informações sobre a cobertura dos meios de comunicação canadianos sobre as leis antisemitas húngaras, ver Amanda Grzyb, «From Kristallnacht to the MS St. Louis Tragedy: Canadian Press Coverage of Nazi Persecution of the Jews and the Jewish Refugee Crisis, September 1938 to August 1939», in *Nazi Germany: Canadian Responses*, ed. L. Ruth Klein (Monreal e Kingston: McGill-Queen's University Press, 2012), pp. 86-90.

9 Christopher R. Browning, *Ordinary Men: Reserve Police Battalion 101 and the*

Final Solution in Poland (Nova Iorque: HarperCollins, 1992).

¹⁰ *Ibid.*

¹¹ **Martin Gilbert**, *The Routledge Atlas of the Holocaust*, **3.^a ed. (Londres: Routledge, 2002), p. 90.**

¹² «Introduction: The Historical Framework», in *The Holocaust in Hungary: An Anthology of Jewish Response*, trad. e ed. Andrew Handler (Tuscaloosa: University of Alabama Press, 1982), pp. 1-4.

¹³ *Ibid.*, p. 4.

¹⁴ **Vági, Csosz e Kádár**, *The Holocaust in Hungary*, p. xxxv.

¹⁵ Gilbert, *The Routledge Atlas of the Holocaust*, p. 184.

¹⁶ **Braham**, «Foreword», p. xvii.

¹⁷ **Vági, Csosz e Kádár**, *The Holocaust in Hungary*, p. 73.

¹⁸ *Ibid.*, p. 83.

¹⁹ Filip Müller, *Eyewitness Auschwitz: Three Years in the Gas Chambers* (Nova Iorque: Stein and Day, 1979), p. 124.

²⁰ Dwórk e van Pelt, *Auschwitz*, p. 338.

²¹ *Ibid.*

²² *Ibid.*, pp. 341-42.

²³ **Robert Jay Lifton**, *The Nazi Doctors: Medical Killing and the Psychology of Genocide* (Nova Iorque: Basic Books, 1986); e *Przegląd Lekarski: Auschwitz* (XVIII, Série II), (Varsóvia: State Medical Publishers, 1962).

²⁴ Lifton, *The Nazi Doctors*, p. 214.

²⁵ «Dr. Tadeusz Orzeszko», no website Polin: A História dos Judeus Polacos, <http://www.sprawiedliwi.org.pl/en/cms/your-stories/1077/>.

²⁶ *Ibid.*

²⁷ «Obituário: Johnnie Stevens», *Star-Ledger* (Newark, NJ), 16 de julho de 2007.

Dos aproximadamente sessenta membros da minha família alargada, apenas três de nós sobrevivemos: eu, a minha prima direita materna, Lily Friedman Kalish, e o meu primo direito paterno, Chaim (Tibor) Lazarovits. Após a guerra, Lily imigrou para os Estados Unidos e casou com um veterano americano. Ela era a cara chapada da minha mãe, e, depois de me ter estabelecido no Canadá, falávamos por telefone quinzenalmente. Chaim imigrou para Israel em 1947 e casou com uma israelita; vi-o todos os anos durante os últimos quinze anos da sua vida. Lily faleceu a 23 de julho de 2014, aos oitenta e nove anos, e Chaim faleceu a 31 de julho de 2015, aos oitenta e cinco anos. Eram os únicos que restavam da minha primeira família e as únicas pessoas com quem eu podia recordar a nossa vida anterior e os nossos parentes amados – estou grato pelo vínculo que partilhámos após o Holocausto. A morte deles atingiu-me com força e sinto a sua perda todos os dias.

Gostaria de agradecer a todas as pessoas que me ajudaram durante o meu período de recuperação, após o meu regresso inicial à Checoslováquia como sobrevivente dos campos de concentração nazis. Ily Klinka, a nossa amiga de família e vizinha, que viu a minha angústia e ofereceu-me rapidamente os cuidados maternos que me levaram até ao Hospital St. Elizabeth, em Košice.

As dedicadas freiras do Hospital St. Elizabeth, que me ajudaram a ultrapassar várias semanas difíceis de tratamento da pleurisia. Joseph e Malvinka Gottlieb, que me acolheram em sua casa sem hesitar e me deram sustento. Eles e outras seis pessoas – as suas três filhas, Ilonka, Clari e Shari, o seu filho, Itzhak, o seu primo, Ruty, e a sua amiga, Magda – contribuíram, todos, para uma atmosfera acolhedora e criaram um «lar» para mim. As refeições maravilhosas de Malvinka recordaram-me os pratos da minha mãe e da minha avó, e permitiram-me engordar e recuperar a vitalidade.

Enquanto continuava na minha jornada em direção à saúde, fui ajudado

pelo Comit  de Distribui o Conjunta dos Judeus Americanos, que apoiou uma escola de estudos judaicos e assistência profissional em Marienbad, na Tchecoslováquia. Os três anos que ali passei renovaram o meu espírito, tanto física como mentalmente. E, quando os três anos estavam a chegar ao fim, o rabino Abraham Price, de Toronto, foi fundamental para garantir o meu visto para o Canadá.

Quero agradecer o apoio do Centro de Educa o do Holocausto (sob os auspícios da Federa o Judaica de Toronto), que me deu a oportunidade de falar para alunos de escolas públicas, escolas secundárias e universidades, bem como para grupos de adultos. Na mesma medida, quero reconhecer a Marcha dos Vivos Canadá, sob a dire o de Eli Rubenstein e Michael Soberman, os quais demonstram uma liderança e dedica o excecionais e prestam um serviço importante   comunidade. Agradeço, também, a todos os amigos, professores, alunos e educadores que me deram uma plataforma constante para expor as li o es do *Shoah*. Tenho esperança de que as informa o es que ofereci farão uma diferença para eles no futuro em termos do aperfeiçoamento da humanidade.



*A minha neta Tzipporah Sarah com os meus bisnetos: Yehudit (direita),
Elisheva (esquerda) e Michael Aharon.*

Estou bastante grato ao Centro de Amigos de Simon Wiesenthal, sob a direção de Avi Benlolo e da sua equipa de apoio, por me darem a oportunidade de falar enquanto educador sobrevivente em muitos dos seus programas educacionais.

O Centro Wiesenthal realiza um trabalho de divulgação importante na esfera pública educando e informando sobre o Holocausto e o Genocídio. Foi numa das suas missões anuais de «Compaixão para a Ação» à Polónia que conheci Jim Gifford, o diretor editorial de não-ficção da HarperCollins, que apoiou imensamente o meu projeto de memórias. Estou grato pelos conselhos editoriais de Jim e pela sua amabilidade e amizade. Também estou em dívida para com a minha talentosa editora, Janice Weaver, que reveriu o manuscrito com muitíssimo cuidado e profissionalismo, e para com a minha maravilhosa editora de produção, Maria Golikova, que ajudou a manter o projeto orientado. O professor Robert Jan van Pelt teve a gentileza de se encontrar comigo em Oświęcim, no verão de 2015, e ajudou-me a obter autorizações para o uso de fotografias históricas de Auschwitz.

Acho que as estrelas estavam alinhadas em março de 2010 quando conheci a professora Amanda Grzyb, da Faculdade de Informação e Estudos de Meios de Comunicação da Universidade de Western Ontario, na missão inaugural do Centro Simon Wiesenthal, na Polónia. Através do nosso interesse comum na educação sobre o Holocausto, as sementes do nosso relacionamento foram plantadas e ela desempenhou um papel vital na redação deste livro. Quando conheci Amanda, já falava como educador sobrevivente há muitos anos, mas era difícil para mim passar as minhas experiências para o papel. Amanda compreendeu as minhas frustrações e ofereceu gentilmente a sua ajuda editorial para me ajudar a ultrapassar os obstáculos que me estavam a impedir de escrever. Com a sua ajuda, encontrei a minha voz e o meu método de autoexpressão, e tudo pareceu fluir naturalmente a partir desse ponto. Os seus assistentes de investigação, Amaal Mohamed Bhaloo, Kaitlyn Bida e Jennifer Schmidt, ajudaram-nos transcrevendo as nossas entrevistas. Amanda é uma pessoa generosa, atenciosa e amável que se dedicou a educar os outros sobre o Holocausto, o

genocídio do Ruanda e outras injustiças sociais. Tenho orgulho de a ter como amiga. Estou muito grato por ela ter investido o seu valioso tempo a ler e a editar o meu manuscrito. Deu-me confiança para continuar de forma organizada e com um objetivo claro em mente. Com o seu encorajamento, mergulhei fundo no passado e fui capaz de trazer experiências terríveis e há muito esquecidas para o primeiro plano da minha memória.

Por fim, desejo exprimir o meu mais profundo agradecimento à minha família. Os meus sogros, Rose e Sam Cosman, ouviram a minha história e ajudaram-me ao longo da minha jornada.

Eles tornaram-se o meu segundo par de pais, e todos os membros da sua família – os seus filhos, Malcolm e Alvin, e os seus tios, tias, primos e cunhadas – aceitaram-me em todos os aspetos. Devo uma gratidão eterna à minha amada esposa, Ivy, e aos meus filhos, Ed (que foi uma caixa de ressonância em todo este processo) e Larry (que desenhou os mapas deste livro) pelo seu amor, apoio e encorajamento. Eles fazem com que o meu navio navegue suavemente e são os estabilizadores da minha vida. Estão sempre presentes para me apoiar e posso sempre contar com eles. Tenho a sorte de ter duas netas, Amy Tzipporah Sarah e Julie Mina Leah, que me trouxeram grande alegria. E agora está a chegar uma quarta geração, com três bisnetos até ao momento: Yehudit, Elisheva e Michael Aharon.

Envio este livro para publicação com um sentimento de grande realização. Foi difícil de concluir, mas estou aliviado por saber que a minha história pode ser partilhada com a minha família e com outras pessoas, as quais espero possam obter compreensão a partir dela. Obrigado por lerem as minhas palavras.



A nossa neta Julie.

Apêndice

DOCUMENTOS ADICIONAIS

The SS-Doctor (sth. like "SS-Locationdoctor, location means the camp/mil. Base)
Auschwitz
Campdoctor KL.Au.I (Concentrationcamp Auschwitz I)

Auschwitz, July 10th, 1944

To
Hygienic/bacterial examination center
Of the Waffen-SS, Southeast,
Auschwitz O/S (maybe "oberschlesien" / upper silesia)

Enclosed faecal smear tests for examination for "Streptococcus haemolyticus", taken on
9th of July 1944, from following prisoners of Block 5a:

<u>Consecutive Number</u>	<u>Number of Prisoner</u>	<u>Name and forename</u>	<u>Result</u>
71	A-9891	Eisen Zoltan	
72	A-9893	Eisen Jeno	

Documento indicando testes realizadas com o meu pai e o meu tio.

Tradução/transcrição do documento:

O Médico das SS (algo como Médico do Local SS,
onde local significa o campo/base militar)

Auschwitz

Médico do Campo KL Au. I

(Campo de concentração de Auschwitz I)

Auschwitz, 10 de julho de 1944

Para:

Centro de análises higiênicas/bacterianas

Da Waffen-SS, Sudeste

Auschwitz O/S (talvez «Oberschlesien»/Silésia Superior)

Junto testes de esfregaços fecais para análise de «Estreptococos
hemolíticos», retirados a 9 de julho de 1944 dos seguintes prisioneiros do
Bloco 5a:

		Apelido	Nome	
		de Prisioneiro		
		Eisen	Zoltan	
		Eisen	Jeno	

6-DEZ 1941

98

LT	ET				
Zur Beantw. an		Beantwortet			

Erstins, den 6. September 1941.

Herrn

Ludwig u. Ernst Wolfgang Topf!

im Hause.

Sehr geehrte Herren Topf!

Wie Sie wissen, habe ich Sie 3 Knüffel - als auch die
8 Knüffel - Einärthungsböden stängearbeitet und hierbei
unipend meine Freizeit - zu Hause - benutzt.

Diese Werkverpackungskleiner sind auch für späteren
Befugung sind das ich sehr annehmen, daß Sie mir
für die geleistete Arbeit, eine Prämie gewähren werden.

Heil Heiler!

Ihr Prüfer.

(Sind) unipend
2. muß Befugung

~~W. Topf~~
RMWV:
28/12.41
W. Topf

Esta carta e a seguinte demonstram a abordagem desapaixonada e mecânica dos engenheiros e oficiais das SS envolvidos na logística do assassinato em massa.

Tradução/transcrição do documento:

Carimbo de borracha da secretaria de gestão Topf,
datado de 6 de dezembro de 1941,
com as iniciais dos diretores:

LT para Ludwig Topf e *ET* para Ernst-Wolfgang Topf,
e a inscrição *para resposta e data de resposta*

Erfurt, 6 de dezembro de 1941

Aos Srs.

Ludwig e Ernst Wolfgang Topf

Dentro de casa

Caros Srs. Topf

Como sabem, desenhei os fornos de cremação com 3 e 8 muflas, usando principalmente o meu tempo livre – em casa. Estes fornos abrem caminho para o futuro e atrevo-me a esperar que me concedam um bônus pelo trabalho envolvido.

Heil Hitler!

Kurt Prüfer

À ordem de LT/ET,

10. **RM** pago 24/12/41

[Iniciais]

(Braun), concordo

? a discutir

T

LT
ET vorlegen

Erfurt, den 15. November 1942

Herrn

Herrn L. Jopel

im Hause

17 NOV. 1942	
LT	ET
Zur Beacht.	Erantwortet

Nach grüßte Herrn Jopel! LT vorlegen.

Nach der Absprache mit Frau in Ende vorigen Jahres (Haltmann),
haben Sie mir für die Neukauffunktion der Kreismittel -

Einverständigungsboxen, eine Entfaltung zugestimmt.

Diese sollte gefertigt werden, sobald das einwandfreie Ergebnis
für die Arbeitsweise der Ähren vorlag.

Vor 12 bezw. 6 Wochen sind die beiden spezifizierten

Jopel - Kreismittel - Einverständigungsboxen

im Kremlatorium Brückenthal in Betrieb gekommen.

Der neue Ähren hat bereits eine große Anzahl Einverständigungen
gemacht, die Arbeitsweise der Ähren wird demzufolge in
Neukauffunktion hat sich bereits in. ist einwandfrei.

Die Ähren laufen so rasch, als man mir überfängt vorgefassen
war.

Es sind bis jetzt 8 Mtk Kreismittel - Einverständigungsboxen
fertiggestellt bezw. im Laufen. Weitere 6 Mtk sind in Arbeit.

Diesfalls bitte ich Sie, Sie mir entsprechende Entfaltung
baldmöglichst ausreichen zu wollen.

Mit ganz zu Frau Hauptmann

Gr. ergebener

Herrn Prüfer

Brückenthal.

Herrn Göringstr. 2

Provision erhalten

19/

19. 42

Tradução/transcrição do documento:

29 de janeiro de 1943

Registo de correspondência n.º ۲۲۲۵۰/۴۳/Bi/L

Assunto: Krematorium II. Estado de construção

Referência: Telegrama SS-WVHA 2648 de 28/1/43

Gabinete: Relatório de Inspeção 1

Chefe do Amstgruppen C

Tenente-General das SS e Major-General da Waffen SS

Dr. Ing (Engenheiro) Kammler

Berlim Lichterfelde Oeste

Unter den Eichen 126-135

O Krematorium II foi concluído, exceto por alguns pequenos detalhes e apesar das enormes dificuldades e do tempo gelado, graças ao emprego de todas as forças disponíveis e usando turnos diurnos e noturnos. Os fornos foram acesos na presença do *Herr* Engenheiro-Chefe Prüfer, da empresa responsável pela sua construção, a Topf & Filhos, de Erfurt, e funcionam perfeitamente. Por causa do gelo, ainda não foi possível retirar a cofragem do teto da cave dos cadáveres. Isto não tem importância, no entanto, uma vez que a cave de gaseamento pode ser usada para esse fim [ou seja, como morgue].

Como os vagões estão bloqueados, os Srs. Topf & Filhos não conseguiram entregar a tempo as instalações de ventilação e extração de ar exigidas pelo *Bauleitung*. Estas serão montadas assim que chegarem, de modo que é provável que a instalação esteja totalmente pronta para o serviço a 20 de fevereiro de 1943.

Segue anexo um relatório do engenheiro de inspeção da Topf & Filhos, Erfurt.

Chefe da Waffen SS e da Polícia de Auschwitz

Direção de Construção Central

[Assinado] Bischoff

Distribuição:

1 Segundos-Tenentes das SS Janisch e Kirschneck

1 Registo

Para Arquivo

[Assinado] Pollok

Segundo-Tenente das SS (S)

«Que Deus te abençoe e proteja. Que Ele seja gracioso contigo. Que volte o Seu semblante para ti e te dê paz.»

Estas foram as palavras que o pai de Max, atrás dos arames farpados, partilhou com o filho antes da sua separação. Infelizmente, ele estava perfeitamente ciente do destino que em breve o esperava, tendo sido seleccionado para morrer no campo de Auschwitz. Quão forte tem um homem de ser para dizer adeus ao último membro vivo da sua família, o seu amado filho, com as palavras de bênção que repetia todos os sábados aos seus filhos na sua própria casa tranquila, diante de uma mesa farta e na companhia da sua mulher e dos seus pais – a sua família feliz.

Um conhecido da família, um guarda florestal, avisara-os sobre o facto de os nazis estarem a prender os judeus húngaros, mas eles não conseguiram escapar antes de serem presos. Era o sábado de Páscoa. Os judeus religiosos, nos seus trajes tradicionais, com o seu modo de vida tradicional e orações tradicionais, eram os mais expostos ao perigo durante este tempo. Era mais fácil para os judeus assimilados disfarçar-se, encontrar abrigo e esconder-se se por acaso encontrassem pessoas com moral ao longo do caminho.

Ainda assim, atrás do arame farpado, o pai de Max acrescentou a seguinte frase, que acompanhou Max ao longo de toda a sua vida: «Se sobreviveres, tens de contar ao mundo o que aconteceu aqui. Agora vai.»

Estas foram as palavras ditas com mais frequência pelos prisioneiros de Auschwitz que sabiam ou sentiam que não iam sobreviver. Com estas palavras, colocavam todo o seu destino e a história da sua agonia sobre os ombros dos outros prisioneiros, parentes e amigos. Com estas palavras, queriam exprimir a esperança de que alguém – uma única pessoa que fosse – sobrevivesse para testemunhar o destino trágico das vítimas inocentes do maior campo de concentração e extermínio da Alemanha. *Non omnis moriar.* (Não morrerei completamente.)

Logo depois da guerra, repentinamente sozinho na sua terra natal agora hostil, Max permaneceu por muito tempo incapaz de falar sobre o que tinha acontecido aos seus parentes – pais e irmãos. «Naquela altura, eu ainda não

conseguia compreender totalmente a magnitude da destruição da cultura e do povo judaicos na Europa, nem conseguia articular a profundidade do meu trauma ou pôr as minhas perdas em palavras.»

Será realmente verdade que ao fim de tantos anos é mais fácil encontrar as palavras certas para relatar o drama escrito com o sangue de vítimas inocentes? Fará tamanha crueldade algum sentido depois de todo este tempo ter passado? Irão todas estas pessoas – os sobreviventes, a quem os homens das SS e os seus colaboradores roubaram não apenas a infância, mas também a paz da velhice – desaparecer como numa névoa, enquanto o seu sofrimento sem sentido se torna um assunto literário bem polido?

Certamente que não. E foi por isso que este livro foi concebido. Em primeiro lugar, para cumprir a vontade do pai de Max – as suas últimas palavras sagradas. Em segundo lugar, como um testemunho para partilhar com o mundo. E, em terceiro lugar, para que as pessoas possam levar verdadeiramente a sério os factos – passados há muito poucas décadas – que lhes são apresentados, escritos tal como o jovem Max os viu e experimentou.

Em certo sentido, *Um Longo Caminho em Auschwitz* não é a história de uma vida individual. É a história de milhões cujas histórias não puderam ser escritas. Juntamente com os inúmeros relatos de outros sobreviventes, este livro acrescenta mais uma perspetiva à imagem na sua totalidade, ainda que seja, obviamente, apenas uma imagem.

Max sobreviveu ao transporte, à seleção, às dificuldades do trabalho escravo, à morte de toda a sua família, à evacuação, às transferências para outros campos, à libertação, ao isolamento, à prisão comunista e à sua fuga para o Ocidente. Sobreviveu porque, por mais de uma vez, encontrou no seu caminho pessoas que queriam ajudar: o Dr. Tadeusz Orzeszko, o cirurgião polaco, e os outros médicos que trabalhavam no bloco 21; Misha, o prisioneiro de guerra soviético do campo de Melk; Ily, a mulher que reconheceu a sua grave situação de saúde; e a secretária simpática da Embaixada do Canadá em Salzburgo.

Estas foram as pessoas que fizeram com que as palavras de esperança do pai de Max, «*Que Deus te abençoe e proteja*», se tornassem realidade. E este

livro, escrito tantos anos depois, cumpre o último desejo do seu pai: «Conta ao mundo o que aconteceu aqui.»

Piotr M. A. Cywiński

Diretor do Museu e Memorial de Auschwitz-Birkenau

No início da década de 2000, lembro-me de estar com Max na Queen's University para uma conferência de fim de semana de formação dos educadores e acompanhantes que viajariam connosco para a Polónia para a Marcha dos Vivos.

Enquanto andávamos pela área da receção, passou um grupo de alunos da Queen's University. Eles notaram que um dos nossos funcionários transportava um Séfer Torá (o Pergaminho da Lei), os antigos Cinco Livros de Moisés escritos à mão em pergaminho de onde os judeus leem publicamente há milhares de anos.

Observando as expressões de curiosidade no rosto dos alunos, Max explicou que durante o Holocausto os nazis tinham queimado milhares de obras sagradas judaicas, tal como aquela Torá. Também recordou aos alunos a citação de Heinrich Heine: «Onde queimam livros, no fim também queimarão pessoas.» Os alunos ficaram hipnotizados durante o discurso improvisado de Max e só com relutância se afastaram para voltar às suas atividades escolares.

Foi então que percebi que Max era um professor nato, alguém com o desejo e a capacidade de partilhar as lições do Holocausto com públicos altamente diversos e de maneira clara e acessível. Quando Max fala, consigo perceber que aquilo é muito difícil para ele, que vê cada um dos membros da sua família martirizada diante dos seus olhos. No entanto, nos últimos vinte e cinco anos, Max atravessou várias vezes este país e viajou para o estrangeiro para partilhar a sua história centenas de vezes. Esse é o seu compromisso inabalável para com a educação sobre o Holocausto.

Na sua juventude, Max sofreu mais do que qualquer um pode imaginar como testemunha de uma crueldade interminável, do abandono de toda a moralidade humana e da perda de toda a sua família. Ainda assim, construiu uma vida nova para si mesmo. Rumou ao Canadá, abriu um negócio, casou-se – teve filhos, netos e até bisnetos.

Apesar da horrível brutalidade que sofreu durante o Holocausto, quando Max conta a sua história exprime sempre gratidão pelas pessoas que o ajudaram no seu caminho. Depois de todas as experiências amargas e

eventos trágicos da sua juventude, Max recorda-nos que devemos estar gratos pela bondade que a vida nos apresenta e que podemos sempre recomeçar.

E se Max o pode fazer, considerando tudo aquilo por que passou, não será isso uma lição para todos nós, independentemente das dificuldades pelas quais tenhamos passado?

Max é um dos meus heróis pessoais, e, depois de ler a sua história excepcional, não apenas de tremenda perda, mas também de coragem e gratidão, tenho quase a certeza de que o leitor também o considerará um herói.

Eli Rubenstein

Diretor Nacional da Marcha dos Vivos Canadá

Diretor de Educação da Marcha dos Vivos Internacional